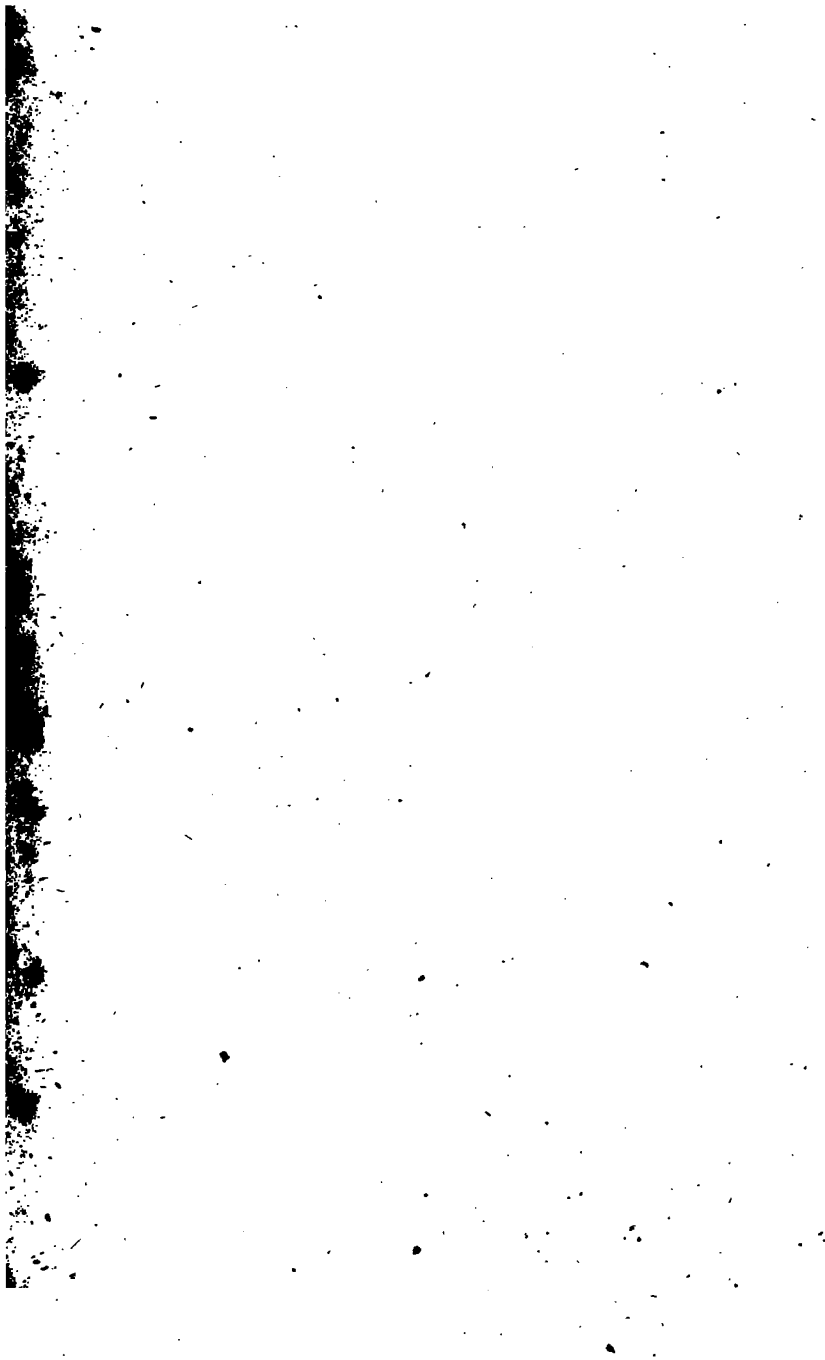


POESIAS

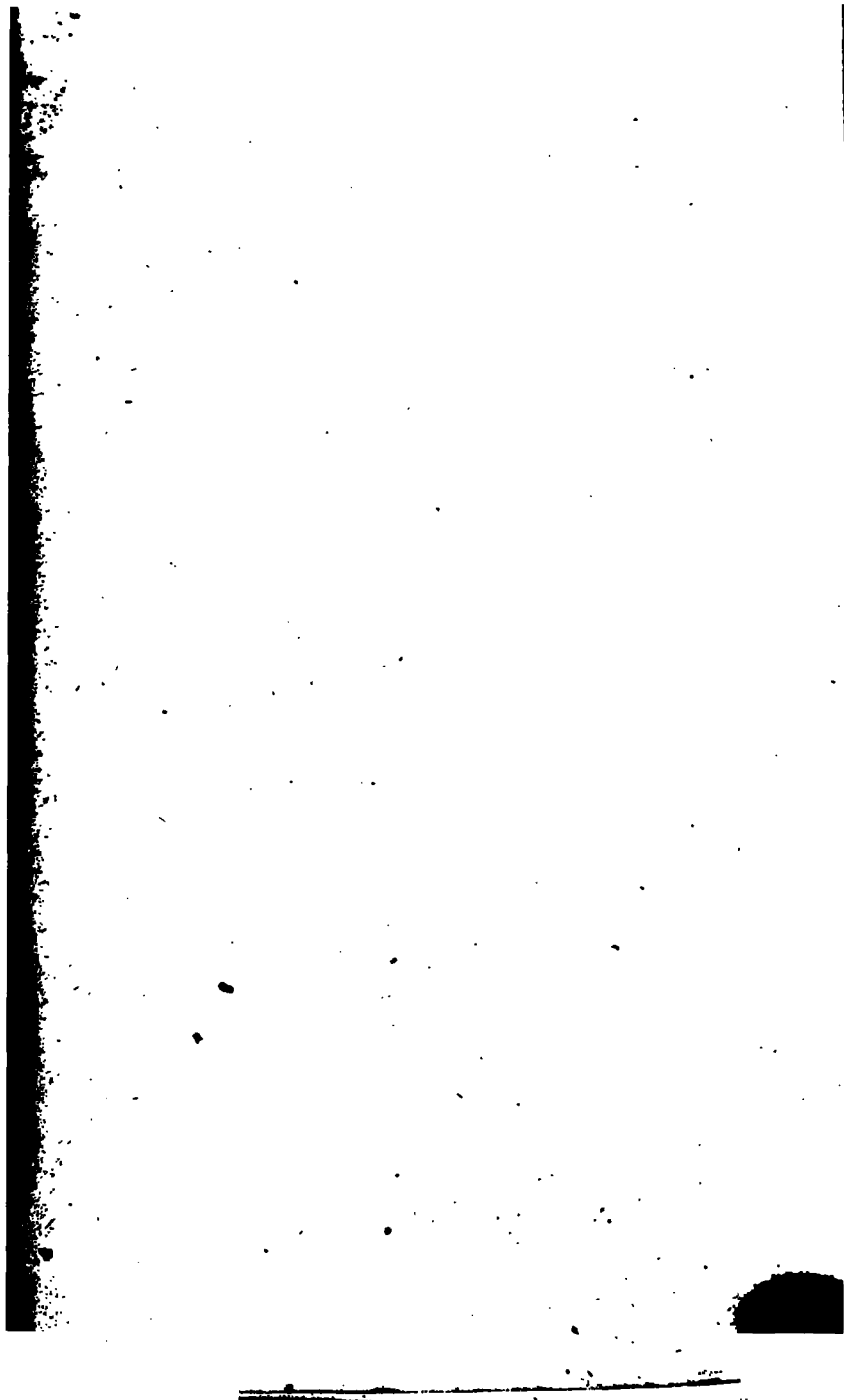
de

FRANCISCO DE QUEVEDO











# **POESIAS**

**DE**

**M. M. DE B. DU BOGAGE.**





# POESIAS

DE

**MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOGAGE,**

**COLLIGIDAS EM NOVA E COMPLETA EDIÇÃO.  
DISPOSTAS E ANNOTADAS**

POR

**I. F. DA SILVA:**

**E PRECEDIDAS DE UM ESTUDO BIOGRAPHICO E  
LITTERARIO SOBRE O POETA, ESCRIPTO**

POR

**L. A. REBELLO DA SILVA.**

---

**TOMO IV.**

---

**LISBOA**

**EM CASA DO EDITOR A. J. F. LOPES,  
RUA AUREA N.º 227 e 228.**

**MDCCCLIII.**

**THE NEW YORK**  
**PUBLIC LIBRARY**  
**359684B**  
ASTOR, LENOX AND  
TILDEN FOUNDATIONS  
R 1940 L

---

**TYPOGRAPHIA DE A. J. F. LOPES,**  
**RUA AVREIA N.º 67.**

*Estimada Señora, of 7 de Mayo de 1892.*

# ELOGIOS.



# ELOGIOS.

## I.

**AOS FAUSTÍSSIMOS ANOS DA FIDELÍSSIMA BAINHA DE  
PORTUGAL, D. MARIA I.**

**Recitado no Theatro da Rua dos Condes.**

(17 de Dezembro de 1799.)

**A** RISPIDA estação tumultuosa,  
Que de vapor medonho assombra os ares,  
Que das Eólias grutas desferrolha  
Estrondosos tufões, e além das nuvens  
O pélago arrogante em serras manda ;  
Esse triste oppressor da Natureza,  
Monarca das horrisonas procellas,  
Cuja grenha herriçada os gélos c'roam ;  
Que arremessa o trovão, que accende o raio  
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,  
E, saudoso do cáhos, como que intenta  
Fingil-o, arremedal-o em seus horrores :  
O carrancudo, tenebroso Hynverno,  
Á face de alto horóscopo brilhante  
Foi por lei divinal, por lei dos Fados  
Constrangido a despir tartáreo luto.

Eis dobrando a cerviz, eis bonançoso,  
 O tyranno da luz sacode as trévas:  
 Respira a Natureza, o céo respira,  
 Vitreos os mares sobre as praias dormem,  
 Onde Áquilo rugiu Favonio brinca,  
 \* A nascer entre a neve aprendem rosas;  
 \* Amor sentindo, o rouxinol se inflamma,  
 \* Contento, illuso, não conhece o tempo,  
 \* Vêl-a imaginá, e canta a primavera.

Surgindo em tanto na purpurea nuvem,  
 Télas trajando fulgurantes de ouro,  
 De jasmims immortaes a fronte orlada,  
 Com risos, que estudou de um Deus na face,  
 A scintillante Aurora o pólo esmalta.  
 Seus lumes como nunca então raiaram,  
 E gota, e gota de macio orvalho  
 Que esparziu no teu seio, oh Lysia, oh patria,  
 Foi ledó agouro, foi suave emblema  
 De mil bens, que dos céos a ti dimanam.

Maria, a mãe de heróes, de heróes a filha  
 A Jove mereceu tão novo indulto,  
 Trouxe tão novo indulto á Natureza.  
 Seu natal sobre-sae aos mais fulgentes  
 Quanto no ethereo cume, alardeando  
 Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,  
 Vence o planeta majestoso, intenso  
 Tenue luz, que esmorece em negra estancia.

Sim, Rainha immortal, se a bem do mundo  
 Prenda tão chara não lhe houvesse dado;  
 Se, doce fructo de amorosa planta,

Teu mimo, teu penhor, delicias tuas,  
João, sangue de heróes, que o Tejo adora,  
A nossos corações negado fosse,  
Ninguem te igualaria áquem dos numes.

Elles teu grande horóscopo envolveram  
No immenso resplendor da eternidade,  
Tua alma se embobou na essencia d'elles;  
E ao ponto em que dos céos se derivava,  
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,  
Presumiu assombrada a Natureza  
Que radiosa porção vivificante  
Do facho universal se desprendia.

A Jove teu natal deveu sorrisos;  
E, attento na mimosa infancia tua,  
Com rosto afagador te olhou, te disse:  
«Qual é teu dia, tal será teu fado.»

---

## II.

-aos ANOS DA MESMA AUGUSTISSIMA SENHORA.

**M**USAS, Musas do Tejo, alçai ao pólo  
Versos dignos de reis, da patria dignos.  
Desenrugue-se o Fado; os tempos voltem  
Quaes a vate Cumêa os viu na mente;  
Em manto cor de neve Astréa envolta  
As éras de Saturno acorde, e guie  
Ao seio escuro da ferrenha idade.  
Apenas tenham que invejar aos numes  
Os ditosos mortaes: luzeiro errante  
Surja, rutila da sinistra parte,  
E com faustos satellites discorra  
D'este áquelle horisonte os céos de Lysia,  
Ingente, portentoso, e qual outr' hora  
Dourou a alma de Julio o céu de Roma:  
As vestes abrilhante ao carrancudo  
Monarcha das horrisonas procellas,  
Cuja grenha herriçada os gelos c'roam;  
Cuja mão tenebrosa além das nuvens  
O pélogo arrogante em serras manda;  
Na voz terrivel, nos terriveis olhos,  
Que arremessam trovões, que accendem raios,  
Soffra o duro oppressor do aereo campo,  
Soffra o silencio, e a paz; desdobre, alize  
Ondas o pégo, e sobre as praias durma;  
Brinque Favonio onde Áquilo esbraveja,



Respire a natureza, o céo respire ;  
 A nascer entre a neve aprendam rosas ;  
 Puro, espontaneo mel destillem troncos ;  
 Na rubra nuvem fulgurante de ouro  
 De jasmims immortaes co'a fronte orlada  
 Sempre n'este aureo dia assume a deusa,  
 Que sobre as flores a existencia entórna :  
 No semblante de um Deus a Aurora estude  
 Risos, que a Natureza extranhe, e adore :  
 Derrame pelos céos mais luz, mais pompa,  
 Sol, reflexo de Jove, imagem sua.  
 Maria, mãe de heróes, de heróes a filha,  
 Indulto singular merece ao Fado ;  
 Seu natal sobre-sáe aos mais fulgentes,  
 Quanto no ethereo cume alardeando  
 Torrentes de fulgor, que o pólo inundam,  
 Vence o planeta fulgurante, immenso,  
 Tenue luz, que esmorece em negra estancia.

Sim, Rainha immortal, modélo augusto  
 De quantas perfeições, quantas virtudes  
 De Astréa ao lado para o céo fugiram :  
 Sim, Rainha immortal ; se a bem do mundo  
 Prenda tão chara não lhe houvesse dado ;  
 Se, doce fructo de amorosa planta,  
 João, prole de heróes, que o Tejo adora,  
 A nossos corações negado fosse,  
 Ninguem te igualaria áquem dos numes.

Elles teu grande horóscopo envolveram  
 No vasto resplendor da eternidade ;  
 Tua alma se embebeu na essencia d'elles,

E ao ponto em que dos céos se desprendia  
Abrindo a azul campina em sulcos de ouro,  
Presumiu assombrada a Natureza  
Que radiosa porção vivificante  
Do facho universal se desprendêra.

Oh rei da immensidade, oh rei dos Fados !  
Os idolos da patria, a mãe, e o filho  
No throno avito, heroico, á sombra tua  
De seculos em seculos triumphem :  
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,  
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.  
O Tejo despejando as urnas de ouro  
Ás plantas lhe deponha o gran tributo,  
Até que a eternidade absorva as éras.

São mimosos do Fado, a Jove acceitos  
O filho, a mãe de reis, de heróes, de numes ;  
Cobrem azas de um Deus os dignos d'elle,  
Lysia, flor das nações, prospéra, exulta !

---

## III.

**AOS FAUSTISSIMOS ANOS DO SERENISSIMO SENHOR  
D. JOÃO, PRINCIPE REGENTE DE PORTUGAL.**

**Recitado no Theatre do Salitre.**

(13 de Maio de 1799.)

**D**ENTRE a primeira das edades mortas  
Um dia resurgiu, soltou-se um dia  
A bem da humanidade, á voz do Fado.  
Mil Graças, mil Virtudes, mil Prazeres,  
Foragidos do mundo, ao céu tornados,  
Ao mundo volvem co'a sisada Astréa.  
Subito, remoçada a Natureza,  
Leda, vaidosa de se olhar qual fôra,  
Nas meigas faces amiuda o riso.  
Turba subtil de olympicos Favonios  
Vôa com flores, que não temem Phebo,  
E á mãe universal perfuma o seio ;  
Insoffridos Tufões nas cavas gratas  
Cerra, agrilhôa, abafa, opprime Eólo ;  
Mel espontaneo pelos troncos desce,  
Lambem rios de nectar margens de ouro.  
Saturno inclina a frente ao ver na terra  
De seus dias luzir a amena imagem ;  
Da sobranceira esphera ao filho exclama,  
E d'alta novidade inquire a causa.

« Ente, digno de mim (responde Jove)  
De heróes emanação, de heróes principio,  
Hoje ao mundo levou, por lei dos Fados,  
Escolhida porção de meus thesouros ;  
Hoje o fructo immortal de planta excelsa,  
Que nas margens dispuz do insigne Tejo,  
Surgiu, por meus influxos bafejado ;  
Da grande lusitana a digna prole,  
O eximio coração, com quem reparto  
A dignidade, a força, os pensamentos,  
No seculo fatal, de horrores fertil,  
Sobre o terreno herdado attráe teus dias,  
Época da innocencia, e da ventura !  
Viste ha seis lustros melhorar-se o tempo  
Com seu fausto natal, viste ha seis lustros  
De incognito matiz nos lusos campos  
Ornar-se a Natureza em honra sua.  
Então sorrisos d'ella annuncios foram  
Dos luzentes futuros milagrosos,  
Que para o tenro heróe zelava a Sorte.

« Se tanto não brilhou, como hoje brilha,  
O doce clima productor de assombros,  
Foi porque inda na edade inerte, e molle  
Desatar não podia o regio moço  
Altas idéas em acções mais altas.  
Agora, que da illustre monarchia  
Modera as longas rédeas, escudado  
Das aptas forças, e do avito exemplo,  
Agora se embellezam céos, e terra  
Na gloria, no prazer, nos bens sem conto,

Que do grande João recebe a patria,  
A patria de que é pae, senhor, e ornato.  
« Unido em aureo vinculo á virtude,  
Aos mil encantos de heroína augusta,  
Tempéra o coração nos olhos d'ella,  
Nos olhos d'ella o sentimento apura,  
E um numen bemfeitor se ant'olha aos povos.  
Negreja, sem toldar-lhe os mansos dias,  
Tempestuoso horror, bramindo ao longe ;  
Em vão boceja o pestilente inferno,  
Na lava abrazadora em vão sacode  
Horridos crimes, que outra plaga infamam.  
Senhor da alta nação, que vale o mundo,  
João, mimo do céo, João triumphá ;  
Seu throno em corações está sentado,  
E tem na eternidade os alicerces.  
D'ella emanou seu dia, é parte d'ella,  
E lá depois que o sol milhões de vezes  
Houver com elle enriquecido a terra,  
O puro, amado, memoravel dia  
No resplendor sem termo irá sumir-se. »  
Assim Jove falou : Saturno annue,  
E fica mais brilhante a Natureza.

## IV.

AOS ANJOS DO REINO SERROR.

Recitado no Theatre da Rua dos Condes.

(13 de Maio de 1801.)

**H**ONRA, Patria, Virtude! Oh Leis! Oh Throno!  
 Objectos venerandos, majestosos,  
 Lustrai na escuridão, que abrange o mundo,  
 Do vate a phantasia erguei de abyssos.  
 Em tanto que no céo renasce o dia,  
 Dia eterno, sem par nos lúcos fastos,  
 Mordendo-se, escumando, Erynnis vò  
 Ante o carro fatal do deus das armas,  
 Onde nuvens de horror gotejam sangue.  
 Na truculenta mão rodêa o facho,  
 Cresta os Favonios, as delicias varre.  
 De sauhudos leões ondêa a coroa,  
 Longo rugido horrisono rebrama,  
 Pelos troncos se amolam dentes, garras.  
 O bronze aloja em si rivaes do raio;  
 No spectaculo atroz, na scena infesta,  
 Sedentas de um futuro ensanguentado,  
 As Furias se embellezam, ri-se a Morte...  
 Debalde rebentais, vulcões do inferno,  
 Longe, agouros crueis! Lysia não treme,

Lysia será qual foi, qual é nò globo,  
 Mãe de heróes, das nações a flor, o esmalte,  
 Da virtude esplendor, da gloria templo,  
 Pomposo torreão de férrea base ;  
 Lysia abraça o pavez de eternos Fados ;  
 Se Lysia baquear, baquêa o mundo :  
 Um Deus não é perjuro, um Deus não mente.

Range os dentês Ismar, anhêla a preza,  
 Urram de Lybia os monstros, amotinam  
 O mar, a terra, o céo com grita horrenda :  
 Eis que de rosea cor se véste o pólo,  
 O ar, porque espéra um Deus, o ornato apura.  
 Assoma o recto, o sabio, o grande, o Tudo !  
 Vacilla a Natureza ao pezo enorme :  
 Elle olha, e d'este olhar vê campo, e campo.

Reluz o amor, o esforço, a fé nos lusos,  
 Na bruta multidão negreja o crime ;  
 Da traição, da avareza os genios torvos,  
 As serpes da blasphemia, em roda aos impios,  
 Por aqui, por ali sibilam, trôam.

A voz, freio aos tufões, ameiga o Nume ;  
 Ao guerreiro christão, que os seus inflamma,  
 O triumpho assegura, e fada os lusos.  
 Ao solio portuguez submette os tempos,  
 Co'a sacro-sancta mão lhe descortina  
 Fervendo o Ganges por ceder-lhe as palmas ;  
 D'elle homenagem recebendo o Tejo,  
 Ufano recostado á urna de ouro ;  
 Montanhas de trophéos ao longe, ao perto,  
 E sempre illustre a paz, illustre a guerra.

TOMO IV.

Desapparece o Deus, mas fica Affonso,  
 E de Affonso no ferro espantos brilham :  
 Sáe d'elle estrondo, morte, horror, victoria,  
 Não soffre arnez, escudo, é raio o ferro,  
 E cada portuguez leão se ant'olha,  
 Que, rebanhados touros assaltando,  
 Atassalha, desfaz, estróe, devóra.

Lá nos ares de Ourique inda vaguêam  
 Sagrados éccos da palavra augusta,  
 E das turbas fieis, do heróe terrivel  
 Inda o marcio rebombo estruge os valles.

Eia, enleva-te, oh Lysia, em teus destinos !  
 Um Deus<sup>te</sup> perfilhou, te dá, te escuda  
 Os dias de João, saudaveis dias,  
 Claros, celestes, como a luz que, eterna,  
 Que, immensa, resplandece além dos astros.  
 Quaes foram teus avós serão teus filhos,  
 Leacs, ardentes, invenciveis, grandes.  
 Nos olhos de João se nutre a gloria :  
 Basta volvel-os : heroismo é tudo.

Virá, virá de novo a paz mimosa  
 Com sorriso gentil dourar teu clima ;  
 As Furias outra vez aferrolhadas  
 Na masmorra infernal darão bramidos.  
 Em quanto do aureo Tejo á lisa margem  
 (No formoso terreno, onde se encantam  
 Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas.)  
 Hymnos mandando ao céu teus povos ledos,  
 Sentirão palpitar, ferver no peito  
 Branda ternura, que humedece os olhos,



Pranto mais doce, mais fiel que o riso ;  
E, sem que a gloria nas delicias turve,  
Transportado verá banhar teu seio  
Correntes do prazer, de que é a origem,  
O magnanimo heróe, da patria nume,  
Esse, em cujo natal florece o mundo,  
João, mimo d'um Deus, d'um Deus imagem.

## V.

## AOS ANOS DO MESMO SENHOR.

(13 de Maio de 1801.)

*Seruis in caelum redeas, diuque  
Læthus intersis populo.*

Horat. Lib. I. Od. II.

**Q**UE alegre, desdobrando o véo de rosas,  
Que amena resurgiu, que abrilhantada  
De estreme, de amorosa claridade  
A aurora de João no céu de Lysia!  
Oh plaga sup'rior ás plagas todas,  
Que dêste ao mundo antigo um novo mundo,  
Que, immensa no valor, no espaço curta,  
Transcendeste os confins da humanidade,  
Levaste execução lá onde apenas  
Ousára abalançar-se o pensamento!  
N'esta luz singular, n'este aureo dia,  
Da eterna protecção penhor formoso,  
Trouxe de novo a ti mil dons celestes  
O Genio tutelar, que escuda, e véla,  
Gran ministro de Jove, os teus destinos:  
Que vassallagem firme ás leis, ao throno  
Em teu seio arreigou, nutriu, reforça,  
Qual planta ingente, que, abarbandando as eras,  
Opulenta de aromas, flores, fructos,  
Na viçosa altivez penetra, invade

A terra co'a raiz, os céos co'a rama.

Recrea-te, oh nação! divino indulto  
Além da méta humana alçou teu lustre.  
Colossos gigantêos no mar se abysmam,  
Marmóreos torreões dão baque horrendo,  
Da Fortuna as montanhas se desabam,  
D'este, d'aquelle imperio morre a fama ;  
O Médo, o Assyrio cáe, cáe Roma, e Grecia,  
Maravilhas do globo, e ferros d'elle ;  
Mas Fado universal não é teu Fado :  
Gravame acerbo, aspérrimo tributo,  
Males, que a tudo impõe, não ousa impôr-te  
O tyranno commum, rei de ruinas.  
Elle acata a nação no heróe que a manda,  
Nos heróes que a mandaram, que a subiram  
Á grandeza, ao nivel do lacio nome.

Deuses na mente, se mortaes na essencia,  
Co'a rectidão por norma, os páes de Lysia,  
Os monarchas do Tejo á patria deram  
Leis amigas do céo, do mundo amigas,  
Leis, que um Deus confirmou, porque eram suas.

Magnanimos leões leões produzem,  
Frouxo arbusto não é do cedro a prole.  
Affonsos, Manueis, Dinizes, Sanchos,  
De vós, igual a vós, João proveiu !  
Decreto, pelos numes promulgado,  
Transpóz de dextra em dextra o sceptro luso,  
Até parar na mão, que ha de empunhal-o  
Com tanta duração, que espante os evos.

Astréa, a paz, o amor, virtude, e graças,

No mais que doce jugo embellezados,  
 Volem dos astros, sem saber que volem,  
 O Olympo esquecem, de João no imperio,  
 E suppõem convertida em tempós de ouro  
 Negra idade de horror, que os pôz em fuga.

A turba etherea, ladeando o solio,  
 Bafeja o coração do regio moço:  
 Ali derrama da Clemencia o nectar,  
 Ali, deidade austera, ali Justiça,  
 Teu ríspido amargor com elle adoça;  
 N'alma idéas prestantes lhe aposenta,  
 Arduas combinações lhe induz, lhe aplaná;  
 Politica sublime entre ellas surge,  
 Onde a sagacidade abrange a honra;  
 N'um quadro luminoso o bem da patria  
 Ante a face real prospéra, avulta:  
 O presente, o porvir fulguram n'elle.

Oh tu, de um Deus contemporanea augusta,  
 Voragem onde os seculos sossobram,  
 Ignota, veneranda Eternidade!  
 Debalde te abarreiram teus arcanos  
 Contra audaz invasão da idéa em chammas.  
 Metal de mais vigor que o bronze, e o ferro,  
 Recondito aos mortaes, compõe teus muros;  
 A nevoa dos mysterios te rodêa:  
 Mas despedindo o vate ardentes vôos,  
 Áquem deixando o globo, o vento, as nuvens,  
 Qual a que arrosta o sol, e empolga o raio,  
 A eternos penetraes os hombros mette,  
 Obstaculos derruba, e lê nos Fados.

Lá onde altos Futuros majestosos  
Em sagrado silencio envoltos dormem,  
A todos sobre-sáe Destino excelso  
Do generoso heróe, que rege os lusos,  
Que impéra co'a virtude, e não co'a força,  
Que inda mais que no sangue, em si tem base  
A inviolavel direito, ao jus supremo  
De ser na terra o que no Olympo é Jove.

Sim, Principe immortal ; se a longa serie  
De teus grandes avós te não guiasse  
Á brilhante eminencia, onde te adora  
Nos hemispherios dous um povo immenso,  
Sempre nos corações houveras throno.  
A tua gloria és tu, comtigo brilhas ;  
Por ti fogem de nós communs desastres,  
Venturas entre nós por ti florecem.  
O céo te inspira, o céo te galardôa,  
E ethereo resplendor teus annos c'róa.

---

## VI.

AOS ANOS DO MESMO SENHOR.

Recitado no Theatre do Salitre.

(13 de Maio de 1801.)

INTERLOCUTORES :

*AURORA, SECULO.*

**O**H tu, prole recente, ultima prole  
 Do numen, que aniquila o bronze, o ferro,  
 Que absorve gerações, que exerce os Fados,  
 Que vai minando o seio á Natureza,  
 E como que assuberba eternidades !  
 Filho do Tempo, successor não duro  
 De Seculo feroz, de irmão terrivel,  
 Que Europa mergulhou n'um mar de sangue,  
 Que a virtude, a razão, que as leis, e a gloria  
 Eclipsou, perseguiu, desfez sem pejo ;  
 Té ao bojo infernal cavando abysmos,  
 As Furias arrancou da noute immensa,  
 As Furias, que, esparzidas no universo,  
 Todo em reino da morte o convertêram ;  
 Graças aos numes, o tyranno é cinza,  
 O Seculo do horror volveu ao nada ;  
 Morta esperança de viçosos dias  
 Resurge devagar, se move a medo ;

Imagem festival de bens vindouros  
Na terrea superficie em fim vislumbra :  
Por sombrio horisonte apenas ficam  
Rastos sanguineos dos forçados vôos,  
Com que a fera Discordia, a negra Erynnis  
Da peste, que em seu halito dardejam,  
Extensas regiões purificaram.

Mas os tartáreos monstros não repousam,  
Nas extremas da terra inda retumba  
O medonho clamor, que sáe do raio.  
Talvez nova impiedade enlute o globo,  
Talvez. . . tão feia idéa os raios furta  
Da face com que alegre a Natureza.

Ah! Tu que aos penetraes do immobil Fado,  
Lá onde o pensamento a custo adeja,  
Foste a serie colher, serie sem conto  
De altos successos, em teu giro inclusos ;  
Tu, que na estancia onde os Futuros dormem,  
Com lume audaz a escuridão venceste,  
E, o gremio do possivel revolvendo,  
Soubeste se a Ventura, ou se a Desgraça  
Deve sobre esta machina indecisa  
Reger sceptro de ferro, ou sceptro de ouro :  
Recrêa, oh numen, cujas leis supremas  
Observo pontual na rósea plaga,  
Recrêa indagador, tenaz desejo,  
Abrindo aos olhos meus clarão futuro.

SECULO.

Deusa brilhante, que ataviam, cobrem

Grinalda de jasmims, docel de rosas,  
 Mãe dos luzeiros com que douro as vestes ;  
 Amores de Titão, delicias, mimo,  
 Que aljofares entornas sobre as flores,  
 Que das puros cristaes ao leve arroio,  
 Susurro ás virações, gorgieio ás aves,  
 E o gosto de existir á Natureza !  
 Bem que os mysterios do immutavel Fado  
 Envolve escuridão, e acatamento,  
 Que do mundo profano abate os olhos,  
 Comtigo, que és deidade, e socia minha,  
 Comtigo, que do Tempo exerces parte,  
 As leis universaes vogar não devem.  
 Enxuga o doce pranto cristalino,  
 Que entre as flores de Amor, e a neve, e as graças  
 Na face te reluz : socega, escuta.

Aos montes sempiternos, onde o Fado  
 Em palacios de bronze as leis promulga,  
 Resfolgando subi, subi tremendo  
 Dos males, que este globo inficionavam,  
 Onde meu fero irmão cevara os olhos.

Do gran templo fatal rangendo as portas  
 Se abrem de par em par, me descortinam  
 Aquelle, ante quem Jove é nume apenas.

Avulta, recostado em negro throno,  
 Curvos, absórtos cortezãos o incensam,  
 D'um lado a vida tem, tem de outro a morte,  
 Um só rasgo que dê co'a férrea pluma  
 No livro pavoroso, altera o mundo,  
 Ergue, prostra nações : a Gloria é sonho,



A Fortuna é chimera, e Grecia, e Roma  
Relampagos, que sorve immenso abysmo.

A tôrva omnipotencia adoro a medo,  
E já trémulas preces vou formando  
A bem do triste globo, em que presido :  
Eis o deus co'um sorriso a voz desprende,  
Dest'arte o coração me desafronta :

« Fiel executor das leis do Fado,  
Herdeiro do poder, não do character  
De ministro cruel, que puz no mundo  
Para mais enrijar meu duro imperio :  
Depois que em scenas mil de sangue, e luto  
Minhas furias cevei, cevei meus odios,  
Os males que esparzi me horrorisaram.  
Quanto póde a Virtude até no Fado !  
Em honra de um mortal, me abrando a todos,  
Em honra de um mortal, que um Deus parece.

« Ferrolhadas no Averno as Furias gemam,  
A cruenta Discórdia apague o raio.  
Virtude, Paz, Amor, volvei ao mundo :  
Tu, Seculo ditoso, ao mundo os guia ;  
Este mimo dos céos na terra espraia,  
Enriquece com elle os climas todos,  
E mais que todos a benigna plaga,  
O imperio occidental, Augusta herança  
Do heróe, do semideus, que lá contemplo.

« O solio de João ladêe a Gloria,  
A Justiça o ladêe : admire-o tudo ;  
Base de corações lhe escore o throno :  
Só deixe de invejal-o apenas Joye.

O dia em que emænou do seio eterno  
Seja um sorriso do melhor dos numes ;  
Galas para adornal-o invente a Aurora,  
Saturno o purifique, e seu lhe chame. »

Disse, e nublou-se o deus, e de repente  
D'entre os astros um vórtice me arranca.  
Eis venho respirar co'a Natureza,  
Ufano do character, que me é dado,  
Dos bens, que desparzir na terra posso.

Exulta, pois, oh deusa, e cumpre o mando,  
Que ledo recebi na voz do Fado ?  
« O imperio de João, seus aureos dias  
Gosem no mundo o resplendor do Olympo. »

*AURORA.*

Oh transporte ! Oh ventura ! Oh céos ! Oh Fado !  
Sendo teu jugo assim, teu jugo adoro.

---

## VII.

AOS ANOS DO MESMO SENHOR.

(13 de Maio de 1803.)

.... *Ipsè tibi jam brachia contrahit ardens  
Scorpius & cæli justa plus parte relinquit.*

Virg. Georg. Lib. I.

**O**H lustres do salão radioso, immenso,  
Fonte invisível dos visíveis astros!  
Em torrentes de luz, perennes, vossas,  
Sem que naufrague a mente, é jus do vate  
Sondar a eternidade, abrir os Fados.

Sorria-se na terra o mez das flores,  
Espelho eram dos céos as vitreas ondas;  
Do azul Favonio, da punicea rosa  
Tenues suspiros, candidos perfumes  
A leda Natureza embellezavam.

Eis ante o rei de tudo heróe, que outr' hora  
Gosára entre os mortaes o grau de nume,  
O claro fundador do luso imperio,  
Dos altos promontorios a saudade.  
Aquelle, cujo nome os patrios eccos  
Com lugubre memoria inda proferem,  
Curvo o joelho, supplice a palavra,  
Pios desejos exprimiu dest' arte : »

« Gran Ser, que da medonha, antiga massa  
D'uma vez extrahste o térreo globo,

Que n'um sorriso os céos, e o sol creaste!

Dá complacente ouvido ás preces minhas.

«O imperio occidental, por ti doado

A mim, e ao sangue meu, que as leis te adora,

O imperio occidental, theatro annoso

De innumerous portentos, de alta gloria,

A plaga venturosa, o doce clima,

(Que já sagraste co'a presença tua)

Lustre de novos dons, de timbres novos,

Em virtude, em grandeza, em majestade.

A planta, de que fui raiz fecunda,

Sempre mimosa de teu almo influxo,

Brote por ordem tua um fructo ameno,

Que adorne, encante, aformosêe a terra.

« De Lysia velador, propicio genio

Tu me elegeste, oh Deus! Eu guardo, eu zelo

Fiel, grata nação: mil, e mil vezes

Se apuram no esplendor da eternidade

Incensos, que te dá meu povo amado.

Requintada ventura, um lustre, ignoto

Ao resto dos mortaes, o galardoe:

Primeiro templo teu no mundo é Lysia,

Quasi como é nos céos, é lá teu culto. »

Taes, e tantas de Affonso as preces foram,

E ás preces annuiu o auctor dos astros.

Revolve a mão suprema o cofre eterno,

E entre milhões de espiritos fulgentes

Um, que mais brilha, bemfazejo, estrema.

Oh vós. de inextinguivel claridade

Serenos filhos! Impalpaveis entes!

Nuncios da terra aos céos, dos céos á terra  
Quando implora o mortal, e outorga o nume!  
Vós, leves meneando as alvas plumas,  
Ao solio, que dá leis do Tejo ao Ganges,  
Trazeis um dia, que atavie os tempos,  
Um dom trazeis, que divinize o mundo.

É teu natal, grande João, tua alma  
Este dia, este espirito, fadados  
De character sém par, de bens sem conto  
Pela voz, que do sol regula o giro.

Donativo do céu, prazer da terra,  
Que honras o mundo todo, e reges parte,  
Principe excelso, Principe adorado,  
Enlaças corações em flóreo jugo ;  
Ternura filial nos diz que reinas,  
Não convulso terror, não leis de ferro.  
Quaes folgam, limpas das terrenas fezes,  
Almas formosas nos elysios prados,  
Vagam risonhos, festivaes teus povos,  
Amplio dominio, que dos céos herdaste.

Tarde, mui tarde a teu principio voltas ;  
Depois que o tempo fatigar seus vôos  
Vá sumir-se contigo a Natureza  
No seio da lustrosa eternidade :  
Eis os votos de Lysia, e do universo.

---

**VIII.**

(Dramatico.)

**A ESTANCIA DO FADO.**

**PARA CELEBRAR O DIA NATALICIO DA SERENISSIMA  
PRINCEZA D. MARIA THERESA.**

**Representado no Theatro de S. Carlos.**

(29 d'Abril de 1797.)

---

ACTORES :

*O FADO.*

*O GENIO LUSITANO.*

*LYSIA.*

A scena se figura na estancia do Fado.

---

**SCENA I.**

*O Fado, e o Genio Lusitano.*

*GENIO.*

**O**H tu, que já severo, e já benigno  
Ou prostras, ou mantêns, ou dás, ou tiras,  
Despotico senhor da Natureza,  
Ente, de cujas leis é tudo escravo,  
Hoje desenrugada a fronte augusta  
Affavel te promette ás preces minhas.

Ministro pontual dos teus decretos,  
 Eu, que ha tantas edades vélo, oh Fado,  
 Na gloria, no esplendor da egregia Lysia,  
 De brilhantes heróes origem pura,  
 Eu por ella te invoco: alto interesse  
 A dirige, a conduz ante o supremo  
 Throno, onde reinas, adoravel throno,  
 Escorado na immensa eternidade.

Dá que a teu gran poder curvando a frente,  
 Honrada ha muito de apollinea rama,  
 Lysia teus dons beneficos implore.  
 De tudo quanto abrange a longa terra  
 Nada tão digno de encarar seu solio.

## FADO.

Magnanima, fiel, constante, invicta,  
 Lysia, qual a formei, dá lustre ao mundo;  
 Ante o seu gosto minhas leis se torcem:  
 Tens influxo, oh Virtude, até no Fado.  
 Venha, merece olhar-me, ouvir merece  
 A voz, que ao proprio Jove o throno abala;  
 Tóque a vedada, sempiterna Estancia  
 Por onde em turbilhões mysterios fervem:  
 Gloria, aos mortaes defesa, a Lysia cabe.

*O Genio vai conduzir Lysia.*

## SCENA II.

*Lysia, e os mesmos.**LYSIA.*

**F**ADO, prole immortal da eternidade!  
 Numen, de cujas mãos está pendente  
 Cadêa em que os fuzis são bens, e males,  
 A desgraça, a ventura, a morte, a vida;  
 Dos Tempos movedor infatigavel,  
 Que de ledas, pasmosas, tristes scenas,  
 De espectaculos mil sempre matizas  
 A curva superficie ao terreo globo!  
 Se desde que assomei luzi no mundo,  
 Se a tua protecção, comigo estavel,  
 Das mais claras rações me fez modelo;  
 Se, escudada por ti, dei ser, dei pasto  
 Á bella emulação, e á fêa inveja;  
 Se de illustres acções dourei a historia;  
 Se a firme tradição c'roei de assombros;  
 Se meu brado esparzi de clima em clima  
 Nas férreas tubas da volatil Fama,  
 Atando em aureo nó Virtude, e Gloria;  
 Se em fim, qual sempre foste, és inda, oh nume,  
 Para os desejos meus benigno, facil,  
 Summa razão, que os move, os felicite.

*FADO.*

O passado, o presente, o quo inda ignoto



É aos cégos mortaes, perante o Fado  
 Tão claros, n'um só ponto, resplandecem  
 Como rutila o sol no aereo cume.  
 Deves, Lysia, porém, gosar o indulto  
 De livremente expôr teus sãos desejos.  
 Ao que Lysia appeteece o Fado annúe.

## LYSIA.

A promessa immutave!, que te escuto,  
 Affectos mil no coração me agita,  
 De altas idéas me povôa a mente.

Destinada por ti ao grande objecto  
 De honrar o mundo; e propagar portentos,  
 Mãe secunda de heróes, teus fins cumprindo,  
 Sementes espalhei, de que brotaram  
 Candidas flores, gencrosos fructos.

Desvelada, incansavel, conduzindo  
 Por entre abrolhos, precipicios, transes  
 A minha prole audaz, a lusa gente,  
 Com ella commetti, pizei com ella  
 O quasi inaccessible monte ameno,  
 Onde reside a perennal Memoria.  
 Com arrojado pé fomos subindo  
 Os marmóreos degraus do ethereo templo,  
 E, os estreitos vestibulos entrando,  
 Vida sem fim, moral eternidade  
 Corrémos a colher nas aras de ouro.

À turba dos heróes que ali brilhavam,  
 Luzeiros immortaes de Grecia, e Roma,  
 Extranheza não fez a nossa entrada :

Curvas as crespas, laureadas frontes,  
Com sorriso amigavel nos saudáram.

Do bafo empestador, que são dos vícios,  
Jámais os fructos meus crestados foram :  
Salvos da corrupção, a idade os traga ;  
Puros, formosos, como vivem morrem.

Mas dos ramos d'esta arvore, que alcança  
Os hemispherios dous co'a vasta sombra,  
Tão viçoso nenhum, nenhum tão digno  
Do amor da terra, da attenção do Fado  
Como o que eu distingui de mil, que nutro.  
É de Bragança o ramo, o ramo annoso,  
De raras producções sempre adornado,  
Este, cuja grandeza anhêlo, adoro.  
Em uma, em outra idade o viste, oh nune,  
Ao bravo repelão de horriveis Euros,  
De procellas fataes illêso, immovel ;  
Viste-o dar leis a si, dar leis a tantos,  
Unir ao mando augusto augusto exemplo,  
Assombrosos heróes crear co'a vista.

Por esta de mortaes quasi divinos  
Abalisada estirpe, a ti recorro  
N'este dia entre os meus de um sol mais puro,  
Maria, o tenro, o candido renovo  
Da planta que idolatro, eximio fructo,  
Doces primicias, e penhor sagrado  
De charo, insigne par, João, Carlota,  
Dos lusos corações idolo, e gloria :  
Maria hoje raiou no alegre mundo.  
Hoje na rubra nuvem scintillante,

De rosas, e' jasmims bordando os ares,  
 Aurora appareceu co'um riso novo ;  
 Hoje o suave, cristalino orvalho  
 Mais alvo, e mais subtil catu nas flores ;  
 O ledo rouxinol, prazer dos bosques,  
 Novos sons estudou para este dia :  
 Tornou-se mais formosa a Natureza ;  
 Nas montanhas vestiu, vestiu nos prados  
 Mais lustroso matiz a primavera ;  
 E agora que renasce este almo instante  
 As nuvens despe o céo, e o pégo as ondas :  
 Qual outr' hora exultára o mundo exulta.

A seus, e a meus transportes sê propicio,  
 Satisfaze os mortaes ; ordena, oh Fado,  
 Que Phebo vezes mil no plaustro de ouro  
 Com dia tão feliz prospere a terra ;  
 Ordena que mil vezes se renovem  
 Annos brilhantes na vergontea bella,  
 Na régia producção de tronco excelso.  
 Franquêa aos olhos meus, franquêa, oh nume,  
 O tropel de reconditos mysterios,  
 Sumido em negros véos, eternas sombras ;  
 Aclara, desenvolve a meus desejos  
 Altos futuros da gentil princeza.

## GENIO.

As preces que te envia eu uno as minhas :  
 Amor, Virtude, Gratidão te imploram.

## FADO.

Eis o mais amplo dom, que póde o Fado

Para vós extrair de seus thesouros.  
 Silencio, que eu desligo, eu desentranho  
 Da noute do vindouro os bens supremos  
 Que á princeza immortal propicio guardo.

Fulgentes como a luz que resplandece  
 Na pura habitação da eternidade,  
 Seus destinos vereis, vereis seus dias,  
 Da generosa avó, do pae sublime,  
 Da idolatrada mãe retrato egregio,  
 Virtudes, perfeições em si juntando,  
 Por mil raros espiritos dispersas,  
 A mimosa, gentil, real Maria  
 Dará novo esplendor á digna patria.  
 Como o formoso irmão no avito imperio  
 Dará sagradas leis em clima extranho,  
 Leis, amigas do céo, do mundo amigas.  
 Ligada em áureo nó, com fausto agouro,  
 A regio, claro heróe, credor de obtêl-a,  
 Fará que a seu louvor não baste a fama,  
 E cance de espalhar-lhe as maravilhas.  
 Seus thesouros serão, será seu throno  
 Asylo maternal dos malfadados,  
 Almo refugio da Virtude oppressa,  
 Da san Justiça, da innocencia amavel:  
 Tristes que a virem ficarão contentes.  
 Merito, e galardão, delicto, e pena  
 Debaixo do seu jugo hão de enlaçar-se;  
 Por muito, e muito que a Fortuna a brinde,  
 Mais ha de conferir-lhe a Natureza,  
 Tantas vezes o sol trará seu dia,

Seu dia, pelas Graças enfeitado,  
Que, antes que cesse de guial-o ao mundo  
Com tanto resplendor, qual hoje o doura,  
Hão de esparzir-se nos cerúleos ares  
Rôtas as rédeas dos Ethontes fulvos.

Vai, Lysia, vo've aos teus; co'a face augusta  
Regosija os mortaes, de ti saudosos.  
O Fado o proferiu : mil lens te esperam.

*LYSIA.*

Graças, numen clemente ! Eu corro, eu corre  
A derramar na terra o grande annuncio.

*GENIO.*

Lysia, Lysia feliz ! Comigo exulta :  
Tudo se cumprirá ; não mente o Fado.

---

## IX.

AOS ANOS DA MESMA SENHORA.

(29 de Abril de 18....)

**A**LEM do firmamento, além do espaço  
 Que por lei summa franqueara o seio  
 A mundos sem medida, a sóes sem conta;  
 Aquelle, cujo throno immenso, immovel  
 Vence ao diamante a consistencia, o lume,  
 Tem por base e docel a eternidade;  
 O só Principio dos principios todos,  
 Co'um sorriso avivando o ethereo dia,  
 Lançára a seu thesouro a mão suprema:  
 Mil virtudes, mil bens, mil dons, mil graças,  
 A que o tacto divino altêa o preço,  
 Surgem do eterno cofre; e alado genio,  
 Que as barreiras do céo transpõe n'um vôo,  
 Por entre o resplendor, que em torno espraia,  
 Traz o gran donativo á Natureza;  
 E vem com elle reluzindo os Fados,  
 Que ao celeste penhor cingira o nume.  
 « Ministro universal da omnipotencia!  
 (Clama o nuncio radioso) a ella é grato  
 Que d'estes sacros dotes se atavie  
 Prole de reis, de heróes, um digno ramo  
 Da planta, que immortal florece em Lysia,

De olympicos orvalhos animada ;  
Uma alma singular, idonea ao sangue  
Do mortal, que vencendo o grau de humano,  
Foi pela voz de um Deus chamado, eleito  
Á virtude, á grandeza, ao throno, á gloria ;  
Que possante, magnanimo, assombroso,  
C'o arnez da razão, da fé munido,  
Lybicos monstros de terriveis garras  
Feriu, rompeu, prostrou, desfez qual raio ;  
A cinzas reduziu, a pó, e a nada  
Os templos da impostura, as aras do erro ;  
Depois que a divindade o véo rasgando,  
Esse véo sacrosancto, impenetravel,  
Que a recata do mundo, ante seus olhos  
No lenho remidor se fez patente ;  
E com elle travando alta alliança,  
As insignias lhe deu, 'lhe deu o imperio. »

Disse o fulgente espirito ; e soltando  
Das azas de aurea cor fragrancia e nectar,  
Em pélagos de luz desaparece.

Tremeu de acatamento a Natureza  
Em tanto que o decreto absorta ouvia ;  
Eis que volvendo, a si risonha, ufana,  
No brilhante composto exhaure a industria ;  
Une ás graças moraes externas graças,  
Divinaes perfeições á essencia humana ;  
E exulta, e se revê nos dons que enlaça.

Adoravel princeza, estes encantos  
São teus, são teus : no espirito, na face,  
Na voz, no coração te resplandecem ;

Com elles teu natal se afformosêa ;  
Por elles de mil jubilos c'rado.  
Em perfumes envolto, envolto em flores  
No gremio puro de benigna Aurora  
Aos votos dos mortaes o céos o enviam.

---



## X.

**AOS PRÓSPEROS ANOS DA SERENÍSSIMA PRINCEZA  
DO BRASIL, A SENHORA D. CARLOTA.**

**Recitado no Theatro da Rua dos Condes.**

(25 de Abril de 1801.)

**T**u, patente á razão, velado aos olhos,  
Monarcha do universo, alma de tudo ;  
Immenso, que em ti mesmo apenas cabes,  
Que tens no ser, na mão, na voz, no aceno  
Fados, eternidade, omnipotencia,  
De que o raio é pregão, e o mundo é próva :  
Ah ! Manda que teus jubilos sem conto,  
Que elysias flores, Zephyros do Glympo  
C'rôem, basejem de Carlota o dia ;  
Que o sol, que o teu reflexo, a imagem tua,  
Com elle avive a purpura d'Aurora,  
Com elle regosije, adorne, altêe,  
Gradúe em divindade a Natureza,  
E vá com elle, ovante, além das eras.

Prole de um semideus, esposa de outro,  
(De outro, inf'rior, oh Jove, a ti sómente)  
Carlota é de teus dons, de teus thesouros  
Nas graças, no attractivo, a flor, o extremo.  
Qual no céo reluziu quando, inda exempta  
Da corpórea prisão, sua alma bella

Serena de astro em astro vagueava,  
Qual no céu reluziu, reluz na terra.  
Em seu candido rosto encantos brilham,  
Razão lustrosa lhe atavia a mente,  
Sorrisos a grandeza lhe temperam :  
Tem mais sublime a indole que a Sorte,  
Maior o coração que a dignidade.  
Aos ais do afflicto, do infeliz aos prantos  
Desde o cimo da Gloria, e da Ventura  
Dá materno favor, materno ouvido,  
Emulando, a par d'elle, os mil portentos  
Do consorte immortal, do heróe piedoso,  
Por quem, de aureas delicias esmaltado,  
O céu de Lusitania as trevas déspe,  
E é qual foi quando assidua primavera  
Cubriu de virações, ornou de rosas  
Ao tenro globo a superficie amena,  
Quando em correntes susurrava o nectar,  
E, o mesmo no zenith, ou no horisonte,  
O sol benignos lumes espraia ;  
Benignos lumes, como espraia a lua,  
Se com pleno fulgor pratêa os mares.

Os idolos da patria, o par brilhante,  
Dos mortaes o esplendor, João, Carlota,  
Oh rei da Eternidade, oh rei dos Fados,  
No throno avito, heroico, á sombra tua,  
De seculos, e seculos triumphem :  
D'elle, d'ella se esquivem Tempo, e Morte,  
Dure-lhe a vida o que durar seu nome.

O Tejo, despejando as urnas de ouro,

Às plantas lhes deponha o gran tributo,  
Té que a terrestre machina abysmando,  
Sorva tempos mortaes o tempo eterno.  
Tua respiração, dos céos perfume,  
Purifique o natal formoso, e charo,  
Em que ufana, em que altiva a Natureza  
Se enleva, se revê, se ri, se encanta.

Já de Saturno as épocas voáram,  
Férrea, medonha idade aggrava os entes.  
Ah! D'entre os mortos seculos surgindo  
·Envolto em rosas, o melhor dos dias,  
Dos dias que perdeu console o mundo.

Taes, e tantas de Lysia as preces foram  
Ante o solio de Jove, e d'elle ouvidas  
Colheram n'um sorriso omnipotente  
Da implorada mercê penhor, e annuncio.

São mimosos do Fado, a Jove acceitos,  
Cobre a sombra d'um Deus João, Carlota:  
Modelo das nações! Oh patria! Exulta.

---

## XI.

**AGOS FAUSTISSIMOS ANNOS DA SERENISSIMA SENHORA  
D. MARIA BENEDICTA, PRINCEZA  
DO BRASIL, VIUVA.**

**Recitado no Theatro do Salitre.**

(25 de Julho de 1798.)

**S**ACRO delirio, creadora insania,  
Que, não paga de um Deus, de um céu não paga,  
Ousaste pregoar mais céos, mais deuses;  
Opulenta indomavel phantasia  
Dos homens quasi numes, que, invadindo  
Os bronzeos penetrais da Eternidade,  
Presumiste erigir no centro d'ella  
O paço a Jove, o tribunal aos Fados,  
Os astros povoar de vans deidades,  
E, esforçando o terror da Natureza,  
Depois arremeter do Averno ás portas,  
Sumir teus vôos pelo immeuso abysmo,  
Erguer Plutão sanhudo em férreo throno,  
Fingil-o ao Medo, figural-o ao Crime  
Regendo as Furias, legislando á Morte:  
Oh Genios sem limite, oh vós, que outr' hora  
Daveis aromas, templo, altar, ministros  
Á virtude immortal das almas bellas,  
Mais puras, mais brilhantes, mais formosas

Que o filtrado clarão das éras de ouro!  
 Manes, sagrados manes! Se, arrombando  
 Da existencia, e do nada o muro eterno,  
 Volvesseis a vagar no globo infausto,  
 No globo já corrupto, e não lustroso  
 Do primevo esplendor! Se ao alto olhando  
 Por entre a névoa de apinhados vícios,  
 (Semente nunca esteril no universo)  
 Visseis em summo grau, remoto d'elles,  
 Luzir dos hymnos meus o grande objecto,  
 Luzir Maria, a singular Maria,  
 Prole de reis, de heróes, de semideuses,  
 Do imperio universal por si crédora,  
 Maior que os Fados seus, maior que a Fama!  
 Irieis com transporte, e jus mais sancto  
 Sagar-lhe aromas, templo, altar, ministros.

Seu dia, que deveu aos céos cuidado,  
 E no sol, como os mais, não teve origem,  
 Seu risonho natal, quasi tão puro  
 Como o seu coração, deu hoje á terra  
 Prazeres, cuja idéa encantadora  
 Foi ao estro dircêo talvez negada.

Hoje Aurora surgiu não somnolenta:  
 Hoje Aurora, antelando anticipar-se,  
 Na orvalhosa madeixa desparzira  
 Almos perfumes, a que cede o nectar:  
 Flores, que dispuzera, e que zelava  
 Nos elysios jardins cultor divino,  
 Para toucarem a manhan mais bella,  
 A mais bella manhan, que sobre o Tejo

Em chuveiros as Graças derramando,  
 À superficie azul subtís cardumes  
 Attraíu dos Favonios brincadores,  
 Por mais doce fragrancia enfeitçados,  
 Uns apoz outros desdenhando as rosas.

Sorriu-se, como nunca, o rei dos entes  
 No ponto em que raiou tão fausto dia,  
 D'entre os ethereos-orbes deslizado ;  
 Sorriu-se, e reflectiu no céo, na terra,  
 Na face festival da Natureza  
 O adoravel sorriso omnipotente,  
 Capaz de produzir mil sóes, mil mundos,  
 Torcer os Fados, e alegrar o inferno.

Então, a eternas leis curvado o Tempo;  
 Na corrente fatal dos bens, dos males,  
 Em que é vida este anel, e aquelle é morte,  
 O Tempo então, depondo a fouce, as azas,  
 Puliu aureo fuzil, tão reforçado,  
 Que o desabrido assalto, o pezo, o encontro  
 Dos seculos em chusma, o não rompessem :  
 Deve tanto a Virtude ás divindades !

És, brilhante-fuzil, és a existencia  
 Da regia, da magnanima heroína,  
 Que n'alma florecente o céo resume ;  
 Augusto coração, cuja grandeza  
 Quando aos miseros desce aos astros sóbe;  
 E colhe em galardão a eternidade.

Encanto universal, matrona excelsa,  
 Como que ao templo ingente, onde a Memoria  
 Construe estatuas, que não róe a idade,

Erguido, arrebatado o pensamento,  
Por entre as altas copias venerandas  
D'aquellas, que transpõem o horror do Lethes,  
Lá vê sobresaír a imagem tua,  
E lê na, que a sustém, perpétua base :  
« A gloria de Maria é mais que a vossa :  
Ao bronze sup'rior curvai-vos, bronzes ! »

## XII.

CONGRATULAÇÃO AO PRINCEPE, E Á PATRIA,  
NA PAZ UNIVERSAL.

(Anno de 1801.)

. . . . . *Ferrea primum*

*Desinat, ac toto surgit gens aurea mundo.*

Virgil. Eclog. IV.

**P**EZAVAM sobre a terra os ferreos Tempos :  
Do facho das Euménides saltava  
Em scentelha, e scentelha um novo crime,  
Extranho aos homens, e usual no Averno.  
Ardia o coração da triste Europa  
Em chammas, que a Discordia reforçava  
C'o ardor, que zune, estala, ondêa, eterno  
Nas fragoas immortaes do horrivel Pluto.  
Pelo amplo continente, e além dos mares  
Entravam, bravejando, as leis, e as Furias ;  
Céres espavorida os ermos campos  
Ao numen da matança abandonava ;  
De iniquas mãos espolio, o docil bruto,  
Socio fiel do válido colono,  
A robusta cerviz curvava ao ferro,  
A robusta cerviz, que déra ao jugo.  
Era sonho a razão, systema o crime,  
Era fado a crueza, instincto a guerra  
No atónito, infeliz, sanguineo globo.



O cáhos resurgia, inerte, opáco,  
Do abysmo, onde o sumiste, oh Ente immenso!

Em hórridos baixéis trovões de bronze  
No alto Oceano alardeavam mortes:  
O duro inglez, o déspota dos mares,  
Torrente universal de cem victorias  
Sustinha, represava ao gallo ovante.  
Albion, portentosa, invulneravel,  
De espumas, e tropheos cingida, ufana,  
Co'as barreiras equóreas blasonando,  
Ás misereras nações atropeladas  
Mostrava o brio illeso, immune o seio,  
Da patria o sancto amor perenne, intacto.

Delirante ambição de falsa gloria  
Na Gallia turbulenta, e já não culta,  
O peito revolia aos igneos Martes.  
Nas azas da invasão transpunham serras;  
Aos rapidos guerreiros se ant'olhavam  
Valles os Pyrenéos, planicie os Alpes  
(Colossos, que dos céos o pezo aturam!)  
Iberia vacillou, tremeu Germania,  
As Aguias, os Leões se acobardáram:  
Iberia, que fez face aos reis do mundo,  
Do mundo á capital, e a gran Germaniã,  
Que outr'hora as legiões sorveu de Roma,  
Forçando o seu tyranno a dó pezado.

Tu, flor das regiões, formosa Italia!  
Dos Fabricios, dos Régulos, dos Fabios,  
Dos Brutos, dos Catões tu mãe, tu nume!  
Oh fóco da grandeza, e do heroismo!

Rival da Grecia, vencedora, herdeira !  
Viste milagres seus desarreigados  
De teu seio gentil, só digno d'elles !  
Insana usurpação, brutal rapina  
Extorquiu, profanou, desfez portentos,  
Sacros á furia de hyperbóreos monstros,  
Da tragadora edade á furia sacros.  
As mestas Artes, co'a melhor na frente,  
(Aquella que os heróes ergue da morte,  
E em metro venerando os perpetúa)  
Carpindo-se, abraçando-se, fugiam.  
Teus póvos, infeliz, teus cultos póvos,  
Dados ao ferro, á chamma, o céu rasgavam  
Em lamentos, em ais ; saudades tinham  
Do sceptro, que os Caligulas mancháram,  
Do tempo em que os tyrannos foram deuses !  
Ai ! Que faria a miseranda Ausonia,  
Sem ter Camillos, que oppozesse aos Brennos !  
Afeito a dardejar tartáreas flammás,  
O Vesuvio pasmou do extranho incendio,  
E de enorme vulcão por entre as fauces  
Alçando o torvo Dite a fronte adusta,  
Quanto vira no inferno olhou no mundo.  
O mundo agonisava . . . oh céos ! Nem Lysia,  
A que á sombra de Jove altêa o cólo,  
Nem Lysia se eximiu do mal nefando,  
Lysia, de um semideus herança, e patria !  
Nos seus, imagem vossa, elysios campos,  
Já bramava o furor, manava o sangue ;  
Já . . . mas subito, á voz do Omnipotente,

Que os Aquilões nos Zephyros converte,  
 Recolhe as azas a procella immensa,  
 Librada sobre o lugubre universo.

Ante o solio de innumeros luzeiros,  
 Que alumia os salões da Eternidade,  
 Teu nome, alto João, e as preces tuas  
 Contra o commum flagello empenhos foram.

« Eia, ministros meus : em risco é Lysia !  
 (D'entre milhões de sóes o Eterno exclama)  
 Se a quiz exp'rimentar, salv-a quero.  
 A promessa de um Deus não retrocede,  
 E d'ella inda lembrado Ourique exulta.  
 O que Affonso escutou João merece,  
 As virtudes do avô melhora o neto :  
 Vós sabeis ante mim quanto differe  
 O pacifico heroe do heroe guerreiro.  
 Momento, em que hei fadado a paz do globo,  
 Anexo ao p'rigo está, que Lysia corre.  
 Ide, Espiritos meus, Concordia, vòa :  
 Azedos corações adoce o nectar,  
 Que entorna em meus jardins manhan sem noute.  
 Concurrentes nações — Britannia, Gallia —  
 Deponham timbres vãos, tenaz orgulho ;  
 Em laço fraternal suffoquem odios,  
 De que deixei pender do mundo a sorte.  
 Arcanos, que nem mesmo a vós se aclaram,  
 Em penetraes de bronze a mim só francos,  
 Do universal contagio o fim permittem.  
 Etherea viração comvosco adeje,  
 Que varra aos ares do orbe a estygia peste.

Co'um aceno abysmai no Averno as Furias :  
Por ora sobre a terra apenas fiquem  
Os erros dos mortaes, innatos erros,  
Té que os lave o Remorso á Natureza.  
O commercio prospére, as artes brilhem,  
Floreça a paz, a industria, a gloria, tudo.  
Os homens o pareçam. » — Disse, e fez-se.  
Em fim, Principe augusto, em fim, poderam  
Teu rogo, incensos teus dobrar um Nume!  
O que ao mundo negou por ti lhe outorga :  
Lysia vale o universo ante seus olhos.  
Imagem do teu Deus, pae de teu povo,  
Inunda o coração dos bens, que esparges ;  
Exulta, vive, reina, e brando acolhe  
Offrenda, que a teus pés depõe submisso  
Quem, dado ás Musas, e anhelando a fama,  
Se honra em teu jugo, tuas leis adora.

---

## XIII,

CONSADEADO AO NASCIMENTO DA SERENISSIMA

SENHORA INFANTA D. IZABEL MARIA.

Recitada no Theatro da Rua dos Condes.

(Anno de 1801.)

INTERLOCUTORES.

ACTOR. ACTRIZ.

ACTOR.

**M**MUSAS, Musas do Tejo, alçai ao pólo  
 Versos dignos de reis, da patria dignos.  
 Desenruga-se o Fado, os tempos volvem  
 Quaes a vate Cuméa os viu na mente  
 O mundo se renova, o cáhos triste,  
 Com que oppressa gemia a Natureza,  
 Em dias se desfaz de riso, e de ouro.  
 No manto cor de neve Astréa envolta  
 As eras de Saturno á terra guia:  
 Desliza-se dos céos estirpe nova;  
 Sorriso virginal, penhor divino,  
 Apura, formosêa os ares nossos;  
 Em Zephyros mimosos se convertem  
 Os duros Aquilões; luzeiro errante  
 Surge, rutila da sinistra parte,  
 E com faustos satélites discorre

D'este a aquelle horisonte os céos de Lysia,  
 Ingente, majestoso, e qual outr' hora  
 Dourou a alma de Julio o céu de Roma,  
 Phantasmas desvanece, agouros varre.

Salve, casta, benefica Lucina,  
 Fautora do gentil, do amavel fructo  
 Que brota de sagrada, eterna planta!  
 Salve, prole de heróes, prole adoravel!  
 Tu vens embrandecer com teus encantos  
 A ferrea idade, o seculo das Furias;  
 Amor, paz, innocencia ao mundo off'reces  
 Dos olhos infantís no doce lume,  
 Luzindo, vicejando em mil virtudes,  
 Irá no coração, maior que os annos;  
 De glorias cingirás tua existencia;  
 Por ti conciliado o céu co'a terra  
 Verêmos, e por ti verificar-se  
 Quanto as mentes phebéas têm sonhado.  
 Nos tempos de João, nos tempos nossos  
 Ha de o passo de Jove a patria honrar-nos;  
 Hão de os netos de Luso, ao deus tão gratos,  
 Qual se vive no céu, viver no mundo:  
 Mixtos os numes, e os heróes verêmos;  
 E, se rastos houver do crime antigo,  
 Apagados serão por teus influxos.

De flores se matiza em honra tua  
 A leda Natureza: o térreo seio  
 Levanta o myrto ameno, a paphia rosa,  
 O loureiro honrador, e o molle acantho.  
 Nas varzeas para ti se está sorrindo,

De aurea espiga toucado, o mez de Cères ;  
 Vai teus louvores murmurando o Tejo,  
 E ao potente Oceano, ao rei dos mares  
 ·Leva teu nome, o teu natal, teus fados  
 Na voz, que adoça ao proferir o annuncio.

Ateam-se entre as alvas, brandas nymphas  
 Doces debates : entre si contendem  
 Qual primeiro abrirá nas vitreas lapas  
 Teu nome idolatrado ; e qual primeiro  
 Teu aureo berço, teu virgineo corpo  
 Na téla imitará com sabia agulha.  
 Tumultuando os céos trovão de bronze,  
 Não murcha corações, não tolhe es hymnos  
 Que o transporte, que o jubilo desata.  
 O numen da braveza, o deus do sangue,  
 Ouvindo que teu ser já luz no mundo,  
 Do carro assolador saltando alegre,  
 O elmo, a lança, o pavez arremessando,  
 Ficará tão sereno, e tão macio,  
 Como quando entregava, accezo em gostos,  
 De Venus ao regaço a crespa fronte,  
 E co'as armas folgando os Amorrinhos,  
 Do character deposto escarneciam,  
 Character surdo aos ais, aos prantos surdo,  
 Que uns olhos, que um sorriso amollecêram.

Melindrosa, gentil, real menina,  
 Cópia das Graças, dos Amores cópia,  
 Filha digna dos paes, delicia d'elles,  
 Cresce, brilha, prospéra, exulia, vive :  
 Quaes são teus olhos os teus dias sejam, . . .

Claros, formosos, innocentes, puros !  
 Querida prole, a conhecer começa  
 A carinhosa mãe, que magoaste  
 Com agro pezadume em longos dias ;  
 Melhóra os risos teus nos risos d'ella :  
 És semidéa, ficarás deidade.

## ACTRIZ.

Para o penhor mimoso  
 D'entre os syderios lumes,  
 Olhai, benignos entes,  
 Olhai, propicios numes.

A providencia vossa,  
 Vosso favor merece  
 Quem tanto, oh divindades,  
 Comvosco se parece.

Genio de luz composto  
 Córte os ceruleos ares,  
 E dos monarchas lusos  
 Orne os pomposos lares.

Ao marchetado berço  
 Risonho se aproxime,  
 E ali requinte as graças  
 De espirito sublime.

Seus luminosos fados  
 Zelando em cofre de ouro,  
 Lustre, enriqueça o mundo  
 C'o singular thesouro ;

Afague a doce prole  
 Dos que são mais que humanos :



D'ella um só dia occupe  
O que não cabe em annos ;  
E quando em tardas eras  
Voar d'entre os mortaes,  
O céu na posse d'ella  
Gose de um astro mais.

---

**XIV.****O ACTOR AGRADECIDO A BENEFICENCIA PUBLICA.****Recitado no Theatro de Salitre.**

(Anno de 1798.)

**INTERLOCUTORES.****THALIA, E O ACTOR.****ACTOR.**

**F**ILHA de Jove, tutelar deidade  
 Dos vates immortaes, dos genios grandes,  
 Que sobre a scena golpeando o vicio,  
 Sementes da virtude arreigam n'alma,  
 E as fezes das paixões lhe extraem com arte:  
 Oh Musa festival! Não menos grata,  
 Não menos útil á moral, e á vida,  
 Meneando o pincel, com que semêas  
 A critica verdade, o sal, e o riso,  
 Não menos util, sim, não menos grata  
 Que a majestosa irman, desentranhando  
 Da funda escuridão dos tempos mortos  
 Exemplos, que do mal nos acautelem,  
 Ou modelos, que ao bem nos encaminhem:  
 Os terriveis affectos da grandeza,  
 Os crimes da ambição, de amor os crimes,  
 As artes da politica impostora,  
 O baque dos imperios derrubados:

Os Regulos, Catões, Hóracios, Codros,  
 Rivaes dos numes, victimas da patria :  
 A innocencia acolá gemendo em ferros,  
 Ali torcendo as leis protervo abuso ;  
 Ora o justo por terra, ora exaltado,  
 Ora ovante a maldade, ora abatida ;  
 Já com brutas paixões a humana especie  
 Submersa no labéo, no horror, na infamia,  
 Já virtude alteando a Natureza,  
 Em amplos corações ardendo a gloria,  
 E, fertil de portentos, conseguindo  
 Que, envolta no heroismo, agrade a morte.

Assombros de Melpómene sagrada,  
 Voltaires, Crebillons, ministros d'ella,  
 Que a attenção subjugais, o gosto, a mente,  
 Vós culto mereceis, vós sois eternos,  
 C'os outros, que immortaes vos precedêram  
 D'alta memoria na fragosa estrada !

Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate,  
 Tu, que dos corações sondando o abysmo,  
 Com vista imperturbavel em si mesmos  
 Estudaste os mortaes: pintor insigne,  
 Que o prazer, e o proveito entrelaçando  
 No engenhoso matiz das ledás cores,  
 Quaes são, quaes foram debuxaste os homens,  
 Das means condições fizeste o quadro,  
 E ao quadro breve reduziste o mundo !  
 Tu, que, não pago de instruir co'a penna ;  
 Co'as vozes sazoneste os fructos d'ella,  
 Tu és credor tambem da eternidade,

Alumno de Thalia! — E por teu nome  
Hoje espero impetrar da casta deusa  
Favor, benevolencia, abrigo, influxo;  
Hoje que, deferindo ás preces minhas,  
Do sacro monte as veigas desampára,  
São d'entre o vario circulo brilhante  
Das divinas irmans, do irmão divino,  
De Phebo, que revolve, entende os Fados,  
E no peito mortal se embebe ás vezes.

Oh Musa, que me attendes, que trocaste  
Pelas margens do Tejo as do Permesseo,  
E no clima gentil, que aromatissa,  
Vês luzir florecente amenidade,  
Vês tão risonho o ceo, tão verde a terra,  
Sentes de mil Favonios os suspiros,  
A ciciosa turba, que vaguêa,  
Pulindo os ares, namorando as flores,  
Quaes lá no cume excelso, estancia tua:  
Digna-te de influir-me activas forças,  
Capazes de hobrear com meus desejos.  
De ti pende o regradar-me a voz, e o gesto,  
Para que nem transponha a Natureza  
Nas azas de fervor desattentado,  
Nem cobarde rasteje áquem da méta,  
Roto o véo da illusão. Meus olhos pintem,  
Mostrem meus labios a influencia tua,  
Agora que de esplendido congresso  
Magnanimo favor me especializa,  
Geral beneficencia a mim dimana.

Honre os suores meus, oh divindade,

A gloria de attrair mais digno premio,  
 A gloria de aprazer aos illustrados  
 Nest'arte de sentir paixões alhêas,  
 Quasi transmigração a essencia nova.

    Ás supplicas mortaes propicia annues !  
 Feliz meu coração ! Feliz meu rogo !

*THALIA.*

Honrosa gratidão te inflamma o peito,  
 Da patria o doce amor te ferve n'alma,  
 Sagrados, candidissimos objectos,  
 Que da terra, e dos céos merecem tanto !  
 Prometto de inspirar-te em honra sua ;  
 Não temas fraquear, terás comigo  
 Nos lances, nas acções de mais momento  
 Não visiveis os manes instructores  
 D'aquelles que no Tâmis, no Sena  
 Ao claro nome seu padrões alçaram,  
 Ou revocando as generosas cinzas  
 De finados heróes, ou exprimindo  
 Em character menor paixões mais brandas ;  
 Cingidos de tal arte á natureza,  
 Que a mente, pelos seculos errante,  
 Oh Grecia ! Oh Grecia ! Teus milagres via,  
 E o mais em que se apraz a humanidade.  
 Exerce, actor ditoso, exerce as forças,  
 Que á patria, de que és filho, estás devendo ;  
 Confia na assembléa espectadora,  
 Na sublime nação, que afaga as artes,  
 Que, á virtude, ao saber, e ás Musas dada,

Tambem com mestra mão colheu meus louros.

Lá onde entrar não ousam tempo, e morte  
Os Ferreiras, os Sás perennes brilham ;  
Elles no meu thesouro estão velando,  
E o genio creador, que os fez eternos,  
Mil vezes das estrellas deslizado,  
Em lustrosos effluvios se reparte  
Por vós, oh lusos vates, que inda á Fama  
Dareis com que afadigue as linguas cento,  
E a plaga occidental por vós espante  
As outras, do renome alheio escassas.

ACTOR.

Oh mais que fausto agouro ! Oh patria ! Oh numes !  
Oh deusa protectora ! A teus influxos  
Sagrarei por altisonos cantores  
De ethereo resplendor c'roados hymnos.

---

## XV.

## Ao PUBLICO.

Em nome de Leocadia Maria da Serra, no dia  
do seu beneficio.

Recitado no Theatro do Salitre.

(Anno de 1799.)

INTRODUCTORES.

ACTOR, E ACTRIZ.

ACTOR.

**P**OR uma estrada só não se encaminha  
O genio lidador, votado á Fama :  
As diversas paixões tem fins diversos,  
São diversos os gráus, onde a virtude,  
Onde a gloria aos mortaes colloca os nomes.  
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte  
Raios de ferro, ou bronze arrosta aquelle :  
Arde, freme, esbravêa, arqueja, espuma,  
Em quanto, do espectaculo aterrada,  
Parece que recúa a Natureza.  
Este em douda vigilia, e reclinado  
Da planta de Minerva á sombra amiga,  
Estuda os corações, estuda os tempos,  
Sonda costumes, characteres sonda,  
E, corrigindo os mais, a si corrige.  
Est'outro, desdenhando a baixa terra,  
Nos extasis phebêos discorre os astros ;

Tomo IV.

Travam seus olhos do futuro esquivo,  
 Da immensa eternidade arranca os Fados :  
 Mortal na condição, na voz é nume.  
 Renascem Raphaelis, Phidias renascem ;  
 O magico pincel prodigios vérté,  
 E em milagrosas mãos a pedra vive.

Tu tambem, raro dom, tu, dom lustroso  
 De exprimir as paixões, de erguer á vida  
 Claros heróes, que no sepulchro dormem ;  
 Tu, ante quem o avaro impetos sente  
 De ir desaferrolhar thesouro inutil,  
 Malfetor coração detesta o crime,  
 O que em sangue esparziu compensa em pranto,  
 E, ou receie o ludibrio, ou ame a gloria,  
 O mau se torna bom, e o bom perfeito :  
 Portentosa illusão, que senhoréas,  
 Que encantas corações co'a voz, e o gesto,  
 Tu na posteridade aos que te exercem,  
 Se és d'elles dignamente exercitada,  
 Classe (e classe não infima) grangêas.

Quanto ao sexo mimoso apura as graças  
 Est'arte, a mais irman da natureza !  
 Congresso espectador ! Vós o sentistes  
 Quando aquella, que é hoje objecto amavel  
 Do publico favor, pintou nos olhos,  
 Nos labios, nas acções, nos ais, nos prantos  
 O terror, e a piedade, alma da scena,  
 O affecto conjugal, e a dor materna,  
 Envolta em longos véos da cor da morte !  
 Benignos corações, hallucinados



De eloquente, pathética apparencia,  
 Julgastès ver surgir da morta idade  
 A esposa de Raúl, e em mil suspiros  
 Mandar o pensamento á sombra amada.  
 Soáram vivas, lagrimas correram,  
 Do transporte geral não dubia prova ;  
 E a terna gratidão, sagrado affecto,  
 Vem tributar-vos sentimentos puros  
 Na doce voz da revivente Elisa.

Chega, e vê que espectáculo pomposo,  
 De illustres cidadãos vê que assembléa  
 Concorre a proteger-te ; ouve que applauso  
 Generoso te exalta, e vai fundando  
 Em robusto alicerce a gloria tua.  
 Os dous formosos dons — temor, e pejo, —  
 Realces de teu sexo, não supprimam  
 Da bella gratidão sensiveis mostras.  
 Sólta a candida voz da singeleza,  
 Que em silencio te escuta um povo egregio,  
 Um povo, o mais feliz, e o mais amavel  
 De quantos sobre a machina terrena  
 Prodigios immortacs tem dado á Fama ;  
 Um povo submettido a leis macias,  
 Que a mão de um semideus dos céos traslada,  
 O povo de João, do heróe, do amigo,  
 Do pae commum, do bemfeitor da patria,  
 D'aquelle em que a virtude é só grandeza ;  
 D'aquelle, que de si por nós se esquece ;  
 D'aquelle em cujos dias luminosos  
 D'entre os fuzis dos seculos dormentes

Rebentam de Saturno os aureos dias.  
Enche um sacro dever, e a voz desprende.

*ACTRIZ.*

Excelsa patria minha, espectadores,  
Que tanto, e tanto honrais co'a voz, e os olhos  
Meus timidos ensaios sobre a scena ;  
Propicio tribunal, em que é julgada  
Débil mulher, que pávida caminha  
Por espinhosa, incognita vereda,  
Onde o genio talvez, onde o costume  
Tambem se desacordam, se extraviam ;  
Ou tudo vem do ensino, ou vem do exemplo :  
Recentes para mim o exemplo, o ensino,  
Fertilizar minha alma inda não podem,  
Nem conferir-lhe o tom, nem dar-lhe o gesto  
Com que um animo em outro se converte.  
Mas vejo reluzir brilhante agouro,  
Que, afagado por vós, me aponta ao longe  
Digna da patria n'um futuro honroso.

Da gloria no horisonte os olhos fito,  
E á publica, efficaz beneficencia  
Meus dias consagrando, anhélo o tempo  
Em que os esforços meus, os meus desvélos  
C'rôe mais a razão do que indulgencia,  
E eu clame, decantando alta victoria :  
« Porque é gloria da patria, estimo a gloria. »

**XVI.**

**Despedida de Antonio José de Paula  
aos Portuenses.**

**Recitada no seu Theatro.**

(Anno de 1802.)

**A**LTA virtude, sentimento augusto,  
Que, absorto no esplendor, na dignidade,  
Na grandeza, no ser, distancia, fórma  
Das estrellas, do sol, do mar, da terra,  
De quanto constitue a Natureza,  
Ergues de céos em céos ao rei dos entes  
Nuvem de aromas, que perfuma os hymnos,  
Quando além do universo, além do espaço  
Se embebe a voz mortal no seio eterno!  
Divina Gratidão, que até rompêste  
Por entre immenso horror, de Lybia os ermos,  
Que déste nos leões exemplo aos homens,  
Que do novo espectáculo assombraste  
O vasto circo da orgulhosa Roma,  
Tornando carniceira, horrivel féra  
Ante o seu bemfeitor macia, e branda!  
Divina Gratidão, tu és, tu foste,  
O orgão de meu dever serás co'a patria.  
Meus labios com teus sons aromatiza,  
Dá-me a tua energia, impulso, alteza,  
Converte-me em ti mesma, ou sê meu nume.

Egregios, venturosos habitantes  
 Do opulento, affamado, antigo emporio,  
 D'a, que aos patrios annaes, ampla cidade  
 Nos fastos deu materia, e nome a Lysia,  
 Filhos de excelsa mãe, da torreada,  
 Majestosa rival d'alta Ulysséa,  
 Sensíveis attendei-me, ouvi benignos,  
 Verdade, e gratidão, que sóam d'alma.

Nos campos desiguaes onde Thalia,  
 E a carrancuda irman, com riso, e pranto  
 Melhoram corações, o vicio punem,  
 Usei com rosto imberbe, e planta incerta  
 Dos Barons, dos Le Kains seguir a estrada,  
 De fragoso terreno, e fim remoto.  
 No estudo, no suor, no ardor, no gosto  
 Meus dias envolvi, sonhei doural-os  
 De um brilhante futuro: honrar, e honrar-me.  
 Tentou ave rasteira os vôos de aguia,  
 Já no clima natal, já n'outros climas;  
 Cem vezes adejei, tremi cem vezes  
 Ante os cumes da Gloria, a mim vedados:  
 Queria o coração, não pôde o genio.

Co'a mente recuando ao gran principio  
 Do merito, que luz na scena heroica,  
 Do merito, que luz na média scena,  
 Vi que, emulos, eguaes, o actor, e o vate  
 Deviam florecer nas artes suas;  
 Que ao genio imitador, na voz, no gesto,  
 Nos ais, no pranto, no terror cumpria  
 Reforçar a illusão, que em igneo metro

De assombrosas paixões presenta o quadro,  
Ou mostra em tom meão communs affectos.

Eis aos olhos mentaes me off'rece Athenas  
A terrivel tragedia, alçando o braço,  
No semblante o furor, n'alma o remorso,  
Entre luctos, punhaes, traições, venenos.  
Além vejo Menandro, ali Terencio,  
Plauto ali, motejando humanos vicios,  
Correndo a grandes fins por tenues meios;  
Olho os mestres da Scena, os orgãos d'ella,  
Que fazem da illusão brotar proveitos,  
Quaes nunca, ou mui d'espaco os dá verdade.

Venerando espectaculo da idéa,  
Graves objectos, que atterrais audacias,  
Serenos, todavia, ousos arrostar-vos.  
A patria me protege, influe, excita,  
A meu tremente adejo alenta os vôos,  
Acolhe-me o fervor, me avulta o nada.  
Illustres cidadãos, congresso amavel,  
Á sombra de Ulysséa, á sombra vossa,  
Meus fados abriguei, meu ser, meu nome.  
Character grande, espirito sublime  
Honra as margens ao Tejo, ao Douro as margens:  
Aqui confere o genio, e lá confere  
Beneficencia, amor, esteio ás artes.

Nadando o coração n'um mar de affectos,  
Ao mais sentimental que sae d'entre elles,  
Á magoada saudade as vozes pede,  
Que de violenta ausencia o custo exprimam...  
Mas porque exerço a voz, se da amargura

A suprema eloquencia está nos olhos?  
Vai zelada em meu peito a vossa idéa,  
Zelada contra os Tempos, contra os Fados:  
Da minha gratidão perenne, intensa  
Serão mais um triumpho a Morte, e o Lethes.

E tu, que, attento ás leis, á patria, á gloria,  
De Astréa imparcial cultor, e alumno,  
O publico repouso estás velando;  
Tu, alto pelos teus, por ti mais alto,  
Que afagas, que mantens, que fertilizas  
Magnanimo, illustrado, as artes bellas:  
Prospéra, em honra tua, em honra d'ellas.  
Dure, brilhe teu nome em quanto o Douro  
Levar nas fartas ondas turbulentas  
Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

---

## XVII.

## AO PUBLICO.

**Em nome de um Actor no dia do seu beneficio.**

**Recitado no Theatre da Rua dos Condes.**

(Anno de 1803.)

**R**EQUINTADO artificio além da méta  
Tentava da illusão levar o imperio.  
Graças mimosas, feminis encantos,  
Espinhosos desdens, macio afago,  
Prisão tão doce aos corações, o riso,  
E o pranto, aos corações prisão mais doce :  
Affectos, que dulcisonos se exhalam  
Na voz, orgão de amor, feminea, branda,  
Ha pouco, em som viril falsificados,  
Um agro não sei que deixavam n'alma ;  
De ternas sensações (já dor, já gosto)  
Vazio o peito, suspirava encher-se ;  
O pensamento, o coração pediam  
Mixto aprazível de verdade, e engano.

A sabia Natureza, a mãe das artes  
Eis volve á scena lusa, e já com ella  
Florece a formosura, attráe, sacia  
Olhos sedentes, soffregos ouvidos.  
Zenobia, Elysa, Cleofide acordam  
De eterna escuridão, de ferreo somno.  
Dos seculos o pezo ellas sacodem,

E em niveas faces, em purpureos labios,  
No talhe majestoso, em alma, em tudo,  
Vem reinar sobre a scena, e são quaes foram :  
O attento espectador palmêa, exulta,  
E a fonte das paixões borbulha, e corre  
Por flóreo, natural, gentil caminho.

Eu, oh d'alta Ulyssêa illustre povo,  
Eu, de tenues paixões frouxo arremedo,  
Em habito falaz exercitando,  
Os quadros distingui moraes, e amenos,  
Onde alegre illusão com risos mente.  
Meu passo, minha voz, vontade, affectos  
À natureza em fim se restituem :  
Qual me quiz, qual me quer, qual sou, pratico  
O que arte escassa, o que mesquinhas luzes  
À mente escura, indocil me doáram.

Espectadores meus, que honrais meu dia,  
Risonha complacencia os erros doure  
Do inerte, humilde actor, que a patria implora.  
Sêde o que fostes, e talvez, surgindo  
D'entre os nomes communs, será meu nome,  
Oh claros cidadãos, prodigio vosso.

---



**XVIII.****Ao PUBLICO.**

**Em nome de um Actor, no dia do seu beneficio.**

**Recitado no Theatre de.....**

**M**USA de altas paixões não vem na scena  
 Aos olhos franquear sanguineo quadro ;  
 Hoje as furias d'Amor punhaes não vibram,  
 Nem véрте surda morte em peito incauto  
 Co'a dextra da traição lethaes venenos :  
 Não tendes que temer, almas sensiveis,  
 Agra impressão de lugubres affectos :  
 Não, não vereis o parricidio negro,  
 Com serpes na melena, e serpes n'alma,  
 Todo o inferno embeber no insano Orestes :  
 Não, não vereis phrenetico ciume  
 No silencio, nas trevas ululando,  
 Nivea belleza em flor murchar sem mágoa,  
 Encantos divinaes sumir ao mundo,  
 Gesto mimoso, de innocencia ornado,  
 Olhos, e labios, que chorando, e rindo  
 Doce tumulto nos sentidos movem ;  
 Trança de anneis subtís, brincando em ondas,  
 Còlo de amores, halito de rosas  
 Zaira não soltará nas mãos do amante

Entre os ais de ternura os ais da morte :  
Não ha de enternecer-se, arripiar-se  
A mente, e o coração na dor de Elaire,  
Na sanha de Orosman, de Atréo na taça.

Surge á scena espectáculo attractivo,  
Em que Amor com Virtude, em nó suave,  
Os costumes abrande, ameigue a vida.  
Notarás outra vez, congresso illustre,  
Congresso bemfeitor, por quem mil vezes  
Agros destinos meus se tornam doces,  
Outra vez notarás o puro exemplo  
Dos muitos, que exercitas, dons sublimes :  
Verás, desaggravando a Natureza,  
Facticiã condição não dar virtudes,  
O character moral não vir da sorte,  
E o genio dos heróes luzir nos servos :  
Em quanto pavonêa inflado orgulho,  
Cevando de illusões a idéa esteril,  
Todo ufano de si, talvez de nada,  
E os olhos de travez lançando apenas  
Aos que em somenos grau quiz pôr Ventura ;  
Porque nescio confunde os graus, e as almas.

Generosa nação, que não confundes  
O que deu Natureza, e deram Fados :  
Oh patria, que hoje em mim teus dons semêas,  
Acolhe, escuta com silencio honroso  
Os esforços de actor submisso, e grato,  
A quem renovam descaído alento  
Louvor, e amparo, de prodigios fonte.  
O prestimo é dever sagrar-se á patria,

O que valho, o que sou jurei sagrar-lhe :  
(Se pouco valho, e sou, dar mais não posso).  
Do publico favor medrando á sombra,  
O pio sentimento em mim se arreiga :  
No merito não lógro o jus da gloria,  
Porém meu coração de vós é digno :  
Immutavel comvosco, eterna, immensa,  
A minha gratidão será meu fado.

---

## XIX.

## AO PUBLICO,

Em nome de uma Actriz, que representava o papel  
d'Ericia na Tragedia « A Vestal ».

**D**AS victimas d'Amor carpiste os fados,  
Sensível assembléa, egregio povo :  
A Musa do terror, do pranto a Musa,  
Mesclando affectos dous, que a scena regem,  
A fonte ás sensações abriu nas almas.  
Por artes de illusão revivem tempos,  
Dos abysmos da morte heróes assomam,  
E inda a ser existencia aspira o nada.  
Aos vates, a mortaes, mas quasi numes,  
Dos numes o maior de si deu parte ;  
Deu-lhes, que sobrepondo o genio aos fados,  
Nos seculos por ser, e nos que foram,  
Fizessem resurgir, nascer fizessem  
Entes de alto character, de alto nome,  
Ou indoles fataes á Natureza,  
Ou ternas condições, escravas d'ella :  
Taes vistas, foram taes — Ericia — Afranio ; —  
O féro Amor, ou déspota do mundo,  
Que os homens agrilhoa, impõe aos deuses,  
O cruel, que entre viboras, e flores

Nectar, nectar promette, e dá veneno  
Aos tristes corações, que mais o adoram :  
Elle, o commum tyrânno, aos dous amantes  
Lamentados por vós, em vez de glorias,  
Deu ancias, deu cypreste em vez de myrto :  
Tenra belleza em flor, virginea rosa,  
D'elle por impia lei caiu sem vida,  
E o misero amador, que a vê luctando  
Co'as angustias mortaes, no peito embebe  
O ferro, com que Amor fadou seu termo ;  
Ferro, que inda goteja o sangue amado,  
E em purpura trocou do seio a neve.  
Assás haveis honrado, assás carpido  
Os sem ventura, e candidos amores,  
Os suspiros sem mancha, o caso acerbo,  
A heroica intrepidez, verdugo d'ambos.

Descei vossa attenção, descei risonhos  
Para objecto menor : sou eu, não ella,  
Não Eriçia, que fala : o chôro, as mágoas  
Convertem-se em prazer na face, e n'alma :  
Nem tormentos de Amor, nem fraudes suas  
Meus labios, olhos meus agora exprimem ;  
Mas gloria, gratidão, que fervem, soam  
Da protegida actriz na voz, no peito :  
Ao merito vulgar, que rója, e treme,  
Azas dais, com que imite adejos de aguia,  
E além da propria esphera afoute os vãos :  
Eu nada sou por mim, por vós sou tudo :  
Mais que humano poder, poder sagrado  
Por vós meu ser, meu grau, meu fado altêa.

Lysia, mimo do céu, da terra esmalte,  
No seio amigo me acolheu piedosa :  
Serenos dias meus são dons de Lysia,  
E até que os deixe o sol, que os turve a morte,  
Até que os desampare a luz da vida,  
Os vossos mesmos dons vos sagro, oh lusos !

---

## XX.

## AO PUBLICO,

**Em nome da Actriz Claudina Rosa Botelho,  
Recitado no dia do seu beneficio.**

(Anno de 1805.)

**ACTRIZ** — *Claudina Rosa Botelho.*

**ACTOR** — *Victor Prophyrio de Borja.*

—  
**ACTOR.**

**O**s campos da Virtude estão desertos ;  
 Não vê, não descortina o pensamento  
 De Lybia os areaes tão sós, tão tristes !  
 Ao menos os leões ali campêam,  
 Honram co'a majestade a Natureza,  
 E na. coma lhe ondêa o regio brio ;  
 Ao menos ante os sóes, que lá flammejam,  
 De raio assolador, de raio infesto  
 Ostenta escamas de ouro a serpe enorme,  
 Multiplica òs aneis, é mil, e é uma :  
 Isto mesmo, este horror, esta fereza  
 No quadro do universo é formosura.  
 Oh campos da Virtude, estereis campos,  
 Dos serenos mortaes delicia outr'hora !  
 Mudou-se o gosto seu, de vós se temem ;

**TOMO IV.**

Tal do Caucasos bruto, ou bruto Atlante  
 (Invasores do céo, crespos de rochas)  
 Recúa o passageiro, e pasma, e foge!

« Volveste ao lar de Jove em rosea nuvem,  
 Tu, mestra das acções, dos bens origem,  
 D'alma, do coração lei viva, e sancta:  
 Este globo, oh Moral, desamparaste!  
 Com azas de relampago, seguindo  
 Teu fulgurante adejo, a prole tua  
 Dos astros muito além pousou contigo: »  
 O azedo misantrópo assim vozêa,  
 E céva o negro humor, o humor bravo  
 Nas scenas immoraes, que a terra offrece.

Enrugado censor, não mais carregues  
 O pezado sobr'olho! Em honra á patria  
 Dos sabios, dos heróes, perdóa ao mundo:  
 Dos sabios, dos heróes a patria é Lysia;  
 Não fugiu para Jove o côro amavel,  
 Acolheu-se de Lysia ao seio intacto:  
 Flores ali desparze, ali perfumes.  
 Que o halito de um deus de si vaporam.

Alveja o divinal, o ethereo enxame;  
 Filtrado nectar seu, qual doce orvalho,  
 Cae sobre as almas, e a Moral florece:

Não olhe a mente ao longe alto heroismo  
 No luso, marcio peito, a quem regala  
 Férreo costume de lidar có'a morte;  
 Não veja torrear no pégo immenso  
 O immenso Adamastor, procellas todo,  
 Que zela carrancudo as virgens ondas;



Mas depõe, mas submette aos fados nossos  
 A furia gigantêa, acesa em raios :  
 De assombros immortaes, de acções que vivem  
 Na idéa, o coração não se honra agora.

Guerreiras, e pacificas virtudes

(Mixto com que os mortaes se tornam deuses)

São de Lysia o character portentoso :  
 Deu leis co'a mansidão, co'a força espantos,  
 E a mansidão gentil vê como exerce  
 Contigo, hoje entre tantas distinguida  
 Do publico favor, do patrio affecto ;  
 Olha a Beneficencia, o dom formoso  
 Dos céos tão filho, e nos mortaes tão raro,  
 Como te anima, te prospêra, e c'róa :  
 Ah ! Cumpre que ao dever ternura unindo,  
 Mimoso gratidão te adorne os labios ;  
 Fala : sõe o dever, sõe a ternura.

## ACTRIZ.

Tropel de sensações, moral tumulto,  
 Oh patria, oh doce patria, me assaltêa !  
 De affectos na torrente alma soçobra,  
 E só dá phrase nua á boca inerte.

Dizer que és mãe de heróes, que és mãe de justos,  
 Que o genio enlouras, que o saber laurêas ;  
 Que ao merito commum, tremente e frouxo,  
 O sústo despes, a energia infundes ;  
 Que outra por teu favor me creio, ou sinto,  
 E que aspiro com elle a dar-me' á gloria ;  
 Que á vasta, majestosa, olympia estancia

Onde entre os Fados a Memoria é nune,  
 E onde os sellos impõe da eternidade  
 A titulos humanos, ja divinos,  
 Do gran livro immortal nas folhas de ouro ;  
 Que lá, co'a intrepidez do enthusiasmo  
 Por milagre da patria eu sonho erguer-me :  
 Isto já se escutou de gratas vozes,  
 Isto a meu coração talvez não basta.  
 Exhaure a phantasia os seus thesouros,  
 E áquem do teu louvor desejos ficam.

Dotes brilhantes, sociaes virtudes,  
 Aos ternos filhos seus de Lysia emanam,  
 Com practica sublime, aureo costume :  
 Sou terna filha sua, e da piedosa,  
 Da benefica mãe, que a prole amima,  
 Dotes, virtudes em silencio adoro.

*ACTOR.*

Cumpriu-se alto dever, e a patria annúe  
 Ao nobre affecto com sorriso ameno.

*ACTRIZ.*

Se aos sentimentos meus annúe a patria,  
 Outra gloria, outro fado aos céos não rogo.

*ACTOR.*

Fervam-nos sempre n'alma eguaes extremos.

*AMBOS.*

O que a Lysia se deve a Lysia dêmos.

## XXI.

AO PUBLICO:

Em nome de uma Actriz do Theatro  
da Rua dos Condes.

(Anno de 1805.)

**A** MUSA, que nas scenas de Ulysséa,  
Não sem gloria, ajustava o méτρο á lyra,  
De Elmano o só thesouro (a socia mésta  
Da, quasi muda cinza, aérea sombra)  
Inda um salvè tremente á luz envia,  
E dá versos á patria, ou dá suspiros,  
Da nobre Gratidão pelo orgão puro.  
Oh Lysia! Escuta os sons, talvez extremos,  
Que do seio affanoso, a custo, exhala:  
(O cysne divinisa os sons na morte)  
Ouve, em méτρο não baixo, ouve alto affecto,  
Que me honra o coração, na voz me ferve,  
E no patrio favor a ardencia nutre.  
Recente arvoresinha em chão bravío,  
De humor celeste definhando á mingoa,  
(E mimosa jámais de um sol fagueiro)  
Eu para a terra, para a mãe pendia,  
Que os succos mesquinhava ao tenro arbusto,  
Talvez de produzil-o arrependida.

Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,  
Me extráe, propicio, do terreno avaro,  
E em liberal torrão me põe, me arreiga.  
Subito espérta, subito enverdece  
A planta moribunda, e qual se, oh Lethes,  
Afferrasse a raiz nas margens tuas,  
Que das Furias o bafo esteriliza.  
Influxo animador me altêa, e fólha ;  
Halito ameno de vivaz Favonio  
Com macios vaivens me embala os ramos,  
Flores me adornam, fructos me ataviam :  
Os sorrisos da patria, os mimos d'ella  
Estas boninas são, são estes fructos.  
Das trevas, e da morte as aves feias,  
(De atra voz, em que o Fado ás vezes são)  
Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,  
Nas agras, negras furnas vão sumir-se ;  
E na coma louçan gorgêa encantos  
Teu cantor, Primavera, o vosso, Amores.  
Quanto sou, quanto valho, a Lysia devo,  
E a Lysia o coração na voz consagro.  
Acólhe com ternura, acólhe, oh patria,  
As offrendas por mim do triste vate,  
Que para te cantar surgiu da morte,  
E em ancias balbucia o tom dos numes :  
Houtra dêste ao cantor, dá honra ao canto.

---

## XXII.

PARA SERVIR DE "PROLOGO" Á COMEDIA

"O EXTREMOSO"

Representada no Theatre da Rua dos Condes.

(Anno de 1800.)

**E**XTREMOS, phrenesis, queixumes, prantos  
Da funesta paixão, desejo insano,  
Que envolto no prazer saltêa o peito ;  
Veneno abrazador, que os olhos bebem,  
Que, disfarçado em nectar, se insinúa  
No illuso coração, na mente absorta ;  
Sentimento oppressor da natureza,  
Da van philosophia em vão repulso ;  
Innata commoção contradictoria,  
Fonte de crimes, de virtudes fonte,  
O poder milagroso, inevitavel  
De um sorriso, de um ai: divino encanto,  
Cunho celeste, na belleza impresso ;  
Delicias, afflicção, fraqueza, e força,  
D'entre um mesmo principio derivadas ;  
Raivosas sensações, não menos furias  
Do que essas, que no Averno estão rugindo ;  
Chammas de tanto ardor como as que zunem  
No tartáreo vulcão, de lava eterna ;

O rei dos Males, o rival da Morte,  
O Ciume, o teu raio, Amor tyranno,  
Teu raio, que a Razão derruba, estraga,  
Q'inda (oh pasmo! Oh terror!) depois de extinto  
Deixa longo trovão soando n'alma:  
Eis o quadro moral, de tristes côres,  
Mas quadro proveitoso, interessante,  
Que ao luso expectador se expõe na scena.

Benignos cidadãos, sensiveis entes,  
Que das ternas paixões sabeis o custo,  
A doce tyrannia encantadora  
Com que uns olhos gentís dominam tudo;  
Extremosa nação, tu, que idolátras  
Tenue cópia do céu na formosura;  
Que elevas quasi além da Natureza  
Os dous affectos em que os mais se absorvem:  
Que tens no coração, que tens na idéa  
Presos em laço de ouro Amor, e a Gloria;  
Que, sentindo o que o mundo apenas sente,  
Choras no damno alheio o proprio damno,  
Nas fraquezas de um só vês as de todos,  
Reconheces que amor é quasi um fado,  
Um fado universal, que arrasta, e fôrça  
À loucura, á desgraça, ao precipicio;  
Que é despotico Amor, e o mundo escravo;  
Que este imperio fatal não tem rebeldes,  
Que a suberba Razão succumbe ao jugo,  
E ás vezes (oh cegueira!) o jugo adora:  
Extremosa nação! No grande objecto  
Emprega mudamente os olhos d'alma;

É tão digno de ti, quam variado  
De radioso matiz: verás que esmalte,  
Que preço, que attracção, que luz confere  
Á belleza exterior moral belleza ;  
Por entre 'desatinos da vontade,  
Tumultos da paixão, sem lei, sem freio,  
Por entre confusões, por entre sombras,  
Que do cego amator o acôrdo enlutam,  
Verás como florece, illesa, intacta,  
A suave innocencia, inda mais bella  
Se em lide porfiosa obteve a palma.

Virtude os meios ama, odêa extremos,  
Extremos são no mundo ou erro, ou culpa :  
Do mesmo que abrilhanta a humanidade  
Longe, longe, oh mortaes, o injusto excesso !

Dramaticas acções tem só por alvo  
O proveito commum : sarar costumes  
Quando enfermos estão ; com riso, ou chôro,  
Com brandura, ou terror, fazer que brilho,  
Que triumphe a moral : d'aqui se colhe  
Lição proficua, prestadio exemplo.  
A eschola da verdade está na scena,  
E tão pasmoso effeito ás vezes brota,  
Que a virtude se aprende até no vicio.

---

## XXIII.

PARA SERVIR DE "PROLOGO" AO DRAMA  
"NUNO ALVARES PEREIRA."

Representado no Theatre da Rua dos Condes.

(Anno de 1801.)

VARÃO digno de Lysia, ou Roma, ou Grecia,  
(Quando Grecia existiu, quando houve Roma);  
Alta planta de reis, até dos mesmos  
Que, só mortaes na essencia, o Tejo adora;  
Pereira, aos seus, e a si pavez tremendo,  
A dragos, a leões Alcides novo,  
Vivo na tradição, na historia vivo;  
Aquelle, a cujo ferro, a cujo raio  
Da intriga, da traição caíram monstros,  
E rôtas no alicerce, e derrocadas  
As torres da ambição, do orgulho as torres;  
Aquelle, que, insoffrido a jugo extranho,  
Foi base onde João manteve o solio,  
Que aposta durações co'a eternidade:  
Nuno, o maior talvez dos lusos Martes,  
Que á publica razão, que ao bem da patria  
Deu sangue, deu suor, deu pensamentos;  
Que, surdo á natureza, em gloria absorto,  
No peito aniquilou privado affe:to,



E, de louros sombria a fronte excelsa,  
 Fatigadas por elle as tubas cento,  
 Em sagrado retiro ergueu da terra  
 (Ca d'entre os reis de pouco ao rei de tudo)  
 A mente, digna só da immensa Idéa ;  
 Illusões expulsou, despiu phantasmas,  
 Achou verdade o homem, sonho o grande :  
 Eis o que hoje na scena, honrando-a, surge,  
 Aos lusos esplendor, saudade, exemplo ;  
 Semente, que expelliu milhões de assombros  
 Na idade em que medrou, nas que a seguiram.

Mas não sómente, oh patria, o claro objecto  
 Te domine a attenção, te chame os olhos :  
 Se abala os corações character grande,  
 Infausta condição quem não commove ?

A Musa em que apparece o gran Pereira,  
 Negramente sadada, urdiu nas sombras  
 Difficil têa, que palpava incerta ;  
 Do miserando auctor nos olhos tristes  
 Eterna escuridão pousou mais cedo.  
 Nos abysmos da morte, á luz sumido,  
 Fervendo em sancto amor, que as leis arreigam,  
 Colhe entre espinhos de árida existencia  
 Fructos de gloria com que briude a patria,  
 Propicio nome, que lhe ameigue os fados.

Que direito ao louvor ! Que jus ao pranto !  
 Chora seu fado, oh Lysia, honra seu nome.

## XXIV.

(FRAGMENTO.)

Para se recitar no Theatro. por occasião  
de regosijo publico.

(Anno de 1805.)

.....

**N**A vasta perspectiva encantadora  
Se embebe o coração, se embebe a mente :  
Oh pae da Natureza, eterno, immenso,  
Este imperio proteje, onde a virtude  
Erguida sobre o throno á sombra tua  
O templo social reforça, estêa,  
Manda que a paz celeste, e seus encantos  
Em luminoso grupo abrindo as auras,  
Baixem de Lysia novamente ao seio.  
Ferva nos corações, nos olhos ferva  
A ternura, esse bem por ti creado,  
Para se consolar, e ornar-se o mundo :  
Maravilhas de um Deus um Deus amime :  
É do teu doce amor João thesouro,  
Não ouse negro véo nublar-lhe os dias ;  
Qual é seu coração seus dias sejam  
Lustrosos, firmes, transparentes, puros :  
Eterniza das leis o ardor sagrado  
D'ellas escudo, consistencia d'ellas,

E o sol, reflexo teu, jámais aviste  
Da tumba occidental ao berço Eóo  
Virtude, que a João no throno eguale,  
Grandeza, que deslumbre a patria minha!  
Ah! Que em chusma, em tropel me estão surgindo  
Sentimentos fieis, delicias d'alma;  
Eia, soccorre a voz tremente, incerta,  
E em hymnos sôe o cordeal transporte.  
(*Cantam.*)

---

## XXV.

**Fragmento de um prologo, para se recitar no  
Theatro.**

(Anno de 1805.)

**H**OJE surge ante vós, congresso illustre,  
A Musa, que fatal, que desgrenhada,  
Rege scenas de horror, scenas de sangue:  
Que nas cruentas mãos, nos olhos feros  
Traz desesperação, punhaes, venenos;  
Que as eras tenebrosas invadindo,  
Entrando por montões d'edades mortas,  
Co'a vigorosa mão revolve as cinzas,  
Tyrannos arrebatada, heróes arranca  
Ao silencio do nada, ao somno eterno.  
Colhe d'entre os annaes do antigo mundo  
Feias paixões, catastrophes medonhas,  
Virtudes, vicios, a innocencia, o crime;  
Colhe os males d'então, e os males de hoje,  
Esses, que a Natureza envenenaram,  
Esses, que a Natureza inda envenenam.  
Devorante Ambição tragando imperios,  
A Discordia brutal desfeita em raios,  
Rubras ondas fervendo em torno d'ella;  
Politica feroz as leis calcando,  
Negra Perfídia vaporando infernos;  
Da razão, da vontade Amor dispondo,  
N'uns olhos, n'um desdem, n'um ai, n'um riso!

.....

**XXVI.**

**Offerecido ao Juiz e mais Festeiros de  
Nossa Senhora da Graça da Carnota.**

**D**oce filha do céo, doce harmonia!  
 Ao seio dos mortaes ás vezes dêsces,  
 E qual rutilas na mansão dos numes,  
 Sobre a terrena estancia resplandeces :  
 Principio da união, que liga os entes,  
 E que n'um só paiz o mundo tróca,  
 Honra meus labios de teus sons divinos,  
 Anima o vate, cuja voz te invoca.  
 Celeste commoção, virtude augusta,  
 Sagrado zelo, singular piedade,  
 Conduz almas fieis a que celebrem  
 Solemne culto á summa divindade.  
 Dos gratos corações escandecidos  
 Nos extasis subindo os hymnos soam,  
 E os incensos, que o céo paga em sorrisos,  
 Purificando a terra, aos astros voam.  
 Prole da immensa luz, porções do Eterno,  
 As harpas de ouro modulando afinam,  
 E os olhos, onde o nume reverbera,  
 Sobre a terrestre pia turba inclinam.  
 És da etherea attenção primario objecto,  
 Tu, que presides ao fervor sagrado,  
 Tu, magnanimo Silva, em cujo peito  
 O character da gloria está gravado :

E tu, de malfadados meigo asylo,  
Tu, moral copia d'elle, amavel Serva,  
A quem na eternidade um gráu sublime  
Entre os amigos do homem se reserva ;

E vós, eguaes na fé, no ardor, no extremo  
Aos dous egregios peitos, que decanto,  
Viannas, e os demais, em quem se apura  
De homens, e numes o commercio sancto ;

Não menos vós, metades carinhosas  
Dos animos gentis, que entrego á lyra,  
Não menos mereceis, esposas bellas,  
As honrosas canções, que Phebo inspira.

Exercitai, cumpri, christãos ferventes,  
A fé, que os corações vos afoguêa ;  
Tereis o galardão sobre as estrellas ;  
O que a terra edifica, o céo premêa.

---

# **A CONCORDIA**

**ENTRE AMOR, E A FORTUNA:**

**DRAMA PARA MUSICA**

**EM UM SÓ ACTO.**

**Dedicado aos Annes da Illustrissima Senhora**

**D. Anna Joaquina Cardoso Accioli,**

**natural da Bahia.**

---

*S' asconda Amor n'ella mia ostra, e dia  
Sol contenti d' Amor la Musa mia.*

**Metast. Epithal.**

---

**ACTORES:**

**AMOR.**

**VENUS.**

**A FORTUNA.**

*Coro dos Amores, e das Graças.*

*Genios alados, que acompanham a Fortuna.*

*A scena se figura em um bosque aprazivel.*

**TOMO IV.**

## SCENA I.

*AMOR, E OS AMORES.*

CORO.

Oh seculos formosos,  
De candidos costumes,  
Em vós mortaes, e nunes  
O jubilo egualou.

*AMOR,*

**Q**UE encanto, que alegria,  
Graça, esplendor, pureza  
Na infante Natureza,  
Em todo o ser, brilhou!  
Então do tenro mundo  
À superficie amena  
Descendo a Paz serena,  
A terra em céu tornou.

CORO.

Oh seculos formosos, &c.

*AMOR.*

O sol, então recente  
Lá na recente esphera,



De assídua primavera  
Té brenhas esmaltou.  
As ondas preguiçosas  
A espaços desmanchando,  
O mar fagueiro, e brando  
N'arêa então brincou.

CORO.

Oh seculos, &amp;c

AMOR.

A um tempo ali se viram  
O fructo, e flor pendentes ;  
Em limpidas correntes  
O nectar murmurou.  
Em vós, oh almes dias,  
Amor era um thesouro ;  
Em vós, oh dias de ouro,  
Tudo sentiu, e amou.

CORO.

Oh seculos, &amp;c.

AMOR.

Ah que saudade eterna  
Turvára ao mundo a face,

Se o Fado a Amór negasse  
O bem, que lhe outorgou !  
    Dos dous ao rogo, ao mando,  
Do somno em que jazia  
Surgiu celeste dia,  
E a Natureza ornou.

CORO.

Oh seculos, &c.

AMOR.

Um dia em que mais lèda  
A rara nuvem córa,  
E vem trajando a Aurora  
Galas, que nunca usou :  
    Um dia em que tão bella,  
Ou mais do que Acidalia,  
Nascendo a meiga Analia  
O imperio meu firmou.

CORO.

Oh seculos, &c.

AMOR.

Alados socios meus, fervente origem  
Do jubilo supremo,

Que as delicias do Olympo a Jove apura ;  
Nunes do coração, reis do universo,  
Amores, elle em nós hoje prospéra ;  
Hoje da fonte de immortaes luzeiros  
De novo emana um dia,  
Que exalte, que remoce a natureza.  
Salve, natal de Analia,  
Salve, luz, com que Aurora  
Mais que de tantas mil se ensuberbece !  
Quando apontou vaidosa a vez primeira  
Na de purpura, e de ouro  
Tenue, bordada nuvem,  
Que aljofares entórna,  
Não tinha o brilho, a cor de que se adorna.  
Eis os campos de Amor, eis os meus campos,  
Aureo terreno amigo,  
Por quem Paphos enjeito, enjeito Idalia :  
Aureo terreno amigo,  
Onde mais que mortal parece o gosto,  
Onde embalsama os ares,  
Onde serena os rios,  
Dá viço, dá matiz, dá mimo ás flores  
A salutar, fragrante  
Respiração de Analia.  
Analía, meu thesouro, e vosso encanto,  
Merece a Amor, aos céos, aos Fados tanto.

## ARIA.

Verdes bosques, viçosas campinas,  
 Dos Amores suave morada,  
 Onde Analia mimosa, engraçada,  
 Qual a rosa louçan germinou:  
 Recamai-vos de tenras boninas,  
 Com que brinque Favonio ligeiro,  
 Que este dia, dos seus o primeiro,  
 Dos prazeres nas azas voltou.

## SCENA II.

*Os Amores, e a Fortuna, que desce rapidamente  
 em um globo, ladeada de Genios.*

## AMOR.

**P**ORÉM aos olhos meus que objecto assoma!  
 És tu, deusa falaz, és tu, Fortuna,  
 De phantasticos bens depositaria,  
 Tantas vezes, ou sempre a Amor contraria?

## FORTUNA.

Sou eu, menino audaz, sou eu, que ufana  
 No dia mais credor ás graças minhas,  
 Entre os mil Genios que meu globo enfeitam,  
 Venho sobre estes campos deleitosos.  
 Ratificar-lhe as ditas,

Ditas, que, em honra á minha doce alumna,  
Em honra á bella Analia,  
Soltas das leis do tempo aqui florecem.  
Pasma, insano Amor, de que a Fortuna,  
Cujas glorias motejas,  
Mais brilhantes, mais solidas que as tuas,  
Baixe ao feliz terreno,  
Onde raro penhor da Natureza,  
Mortal quasi divina  
Em dobro com meus dons, com meus afagos  
Triumphas, resplandece?  
Mais que a ti me pertence honrar seu dia,  
Desdiz muito da minha a essencia tua,  
É de outro grau meu nome.  
O respeito, o prazer, bastões, e os sceptros  
São dadas, são mimos  
D'esta mão bemfazeja,  
D'esta mão, que á de Jove apenas cede.  
Com ella o mundo antigo, o novo mundo,  
(Que, productora de Analia,  
Sobresáe ao primeiro)  
Com ella quanto existe abranjo, illustro.  
E tu de vãos deleites,  
Ou mortaes dissabores  
Frivolo auctor, e venenosa origem,  
De que os mesmos favores  
Ao que os possui affligem,  
Tu, que duros farpões atraçoados  
As molles almas, de que és deus, apontas,  
Assim com voz proterva, assim me affrontas?

Do céu cabe aos moradores  
 Rir da morte,  
 Mas por sorte  
 Também meus escravos são.  
 Té Analia branda, e bella,  
 Que os encanta, que os desvela,  
 Já pendeu da minha mão,

*FORTUNA.*

Tu, que ostentas de rei da natureza,  
 Que sacrilego arrogas  
 Té no arbitrio de Jove imperio summo,  
 E crês que a teus virotes  
 Cede o raio, o pregão da omnipotencia,  
 Rende graças ao dia  
 Em que Analia mimosa  
 Dispoz o orgulho meu para a brandura.  
 Se não fôra este indulto,  
 Se o momento dourado este não fôra  
 Em que serena abrindo  
 Os olhos divinaes á luz primeira,  
 Em vez de brando chôro,  
 Soltou sorriso brando,  
 E ser dos astros vinda  
 Mostrou na face linda,  
 Fizera. . .

*AMOR.*

Que fizeras, que attentaras,  
 Caprichosa deidade,  
 Contra mais que celeste immuniidade?

## FORTUNA.

Toda a tua altivez por mim repulsa,  
Opprobrio teu seria :  
Em quadro viras de affrontosas cores  
Teus males, teus perjurios;  
Pranto, e sangue por ti fervendo em rios ;  
A Suspeita rugosa  
Perdida entre illusões, entre phantasmas,  
Sombras palpando, e crendo ;  
Viras queixosas, pallidas Saudades,  
Já fitos sobre a terra os turvos lumes,  
Já vãmente alongados  
Para climas ditosos, onde os gostos,  
Os bens do coração lhe some a Ausencia ;  
Viras sobre vulcão de flamma eterna,  
Respirando traições, venenos, furias,  
De viboras mordidos,  
E viboras mordendo,  
Os Ciumes, a peste, a morte d'alma ;  
Viras . . . mas este dia é sacro a todos,  
N'elle até entre nós concordia reine.  
N'outro, aos céus menos grato,  
Menos grato á Ventura, á Natureza,  
Confessarás, dobrando  
Ao pezo da verdade insanias altiva,  
Que o reforço, a columna,  
A base do universo é a Fortuna.

## ARIA.

Os bens, se alguns crias  
Com tua influencia,  
Eguaes são na essencia,  
Eguaes no prazer.

Os dons, que derramo  
Com placido rosto,  
Differem no gosto,  
Differem no ser.

## AMOR.

Da lívida suspeita, e vil perjurio,  
Da traição, da inconstancia, e da saudade,  
Do pranto, e do queixume,  
Do rabido ciume,  
Inferno de apurados amadores,  
Falas, oh deusa injusta,  
Como se fossem meus crueis ministros,  
Crueis sequazes meus! Não consideras  
Que o bando horrivel de tão negros males,  
Que de Jupiter mesmo azéda instantes,  
Prole não é de Amor, sim dos amantes?  
Damnos sem conto, que aos mortaes fulminas,  
Onde estão, fraudulosa? Onde se occultam  
De raio vingador, que Analia vibra  
Dos olhos fulgurantes,  
Os companheiros teus, iniqua turba?  
Onde enfunado Orgulho?



Veladora Ambição? Mirrada Inveja?  
Onde inerte Preguiça,  
Que as almas adormenta  
D'esses que amimas, d'esses que te adoram?  
Ah! Se não fôra d'este dia ameno  
A gloria, o fasto, o resplendor, e a gala,  
Que ethereo lustre eguala,  
Talvez, voluvel deusa,  
Talvez tuas pizadas não seguissem  
Beneficencia, Gloria,  
O Jubilo, a Brandura,  
Mais, mais socios de Amor que da Ventura.

## ARIA.

Quando á Virtude  
Ventura é presa,  
Tórna a belleza  
Mais singular:  
Que por si mesma  
Não é Ventura  
Arte segura  
Para enlevar.

Mas ah! Benigna mãe, tu, que em teu gremio,  
De flores, e delicias enfeitado,  
Comigo a linda infancia acalentaste  
De Analia melindrosa,  
Descuidas-te em seu dia,  
Dia das Graças, dia dos Amores,

Descuidas-te de ornar com teus sorrisos,  
 Com tua voz divina  
 O solemne fervor, que tudo inflamma !  
 Eia, apressa-te, oh mãe ! . . . Com vivo adejo  
 Dirige aqui, dirige  
 Das pombas amorosas  
 O niveo par gentil, que enfrêam rosas.

SCENA ULTIMA.

*Desce Venus em um carro tirado por pombas,  
 entre as Graças, os Risos, os Encantos, etc.*

—  
 VENUS.

**S**OCEGA, filho meu ; não foi descuido  
 Minha longa tardança,  
 Antes cuidado, que de Analia bella  
 Me deve o genial, brilhante dia :  
 Era digno de mim, de Jove, e d'ella  
 Findar tenaz porfia,  
 Antiga opposição, fatal discordia  
 Entre Amor, e a Fortuna.  
 Atraídos vontade, e pensamento  
 A tão prestante objecto,  
 Na concha matizada os céos demando,  
 Entro de Jove os paços,  
 E ante a face immortal, com brandas preces  
 Extráio á mão suprema

Alto decreto, que a Fortuna obriga  
 A ser-te socia, oh filho, a ser-te amiga.  
 Em sacrificio terno  
 Aquella por quem és maior, mais nome  
 Que por tantas, e tantas  
 Com que o Tâmise, o Tejo, o Tibre, o Sena  
 Susurram de ufanía :  
 Oh que seculos vale a Amor seu dia !  
 Aprouve, apraz aos fados  
 Que de Analia se esquivem Tempo, e Morte.  
 Em seus dotes absorva  
 Razão me inspira que espontanea Venus  
 O cinto vencedor a Analia ceda,  
 E altar, e incenso, e culto.  
 Vamos, Fortuna, Amor, Encantos, Graças,  
 Da nova deusa aos lares,  
 De aureas Virtudes templo,  
 Cantar seus dons, seu nome: eu dou o exemplo.

## CORO.

Acorde melodia  
 Vôe, enfeitice os ares,  
 E os majestosos lares  
 Sõem prazer, e amor.

## VENUS.

Tu sempre a elle unida,  
 Junto de Analia bella,  
 Gosa nos olhos d'ella  
 O olympico fulgor.

*AMOR.*

Analia, que, sorrindo,  
De corações se apossa,  
É mais que imagem nossa  
Na graça, no esplendor.

*FORTUNA.*

Nada possui a terra,  
Que a tanto bem se eguale:  
Os meus thesouros vale  
Seu minimo favor.

*CORO.*

Acorde melodia  
Vôe, enfeitice os ares,  
E os majestosos lares,  
Sóem prazer, e amor.

---

**A [illegible]**

**[illegible]**

**[illegible]**

**[illegible]**

**[illegible]**

**[illegible]**

**[illegible]**

**A SINCERA.**

**A HOSPITALIDADE.**

**A LIBERDADE.**

**A POLICIA.**

**A LIBERTY.**

**O GENIO LUSITANO.**

**Logar da Secza**

**Praca magnifica sobre as margens do Tejo.**

**TOMO IV.**

"



## SCENA I.

*A Sciencia por um lado, e a Indigencia por outro  
com a Hospitalidade.*

## SCIENTIA.

**E**u, que elevo os mortaes, e os esclareço ;  
 Que méço a lua, o sol, que o mundo abranjo ;  
 Que da vetusta idade aclaro as sombras ;  
 Que entro por seus arcanos, e revóco  
 D'entre o pó, d'entre a cinza, d'entre o Nada  
 Ao século vivente as éras mortas ;  
 Que docil fiz o indómito Oceano,  
 Abysmo de pavor, de bojo immenso,  
 Que só por alta lei não ~~surve~~ a Terra ;  
 Eu, do gran Jove, confidente e imagem,  
 Que do Fado os mysterios desarreigo  
 E co'a moral dos céos cultivo o globo ;  
 Eu, a Sciencia, eu fonte, eu mãe das Artes,  
 Que sei desirmanar na intelligencia  
 Entes, na fórma eguaes, na especie os ~~mesmos~~,  
 Tornando-os entre si tão desconformes,  
 Qual dista do selvagem bruto, e fero,  
 Macio cidadão, que as leis puliram :  
 Ah ! não posso impetrar, colhêr dos numes  
 Para os alumnos meus pavez sagrado

A teus golpes. Fortuna, inteiro, illeso !  
 Sem que benigna mão lhe adoce os fados,  
 Sem que escassa piedade o chame á vida,  
 De vigílias mirrado o sabio morre.  
 Almas corrompe do egoísmo a peste ;  
 Camões, Homeros na penuria cantam :  
 Eil-os co'a gloria temperando a sorte ;  
 Sòam prodigios de um, prodigios de outro ;  
 Férrea caterva os ouve : admira, e foga.  
 Só quando o vate é cinza, o muito é nada,  
 Por elles se interessa o mundo ingrato ;  
 Na gloria esteril de epitaphio triste  
 Solidos bens o barbaro compensa :  
 Contradictoria humanidade insana !  
 No insensível sepulchro os sabios honra,  
 E os sabios não remiu na desventura !  
 Quaes elles foram diz, não diz qual fôra :  
 Nas almas frias o remorso é mudo.  
 Ai dos alumnos meus ! Soccorre-os, Fado,  
 Risca do livro eterno o duro artigo,  
 Que ao mérito, ao saber seus premios véda ;  
 Aquece os corações no ardor da gloria,  
 Fraternalisa os mortaes, onde suspiram,  
 Os poucos filhos meus co'a mãe prosperem ;  
 E onde com seus innumeros sequazes  
 Colhe triumphos, a Ignorancia gema.

*INDIGENCIA.*

Mãe veneravel, teu queixume ouvindo,

Amarga-me da vida o fel em dobro.  
 A filha tua, a misera Indigencia,  
 Que muda te escutou piedosas magoas,  
 Contigo vem gemer, carpir contigo  
 A moral corrupção, que empésta o globo.  
 Plagas e plagas entre as socias minhas,  
 Entre as mansas Virtudes hei vagado.  
 Pela voz da Pureza (a que é de todas  
 A mais formosa) deprequei o auxilio  
 De inchado cortezão, que um deus se cria.  
 Melindre, candidez, virginea graça  
 (Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)  
 Aos olhos do suberbo expôz seus males.  
 De gesto acezo, ovante elle a contempla,  
 Nem um momento á dôr constrange o vicio;  
 Em vil proposição, que as Furias dictam,  
 Profâna da Innocencia o casto ouvido,  
 E em cambio da virtude exige o crime.

*SCIENCIA.*

Céos! Que infamia! Que horror! Prosegue, oh filha,  
 Succumbiu a Innocencia á vil proposta?

*INDIGENCIA.*

Não, que nos olhos meus velavam deuses,  
 Fautores da virtude; escuta, e fólga.  
 O celeste rubor, que tinge a Aurora,  
 Sóbe á face gentil, e as rosas brilham;



Mas subito tremor branquêa-o logo,  
 Eil-a, de olhos no céu, recúa, e geme:  
 Eu porém, que no effeito observo a causa,  
 Ao seductor pestifero arrebatô  
 O objecto divinal, que o torna um monstro.

*SCIENCIA.*

Olha o céu na Innocencia a imagem sua.

*• INDIGENCIA.*

Murchas no horror do abominavel caso,  
 Inda comtudo as esperanças minhas  
 Levei de lar em lar, devendo a poucos  
 Piedade accidental; bati cem vezes  
 Às surdas portas de sumido avaro,  
 (Sumido em subterraneo abysmo d'ouro).  
 Falára o monstro, se falasse a morte:  
 O silencio dos tumulos o abrange,  
 Ante o metal (seu deus) que em ferreos cofres  
 Co'a vista famulenta o vil devora;  
 Servos d'elle (o poder é tal do exemplo!)  
 Depois de longo espaço, e vans instancias,  
 Co'um desabrido « Não » me affugentaram.

*SCIENCIA.*

De tudo ha monstros mil na especie humana;  
 Mas todos vence da Avareza o monstro.

*INDIGENCIA.*

Attende ao mais, e adoçarás teu pranto,  
Do centro da Impiedade em fim retiro  
Os fatigados pés, e os dirijo aos campos,  
Absorta nas imagens carinhosas,  
Com que afagais a idéa, oh aureos tempos!

*SCIENCIA.*

Se ali não ha virtude, onde é que existe?

*INDIGENCIA.*

Pobre choupana, que forravam colmos,  
Humildes lares, que zelava um nume,  
Attráem meus olhos, e meu passo animam,  
Chego, e curvo ancião, que ali repousa,  
Grande em seu nada, na indigencia rico,  
Sorrindo-se me acolhe, amima, e nutre.  
Sancta Hospitalidade! Eras a deusa,  
Que o rugoso varão, madura esposa  
E imberbe prole sua abençoava!  
Com milagrosas mãos os parques fructos  
Nas arvores fadadas avultando,  
Para os errantes, pallidos, mesquinhos,  
Que eterna Providencia lá dirige,  
Leda colhias saboroso alento;  
E qual outr' hora a um Deus, incluso no homem,  
Muito do pouco a teu querer surgia.

## HOSPITALIDADE.

Conferiu-me esse dom quem té ao insecto  
 Provê, do que lhe cumpre, a tenue vida.  
 Deixando influxos meus no casto alvergue  
 Onde Beneficencia, e Paz convivem,  
 Acompanhar-te quiz ao vasto emporio  
 De Lysia, do universo, á gran cidade,  
 Que espélha os torreões no vitreo Tejo,  
 D'onde sagradas leis despede ao Ganges.  
 O globo é puro aqui, e aqui parece  
 Estar inda na infancia a Natureza,  
 Bella, serena, candida, innocente;  
 Principe amado, imitador dos rumes,  
 Ao publico baixel menêa o leme;  
 Numéra os dias seus por dons, por graças,  
 E o merito sem susto encara o throno:  
 Se o gravame do sceptro acaso inclina,  
 É sobre os hombros de ministros puros,  
 Dignos do alto esplendor, que sâe da escolha.  
 Um d'elles, cujo nome é charo aos justos,  
 Que tem, que exerce o ministerio sancto  
 De velar sobre o publico repouso;  
 Que encarcêra, agrilhôa, opprime o vicio,  
 O contagio dos maus aos bons evita,  
 E em piedoso recinto abriga, instrue  
 A puericia, que em flor dispõe ao fructo:  
 Luceno, o zelador dos sãos costumes,  
 Páe do infortunio, da sciencia amigo,  
 Guarida vos promette: expõe, expõe

Ao ministro exemplar, meu claro alumno,  
 A vossa condição: vereis descer-lhe  
 Dos olhos paternaes amavel pranto,  
 Proveitoso, efficaz, não pranto esteril,  
 Que momentaneas sensações produzem,  
 E' o merito infeliz, qual viram, deixam.  
 Em Luceno o favor segue a piedade;  
 Mortal, que os immortaes sem custo imita,  
 E o bem, só porque é bem, desenha, opéra.  
 Eia, vinde; eu vos guio aos bemfazejos  
 Lares seus, lares meus: sereis ditosos,  
 Oh Sciencia! Oh Penuria! — Os céos o ordenam.

## SCENA II.

*O Genio da Nação, e as mesmas.*

—  
 GENIO.

**O**s céos o ordenam, sim; vai, guia, oh deusa,  
 Essa illustre infeliz, e a mesta prole  
 Ao magistrado eximio, ao grande, ao justo;  
 Cessem queixumes, esperanças folguem.  
 Ide; o Genio de Lysia, eu que dos deuses  
 Tive alta commissão de olhar por ella,  
 De engrandecer-lhe, de affinar-lhe a gloria,  
 E honral-a de opulencia incorruptivel;

Eu, que espontaneo déra o grau de nume  
 Por este, que exercito, augusto emprego  
 De escudar Lysia c'o pavez dos Fados,  
 Oh Penuria! oh Sciencia! Eu vos abono  
 Do ministro sem par, favor, e asylo.

*SCIENCIA.*

O céo por ti se exprime: o céo não mente;  
 Oraculo de Jove, eu te obedeço:  
 Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;  
 Guia-me, oh deusa.

*HOSPITALIDADE.*

Guio-te á ventura.

## SCENA III.

*O Genio só.*

**T**EREIS o galardão, tereis o louro,  
 Que á virtude compete, immota, illesa  
 Entre os duros vaivens de iniqua sorte:  
 Desgraçado o mortal, se o chão não trilha  
 Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,  
 Que subito depois converte em flores!...

Mas que ufano baixel retalha o Tejo! (1)  
 Brincam no tópe flammulas cambiantes,  
 E cambiante bandeira as ondas varre!  
 Eis vóa, eis se aproxima! . . Um quasi monstro,  
 De aspecto feminil, tigrinas garras,  
 De trage multicôr, lhe volve o leme!  
 Que turba enorme á sua voz maréa,  
 E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!  
 Desce a vaso menor a horrivel Furia,  
 Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço. . .  
 Lá vem, lá toca sobre a aréa e solta.  
 Inimiga dos céos! (2) És tu, profana!  
 Sacrilega, falaz, blasphemadora,  
 Peste dos corações, orgão do Averno!  
 Vens tambem macular com teus venenos,  
 Com halito infernal, e atroz systema  
 Campos, que meu bafejo elysios torna!

*LIBERTINAGEM.*

Orgão não sou do Averno, o Averno é sonho (3)  
 Para mim, para os meus; não soffro o jugo,  
 Que sobre corações tão férreo péza.  
 Phantasticos deveres não me illudem;

---

(1) Aparece um baixel, d'onde pouco depois desembarca a Libertinagem com sequito numeroso.

(2) Corre para ella.

(3) Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Genio da Nação.

O sensível me attrão, do ideal não curo,  
 Só de palpaveis bens fecundo a mente ;  
 O bando, que allicio, e que prospéro,  
 Vive em prazeres, em prazeres morre.  
 Compleição dos Catões, moral de ferro,  
 Furia, Libertinagem me noméa ;  
 Mas o character meu destróe meu nome,  
 Delicias ao teu seio, oh Lysia, trago,  
 Não cruas oppressões, nem agros males,  
 Que o phantasma Razão produz, machina ;  
 Eu sou a Natureza ; ella não manda,  
 Que o gosto opprimas, que os desejos torças ;  
 As' paixões coutentar, não é louçura :  
 Prestar-lhes attenção, vontade, assenso,  
 É lei, necessidade, e jus dos entes,  
 Olha : com sceptro de ouro impéro, oh Lysia ;  
 Franquêa o pensamento a meu systema,  
 Despe imagens chimericas, e approva  
 Que a posse do universo em ti remate.

## GENIO.

Enganas-te, perversa, os céos a escudam ;  
 De Lysia puro incenso aos numes sóbe,  
 Arde em virtude, inflamma-se na gloria ;  
 Moral, religião, saudavel jugo,  
 Que péza aos impios, que aos iniquos péza,  
 Nunca foi grave a Lysia ; heróe supremo,  
 Que é na terra o que é Jupiter no Olympo,  
 Aqui, não com violencia, e não com arte,

Mas pelo exemplo morigera os lusos,  
Só menos que as deidades venturosos.  
Não manches estes céos, tartáreo monstro,  
Não corrompam teus pés o são terreno,  
Onde jaz da Virtude o trilho impresso.  
Écco da majestade, a voz te aterre  
Do zeloso ministro infatigavel,  
Luceno, ao throno, ás leis, aos deuses curvo,  
Que, em vinculo fraterno atando os povos,  
Os vê curvos ao throno, ás leis, aos deuses.  
Negreja, a teu pezar, o horror, que douras,  
O inferno, que não crês, de ti fuméga,  
E o remorso tenaz te rói por dentro.  
Este povo de heróes, de irmãos, de justos,  
Teu character maldiz, teu nome odêa.  
Aparta-te d'aqui. . . mas tu repugnas!  
Guerreiros da Virtude, e flor da patria, (1)  
Que limpais a Moral de intrusa escória,  
Eia, apurai o ardor contra esse monstro;  
A vosso invicto exforço a Furia cêda,  
Do gremio da Innocencia o Vicio fuja.

*LIBERTINAGEM.*

Não se alcança de mim victoria facil.

---

(1) São tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vai destroçando.



## GENIO.

Satélites da Gloria! Avante, avante!  
A pérfida fraquêa, a palma é vossa.

## LIBERTINAGEM.

Colhêste contra mim triumpho inutil:  
Lysia perdi, mas senhoreio o mundo. (1)

## SCENA IV.

*O Genio, e Tropa.*

## GENIO.

**G**RACAS, oh numes, succumbiu a infame!  
Heróes, eu vos bemdigo o marcio fogo,  
O rapido valor, que n'um momento  
A melhor das nações salvou do estrago. . . (2)  
Mas, deuses, soffrereis que n'outro clima,  
Talvez á infamia sua ignóto ainda,  
Sobre o lenho orgulhoso aporte a fera,  
E toxico respire, e peste exhale!  
O sacrilegio pune: um raio, oh Jove,

---

(1) Embarcam-se tumultuosamente, sempre accossados pela tropa.

(2) Vai-se a Tropa.

Um raio a torne cinza, um raio abysme  
 O ligneo torreão no equóreo centro!. (3)  
 Annuiste-me, oh deus! É chamma todo!  
 Lá cáe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve!  
 Vai, monstro, vai saber, desesperado,  
 Se é phantasma a razão, se é sonho o inferno.  
 Vai no horrendo tropel dos teus sequazes  
 De momentanea flamma á flamma eterna;  
 E eu, ministro dos céos, submisso aos Fados,  
 Vou por mão de um mortal encher seus planos.

## SCENA V.

*Carcere subterraneo, onde estarão os Vicios, e os Crimes  
 agrilhoados, exprimindo variamente nos  
 géstos a sua desesperação.*

*A Policia com Guardas.*

## POLÍCIA.

**C**ONTRA os vicios communs, que pouco empecent,  
 Exercer correcções não só me é dado.  
 Velai, guardas fieis, sobre os perversos,  
 Que a Policia commette ao zelo vosso,  
 Até que o raio Némesis dispare

---

(3) Cáe o raio sobre o baixel da Libertinagem, e o abraza.

Co'a ferrea voz de tribunal supremo.  
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,  
A supplicio exemplar, que sare a patria  
D'impia contagaão, reservo aquelle  
De todos o mais duro, o mais funesto,  
Que, instrumento servil de atroz vingança,  
Tingiu vendida mão no sangue alheio.  
Ao cutélo de Astréa em vão fu.taste  
Colo rebelde ás leis, oh tú, cruento  
Lobo nocturno, que, vibrando as garras,  
A mansos cidadãos ouro, existencia  
De mixtura usurpavas, sem que ao menos  
Tremesse o coração, e as mãos tremesses.  
Estes, mais que nenhuns, velar se devem,  
Estes nas feias, subterraneas sombras  
Para o pavor da morte a mente ensaiem.  
Eu, luz do bom Luceno, eu alma, eu tudo.  
Corro, entretanto, a suggerir-lhe idéas,  
Com que os publicos bens floream, medrem.  
A Sciencia, e Penuria, antigas socias,  
Em seus lares por elle ha pouco ouvidas,  
O fertil patrocínio lhe imploraram.  
Em lagrimas lhes deu penhor singelo  
De firme protecção : vós, indigentes,  
Seus effeitos vereis, vereis, oh sabios.  
Que a mente, e o coração por vós divido.

## SCENA VI.

*Salão majestoso da Policia, adornado das estatuas  
de varias Virtudes.*

*O Genio, e a Hospitalidade.*

GENIO.

**E**IS-ME na estancia da Policia augusta,  
Cultora da razão, das leis, do solio.  
A titubante, a pávida Indigencia,  
Que já dos males seus alivio gosa,  
Por mão do bemfeitor, que os céos inspiram,  
Vem co'a Sabedoria honrar seu nome,  
De interna gratidão sagrar-lhe os cultos;  
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,  
E o salão venerando entrar não ousam.

## SCENA ULTIMA.

*Os dictos, e a Policia, que, ouvindo as ultimas  
palavras, sáe de repente.*

POLICIA.

**F**OI sempre este logar franco á virtude,  
Entraí. (1)

---

(1) Entram as duas.

*HOSPITALIDADE.*

Longe de vós um vão receio.

*POLICIA.*

Cumpri vosso dever, tecei contentes  
 De Luceno o louvor. *Materia summa*  
 As virtudes vos dão, que resplandecem  
 Em brilhantes estatuas majestosas  
 N'este brilhante, majestoso alcaçar.  
 Aquella, que risonha os olhos firma,  
 Como que rosto supplice attentando,  
 É a Benevolencia, e diz no afago,  
 Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,  
 Ante duro ministro enfrêam preces,  
 E só do compassivo, e só do affavel  
 A presença demandam, que os conforte,  
 Que ao rogo n'um sorriso o effeito augure,  
 E não de altiva injuria avilte o rogo.  
 Esta é o Exemplo, est'outra é a Inteireza;  
 Ali Fidelidade o jaspe anima;  
 Desinteresse além reluz, e avulta;  
 Mais perto voluntaria Obediencia  
 Curva o docil joelho: eis as Virtudes,  
 Que formam, bom Luceno, o teu character,  
 Todas egregias, necessarias todas.

*SCIENCIA.*

Verdade, e Gratidão nos labios nossos,  
 TOMO IV.

Approvam quanto soa em honra d'elle.

*INLIGENCIA.*

Oh reinante feliz com taes vassallos!

*POLICIA.*

Folga, Sciencia, e tu, Penuria, folga,  
 Dado me é recrear-vos, ser-vos guia  
 Ao Principe immortal, de quem reflectem  
 Raios de luz para o ministro excelso;  
 Que o seu mór premio tem na régia gloria.  
 Curvai-vos, e admirai o heróe sublime,  
 Que Lysia adora, e que adorára o mundo,  
 Se o mundo todo merecesse olhal-o. (1)  
 Vêde a seus pés o magistrado insigne,  
 Que n'elle se revê, que a bem da patria  
 A grandeza real submisso implora!

*HOSPITALIDADE.*

Quanto a Virtude altêa a dignidade!

*SCIENCIA.*

Oh jubilo! Oh ventura!

---

(1) Abre-se o fundo do theatro, apparece o retrato do Principe Regente com o Magistrado a seus pés, offerecendo-lhe os votos mais uros da nação.

## INDIGENCIA.

Eu pasmo, eu tremo!

GENIO. (1)

Heróe, sacro aos mortaes, acceito aos numes,  
 Olympico fulgor compõe teus dias ;  
 Os céos na minha voz mil dons te abonam,  
 Com meus olhos teu povo os céos vigiam ;  
 O commercio por ti de fé se nutre ;  
 As artes, a virtude, as leis triumpham ;  
 No solio, no poder tens base eterna ;  
 Tua alma sobresáe aos teus destinos ;  
 E de teu puro arbitrio esse orgão puro,  
 É digna escolha tua, aos astros voa  
 No rasto de ouro, com que o pólo esmaltas.  
 Subditos de João, rendei mil cultos  
 Ao gran regente, ao inclyto character,  
 Que n'elle divinisa a especie humana :  
 A voz da gratidão se alongue em vivas,  
 E cordeal ternura os labios honre.

CORO.

Oh luso heróe ! Baixaste  
 Da estancia divinal !  
 Tu és um deus visivel,  
 Oh Principe immortal !

---

(1) Dirigindo-se para o retrato do Principe Regente.





**POEMETOS.**



# METAMORPHOSES ORIGINAES.

## I.

### ARENEO E ARGIRA.

---

**E**STRO de Ovidio, seguirei teus vôos,  
Se não me é dado emparelhar contigo.  
Depois que de Thessalia o rei piedoso  
As pedras converteu na especie humana,  
Quando já pela fragil Natureza  
De novo a corrupção lavrado havia,  
A moral corrupção, que gera os crimes ;  
Quando para viver cumpria ao homem  
Suando exercitar custosa industria,  
Lá perto do Penêo, tão charo ás Musas,  
N'um retiro assombrado de mil plantas  
Tinha o rude Arenêo seu tosco alvergue.  
Apenas cinco lustros numerava,  
Era de alta estatura, e de agil corpo,  
De extranha robustez, feições grosseiras,  
Olhos ardentes, e cabello escuro.

Phebo lhe ennegrecêra as mãos, e as faces  
No fragueiro exercicio em que lidava,  
Seguindo, e derribando ou ave, ou féra  
Com settas, que jámais o objecto erraram.

Extinctos os irmãos, os paes extinctos,  
Na agreste solidão vivia o moço,  
Ora subindo as empinadas serrás,  
Ora os confusos bosques indagando  
Em quanto o fulvo sol nos céos luzia ;  
E apenas desdobrava a muda Noute  
Sobre os ares subtis seu véo lustroso,  
Volvia á choça o rustico mancebo,  
De sanguíneos despojos carregado.  
Só n'isto, por effeito do costume,  
Embebido trazia o pensamento :  
Ignorava as paixões da Natureza,  
Até desconhecia a mais ardente,  
A mais encantadora, a mais funesta.

Mas ah tyranno Amor ! Ou cedo, ou tarde  
É forçoso aos mortaes soffrer teu jugo ;  
Amor, tu és um mal que fere a todos :  
Longa exp'riencia contra ti não vale,  
Ou virtude, ou razão, só vale a morte.  
Viste o ledo Arenéo no lar campestre,  
Viste-o sem ti, cruel, gosar mil fructos  
Das suadas, aspérrimas fadigas,  
E, isempto de memorias importunas,  
Molles somnos gostar no leito hervoso.  
Subito, enraivecido, impaciente  
De que inda alguém feliz no mundo houvesse;

Olhaste de travez o alegre moço ;  
Males dignos de ti depois lhe urdiste.  
Em venatorias artes doctrinada,  
Annexa ao coro da immortal Diana,  
Corria a bella Argira o valle, e o monte.  
Nos olhos tinha a côr formosa, e viva  
De que se veste o céu na primavera ;  
Á discrição dos Zephyros as tranças,  
As tranças, por si mesmas enfeitadas  
Com lúcidos anneis, com aureas ondas,  
Se ao sol se expunham como o sol brilhavam ;  
Eram, lacteo jasmim, purpúrea rosa,  
Tão alvas como vós, e tão coradas  
Da loura semidéa as brandas faces ;  
Candido pejo, virginal sorriso .  
Nos labios lhe pousava entre os Amores,  
(Amores, que inspirava, e não sentia)  
Tinha de neve as mãos, de neve as plantas,  
E o seio tentador mais bello ainda  
Que o da Cypria deidade, e não tocado.  
O frio, o vento, o sol jámais ousaram  
Crestar-lhe, endurecer-lhe a tez mimosa :  
Realçava estes dons a flor da idade,  
E ao ver-se aquelle assombro, oh Natureza,  
Extranho então se achou que o teu sublime,  
Engenhoso poder chegasse a tanto !  
Descendente de origem mais que humana,  
(Tambem não longe do Thessálio rio)  
De mil dignos amantes cubiçada,  
E ás conjugaes delicias insensível,

Não quiz ir de Hymenêo no altar brilhante  
Sacros votos firmar co'a voz, e a dextra,  
Illesa conservando a flor suave  
Que, envôlta em brandos ais, colheis, Amores.

Com estas perfeições, com estas graças  
Tramou vingança crua o Paphio nume  
Ao livre caçador, que, errando um dia  
Em ermo bosque de viçosos louros,  
Argira vio luzir por entre a rama,  
Argira, que das nymphas se perdêra,  
E que á benigna sombra de um loureiro  
Repousava do acerrimo exercicio,  
Temendo a força do Apollíneo raio,  
Que ardia no azulado, ethereo cume :  
E tendo a par de si na hervosa terra  
O luzente carcaz, vasio, em damno  
Das selvaticas féras, que avistára.  
Morno suor em cristalinas gôtas  
Pelo virgíneo rosto escorregando,  
Resplandecente aljófar parecia ;  
O canção, o calor nas lisas faces  
As rosas, e os encantos lhe avivava :  
Tal, e menos formosa, a casta Cynthia,  
Depois de ter vagado as agras serras  
Descança do arvoredô ao fresco abrigo,  
Ou entre o lindo coro, ou solitaria.

Dest' arte ali jazia a virgem bella,  
Quando o incauto Arenêo, que mal presume,  
Que mal cré por si mesmo ir enredar-se  
No laço com que Amor sagaz o espera,

Curioso, amparando-se das plantas,  
Vai manso, e manso, e por detraz de um tronco  
(Sem que o sentisse o perigoso objecto)  
No perigoso objecto os olhos firma.  
Desgraçado! Imprudente! Ah que fizeste!  
Eil-o accezo, eil-o atónico, eil-o absorto,  
Eil-o encantado, e trémulo, e perdido;  
Repentino fervor lhe escalda o peito,  
Lhe ancêa o coração, lhe tinge o rosto.

« Que assombro, oh céos! Que divindade é esta!  
(Comsigo o moço diz) será dos bosques  
A deusa pudibunda, irmã de Phebo?  
No traje, no carcaz, e em formosura,  
Em gestos o parece... oh céos! Oh deuses!  
Que encanto! Que belleza!... Eu ardo... eu morro.»  
N'isto, arrancando um férvido suspiro,  
Assusta a clara nympha, que, volvendo  
Os olhos de repente ao som queixoso,  
Te vê, mísero amante; e, visto apenas,  
Sólta um ai, lança mão do eburneo coldre,  
E vai por entre as arvores fugindo,  
Mais prompta, mas veloz do que os ligeiros,  
Silvestres brutos de ramosas fronte.

Qual ficaste, Arenéo, vendo esconder-se  
Aos olhos teus o encanto de teus olhos!  
Longa perturbação prendeu-te as plantas;  
Sem cor, sem voz, n'um extasis, n'um pasmo,  
Qual devia infundir-te o raro objecto,  
O deixaste ver; depois, saído  
Do lethargico espanto em que jazias,

Seguiste acelerado a doce causa  
Do teu mal, dos teus ais, mas já foi tarde ;  
Já co'a turba gentil se tinha envolto  
Das alvas companheiras, e com ellas  
Voltado ao bosque da Latonia deusa.

Quão saudoso, phrenetico, anhelante  
O infeliz amador se acolhe aos lares !  
Ali arde, ali geme, ali prantêa,  
Ali, sempre em cruel desasocego,  
Desvelado, e carpindo, as noutes perde.  
Apenas as manhans no céu roxêam,  
Em vez de proseguir o usado officio  
Torna ao sitio funesto onde espreitára  
O charo enlevo de seus olhos tristes ;  
Torna, mas sempre em vão, não vê nem rasto  
Que ao das queridas plantas se assimelhe.

Dias, e dias no logar damnoso,  
E pelas densas matas circumstantes  
Pragueja contra si, delira, e freme ;  
Até co'um fero impulso ás vezes tenta  
Amolado farpão cravar no peito ;  
Mas acode a benéfica Esperança,  
E com destro pincel na phantasia  
Lhe pinta de mil jubilos vindouros  
A scena, o quadro, a seductora imagem :  
De faustas illusões lhe doura a mente,  
Finge-o nos braços da risonha amada,  
E assim lhe innóva o soffrimento exausto.  
Mas nem sempre, Esperança encantadora,  
Tens arte, que hallucine os desgraçados.



Cançou de se fiar o ancioso amante  
Nas vans consolações, nas vans promessas  
Com que adoçava o acido veneno  
Da teimosa paixão, que o perseguia ;  
Cançou de se fiar ; e, abandonado  
Ao agro desengano o peito afflicto,  
A raiva em languidez se lhe converte.  
Sempre encerrado na colmada estancia,  
A gemer, e a chorar, de dia em dia  
O affanoso Arenêo se vai finando.

Amor, que do aureo throno, onde promulga  
As despoticas leis, vê toda a terra,  
Todos os corações, pôz n'elle os olhos :  
Viu-lhe a consternação, viu-lhe os tormentos,  
E piedoso uma vez, e arrependido  
Dos damnos, que forjára ao moço triste,  
Mudou de condição, quiz dar-lhe allivio.  
Eis, qual ave de Jove, estende as azas,  
Eis esvoaça, e parte, e chega, e pouza  
Ante o tugurio de Arenêo choroso,  
Que, á porta reclinado, envolto em ancias,  
Com roucas préces invocava a Morte.

« Esmorecido amante (o deus lhe clama)  
Que desesperação, que vil fraqueza  
Tomou posse de ti ! Que é da ousadia  
Com que por entre as selvas, acossando  
Cerdosos javalis de agudas prezas,  
Mil, e mil vezes affrontaste a morte ?  
Fragil mulher te affraca, e te consterna !  
Eia, recobra alento. Eu sou de Venus

O filho omnipotente, inevitavel ;  
Eu mando em corações, em pensamentos,  
Eu sou auctor de bens, auctor de males,  
E se dispuz teu mal, teu bem disponho.  
A dura negação que d'antes vira  
No rude genio teu para seguir-me,  
E o desuso em que estou de achar quem próve  
Dissabores sem mim, sem mim prazeres,  
Me instou a machinar-te o precipicio,  
E logo apercebi teu captiveiro  
Nos olhos da melhor de quantas nymphas  
Á deusa das florestas se votaram ;  
Mas notando por fim como em teu peito  
Pouco a pouco a paixão vai sendo morte,  
Quero atalhar-lhe o tragico progresso,  
E contigo applacado, affavel, pio,  
Secar teus prantos, serenar teus dias,  
De lúgubre tristeza annueados.  
Vem, que eu te guio ao idolo que adoras,  
Que rastejaste em vão por esses bosques.  
A' hora em que te falo, á hora amena  
Em que o férvido sol no mar se apaga,  
N'um fresco, e puro lago é seu costume,  
Por effeito da calma, e do canção,  
Banhar sósinha os delicados membros ;  
Que, em virginal modestia requintando,  
Nem permite ás silvestres companheiras  
Olhar-lhe nus os candidos thesouros,  
E só tendo findado a lida agreste,  
E dicto adeus ás mais, demanda o lago.

Approvo que lhes negue a doce vista  
Das altas perfeições de que é ciosa ;  
Só compete essa gloria aos meus mimosos,  
Só a ti, meu valido, a ti sómente.  
Não receies o enfado, a resistencia.  
O desdem pertinaz da inculta virgem,  
O afferro com que exerce as leis de Cynthia :  
São brandas as que dou, crueis as d'ella.  
Meu fogo, meu poder, teus ais, teus prantos,  
A Natureza, os céos por ti combatem,  
Que nem Jove immortal de mim se esquivava.  
Reina em muito a Fortuna, Amor em tudo :  
D'ella os bens, os bens d'elle extráe a audacia,  
O acanhado temor convém que expulses ;  
Exhaure os mimos, a ternura, as preces,  
E se os mimos, se as preces, se a ternura  
Baldadas forem, não o seja a força.  
Obstaculos não ha, que Amor consinta.  
Todos, todos por mim serão vencidos ;  
E se um de meus farpões, arremessado  
Contra a nossa inimiga insana, e bella,  
Não vai ferir-lhe o coração rebelde,  
Dispol-o a teu favor, e amacial-o,  
É por te não roubar a immensa gloria,  
O gosto de a render sem que eu te acuda  
Com toda a força minha. Eia, não tardes,  
Vem, que é proprio o lugar, e Amor te guia.»  
N'isto, o facho invisivel sacudindo,  
E com elle roçando-lhe no peito,  
Desusado vigor, ardencia extranha

Ao frouxo coração lhe communica.  
 Já folga, já se apresta, ufano, e ledo  
 O cubiçoso amante, e segue o nume,  
 Quasi egualando na carreira o vôo.  
 Por milagre de Amor, que o guia, em breve  
 Vence a longa distancia, avista o lago.

Jaziam na raiz de alpestre serra  
 As incorruptas aguas transparentes,  
 De que o vasto deposito arenoso  
 Só tinha pouco fundo ao pé das margens.  
 Deserto era o logar, fechado em roda  
 De mixtas, densas arvores, e idóneo  
 Ao tímido pudor da virgem bella.  
 Antes de a divisar por entre as plantas  
 Amor, e o socio, sem que os visse Argira,  
 Havia a casta nympha retirado  
 Do lago venturoso as alvas carnes,  
 E repostas as ligeiras vestiduras:  
 Assim do immaculado, amavel corpo  
 A vedada, recondita belleza  
 Teus olhos, Arenêo, não profanaram!

Co'a vista immovel nas immoveis aguas,  
 Á margem ceterior do lago ameno  
 Abstracta reflectia a semidéa:  
 (Era a meditação talvez presagio  
 Do imminente perigo!) ainda em terra  
 O formoso carcaz lhe reluzia,  
 Por onde agudas settas apontavam.  
 Amor, para frustrar-lhe a resistencia,  
 A distracção da nympha aproveitando,

Mais veloz que o relampago, e mais leve  
 Que os Favonios subtis, adeja, furta  
 Os nocivos farpões no rico estojo,  
 (Tudo é facil a um deus, não foi sentido)  
 Torna com elle, occulta-o entre o mato,  
 E diz com mansa voz, com voz suave  
 Ao mancebo (que atonito ficára  
 Da vista encantadora) — « O que desejas  
 Ali tens. Sólta o freio a teus suspiros,  
 As lições, que te dei, vai pôr em uso. »  
 Cala-se, e, já co'a mente em mais emprezas,  
 D'elle se aparta, sóme-se, voando.  
 D'estas palavras Arenêo pungido,  
 Á pressa para a nympha os passos move.  
 Ella, ao sentir pizadas, volta os olhos,  
 È, vendo-o já propinquo, receosa,  
 (Qual se fôra de um Satyro assaltada)  
 Á aljava quer lançar as mãos de neve,  
 Mas da aljava o signal só vê na arêa;  
 E, em subito furor arrebatada,  
 Inda que ao caçador pende dos hombros  
 Carcaz do seu diverso em cor, e em fórma,  
 Se hallucina, se abstráe, baldões profere,  
 De infame roubador, de vil o accusa.  
 « Não, não sou roubador, (elle a interrompe)  
 Sou teu amante, escravo de teus olhos,  
 Victima da ternura » — e proseguindo,  
 Com vivissimo ardor lhe expõe, lhe afirma  
 As ancias, as saudades, os delirios,  
 Os males que soffreu depois que a vira.

Ousa mais : de consorte a mão lhe pede,  
 Da austera irman de Pbebo as leis condemna ;  
 Jura que a lei de Amor só é ligada,  
 Só conforme á Razão, e á Natureza ;  
 Blasona, ostenta de affouteza, e de arte ;  
 Outro Orion se diz, e por mil modos  
 Quer attrair a indomita donzella,  
 Insta, para apiedar-lhe o genio duro.

Ella, que ouviu suspensa, e como absorta  
 As ternas expressões do audaz amante,  
 Só, e não tendo ali com que punil-o,  
 (Já suspeitosa de amoroso insulto)  
 Em fogo os olhos, arrugada a testa,  
 Com raiva lhe gritou : « Não mais, insano ! »  
 E á fuga se dispôz ; mas o mancebo,  
 A que um tal desengano as ancias dobra,  
 Quasi fóra de si, lhe impede o passo,  
 E, depois que outra vez deu uso aos rogos,  
 Aos requebros, e aos ais, porém sem fructo,  
 As ternuras vertendo em ameaços,  
 Carregado o semblante, a voz pezada :  
 « Insensivel ! Feroz ! Oh penha ! Oh tigre !  
 Oh barbara inimiga ! (o cego exclama)  
 Se a Amor não cedez, cederás á raiva.  
 Annue a meu desejo, a meus extremos,  
 Ou . . . » — Convulsa de horror ao som terrivel  
 D'estas vozes crueis, a semidéa  
 C'os vagos olhos todo o sitio corre :  
 Vê d'um lado a lagôa, a serra ingente,  
 E o phrenetico amante do outro lado ;

Vê que fugir não póde, e neste aperto,  
 (Fitos nos céos os maviosos lumes)  
 « Oh leis augustas da immortal Diana!  
 Sanctas leis do pudor! Dever sagrado!  
 A vós me sacrifico. « Assim falando,  
 Arremessa-se ao lago a malfadada  
 Co'a pressa com que o raio a nuvem rompe.  
 Ao vél-a baquear, sumir nas aguas  
 Subito acode o moço arrebatado.  
 O brunido carcaz, e o arco arroja;  
 Lança-se apoz a nympha, e mergulhando,  
 (Que as ondas qual delphim cortar sabia)  
 Depois de estar occulto alguns momentos,  
 O lindo corpo amado extráe sem alma.  
 Eis, com elle nos braços sobre a arêa,  
 Á desesperação, e á dor se entrega:  
 Vê-se auctor da tragedia lastimosa,  
 Sem lume os olbos vê, que lhe eram vida;  
 Vê na face macia, e puro seio  
 Formosa a pallidez, formosa a morte;  
 Chora, soluça, applica os frouxos labios  
 Á gentil, muda boca, e n'ella imprime  
 Beijos. . . ah! Beijos bem diversos d'esses  
 Com que o soffregio Amor se apraz, se encanta;  
 Até que supportar já não podendo  
 O pezo da miserrima existencia,  
 N'um transporte, n'um impeto invencível,  
 Co'a mão convulsa pelo peito enterra  
 Ponteagudo viróte, e cáe, e expira  
 Junto da nympha, que morrendo abraça.

Foi seu ai derradeiro a Amor voando,  
Da catastrophe atroz foi 'dar-lhe aviso ;  
E o nume enganador, que accezo andava  
Com guerra em que alta gloria obter podia,  
Mal que ouviu no suspiro o triste annuncio  
Desistiu por então da grande empreza,  
E ao theatro volveu do caso acerbo.  
Lá, no horrendo espectaculo attentando,  
Collige dos signaes, e circumstancias  
Que de Argira o rigor, e a pertinacia  
Foram causa fatal da morte de ambos.  
Dá-se por gravemente injuriado,  
A sua omnipotencia a si convoca,  
Avisinha-se aos dous, e por castigo  
Da féra ingratição, do amargo insulto  
Em feia ran loquaz converte a nympha,  
Para que no logar onde acabára,  
Para que, ás mesmas horas em que altiva  
Ousou baldar-lhe os fins, baldar-lhe os gostos,  
Começasse a rogar, porém vãmente  
Com voz descompassada aos céos vingança,  
Tendo sempre em memoria azeda, e viva,  
O seu antigo ser, e o lance infausto.

Já se vai apoucando o nívco corpo,  
Despe a cor, perde a fórma, e, recebendo  
Nova respiração, vozéa, e salta  
No lago cristalino. Amor em tanto  
Pago, ufano de si, de estar vingado,  
Co'um ar piedoso a vista apenas lança  
Ao mancebo infeliz, e o deixa, e vòa :



Tão mesquinha em Amor é a piedade!

Indo a cruzar um prado, acaso á dextra  
Dirige os olhos, que o luar lhe ajuda,  
E descortina sobre a relva amena  
A gosar da frescura em ocio brando  
Délia formosa co'as sequazes nymphas,  
Já descontentes de tardar-lhe a sócia.  
Co'um intimo despeito as olha, as mede,  
E por dar-lhes pezar, por dar-se gloria,  
Librando-se nas azas cor de fogo,  
Narra-lhe em breves, empolados termos  
Qual fôra a morte, a punição de Argira,  
E nos ares, a rir, desaparece.

De lagrimas se banha o bello coro  
Apenas ouve o deploravel caso:  
Eis que de Apollo a irman lhes diz — que a sigam:  
E com ellas caminha ao fatal sitio,  
De vingativo impulso estimulada.  
Chega, observa na arêa as tristes provas  
Da tragedia cruel; olha o viróte  
No peito de Arenêo todo entranhado,  
E d'isto não contente, e ainda irosa  
Da acção de Amor, e intrepidez do amante  
Co'a nympa mais prezada, e mais pudica  
De quantas pelos bosques a acompanham,  
Para a desaggravar, para vingar-lhe  
Tanto a transformação como a virtude,  
(Reparar não podendo o damno injusto,  
Porque as obras de um deus nenhum desmancha)  
Portentosas palavras murmurando

Contra o corpo sanguento, o piza, o muda  
Na ave importuna, que prevê desastres,  
Difunde agouros, abhorrece o dia,  
E, quando vem do lobrego occidente  
A fusca Noute semeando horrores,  
Ou nas arvores pousa, ou entre as fragas,  
Onde, em quanto arrancais, oh rans limosas,  
Enfadoso clamor, que atroa os ares,  
(Do que era, e do que amou saudosa ainda)  
Até que aponta no horisonte a Aurora  
Em voz desconcertada está carpindo  
Seu miserando amor, seu negro fado.

---

## II.

## CALLIPO, OU O RIO SADO.

(FRAGMENTO.)

Não longe do terreno, onde Erythrée  
A torreada fronte aos céos erguia,  
Erythrée hoje entre ondas, entre aréas  
Por terrível phenomeno abysmada,  
Que hoje gosa entre nós de Troia o nome,  
(Talvez por que seus fados assemelham  
A'quella, que cevando a furia Argiva,  
Desengano do orgulho, em cinzas dorme)  
Junto aos campos viçosos, ledas praias  
Que já Tubal pizou, que logram d'elle  
Fastoso, veneravel monumento;  
No teu grato recinto, oh patria minha,  
Primeira fundação da plaga Ibérica;  
Lá sobre o chão formoso, em que se aprazem  
Flora, as Graças, Amor, Favonios, Musas,  
Lá no clima feliz, onde esquivando  
Minha mente infantil aos molles brincos  
Maior que a idade, e soffrego da Fama,  
Oh Phebo! Oh nume! Oh pae! Libei teu nectar:  
É firme tradição, que em tempo ignoto  
Morreu de ingratidões mesquinho amante,  
Mimoso fructo ali de antiga planta.  
Iman dos corações, Tirsée amavel,

Branda cantora do menino Idalio,  
Que á bella candidez do metro ameno  
O encanto, a melodia, o mimo apuras,  
Se desprendem teus labios d'entre as rosas  
Em aureas fontes as delicias d'alma ;  
Gloria das nymphas, dos Amores gloria,  
Que em doce galardão recebes d'elles  
Sorrisos, beijos, esperanças, flores,  
Meiga Tirséa, Tagide sensível,  
Que te dignas de ouvir na margem d'ouro  
A lyra triste, que me adoça os fados,  
As cordas onde sôa Amor, e Analia,  
Honre o silencio teu meus sons, meus versos ;  
Verás o que é contigo affavel nume,  
Que dureza exerceu, que tyrannia  
Co' um animo fiel, de prantos digno  
Cuja historia surgiu piedosa, infausta  
Por entre as nevoas da remota idade ;  
Ouve, e suspira ; um teu suspiro é premio,  
Vale um suspiro teu da Fama o brado !

Era o moço Callipo ardor suave  
De quanta formosura, e quanta graça  
Girava os serros, discorria os valles,  
As arvores, e as fontes habitava.  
Todas (fossem mortaes, ou fossem deusas)  
Nos olhos do mancebo esmoreciam,  
Nos attractivos seus se embellezavam :  
Traído em ais o virginal mysterio  
Dariam as mortaes por elle a vida,  
Por elle as immortaes o ser divino ! . . .

De não menor paixão crêdor na face,  
 (Assucenas em parte, em parte rosas)  
 Crêdor no coração, credor em tudo  
 Extremos lhe repelle o moço esquivo ;  
 Não porque ás leis de Amor contrario fosse,  
 Leis, que o Fado gravou em bronze eterno,  
 (Altas leis, que a teu seio, oh Natureza,  
 Envolta no prazer a essencia mudam ;  
 Que geram, que difundem, que abrilhantam  
 Rainha do universo, especie humana,  
 Tuas mil perfeições, teus mil portentos ;  
 Leis, que á planta dão fructo, á flor perfume,  
 Susurro ás virações, gorgeio ás aves,  
 Brandura aos tigres, aos leões brandura.)  
 Mas por que inda não tinha olhado a nympho,  
 Que o céo lhe destinava em vencedora.

Adonis gloria, e dor da Cypria deusa,  
 Tu, que entre os braços seus, e encantos d'ella  
 (Taes que até Jove lhe chamára encantos)  
 Porque mais do que vida ali gostavas  
 Padeceste depois mais do que morte  
 No dente infausto do terrivel monstro,  
 Adonis miserando, ah ! Tu não foste  
 Mais formoso talvez, nem mais amado,  
 Que o triste, cujo nome aos tempos furto,  
 Nome, que irá luzir *comigo* aos astros,  
 Ou no Lethes *comigo* irá somir-se !

. . . . .  
 . . . . .

# QUEIXUMES DE AMOR,

## E DA AMISADE.

---

**O**H vós, emanações da divindade,  
Prazer, consolação das almas grandes,  
Vós, que em suaves, em mimosos laços  
Prendeis os corações, e os pensamentos ;  
Vós, que não só de aspérrimos costumes  
Usais purificar a humanidade,  
Que até dos tigres, que na Hyrcania rugem,  
Das sérpes, dos leões, que a Lybia infestam,  
Mitigais o voraz, o féro instincto :  
Oh divinos irmãos ! Oh par celeste !  
Oh doce Amor ! Oh candida Amisade !  
Vingai-vos de nefandos sacrilegios,  
De mil profanações, mil torpes crimes,  
Mil horrores, que fervem, que negrejam  
Sobre vossos altares sacro-sanctos !  
Jove, Jove immortal, senhor do raio,  
Porque na rubra dextra o tens em ocio ?

Se as fézes, se o peor de quantos vícios  
O abrazado, espantoso abysmo eterno  
Pelos igneos vulcões artoja á terra ;  
Se a vil ingratição, se a vil perfidia  
Soffres em muda paz, e não te acórdam  
A somnolenta cholera meus brados,  
Para que nova especie de maldade  
Reservas teu furor ? Se és deus, és justo,  
E deves, como tal, vingar teu nome,  
As tuas leis vingar, vingar meus males  
Nas almas desleaes, crueis, infames  
Que o céo com falso voto assuberbaram.

Pune, oh deus, pune o perfido Mirtilo,  
Pune a traidora Isméne, objectos sejam  
Da suprema vingança inevitavel  
Dous infieis espiritos corruptos.  
Em teus sacros altares ainda jazem,  
Fumegam ainda as cinzas venerandas  
Do immaculado incenso, que a teu nume  
Votaram minhas mãos, e as mãos da ingrata ;  
Inda nas ermas grutas d'este bosque  
Resôa a voz dos écos faladores,  
Que em opprobrio da perfida repetem  
Promessas que lhe ouvi, que tu lhe ouviste.  
Sim, por teu nome, oh deus, sim, por teu nome,  
Por teu nome ineffavel a traidora  
(Tintas de pejo as faces, orvalhados  
De lagrimas de amor seus olhos meigos,  
E absórtos para o céo) jurou ser minha ;  
Jurou que em delcitoso, em aureo laço,

Em laço que Hymenêo téce á Virtude,  
Na torrente de candidos prazeres  
Comigo engolpharia o pensamento ;  
Que para sempre então na sua idéa  
Se haviam de sumir, voltar ao nada  
O mundo, a natureza, excepto Elmano.  
Não paga de ardentissimos protéstos,  
Em doces, em furtivos caractéres  
Imprimiu, renovou tão ternos votos.  
Eu os conservo, oh Jove ! Elles accusam  
A maior das traições, a mais infame,  
No teu gran tribunal justiça imploram ;  
Tu debes aterrar com alto exemplo  
As almas, que propendem para o crime,  
E firmær na innocencia os virtuosos ;  
Pelo estrago dos réos, debes vingar-me :  
Quem offende os mortaes os céos offende.  
A monstros, que, sacrilegos profanam  
De Amor, e da Amisade as aras sanctas,  
Não bastam, não convêm, não correspondem  
Esses males communs, communs flagellos  
Com que as brutas paixões sem lei, sem freio,  
Ou attentados de remota origem  
Fulminas da estellifera morada.  
Castigos cria, inventa, e cáiam, chovam  
Sobre os crueis artifices perversos  
Da desesperação, que me atassalha ;  
Sim, chovam mil, e mil, porém teus golpes  
Não sejam tão mortaes que matem logo :  
Gradúa-lhe o veneno, e dóbra as forças,



Engrossa o vital fio aos dous ingratos.  
Teimosa, penosissima existencia,  
Transcendente em tristeza, em amargura  
Aos damnos da tartárea eternidade,  
Lhe arranque d'alma horrisonas blasphemias,  
Que avivem teu furor, e os seus effeitos.  
Ordêna, summo deus, á tôrva Morte  
Que subito em mil mortes se converta,  
Que manso, e manso os perfidos consuma :  
Seculos gire o sol, milhões de vezes  
Negando-se aos antípodas, aclare  
O clima, que dous monstros enxovalham,  
E ainda os ache a morrer. Com tudo, oh Jove,  
Se na cadêa de horrorosos dias  
Queres, para afagar-lhe o soffrimento,  
Prender-lhe, consentir-lhe algum mais doce,  
Algum menos fatal, seja esse dia  
Qual este em que as entranhas me devora  
Ciume abrazador, porção do inferno.  
Eia, ao som dos meus ais acóde, acóde,  
Eterna, pavorosa omnipotencia...

Mas ah ! Que em préces vans a voz fatigo !  
Oh Jove, ensurdeceste ! Eu não te rógo  
Que da secunda terra me franquêes  
As mádidas entranhas, prenhes de ouro ;  
Não dou meu culto aos idolos do avaro,  
E o louro dos heróes, dos reis o sceptro  
Tambem com fatua luz me não deslumbram :  
Não quer elevação quem téme a quêda :  
O que exijo, o que espero é que exercites

Da justiça o terrível attributo,  
Faze o dever d'um deus, e estou contente. . .

Mas, céos ! Que sinto em mim ! Que surdas vozes  
No coração chagado me susurram !  
Eu lhes ouço dizer : — « Perdido amante,  
Phrenetico mortal, para que invocas  
O tremendo poder da divindade  
Contra o doloso amigo, e contra a fêra  
Por quem morres de amor, por quem suspiras ?  
Socêga, volve em ti. Crês, por ventura,  
Que para a punição de enormes crimes  
Cumpre aos céos arrojare physicos males  
Sobre a fronte odiosa dos culpados ?  
A mortê para os réos não é tormento,  
Dos réos a maior pena é o remorso ;  
O remorso te vingue : assim defêre  
A's préces dos mortaes o grande Jove. »

Oh vozes da razão, vózes celestes,  
Oraculo divino ! Eu vos adóro,  
Bem que os ouvidos meus, bem que a minha alma,  
Afeitos longamente ás meigas phrases  
Do engano, da lisonja, e da ternura,  
A salutar dureza vos extranhem.  
Basta, já torno a mim, não mais, oh Furias,  
Não mais, imprecações. Perdôa, oh Jove,  
Perdôa a minha dor, e ao meu delirio ;  
Fui louco, errado andei nas preces minhas :  
O crime, sem que as victimas te implorem,  
Por si mesmo justiça está bradando.

Traidor, que em falsas mostras de virtude

Envolvete a baixeza, a tyrannia,  
A cavilosa intriga, a torpe inveja,  
Da fraca humanidade os vicios todos,  
Negros enxames, que te fervem n'alma ;  
Amigo desleal, que me arrancaste  
Do terno coração segredos ternos,  
Segredos, que nas trévas dó sepulchro  
Iriam com meus dias abysmar-se,  
Se a máscara falaz não me illudisse  
Da vil simulação, da astucia feia ;  
Se a minha alma fiel, ingenua, pura  
Podesse conceber a idéa horrenda  
Do teu crime aleivoso, e detestavel ;  
Presumes-te feliz ? E's desgraçado  
Mais que o réo quando em mãos do algoz sanhudo  
Já piza o cadafalso, ou mais que eu mesmo.  
Esse infame prazer, que tens comprado  
A' custa de meus ais, de teus deveres,  
Esse infame prazer em breve, oh monstro,  
Corrompido será pela vileza  
Da lisonjeira Isméne, e mais que tudo  
Pelas pungentes garras do remorso.  
Não te cégues, traidor, não te hallucines :  
O mérito não foi, foi a fortuna  
Quem chamou para ti de Isméne os olhos,  
Quem d'um férvido amor me arranca o premio.  
O sófrego interesse, a mais indigna  
De todas as paixões, e a mais teimosa,  
Envenenou de Isméne o peito ingrato.  
Se aos Fados, como tu, devesse Elmano

Os momentaneos dons, que adora o mundo,  
Phrenetico de inveja, a grenha hirsuta,  
Quaes as Furias do inferno, arreláras,  
Vendo-me em almos extasis de gosto  
Suspirando entre os braços da perjura.

Fraudulento, infiel, não és amado,  
Não compra corações a van riqueza,  
Cedo, cedo o verás. De longe observo  
C'os olhos da perspícua phantasia  
A catastrophe atroz dos teus prazeres!  
Lá vejo a refalsada, injusta Isméne  
Ante as aras de Pluto, os olhos fitos  
Com feiticeiro agrado em outro objecto,  
Como tu desprezível, tosco, indigno,  
Mais pomposo, porém, mais carregado  
Dos bens, que ás cégas dá Ventura errante.  
Lá te vejo cair, victima triste  
Do desdém, da cubiça, e da inconstancia.  
Então conhecerás meu duro estado,  
De zelos infernaes então raivando,  
Sentirás mais acerbo, e mais agudo  
O remorso enterrar-se-te no peito;  
Então c'o pezo enorme do teu crime  
Esse vil coração todo esmagado,  
Saberá que invisível mão suprema  
Pune, flagella os máus ou cedo, ou tarde.  
Acceléra o teu vôo, absorve, oh Tempo,  
Este enfadoso espaço, que divide  
O dia em que lamento a minha sorte  
Do dia em que meu mal será vingado.

Arda, escume, blaspheme, arqueje o monstro,  
De minhas afflicções fatal principio,  
Sobrepuje o seu mal aos males todos,  
Nem um só dos mortaes o attenda, o chore:  
Dos ciumes crueis no ardor, na raiva  
Se ensaie para os horridos tormentos  
Com que pelo traidor no Averno esperam  
As tres filhas da Noute, as negras Furias.

---

# TRABALHOS DA VIDA HUMANA.

*Je suis forcé de m'abaïsser  
Pour me faire entendre.*

Voltaire.

---

**S**em verso cantava d'antes  
O poder da formosura,  
Hoje vou chorar em verso  
Inconstancias da ventura.

Vou pintar os dissabores,  
Que soffre meu coração,  
Desde que lei rigorosa  
Me pôz em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,  
Dia fatal para mim,  
Teve principio o meu pranto,  
O meu socego deu fim.

Do funesto Limoeiro  
Já toco os tristes degraus,  
Por onde sobem, e descem  
Egualmente os bons, e os máus.

Correm-se das rijas portas  
Os ferrolhos estridentes,

Feroz conductor me enterra  
No sepulchro dos viventes.

Para a casa dos assentos  
Caminho com pés forçados ;  
Ali meu nome se ajunta  
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso  
Lançando os olhos a medo,  
Vejo pôr — Manuel Maria, —  
E logo á margem — *Segredo*. —

Eis que sou examinado  
Da cabeça até aos pés,  
E vinte dedos me apalpam,  
Quando de mais eram dez.

Tiram-me chapéo, gravata,  
Fivellas, e d'esta sorte,  
Por um guarda sou levado  
Ao domicilio da morte.

Estufa de treze palmos  
Co'uma fresta, que dizia  
Para o logar ascoroso,  
Denominado enxovia.

Fecham-me, fico assombrado  
Na medonha solidão,  
E, sem cama a que me encoste,  
Descanço os membros no chão.

Mil terriveis pensamentos  
Da minha alma se apoderam,  
Gostos, e bens deste mundo  
Então conheci o que eram.

Nos olhos o pranto ferve,  
No coração cresce a dor,  
E com males da fortuna  
Se mixtura o mal de amor.

Quando mais me lamentava,  
Se abre de improviso a porta,  
E ouço um animo benigno,  
Que me alenta, e me conforta.

Era Ignacio, affavel peito,  
Alma cheia de piedade,  
Credor dos meus elogios,  
Por heróe da humanidade.

Do amavel carcereiro  
Me patentea o desgosto,  
Diz que piedoso me envia  
Pobre, mas util encosto.

Junta a este beneficio  
A necessaria comida,  
Com que sustentasse o fio  
D'esta lastimosa vida.

Garnier terno, sensivel,  
Tu foste um nuncio divino,  
Que veiu tornar mais doce  
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes  
Me tinham desamparado ;  
E nas garras da indigencia  
Eu gemia atribulado ;

Quando Aonio, o charo Aonio,  
Da natureza thesouro



À triste penuria manda  
Efficaz auxilio de ouro.

Em quanto existir Elmano,  
Sempre, oh genio singular,  
Na sua alma, e nos seus versos  
Terás honroso logar.

Passados vinte e dous dias,  
Soffrendo mil magoas juntas,  
Em fim por um dos meus guardas  
Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado  
Era o respeitavel Brito,  
Que logo viu no meu rosto  
Mais um erro, que um delicto.

Olhou-me com meigo aspecto,  
Com branda, amigavel frente,  
E fui logo acareado  
Com o meu amavel Ponte.

Portei-me como quem tinha  
Para a verdade tendencia ;  
Do pezo da opinião  
Aligeirei a innocencia.

Puni pelo charo amigo,  
Ferido de interna dor :  
Singular sou na amisade,  
Como singular no amor.

Posto fim ao acto serio,  
O meu guia me conduz  
Para segredo mais largo,  
De que não tem medo a luz.

Fiquei mais desafogado,  
Mas tambem fiquei mais só,  
E de amargura sentia  
Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,  
Por onde á presa matula  
Ouvia de quando em quando  
Conto vil em phrase chula.

Lembrava-me a gritaria,  
Que faz a corja, a quem passa,  
Loucamente mixturando  
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando  
Piolho, que d'alvo brilha,  
Aquelle a chuchar gostoso  
Cigarro, que ou compra, ou pilha.

Um por baldas, que lhe sabe,  
Ao outro dando matraca ;  
Estes cantando folias,  
Aquelles jogando a faca.

Cousas taes, que n'outro tempo  
Me fariam anciedade,  
Eram então para mim  
Estimulos de saudade.

Servindo-me de tormento  
A minha imaginação,  
Em claro passava as noutes,  
Passava os dias em vão.

O meu extremoso Ignacio  
Benigno me visitava,

E com suaves conselhos

A minha pena adoçava.

Qual foi comigo ao principio,

Comigo a ser continúa :

Os desgraçados encontram

Poucas almas, como a sua.

Céo , que todas as venturas,

Todos os bens tens comigo,

Faze que ser grato eu possa

Ao meu benefico amigo.

Ou tantas felicidades

Te digna, céo, de lhe dar,

Quantas as razões, que eu tenho

De todas lhe desejar.

Em fim, depois de soffrer

Tardas horas de tormento,

Fui costumando a minha alma

Ao solitario aposento.

O Deus creador do mundo,

Pae, amigo universal,

Com saudavel, brando somno

Foi-me interrompendo o mal.

D'este centro da tristeza,

Morada das afflicções,

Fiz ao logar das perguntas

Inda mais tres digressões.

Amo, professo a verdade :

Nas tres digressões que fiz,

Sempre achei o amavel Brito

Mais bemfeitor, que juiz.

Tal tem sido a minha sorte  
N'esta dolorosa estancia,  
Aonde a philosophia  
Ás vezes despe a constancia.

Ha já quarenta e tres dias  
Que choro n'este degredo:  
Hei de ser muito calado,  
Costumaram-me ao *segredo*.

---

## FRAGMENTOS.

### I.

---

.....  
Antes que o deixe Analia, Elmano a deixa :  
Elmano, que abhorrece a vil perfidia,  
Elmano, que de Analia enganos cria,  
Elmano, que foi seu, julgando-a sua.  
Vis, barbudos rivaes, folgai, que eu cêdo,  
Eu cêdo, e de ceder não me envergonho :  
O trophéo, que lograis, de vós é digno,  
Quanto indigno de mim, do nome eterno  
Com que a vós sobranceiro os céos demando  
De versos immortaes nas azas d'ouro.  
Analia vos pertence humana, e fragil ;  
Analia, que attendeu suspiros vossos,  
Analia, que vos deu triumpho abjecto,  
Que em ficticio desmaio, em vãos tremores  
É menos que mulher, e a deusa aspira.  
Deusas d'Elmano para vós não vivem,  
A vossa especie amai, vós sois d'Analia ;

Com deusas viverei, vivei com furias ;  
 Ficai no mundo vil, folgai na infamia,  
 Que eu vou nos astros aggregar-me aos numes.

.....

### III.

.....  
 Seus corações em flor se embellezavam  
 Nos brincos da innocencia melindrosa,  
 E Amor, que os espreitava, inda ignorado  
 Já lhes dispunha o sentimento ao gosto :  
 Principio das paixões, como és suave !

.....

---

**DAS METAMORPHOSES,  
POEMA**

**DE**

**P. OVIDIO NASÃO.**

**TRECHOS ESCOLHIDOS, POSTOS EM VERSO PORTUGUEZ.**





## TRADUCÇÃO DO LIVRO I.

DESDE O PRINCIPIO ATÉ Á NOVA FORMAÇÃO DE  
TODOS OS ANIMAES DEPOIS DO DILUVIO.

*Entre ferros cantei, despeito em pranto;  
Valha á desculpa, se não vale o canto.*

O Traductor.

---

### ARGUMENTO.

**O** CÁHOS se reparte em quatro elementos. Zonas, ventos, criação dos brutos, e do homem. Seguem-se as quatro edades do Mundo. Nascem homens do sangue dos gigantes. Lycaon é transformado em lobo. O diluvio converte tudo em agua. As pedras se mudam em gente. Os brutos renascem da Terra.

---

**A**NTES do mar, da terra, e céu que os cóbre  
Não tinha mais que um rosto a Natureza:  
Este era o Cáhos, massa indigesta, rude,  
E consistente só n'um pezo inerte.

Das cousas não bem juntas as discordes,  
 Priscas sementes em montão jaziam ;  
 O sol não dava claridade ao mundo,  
 Nem crescendo outra vez se reparavam  
 As pontas de marfim da nova lua.  
 Não pendias, oh terra. d'entre os ares,  
 Na gravidade tua equilibrada,  
 Nem pelas grandes margens Amphitrite  
 Os espumosos-braços dilatava.  
 Ar, e pélagos, e terra estavam mixtos :  
 As aguas eram pois innavegaveis,  
 Os ares negros, movediça a terra.  
 Fôrma nenhuma em nenhum corpo havia,  
 E n'elles uma cousa a outra obstava,  
 Que em cada qual dos embriões enormes  
 Pugnavam frio, e quente, humido, e secco,  
 Molle, e duro, o que é leve, e o que é pezado.

Um Deus, outra mais alta Natureza  
 A' continua discordia em fim pôe termo :  
 A terra extrae dos céos, o mar da terra,  
 E ao ar fluido, e raro abstrae o espesso.  
 Depois que a mão divina arranca tudo  
 Do enredado montão, e o desenvolve,  
 Em logares diversos, que lhe assigna,  
 Liga com mutua paz os corpos todos.  
 Subito ao cume do convexo espaço  
 O fogo se remonta ardente, e leve ;  
 A elle no logar, na ligeireza  
 Proximo fica o ar ; mais densa que ambos  
 A terra puxa os elementos vastos,

Da propria gravidade é comprimida.  
 O salitroso humor circumfluyente  
 A possui, a rodêa, a lambe, e aperta.  
 Assim depois que o Deus (qualquer que fosse)  
 O gran corpo dispôz, quiz dividil-o,  
 E membros lhe ordenou. Para que a terra  
 Não fosse desigual em parte alguma,  
 Por todas a compoz na fórma de orbe.  
 Ao mar então mandou que se esparzisse,  
 Que ao sopro inchasse dos forçosos ventos,  
 E orgulhoso abrangesse as louras praias ;  
 A' mole orbicular deu fontes, lagos,  
 Rios cingindo com obliquas margens,  
 Os quaes, em parte absortos pelas terras  
 Varias, que vão regando, ao mar em parte  
 Chegam, e recebidos lá no espaço  
 De aguas mais livres, e extensão mais ampla,  
 Em vez das margens assaltêam praias.  
 O universal Factor tambem dissera :  
 « Descei, oh valles, estendei-vos, campos,  
 Surgi, montanhas, enramai-vos, selvas ! »  
 Como o céo repartido á dextra parte  
 Tem duas zonas, á sinistra duas,  
 E uma no centro mais fogosa que ellas,  
 Assim do Deus o pródigo cuidado  
 Poz eguaes divisões no térreo globo ;  
 Elle é composto de outras tantas plagas ;  
 Aquella que das mais está no meio  
 Em calores inhospitos se abraza ;  
 Alta neve enregela, e cóbrea duas ;

Outras duas, porém, que entre ellas ambas  
 O Numen situou, são moderadas,  
 Mixto o frio, e calor. Fica imminente  
 A estas o ar, que assim como é mais leve  
 O pezo d'agua que da terra o pezo,  
 Tanto mais pezo coube ao ar que ao fogo.  
 Deus ordenou que as nevoas, e que as nuvens  
 Errassem no inconstante, aéreo seio ;  
 Que os ventos o habitassem, productores  
 Dos penetrantes frios, que estremecem,  
 E os raios, os trovões, que o mundo aterram ;  
 Mas o supremo auctor não deu nos ares  
 Arbitrario poder aos duros ventos :  
 Bem que rebentem de encontrados climas,  
 Resistir-se-lhe póde á furia apenas,  
 Vedar que em turbilhões lacere o mundo :  
 Tanta é entre os irmãos a desavença !

Euro foi sibilar ao céo da aurora,  
 Aos reinos Nabathêos, á Persia, aos cumes  
 Que o raio da manhan primeiro alcança.  
 O Véspero, essas plagas, que se amornam  
 Com Phebo occidental, estão visinhas  
 Ao Zéphyro amoroso ; o fero Bóreas  
 Da Scythia fera, e dos Triões se apossa ;  
 As regiões oppostas humedece  
 Austro chuvoso com assiduas nuvens.  
 O Numen sobrepoz aos elementos  
 O liquido, e sem pezo ether brilhante,  
 Que das terrenas fezes nada envolve.  
 Logo que tudo com limites certos

Foi pela eterna dextra signalado,  
 As estrellas, que oppressas, que abafadas  
 Houve em si longamente a massa escura,  
 A arder por todo o céu principiaram ;  
 E porque não ficasse do universo  
 Alguma região deshabitada,  
 Astros, e deuses tem o ethereo assento,  
 O mar aos peixes nitidos é dado,  
 Aves ao ar, quadrupedes á terra.

A estes animaes faltava um ente  
 Dotado de mais alta intelligencia,  
 Ente, que a todos legislar podesse :  
 Eis o homem nasce, e — ou tu, suprema Origem  
 De melhor Natureza, e quanto há n'ella,  
 Ou tu, pasmoso artifice, o formaste  
 Pura extracção de divinal semente,  
 Ou a terra ainda nova, inda de fresco  
 Separada dos céos, lhe tinha o germe.  
 Com agoas fluviaes embrandecida,  
 D'ella o filho de Jápeto afeiçoa,  
 Organisa porções, e as assimelha  
 Aos entes immortaes, que regem tudo.  
 As outras creaturas debruçadas  
 Olhando a terra estão; porém ao homem  
 O Factor conferiu sublime rosto ,  
 Erguido, para o céu lhe deu que olhasse.

A terra, pois, tão rude, e informe d'antes,  
 Presentou finalmente assim mudada,  
 As humanas, incognitas figuras.

Foi a primeira edade a edade de ouro :

TOMO IV.

Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma  
Culto á fé, e á justiça então se dava,  
Ignoravam-se então castigo, e medo ;  
Ameaços terriveis se não liam  
No bronze abertos ; supplice caterva  
Á face do juiz não palpitava :  
Todos viviam sem juiz, sem damno.  
Inda nos patrios montes decepado  
Ás ondas não baixava o pinho ingente  
Para depois ir ver um mundo extranho :  
De mais clima que o seu ninguem sabia.  
Fossos ainda não cingiam muros,  
As tubas, os clarins não resoavam,  
Nem armas, nem exercitos havia :  
Sem elles os mortaes de paz segura  
Em ocios innocentes se gosavam.  
O ferro sulcador não a rompia,  
E dava tudo a voluntaria terra.  
Contente do que brota sem cultura  
Colhia a gente o montanhez morango,  
Crespos medronhos, e as cerejas bravas,  
Ás duras silvas as amoras presas,  
E as lisas producções de tenue casca,  
Que da arvore de Jupiter caíam.  
Eram todas as quadras primavera.  
Mansos Favonios com subtil bafejo,  
Com tépidos suspiros animavam  
As flores, que sem germe então nasciam.  
Viam-se enlourecer, vingar as messes  
Nos campos nem roçados de adubio,

Em rios ir correndo o leite, o nectar ;  
 É da verde azinheira estar caíndo  
 O flavo mel em pegajosas gotas.

Depois que foi Saturno exterminado  
 Ao Tártaro, e ficou a Jove o mundo,  
 Veiu outra idade, se inferior á de ouro,  
 Superior á de cobre, a idade argentea.  
 Jove contráe a primavera antiga,  
 Verões, hynvernos, desiguaes outonos,  
 Curta, e branda estação, que anime as flores.  
 O anno repartem, variando os tempos.  
 O ar então começou a escandecer-se,  
 É ao som dos ventos a enrijar-se a neve ;  
 Os humanos então principiaram  
 A demandar guaridas, a ter lares :  
 Grutas, choupanas os seus lares foram.  
 Pela primeira vez o grão de Céres  
 Se esparziu, se escondeu nos longos sulcos,  
 E opprimidos do jugo os bois gemeram.

A's duas succedeste, ahénea prole,  
 De genio mais feroz, mais prompto à guerra,  
 Mas não impio. — Eis a ultima, a de ferro.  
 Todo o horror, todo o mal rebentam d'ella.  
 Subito fogem fé, pudor, verdade,  
 Occupam-lhe o logar mentira, astucia,  
 A insultuosa força, a vil perfidia,  
 Da posse, e do poder o amor infando.  
 Velas o navegante aos ventos sólta,  
 Aos ventos ainda bem não conhecidos ;  
 Longamente nas serras arraigado,

O lenho já commette ignotas vagas ;  
A terra, que atéli de todos fôra,  
Como os ares, o o sol, por cauto dono  
Já se abalisa com limite extenso.  
Não se lhe pedem só devidos fructos,  
Uteis searas, vai-se-lhe ás entranhas,  
Cavam-lhe o que sumiu na estygia sombra,  
Cavam riquezas, incentivo a males.  
Já se desencantára o ferro inferno,  
E o ouro inda peor : eis surge a Guerra,  
Que, de ambos ajudada, espalha horrores,  
Vibrando as armas na sanguínea dextra.  
Fervem os roubos : o hospede seguro  
Do hospede não está, do genro o sogro ;  
A concordia entre irmãos tambem é rara.  
Tentam morte reciproca os esposos,  
As madrastras crueis dispõem venenos,  
Conta os dias paternos filho avaro ,  
Jaz vencida a piedade, e sae do mundo,  
Do mundo ensanguentado a pura Astréa,  
Depois que os outros deuses o abandonam.

Para não ser mais livre o céu que a terra,  
E' fama que gigantes o assaltaram,  
A etherea monarchia ambicionando,  
Pondo até ás estrellas monte em monte.  
O padre omnipotente, o summo Jove  
N'isto com raios esbroando o Olympo,  
Partindo o Pélio sotoposto ao Ossa,  
Sobre o tropel sacrilego os derruba.  
Esmagados c'o pezo os feros corpos,



Diz-se que a terra, a mãe, no muito sangue  
 Dos filhos ensopada, o fez vivente ;  
 Homens d'elle creou, porque a memoria  
 Da progenie feroz permanecesse.

A nova geração tambem foi dura,  
 Dos numes foi tambem desprezadora,  
 Amiga da violencia, e da matança,  
 Denotando que o sangue o ser lhe dera.

Saturnio viu dos céos estas maldades,  
 Gemeu, e recordando um impio caso,  
 Inda não divulgado, inda recente,  
 O atroz festim da Lycaónia meza,  
 Iras concebe o deus dignas de Jove,  
 E o conselho immortal convoca á pressa,  
 Que á pressa congregado acode ao mando.

Ha nos céos um caminho alto, e patente,  
 (A nímia candidez o faz notavel)  
 Lácteo se chama ; vão por elle os numes,  
 Os graves cortezãos do gran Tonante  
 A' morada real. D'um lado, e d'outro  
 Dos deuses principaes os lares brilham,  
 Abertas as fulgentes, grandes portas.  
 Deuses menores outro espaço habitam,  
 E os potentes celícolas supremos  
 A' frente os seus Penates collocaram.  
 Este, a caber na voz audacia tanta,  
 O palacio dos céos appellidára.

Em marmoreo salão juntos os deuses,  
 Todos depois de Jupiter se assentam,  
 Que em logar sobranceiro, e sobreposta

A fulminante mão no eburneo sceptro,  
Por tres, e quatro vezes meneando  
Espantosas melenas, com que abala  
A terra, o mar, e os céos, taes vozes sóla  
Com fera indignação: » Maior cuidado  
O mundo me não deu n'aquella edade  
Em que a turba de anguipedes gigantes  
Queria o céu romper com braços cento;  
Que ainda que era multidão terrivel,  
Hoste feroz, comtudo d'um só corpo,  
E de uma origem só pendia a guerra.  
Eis-me n'um tempo agora em que é forçoso  
Fazer tremenda, universal justiça,  
Perder a humana estirpe em tudo, em tudo  
Quanto abraça Neréo circumsonante.  
Subterraneas, tristissimas correntes,  
Correntes que lambeis o estygio bosque,  
Até juro por vós que ao mal infando  
Mil remedios em vão tentei primeiro!  
Mas incuravel chaga exige o ferro,  
Cortada cumpre ser porque não lavre,  
Porque não fique o são tambem corrupto.  
Ha, porém, semideuses entre os homens,  
Campestres numes ha, Faunos, e Nymphas,  
Satyros, e os monticolas Sylvanos:  
Todos são attendiveis, todos nossos.  
Se inda honral-os no céu não nos aprouve,  
Nas dadas terras é dever que habitem.  
Mas podereis pensar que estão seguros,  
Oh deuses, quando a mim, que empunho o raio,

A mim, que vos dou leis, tramou ciladas  
Lycaon, o afamado em tyrannia?»

N'esta interrogação freme o congresso :  
Querem todos o réo da enorme audacia,  
Eu vinganças fervendo o pedem todos.  
Assim quando ímpia mão queria extinto  
De Roma o nome no Cesáreo sangue,  
Pelo terror da subita ruina  
Atonita ficou a especie humana,  
Todo o mundo tremeu de horrorisado.  
Augusto, então dos teus não menos grata  
A ternura te foi, que a Jove aquella.  
Depois que ao gran susurro impoz silencio  
Co'a mão, e a voz, emmudeceram todos.  
Suffocado o furor no acatamento,  
O monarcha dos céos assim prosegue :  
« Cuidado vos não dê a acção nefanda,  
O sacrilego auctor já foi punido :  
Direi primeiro o crime, e logo a pen...  
Do corrompido seculo as infamias  
Subiram-me á noticia : desejo  
De achar falso o que ouvi, baixei do Olympo,  
E a terra discorri com face humana.  
Relevára occupar moroso espaço  
Na feia narração do que hei sabido,  
De horrores, que encontrei por toda a parte :  
Era a verdade em fim maior que a fama.  
Passado havendo o Ménalo abundoso  
De horrorosos covis, que alojam feras,  
O Cylenio de rochas carregado,

E o frigido Lycêo, que os pinhos c'roam,  
Do Arcadico tyranno os lares busco,  
Entro os paços inhospitos já quando  
Negrejava o crepuseulo da noute.  
Dou mostras de que um deus era chegado,  
E votos pios me dirige o povo.  
Das preces Lycaon se ri primeiro,  
Depois diz: — Saberei com prova inteira  
Se é deus, ou se é mortal. — Dispõe matar-me  
Quando os olhos tiver de somno oppressos:  
Da verdade lhe agrada esta exp'riencia;  
E inda não pago d'isto, a espada infame  
Vibra contra a cerviz de um desgraçado  
Que dos Molossos em refens houvera.  
Aos semivivos, palpitantes membros  
Parte amollecem as ferventes aguas,  
As sotopostas brazas torram parte.  
Já nas mezas se impõe, mas de repente  
Co'a dextra vingadora o raio agito,  
Sobre o cruel senhor derrubo os tectos,  
Os tectos, e os Penates, dignos d'elle.  
Para o silencio agreste, agrestes sombras  
Foge rapidamente, espavorido,  
E querendo falar, huyva o perverso:  
Colhem do coração braveza os dentes,  
C'o matador costume os volve aos gados:  
Inda sangue lhe apraz, com sangue folga.  
A veste em pello, as mãos em pés se mudam,  
É lobo, e do que foi signaes conserva:  
As mesmas cans, a mesma catadura,

E os mesmos olhos a luzir de raiva.  
Já uma habitação caiu por terra,  
Mas digna de cair não é só uma.  
Erinnys senhorêa o mundo todo :  
Parece que os humanos protestaram  
Não ter mais exercicio que o do crime !  
A pena que merecem todos sintam ;  
Está dada a sentença. » E fica mudo.

O decreto de Jove alguns approvam,  
E á ira horrenda estimulos aggregam ;  
Outros lhe prestam simplesmente assenso.  
Dóe a todos, porém, o immenso estrago,  
Da triste humanidade o fim lhes custa :  
Perguntam qual será da terra a face,  
Qual fórma a sua, dos mortaes vazia ?  
Quem ha de ás aras ministrar o incenso ?  
Será talvez o mundo entregue ás feras ?  
O que dos homens foi será dos brutos ?  
Dest'arte os deuses o vindouro inquirem.

« Não temais (lhe responde o rei superno)  
Esse cuidado é meu, dispuz já tudo : »  
E melhor geração do que a primeira  
Com portentosa origem lhes promette.

Ia já desparzir por toda a terra  
O numen vingador milhões de raios,  
Eis teme que a voraz, terrivel chamma  
Com impeto crescida, e levantada  
Nos céos em fim se atêe, os céos abraze.  
Á memoria lhe vem que leu nos Fados  
Que inda a terra, inda o mar, inda as estrellas

Seriam de alto incendio accommettidos,  
E a machina do mundo arruinada.  
Depondo as armas, que os Cyclopes forjam,  
D'outra pena se apraz, com outros males  
Quer punir os mortaes, quer suffocal-os  
Co'as soltas aguas, derretendo as nuvens  
Por todo o pólo em rapidos chuveiros.  
Na gruta Eolia subito aferrolha  
Aquilão rugidor, e os mais que espancam  
Atras procellas, grávidos vapores.  
O Noto desencerra, e vôa o Noto,  
Longas as pennas madidas, envolta  
Em densa escuridão a atroz carranca.  
Pézam-lhe as barbas com peçadas nuvens,  
Goteja-lhe a melena encanecida,  
Pousam-lhe as nevoas na cabeça horrenda,  
Co'as azas, e c'o peito orvalha os ares.  
Tanto que espreme as procellosas sombras  
Um rispido fragor no céu retumba,  
E o céu rebenta em horrida torrente.  
Iris, a nuncia da Saturnia Juno,  
Trajando roupas de matiz lustroso,  
Embebe as aguas, e alimenta as nuvens.  
Morrem nas louras, trémulas searas  
Ao cultor lacrimoso as esperanças,  
Um momento destroe d'um anno a lida.  
Para o furor de Jove os céos não bastam ;  
O azul irmão co'as ondas o auxilia :  
Este os rios convoca, e mal que os paços  
Eutram do iroso, undivago tyranno :

« Não careço (lhes diz) para convosco  
De longa exhortação, fieis ministros.  
Ide, inchai, derramai-vos pelas terras,  
Vasem-se de repente as urnas vossas,  
Rompa-se o dique ás prófugas correntes,  
Solte-se o freio ás aguas. Assim cumpre.»

Ordena, partem, correm, vão-se ás fontes,  
E as bocas donde saem lhe desapertam :  
Volvem depois ao mar desenfreados.  
Neptuno vibra o cérulo tridente,  
Fere a terra com elle, e treme a terra,  
E ás aguas c'o tremor franquêa o seio.  
Em brava rapidez correndo os rios,  
Já dos campos se apossam, já derrubam,  
Já comsigo arrebatam plantas, gados,  
Gentes, habitações, e os Lares sanctos.  
Se ha por dita edificio que não cáia,  
Se algum resiste ao pavoroso estrago,  
A torrente voraz lhe cobre os tectos ;  
Tremendo as torres, ameaçam quêda,  
Rotas, cavadas pelo embate undoso.  
Já se confunde o pélago co'a terra,  
Já tudo é mar, ao mar já faltam praias.  
Qual sóbe, resfolgando, alpestre outeiro,  
Qual vaguêa medroso em curvo barco,  
E onde lavraram bois trabalham remos.  
Sobre as perdidias, afogadas messes  
Vai navegando aquelle, ou sobre o cimo  
Das submersas aldêas, este encontra  
Na copa de alto ulmeiro o peixe mudo,

Ferram-se acaso as ancoras ganchosas  
Nos murchos prados, que viçosos foram :  
De Baccho a planta, ás ondas sotoposta,  
Jaz mordida tambem dos férreos dentes ;  
Na relva, que os rebanhos tosquiaram  
Pousa do equoreo vate o gado informe ;  
Assombram-se as Nereidas de avistarem  
Debaixo d'agua bosques, edificios :  
Por entre as selvas os delphins voltêam,  
Co'as negras trombas pelòs troncos batem,  
E o carvalho a vergar no encontro empurram.  
O lobo vai nadando entre as ovelhas,  
Em meio da torrente impetuosa  
Boiam fulvos leões, manchados tigres.  
Não vale aos javalis a força enorme,  
A summa rapidez não vale aos cervos.

Buscada longamente, e em vão buscada  
Pelas aéreas aves sendo a terra,  
Onde repousem do continuo vôo,  
Cançam-se em fim, despenham-se nas aguas.  
Eis em suberbos torreões de espuma  
Tenta o pégo arrogante as arduas serras :  
Fervem-lhe em torno dos fragosos picos  
As ondas, que jámais ali ferveram.  
Assaltando os miserrimos viventes  
No vão refugio, quasi tudo absorvem,  
E aquelles, que da furia se lhe esquivam,  
Em comprido jejum ralados morrem.

A Phócida, que os Áticos separa  
Dos afamados campos da Beócia,



E terra pingue foi, quando foi terra,  
 É já d'aguas envoltas lago immenso.  
 Ali de cumes dous montanha ingente,  
 Tendo a ramosa fronte além das nuvens,  
 E arremetendo aos céos, se diz Parnaso.  
 N'ella Deucalion (porque dos mares  
 Jazia tudo o mais em fim cuberto)  
 N'ella Deucalion tinha aportado  
 Em pequeno baixel co' a terna esposa,  
 Forçados pelos impetos das aguas.  
 Desembarcando os dous, off'recem logo  
 Interno culto aos numes da montanha,  
 Ás nymphas de Corycio, a Thémis sacra,  
 De quem ali o oráculo se ouvia:

Nenhum dos homens exceedêra aquelle  
 No amor ao justo, no temor aos deuses:  
 Luziam na consorte eguaes virtudes.  
 Jove, que o mundo vê todo inundado,  
 Vivos de tantos mil só um, só uma,  
 Ambos tão pios, tão amaveis ambos,  
 C'os soltos Aquilões sacode as nuvens,  
 As pezadas carrancas dos chuveiros,  
 E a terra mostra aos céos, e os céos á terra.  
 Nem do pélago a furia permanece:  
 C'o ferro de tres pontas mal que o toca  
 As ondas lhe amacia o deus das ondas,  
 E chamando Tritão, que levantado  
 Sobre a agua está (cubertos de brilhante  
 Purpura natural seus rijos hombros)  
 O buzio roncador lhe diz que assopre,

Que no usado signal ordene aos rios,  
E ao transbordado mar que retrocedam.

Da sonora, e concava buzina  
Lança mão de repente o gran mancebo,  
Da buzina, que em circulos, em roscas  
Da ponta para cima se dilata,  
Que tanto que no seio acolhe os ares  
D'um e d'outro hemispherio atrôa as praias ;  
Eis aos labios a concha o deus applica  
Por entre negras barbas orvalhosas,  
\* Incham-lhe as faces ao robusto assôpro,  
Toca, e rios, e mar, que o som lhe escutam,  
Subito a seu pezar vem recuando.  
Este já praias tem, tem leite aquelles,  
E murmuram pacificos, e tardos :  
Os outeiros assomam, surge a terra,  
Os campos crescem, decrescendo as ondas.  
Depois de longo espaço os arvoredos,  
Os arvoredos nus se vão mostrando :  
Dos despojados troncos pendem limos.

Em fim renasce o mundo, e vendo o triste,  
O bom Deucalion vasia a terra,  
E alto silencio derramado em tudo,  
A Pyrrha diz chorando : « Oh doce esposa,  
Oh tu, que és só, que és unica de tantas  
Habitantes do mundo, e que ligada  
Pelo amor, pelo sangue estás comigo,  
Agora ainda mais pelo infortunio !  
Do nascente ao poente, em toda a terra  
Só habitamos nós, só nós vivemos :

Tudo o mais pelas ondas foi tragado,  
E cuido que não tens inda segura  
Tua existencia tu, nem eu a minha :  
Estas nuvens, que observo, inda me atterram.  
Ah triste ! Que farias se arrancada  
Ao fado universal sem mim te visses !  
Onde, fria de susto, onde leváras  
A planta vacilante, e quem seria  
Tua consolação na dor, no pranto ?  
Crê, minha amada, que se o mar sanhudo  
Te escondesse nas sôfregas entranhas,  
Te houvera de seguir o afflicto esposo,  
Socio te fôra em vida, e socio em morte.  
Oxalá que eu com a paterna industria  
Podesse reparar a humanidade,  
Alma infundindo na formada terra !  
Todo o genero humano em nós se inclue,  
(Isto aos fados apraz, apraz aos deuses)  
Ficámos para exemplo de que o mundo  
Morada de homens foi. » Disse, e choravam.

Depois, tornando em si, resolvem ambos  
Recorrer aos oraculos sagrados,  
Da deusa Thémis invocar o auxilio.  
Não tardam : vão-se do Cephyso ás aguas,  
Que ainda não bem liquidas caminham,  
E apenas pelas frontes, pelas vestes  
Os gostados liquores desparziram,  
Para o templo da deusa os passos torcem.

Manchava torpe musgo a frente, os tectos  
Da estancia veneravel, e jaziam  
Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.

Como os sacros degraus tocado houvessem,  
Sobre a mádida terra os dous se prostram,  
E dão nas pedras osculo medroso ;  
Oram depois assim : « Se justas preces  
Tornam benignos os irados numes,  
Se a cholera dos céos com ais se adoça,  
Dize-nos, deusa, dize-nos de que arte  
Podêmos instaurar a especie humana,  
E soccorre piedosa o triste mundo. »

Movendo-se a deidade, assim lhes fala :  
« Do meu templo sai ; cubrindo as frentes,  
Soltai as vestiduras, que vos cingem,  
E para traz depois lançaí os ossos  
De vossa grande mãe. » Tendo ficado  
Atonitos os dous espaço grande,  
Pyrrha primeiro em fim rompe o silencio,  
Da divindade as leis cumprir não ousa,  
E com trémula voz perdão lhe roga,  
Porque teme, espalhando os ossos frios,  
Aos manes maternaes fazer injuria.  
Depois d'isto repetem, pezam, notam  
As palavras do oraculo sombrio ;  
Té que Deucalion, que o venerando  
Filho de Promethêo com brandas vozes  
Serena a chara esposa, e diz : « Se acaso  
Não revolvo illusões no pensamento,  
O oraculo da deusa é justo, é pio,  
Não nos ordena o mal, não quer um crime.  
A grande mãe, que ouviste, a mãe de todos  
É a terra ; a meu ver são os seus ossos  
As pedras, e essas diz, que ao chão lancemos. »

Bem que esta intelligencia agrade a Pyrrha,  
Esperanças com duvidas se envolvem,  
E' ambos das ordens sanctas desconfiam ;  
Mas n'isso que lhes vai se as effeituam ?  
As aras deixam, as cabeças cobrem,  
Soltam as roçagantes vestiduras,  
E logo para traz as pedras lançam.  
Eis (quem te déra credito, oh portento,  
Se annosa tradição não te abonasse !)  
Eis que subitamente ellas começam  
A despir-se do frio, e da rijeza,  
E despindo a rijeza, a transformar-se.  
Crescendo vão, mais branda natureza  
As tóca, as amacia, as amollece,  
E n'ellas se perfeito o vulto humano  
Logo ali se não vê, se vê comtudo  
Em grosseiros signaes a similhança ;  
Qual na estatua, no marmore, a que apenas  
Deu talhe a mão de artifice elegante.  
Partes, que eram terrenas, e succosas  
Nas carnes, e no sangue se convertem ;  
O que tem solidez, o que não dobra  
Muda-se em ossos, e o que d'antes n'ellas  
Veia se nômeou conserva o nome.  
N'um breve espaço em fim (mercê dos deuses)  
As que arroja o varão varões se tornam,  
E as que sólta a mulher mulheres ficam.  
Por isto somos fortes, somos duros,  
Aptos a empezas, proprios a trabalhos,  
E em nosso esforço, na constancia nossa  
Tomo IV.

Claramente se vê que origem temos.

Os outros animaes nas fórmias varios  
A terra os produziu, sendo escaldado  
Pelos raios do sol o humor antigo ;  
Os encharcados, os lodosos campos  
Com o activo calor se entumeceram,  
E das cousas a próvida semente  
Qual no materno claustro ali cerrada,  
Nutriu-se, e de vagar cresceu, formou-se.  
Dest'arte, havendo em fim retrocedido  
A seu amplo depósito profundo  
O gran Nilo, que sáe de bocas sete,  
Co'a etherea flamma se afoguêa o lodo,  
E por entre os terrões, quando os revolve,  
De animaes o cultor acha milhares,  
Uns a nascer, e em parte já formados,  
Em parte os membros seus inda imperfeitos ;  
E vê-se muitas vezes que de um corpo  
Metade vive já, metade é terra.

Humidade, e calor dão vida a tudo,  
Se mutuamente se temperam ambos.  
Bem que d'agua contrario o fogo seja,  
São do humido vapor quanto é gerado ;  
A discorde uniãq fermenta, e cria.

Portanto a fertil mãe, a extensa terra  
Do recente diluvio repassada,  
E pelo aereo lume escandecida,  
Inumeras especies foi brotando :  
Deu ser a algumas com a fórmula antiga,  
N'outras em fim creou não vistos monstros.

## 10.

(Traduzido do Livro I.)

**N**os fundos lares Inaco escondido  
 Altêa com seu pranto as aguas suas ;  
 Io, a filha gentil, perdida chóra :  
 Não sabe se está viva, ou se entre os manes :  
 Mas porque não a encontra em parte alguma,  
 Em nenhuma do globo a julga o triste,  
 E o peor se lhe ant'olha ao pensamento.

Volver do patrio rio a vira Jove :  
 « Virgem digna de Jupiter, guardada  
 Para felicitar (lhe disse o nume)  
 No thálamo suave um ente humano !  
 Procura as sombras dos fechados bosques,  
 (E aos bosques lhe apontou) a calma aperta,  
 Dos céos está no cume o sol fervendo.  
 Se temes ir sósinha aonde ha féras,  
 De um deus acompanhada irás segura ;  
 Não de um deus inferior, porém d'aquelle  
 Que o sceptro universal na mão sustenta,  
 E o raio irresistivel arremessa.

Não, não fujas de mim. — (Que ella fugia.)  
 Já de Lerna as pastagens, e os frondosos  
 Arvoredos Lircêos Io passára :  
 Eis em nevoas o deus sumindo a terra,  
 Lhe prende os passos, e o pudor lhe usurpa.

Juno os olhos em tanto aos campos volve.  
 E extranha em claro dia haver tal nevoa,  
 Nevoa tão densa como os véos nocturnos,  
 Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.  
 Olha em torno de si, não vê o esposo,  
 E suspeitosa, pelo haver colhido  
 Já vezes cento em amorosos furtos,  
 Não o achando nos céos — « Ou eu me engano,  
 Ou lá me aggravam » — (diz) e, deslizada  
 Da etherea habitação, parou na terra,  
 Onde o sombrio horror desfez n'um ponto.

Mas o consorte presentiu-lhe a vinda,  
 E em candida novilha por cautela  
 De Inaco a prole transformado havia,  
 Que depois de novilha inda é formosa.  
 Saturnia, a seu pezar, lhe dá louvores,  
 Pergunta de quem é, d'onde viera,  
 Pergunta a que manada enfim pertence  
 (De estar longe do caso indícios dando)  
 — Que a terra a produziu — responde Jove,  
 Para não ser o auctor mais inquirido :  
 N'isto Saturnia em dadiça lh'a pede.

O amante que fará? Cruel, se entrega  
 Os seus amores; — se os não dá, suspeito;  
 O que o pejo aconselha, amor impugna:  
 Vencido pelo amor seria o pejo;  
 Porém se a sua irman, se a sua esposa  
 Negar uma novilha, um dom tão leve,  
 Póde talvez não parecer novilha.

Já na posse da adúltera, não despe



A deusa todavia o seu receio ;  
 Teme a Jove, e do agravo está mordida.  
 Argos, o filho de Arestor lhe occorre,  
 E quer que lh'a vigie, e d'elle a fia.

De Argos cinge a cabeça um cento de olhos,  
 Olhos, que dous a dous o somno alternam :  
 Desvelados os mais na presa cuidam.  
 Em quaesquer posições attento a guarda,  
 Volta-lhe as costas, e tem Io á vista.  
 Permite-lhe pascer em quanto é dia ;  
 Em transmontando o sol vai ferrolhal-a,  
 E um laço injusto lhe tornêa o collo.

Folhas agrestes, amargosa relva  
 Morde, rumina a triste ; em vez de leito  
 Dão-lhe, nem sempre de herva o chão forrado,  
 Matam-lhe as sedes em corrente impura.  
 Supplices braços estender quizera  
 Para o seu guardador ; mas que é dos braços ?  
 Intenta dar um ai, solta um mugido :  
 Treme do som, da sua voz se espanta.

Um dia ás margens vai, onde brincava,  
 Ás margens paternaes ; vê n'agua as pontas,  
 E, medrosa de si, foge do riô.  
 Inaco ignora, as Náiades não sabem  
 Quão pertencente lhe és, gentil novilha.  
 Eil-a os segue ; ás irmans, ao pae, que a admiram,  
 Não só deixa que a toquem, mas se offrece.  
 O velho hervas lhe colhe, e chega aos beiços ;  
 Ella lhe lambe as mãos, as mãos lhe beija ;  
 Terno pranto lhe corre, e se podêra

Socorro a desditosa invocaria,  
Seu nome, os fados seus articulára ;  
Mas, com letras em fim supprindo vozes,  
Servindo-se do pé, na arêa exprime  
O triste annuncio da mudada fórma.

« Oh pae desventurado ! (Inaco exclama  
Abraçando a cerviz, pegado ás pontas  
D'alva bezerra, da chorosa filha)  
« Oh pae desventurado ! (Elle repete)  
És tu, filha infeliz, tu, procurada  
Tantas vezes por mim, e em tantas partes ?  
Antes que ver-te assim, nunca te vira,  
Menor seria então minha amargura.  
Ah malfadada ! Responder não sabes,  
Altos suspiros sós do peito arrancas,  
Mugir á minha voz é quanto podes.  
Não prevendo teus fados, eu outr' hora  
O toro nupcial te apercebia.  
Duas bem ledas esperanças tive :  
Primeira o genro foi, segunda os netos ;  
Esposo, e filhos nas manadas brutas,  
Querido meu penhor, terás agora.  
Nem posso tanto mal findar co' a vida ;  
Empece-me o ser deus : afferrollhadas,  
Defesas para mim da morte as portas,  
Se estende a minha dor á eternidade. »

O oculoso pastor, que lhe ouve as mágoas,  
Ao lamentavel pae remove a filha,  
E vae apascental-a em outros campos :  
Sentado, de alto monte a vê, e a tudo.

Que ella sinta, porém, tão duros males  
 Não pôde o rei dos céos soffrer mais tempo :  
 Chamando o filho, que de Maia houvera,  
 Lhe ordena, lhe commette a morte de Argos.  
 Mercurio logo aos pés segura as azas ;  
 Toma a vara somnífera, o galéro,  
 E, ataviado assim, demanda a terra.  
 Galéro ali depõe, depõe talaes,  
 Sómente o caducéo na mão conserva ;  
 Leva-o como pastor, que seu rebanho  
 C'o toque do cajado aos pastos guia,  
 E de canora flauta os sons diffunde.

Da nova, doce musica tentado,  
 Argos ao numen diz : « Quem quer que sejas,  
 Comigo aqui, pastor, sentar-te podes.  
 Sitio melhor não ha para o rebanho,  
 Nem para o guardador, assim na sombra,  
 Como em fertilidade. » O deus se assenta ;  
 E em razões varias, que profere, e escuta,  
 Vai-se-lhe o dia. Adormecer intenta  
 Com a avena os cem lumes veladores,  
 Porém repugna o monstro aos molles somnos,  
 E bem que os acolheu parte dos olhos,  
 Parte d'elles vigia. Em fim, porque era  
 Da flauta a invenção recente ainda,  
 A Mercurio o pastor pergunta como,  
 Por quem fóra inventada. A isto o nume  
 Diz então : « Nas arcádicas montanhas  
 Teve nome entre as nymphas Nonacrinas,  
 Foi entre as Hamadryadas o assombro

A náíade Syrins, Syrins, a esquiva.  
 Aos sátyros hirsutos se furtava,  
 E aos mais deuses campestres, que a seguiam ;  
 Honrava nos costumes, no exercicio,  
 E na flor virginal a Ortygia deusa.  
 Em traje venatorio era Diana :  
 A similhaça os olhos enganára  
 Se arcos diversos não tivessem ambas,  
 Syrins um de marfim, Latónia um de ouro,  
 E assim mesmo enganava. Ella, deixando  
 O sombrio Lycéo, de Pan foi vista,  
 De Pan, c'roado do pinheiro agudo,  
 E o deus falou-lhe assim . . . « Narrar faltava  
 O que lhe disse o deus ; que accezas preces  
 A nympha repulsára, e que fugira,  
 Perseguida por elle até ás margens  
 Do sereno Ladon ; que ali parando,  
 Pelo estorvo das ondas, deprecára  
 A's ceruleas irmans que a trasformassem ;  
 Faltava referir que em vez da amada,  
 Crendo que já nas mãos a tinha presa,  
 Pan sómente abraçou palustres canas ;  
 Que em quanto suspirava, os ares n'ellas  
 Fizeram tenue som, quasi queixume ;  
 Que n'arte nova, que na voz suave  
 Enlevando-se todo, o deus dissera :  
 « Taes colloquios se quer terei contigo. »  
 Que ás canas desiguaes, com cêra unidas,  
 Dera seu nome a nympha. Ia Cylenio  
 Proseguir, eis que vê do somno oppressos

Os olhos todos. Subito emmudece,  
 Roça-os co'a vara, e lhe carrega o somno.  
 Rápido logo alçando o ferro curvo,  
 No vacillante collo o golpe acerta :  
 Cae a cabeça ; espadanando o sangue,  
 O sangue em borbotões macúla o monte.

Argos, jazes, em fim ; de todo extincta  
 A claridade está de tantos lumes :  
 Sombra eterna te occupa os olhos cento.  
 Saturnia lhos extrae, na cauda os prende  
 D'ave sua, e com elles a abrilhanta.

Mas freme a deusa, não retarda as iras ;  
 Da Argólica rival aos olhos, e alma  
 Expõe a vexadora, horrenda Erinnyes.  
 Seus crueis agrilhões lhe enterra a Furia,  
 Por todo o mundo a prófuga persegue.

Nilo, ao trabalho immenso, á espavorida  
 Carreira universal tu só restavas.  
 Tanto que imprime o pé nas margens tuas,  
 Sobre os joelhos cae, e aos céos erguendo  
 O que erguer só lhe é dado, os olhos tristes,  
 Com prantos, e mugidos ltuosos  
 Parece que se está queixando a Jove,  
 E que dos males seus o fim lhe implora.  
 Elle, o collo abraçando á sacra esposa,  
 Roga-lhe que remate a pena acerba.  
 « Perde o temor (lhe diz) crê que incentivo  
 Io não mais será de teus desgostos : »  
 E o protesto formal co'a Estyge abona.  
 Apenas se embrandece ao rogo a deusa,

Torna á mimosa nympha o gesto antigo,  
Torna a ser de repente o que era d'antes.  
Fogem do corpo as sedas, vão-se as pontas,  
O orbe, a fórma ocular se lhe restringem,  
Abbrevia-se a bôca, os braços volvem,  
Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas ;  
Já sómente em dous pés está sustida,  
Da novilha não tem senão a alvura.  
Receando mugir, falar não ousa,  
E a desusada voz ensaia a medo.  
Celeberrima deusa, agora a honram  
Aras, e incensos dos egypcios povos.

---

## O PRECIPICIO DE PHAETONTE.

(Fragmento, traduzido do Livro II.)

.....

**P**ORÉM leve era o pezo, era diverso  
 D'aquelle, que os Ethontes conheciam:  
 Quaes sem lastro bastante os curvos lenhos  
 São das ferventes ondas sacudidos;  
 Tal, co'a leveza insolita pulando,  
 Parece que vasio o carro foge.

Eis a quadriga rapida percebe  
 Que os passos lhe não rege a mão de um nume:  
 Eis salta impetuosa, e deixa o trilho,  
 E bate o campo azul por nova estrada:  
 Treme Phaetonte, e como as redeas torça,  
 E qual seja o caminho elle não sabe,  
 E inda, sabendo, não domára os brutos.  
 Pela primeira vez se escandeceram  
 Os gélidos Triões co'a etherea flama,  
 E banhar-se no pégo em vão tentaram.  
 Do pólo glacial visinha a serpe,  
 D'antes molle de frio, e não terrivel,  
 Ganhou no extranho ardor braveza extranha.

Diz-se, oh Bootes, que a tremer fugiste,  
 Bem que és tardio, e te retenha o carro:  
 Vê jazer muito ao longe o mar, e as terras,  
 O misero Phaetonte; amarellece,  
 E subito pavor lhe agita os membros:

Seus olhos em luz tanta encontram noute :  
Triste ! quizera já não ter tocado  
O coche de seu páe : já se arrepende  
De conhecer quem é : de haver podido  
O effeito conseguir do rogo incauto.

.....

---



## A GRUTA DA INVEJA.

(Traduzido do Livro II.)

**É** a estancia da Inveja em gruta enorme,  
 Lá n'uns profundos valles escondida,  
 Aonde o sol não vai, nem vai Favonio.  
 Reina ali rigoroso, eterno frio,  
 De humidas, grossas nevoas sempre abunda.  
 O monstro vive de vipereas carnes,  
 Dos seus tartáreos vicios alimento.  
 Da morte a pallidez lhe está no aspecto,  
 Magreza, e corrupção nos membros todos;  
 Olha sempre ao revez; ferrugem torpe  
 Nos asquerosos dentes lhe negreja;  
 Vê-se o fel verdejar no peito immundo,  
 Espumoso veneno a lingua véte:  
 Longe o riso lhe jaz dos negros labios,  
 Só se nos mais ha pranto ha n'ella riso,  
 Em não vendo chorar lhe acode o chôro:  
 Não gosa de repouso um só momento,  
 Os cuidados que a roem não soffrem somno:  
 Mirra-se de pezar, ao ver nos homens  
 Qualquer bem; rala, e rala-se a maligna,  
 É verdugo de si, odio de todos.

.....

## O ROUBO DE EUROPA POR JUPITER.

(Traduzido de Livro II.)

O GRAN Jove no céu Mercurio chama,  
 E sem lhe declarar o amor, que o fere,  
 «Vai, ministro fiel dos meus decretos,  
 Vai, filho meu, co' a sólita presteza;  
 Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista  
 Tua mãe reluzindo á sestra parte,  
 E que os seus naturaes Sidon nomeam.  
 O armentio real, que ao longe a relva  
 No monte anda a pascer, dirige á praia.»

Disse, e já da montanha o gado expulso  
 Caminha á fresca praia, ondè costuma  
 A do sidonio rei mimosa filha  
 Espairecer, folgar co' as tyrias virgens.

A majestade, e amor rão bem se ajustam:  
 Jámais o mesmo peito os accomoda.  
 Do sceptro a gravidade em fim depondo  
 O pãe, e o rei dos deuses, Jove, aquelle  
 Que armada tem do raio a sacra dextra,  
 E que ao minimo aceno abala o mundo,  
 Vêste fórma taurina, entre as manadas  
 Muge, e piza formoso as brandas hervas.

É cor da neve, que nem pés calcaram,  
 Nem co' as azas desfez o sol chuvoso;  
 Altêa airosamente o mobil collo;  
 Das espadoas lhe pende, e bambalêa

A candida barbella, as breves pontas  
 D'industriosa mão lavor parecem,  
 Ganham no lustre á pérola mais pura.  
 Não tem pezado cenho, olhar terrivel,  
 Antes benigna paz lhe alegre a fronte.

A filha de Agenor admira o touro,  
 Extranha ser tão bello, e ser tão manso.  
 Ao principio, inda assim, teme tocar-lhe;  
 Vai-se depois avisinbando a elle,  
 E as flores, que apanhou, lhe applica aos beiços.

Eil-o já pela relva salta, e brinca,  
 Já põe na fulva arêa o niveo lado.  
 Á virgem pouco a pouco o medo extingue,  
 E agora off'rece brandamente o peito  
 Só para que lh'o afague a mão formosa,  
 Agora as pontas, que a real donzella  
 De recentes boninas lhe engrinalda.

Ella, em fim, que não sabe a que se atreve,  
 Ousa nas alvas costas assentar-se.

De espaço á beira-mar descendo o nume,  
 Põe mentiroso pé n'agua primeira,  
 Vai depois mais ávante. . . em fim, nadando,  
 Leva a presa gentil por entre as ondas.  
 Ella de olhos na praia, ella medrosa.  
 Segura uma das mãos n'uma das pontas,  
 Sobre o dorso agitado a outra encosta;  
 Enfuna o vento as susurrantes vestes.

Despida finalmente a falsa imagem,  
 Eis apparece o deus, eis brilha Jove,  
 \* E em teus bosques, oh Creta, Amor triumphal

## A MORTE DE PYRAMO E THISBE.

(Traduzido do Livro IV.)

**P**YRAMO, singular entre os mancebos,  
E Thisbe, superior em formosura  
A todas as donzellas do oriente,  
Tinham contiguas as moradas suas  
Lá onde é fama que de ingentes muros  
Semiramis cingiu alta cidade.

A amor a visinhança abriu caminho,  
N'elles foi com a idade amor crescendo,  
E unir-se em doce nó votaram ambos,  
O que injustos os paes não permittiram.  
Em vivo, egual desejo os dous ardendo,  
(Que isto os paes evitar-lhes não poderam)  
Sem confidente algum, só por acenos,  
Por signaes se entendiam, se afagavam.  
Quando amor se recata é mais activo.  
Parede, que os dous lares dividia,  
Rasgada estava de uma tenue fenda  
Desde o tempo em que foram fabricados.  
Ninguem tinha notado este defeito ;  
Mas que não sente Amor, que não advérte ?  
Vós, amantes fieis, vós o notastes,  
E d'elle se valeu sagaz ternura.  
Soíam por ali passar sem medo  
Brandas finezas em murmurio brando.

De uma parte o mancebo, e Thisbe de outra,  
 Prestando unicamente, e recebendo  
 Seu halito amoroso, assim carpiam :  
 « Invejosa parede, a dous amantes  
 Porque, porque te oppões? Ah! Que importava  
 Que perfeita união nos consentisses?  
 Ou, se isto é muito, ao menos franqueasses  
 Aos osculos de amor logar bastante?  
 Mas não somos ingratos, confessámos  
 Que os nossos corações a ti só devem  
 Doce conversação, que os desafoga. »  
 Separados assim, e em vão diziam.  
 Dando um saudoso adeus já quasi á noute,  
 Ao partir cada qual suave beijo  
 Na parede insensível empregava,  
 Nem que o terno penhor chegar podesse  
 Aonde o dirigia o pensamento.

Um dia quando, roto o véo nocturno,  
 Tinha ante os lumes da serena Aurora  
 Desmaiado nos céos a luz dos astros,  
 E Phebo com seu raio ia seccando  
 Sobre as hervas subtís o frio orvalho,  
 Ao logar do costume os dous volveram.  
 Depois de mutuamente se queixarem  
 Da pezada oppressão, que os constrangia,  
 Com mais cautéla ainda, em tom mais baixo  
 Concertam entre si que em vindo a noute  
 Haviam de illudir os páes, e os servos,  
 De seus larés fugindo, e da cidade:  
 Que, por não se perderem vagueando

Pelo campo espaçoso, ao pé da antiga  
Sepultura de Nino ambos parassem,  
Pósto á sombra de arvore frondosa.  
Esta arvore, que ali ao ar se erguia,  
Carregada de fructos cor de neve,  
(Então da cor de neve até maduros)  
Era a grata amoreira : amena fonte,  
Fervendo junto d'ella, o chão regava.

Quadrou o ajuste, e nas ceruleas ondas  
Caíndo, tardo o sol para os amantes,  
E d'onde o sol caíu surgindo a noute,  
Achada occasião, por entre as sombras  
Thisbe astuta das portas volve a chave,  
Engana os seus, e sáe. Cubrindo o rosto,  
Caminha para o tumulo de Nino,  
Chega, e debaixo da arvore sê assenta :  
Dava Amor ousadia á linda moça.  
Eis que feroz leôa, ensanguentada  
De recente matança a boca enorme,  
Assôma, e vem depôr na fonte a sêde.  
Porque o pleno luar cubria o campo  
A vê ao longe a babilonia Thisbe,  
E com tímidos pés em gruta umbrosa  
Vai sumir-se, correndo, e palpitando,  
E na carreira o véo lhe cáe por terra.  
Depois que o tórvo bruto a sede ardente  
Nas aguas apagou, tornando aos bosques  
O solto véo sem Thisbe acaso encontra,  
E no sanguineo dente o despedaça.

Pyramo, que do lar saíu mais tarde,

Que vê no erguido pó signal de féra,  
E de féra no chão pégadas nota,  
Descorando estremece, e tinto em sangue  
Acha o caído véo. « N'uma só noute  
(Diz elle) dous amantes se perderam ;  
Perdeu-se a bella, a triste, a desgraçada  
Que de longa existencia era tão digna.  
Eu tive toda a culpa, eu, miseranda,  
Eu fui quem te matou, fui quem te disse  
Que de noute, que só te aventurasses  
A tão ermo logar, tão pavoroso,  
E para te acudir não vim primeiro.  
Lacerai-me este corpo abominavel,  
Devorai-me estas barbaras entranhas,  
Oh leões, que jazeis por essas grutas !  
Mas chamar pela morte é só dos fracos. »  
Já da terra levanta o véo de Thisbe,  
E para a fertil planta se encaminha,  
Vai com elle ao logar do terno ajuste.  
Cubrindo-o lá de lagrimas, e beijos,  
« O meu sangue (lhe diz) tambem te regue,  
Recebe, oh triste véo, tambem meu sangue. »  
E subito, despindo o ferro agudo  
Que ao lado lhe pendia, em si o enterra :  
Da ferida mortal o extráe, o arranca,  
E de costas no chão depois baquêa.  
Em rôxos borbotões lhe ferve o sangue,  
E lhe salta com impeto, á maneira  
De alto, e cheio aqueducto, que rebenta,  
Que estrondoso arremessa ao longe as aguas,

Co' a suberba impulsão rompendo os ares.  
Da ramosa amoreira os alvos fructos,  
Pela rubra corrente rociados,  
Em triste, negra cor a antiga mudam,  
E do sangue a raiz humedecida,  
Logo ás amoras purpurêa o sumo.

De todo não perdido ainda o medo,  
Vólta a gentil donzella ao fatal sitio  
Porque a não ache em falta o charo amante.  
C'os olhos, e c'o espirito o procura,  
Desejosa de expôr-lhe o grave risco  
De que pôde escapar. Notando a planta  
Mudada no exterior, a desconhece,  
Duyda se é a mesma. Em quanto hesita  
Vê tremer, e arquejar na terra um corpo,  
Na terra, que de sangue está manchada.  
Recúa de terror, pallida, absorta,  
Arripiã-se, e freme, á similhaça  
Do rouco mar, se as virações o encrespam.  
Mas depois que attentando em fim conhece  
A porção da sua alma, os seus amores,  
Rompe em chôros, em ais, maltracta o peito,  
O peito encantador, que o não merece,  
Arranca delirante as louras tranças,  
Entre os braços aperta o corpo amado,  
Vérte amargosas lagrimas no golpe,  
Correndo mixturados sangue, e pranto;  
Piedosos beijos dá no rosto frio,  
Clama: « Oh Pyramo! Oh céos! Que duro caso  
Te arrebatã de mim? Pyramo, escuta,



Responde-me, querido: a tua amada,  
A tua fiel Thisbe é quem te chama;  
O semblante abatido ergue da terra.»

Ouvindo proferir da amada o nome,  
O malfadado moço eis abre os olhos,  
Já dô pezo da morte enfraquecidos;  
Volve-os a Thisbe, e para sempre os cerra.

N'isto aquella infeliz o véo distingue,  
Vê do extincto amador a nua espada.  
«Teu amor, tua mão te hão dado a morte!  
Eu tambem tenho mãos (exclama a triste)  
Eu tambem tenho amor capaz de extremos,  
Que esforço me dará para seguir-te.

Sim, eu te seguirei, serei chamada  
Da tua desventura a causa, a socia.  
Ai! Só podia a morte separar-nos. . .  
Mas não, nem ella mesma nos separa.  
Oh vós, dai terno ouvido ás preces de ambos,  
Miseros páes de miseros amantes,  
Que une por lei do Fado Amor, e a Morte;  
Deixai que o mesmo tumulo os encerre.  
E tu, arvore, tu, que estás cubrindo  
Agora um só cadaver miserando,  
Logo dous cubrirás. Signaes conserva  
Da tragedia que vês, e por teus fructos  
Difunde sempre a cor de luto, e mágoa,  
Monumento fatal do negro caso.»

Cala-se, encosta o peito á férrea ponta,  
Do sangue do infeliz tépida ainda,  
E traspassa-se, e cáe. Das preces tristes

Comtudo os céos, e os páes se enterneceram.  
Nos ramos da frondifera amoreira  
Quando maduro está negreja o fructo ;  
E a lacrimosa, paternal piedade  
Guardou n'uma só urna as cinzas de ambos.

---

## CADMO, E HERMIONE.

(Traduzido do Livro IV.)

---

**D**A serie de teus males já vencido,  
E de fataes, maleficos portentos,  
Tu, filho de Agenor, tu, triste Cadmo,  
Sâes da cidade, que erigido havias,  
Como se os Fados d'ella, e não teus Fados  
Te perseguissem lá. Depois de longos  
Terrenos vaguear, parou na Illyria  
Co'a profuga consorte. Ali, gravados  
Da desgraça, e da idade, a estrella adversa  
Memorando dos seus, e discorrendo  
Nos curtidos trabalhos, Cadmo exclama :  
« Ah ! Sagrada talvez era a serpente  
Que no bosque matei quando expellido  
De Sidonia me vi por lei paterna !  
Sacro seria o monstro, em cujos dentes  
Pela terra espalhei semente infensa !  
Pois se dos numes o furor se apura  
Tanto, e tanto em vingal-o, imploro aos numes  
Que em comprida serpente me transformem. »  
Disse, e como serpente eis que se alonga,  
Eis na cutis nascer vê dura escama,  
Ceruleas nodoas variar-lhe o corpo :  
Na terra cãe de peitos : manso, e manso

Os membros se confundem, que o sustinham,  
E em holiçosa cauda se afeiçoam.

Restam-lhe braços ; braços que lhe restam  
Estende o malfadado, e diz, banhando  
De lagrimas a face, ainda humana :

« Vem, doce, vem, miserrima consorte,  
Em quanto ainda em mim de mim vês parte ;  
A mão, em quanto é mão, recebe, aperta,  
E em quanto não sou todo enorme serpe. »

Queria proseguir, mas de improviso  
A lingua se lhe fende, ei-o com duas ;  
Falecem-lhe as palavras : quantas vezes  
Se intenta deplorar, tantas sibila :  
Só lhe deixa esta voz a Natureza.

Co'a mão ferindo o peito, a esposa clama :  
« Cadmo, espera ; infeliz, despe esse monstro !  
Que é isto ! Que é dos hombros, que é dos braços !  
As mãos, os pés, e a cor, e o rosto, e tudo !  
Porque, poder do céo, porque, Destinos,  
Me não mudais tambem na fórma horrenda ? »

Diz, e elle da consorte as faces lambe,  
E o (que ainda conhece) amado peito :  
O collo, que lhe foi, que lhe é tão charo,  
Cinge com mimo, e como póde abraça.

Todos os companheiros, que o rodeam,  
Atterrados estão, porém co'as linguas  
Os lubricos dragões vão afagal-os,  
Que subito são dous, e os juntos corpos  
Fazendo um só volume, e serpeando,  
Se escondem pela proxima floresta,

Dos homens todavia inda não fogem ;  
Não têm dente mordaz, não têm veneno,  
Não fazem damno algum : do que já foram  
Os benignos dragões inda se lembram.

---

## ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.

(Traduzido do Livro IV.)

**T**RAZENDO o espolio do vipéreo monstro,  
 E equilibrado em azas estridentes,  
 Presas aos leves pés, vagava os ares  
 O Argolico Persêo, prole do nume  
 Que a Danae seduzira em aurea chuva.

Sobre as crestantes, lybicas arêas  
 Pendente o vencedor, caíram n'ellas  
 Da Gorgonea cerviz sanguineas gotas,  
 E bebendo-as a terra as faz serpentes :  
 Desde então de serpentes Lybia abunda.

Logo, agitado por discordes ventos,  
 Para aqui, para ali, qual gira a nuvem,  
 Descobre o moço errante ao longe as terras,  
 E sobre o vasto globo anda voando.

As Ursas boreaes viu já tres vezes,  
 E já tres vezes viu do Cancro os braços ;  
 Mil ao occaso foi, mil ao nascente,  
 Pela aérea violencia despedido.  
 Em fim, proximo á noute, e receando  
 Persêo fiar-se d'ella, o vôo abate  
 Na hespéria região, reinos de Atlante.  
 O heróe pede ao monarcha um breve asylo,  
 Té que phosphoro esperte a luz d'Aurora,  
 E Aurora o carro de ouro ao Sol prepare.

Superior na estatura aos homens todos  
 Era o filho de Japeto, era Atlante.  
 Deu leis na terra extrema, e leis nos mares  
 Onde os lassos frisões mergulha Phebo.  
 Ali manadas mil do rei gigante,  
 Mil rebanhos ali pascendo erravam,  
 E ao seu não confrontava extranho imperio.  
 Tinha um vergel com arvore lustrosa :  
 As folhas eram de ouro, e de ouro os ramos,  
 Aureos os pomos, que pendiam d'elles.

« Gran-rei (Perséo lhe diz) se amas a gloria  
 D'alta estirpe, o meu ser provém de Jove ;  
 E se és admirador d'acções famosas,  
 Hão de maravilhar-te as acções minhas.  
 Rogo-te a graça de nocturno hospicio. »

Mas de oraculo antigo o rei se lembra ;  
 A Themis no Parnaso ouviu outr' hora :  
 « Ha de vir tempo, Atlante, em que dos fructos  
 A arvore tua despojada fique :  
 Filho o seu roubador será de Jove. »

Receoso do furto, havia Atlante  
 Torneado o pomar com rijos muros,  
 E horroroso dragão lhe poz de véla :  
 A forasteiro algum nos seus dominios  
 Guardada não concede, expulsa todos,  
 E a este diz tambem : « Vai para longe,  
 Se não queres de ti ver longe a gloria  
 Dos mentirosos feitos, se não queres  
 Longe, mais longe ainda o páe, que ostentas. »  
 E, ajuntando a violencia aos ameaços,

Intenta repellir além das portas  
Perséo, que lhe resiste, e substitue  
Palavras fortes a palavras brandas.

Nas forças inferior se reconhece :  
Quem podia egualar de Atlante as forças ?  
« Já que a minha amizade em pouco estimas, »  
(Diz o affrontado heróe) recebe o premio. »  
N'isto co'a mão sinistra, e desviando  
Primeiro os olhos para a parte adversa,  
Lhe mostra de Medusa a face horrenda.

Eis feito o enorme Atlante um monte enorme :  
Barbas, melénas se lhe tornam selvas ;  
São recostos da serra as mãos, e os braços,  
O que já foi cabeça agora é cume,  
Dos ossos os penedos se formaram.

Para todas as partes se dilata ;  
Crescendo mais, e mais, altura immensa  
Toma em fim : (vós, oh numes, o ordenastes)  
Todo o pezo dos céos descança n'elle.



## O ROUBO DE ORITHYA POR BOREAS.

(Traduzido do Livro VI.)

**O** AFFAMADO Erecthêo regia Athenas,  
 Heróe na rectidão, e heróe no esforço.  
 Quatro filhos houvera, e quatro filhas :  
 Em duas florescia igual belleza.  
 Foi Procris, uma d'ellas, esposada  
 Por Cephalo, de Eólo egregio sangue ;  
 A outra, inda donzella, era Orithya.  
 Arde em seus olhos o Estrymonio Bóreas,  
 Arde ãa muito, e do pãe ha muito a espera,  
 Brando rogo antepondo a dura força ;  
 Mas vendo as preces vans, lesada a gloria,  
 Horrido co'a braveza a que anda affeito,  
 Crua, espantosa, natural ao vento,  
 E da razão munido, assim declama :  
 « Porque, porque depuz, insano, as armas,  
 Fereza, robustez, e voz terrivel,  
 Usando o rogo, que a meu ser não quadra ?  
 Só me convém, me é propria a força, a ira :  
 Com ellas arrebató as altas nuvens,  
 Com ellas em montanhas ergo ós mares,  
 Torço os carvalhos, endureço as neves,  
 A redonda saraiva arrojó á terra ;  
 E se os bravos irmãos nos céos encontro,

(Que vós, oh vastos céos, vós sois meus campos)  
Com tanta audacia, tanta furia lucto,  
Que nosso embate horrendo atira o pólo,  
E d'entre a cerração rebenta o raio.  
Se o gran seio investigo á curva terra,  
Se ás intimas cavernas metto os hombros,  
Turbam-se os manes, estremece o mundo.  
Dest'arte me cumpria haver a esposa,  
Devia usar da força em vez das preces,  
Não rogar Erecthêo, mas constrangel-o.»

Isto, ou mais Bóreas diz, e as azas bate,  
E abana as terras, e revolve as ondas.  
Pelos cumes altissimos dos serros  
Manto pulverulento o deus arrasta ;  
Varre o chão, e escondido em nevoa grossa,  
A tímida Oríthya envolve, abraça  
Co'as fulvas pennas, e remonta o vôo.

Em quanto adeja rápido com ella,  
As flammias agitadas mais se atêam :  
E na aerea carreira impetuosa  
O activo roubador se não reprime,  
Até que pousa nos Sithonios muros.  
Ali a Actéa, singular princeza  
Esposa foi do aligero tyranno,  
E mãe dos gemeos inclitos, que abriram  
Não vistos mares no baixel primeiro.

## PROGNE, TEREIO, E PHILOMELA.

(Traduzido do Livro VI.)

**B**ARBAROS esquadrões, que o mar trouxera,  
As muralhas de Athenas aterravam.  
Terêo, da Thracia rei, com presto auxilio  
À cidade acudiu, e os poz em fuga,  
Colhendo na victoria egregio nome.

O grato Pandion ao gran monarcha,  
Nas forças, na opulencia abalizado,  
E alta progenie do immortal Gradivo,  
Deu, como em recompensa, uma das filhas :  
O uniu com Progne em vinculo amoroso.

Ao rito, á festa nupcial não foram  
Presidente Hymenêo, pronuba Juno ;  
Nenhuma das tres Graças veiu ao toro :  
As horrorosas Furias o erigiram,  
Em torno d'elle as horrorosas Furias  
Nas dextras negrejantes empunharam  
Tochas, roubadas a funerea pompa.  
Sobre o docel do thalamo sinistro  
Pousou na infausta noute ave agoureira ;  
Muda assistiu ao conjugal mysterio :  
Ante ella esposos foram, páes ante ella.  
Co'a vergontea dos reis a Thracia folga,  
Mil incensos aos céos, mil graças manda,

E a festejo annual consagra o dia  
Em que ao feroz Terêo foi Progne dada,  
Em que o fructo de amor, Itys mimoso  
Veiu dar gloria aos páes, e ao longo estado:  
Tanto o mortal ignora o que lhe é util!

Cinco vezes o sol já volteara  
Os céos, de primavera em primavera,  
Quando Progne, afagando o duro esposo,  
« Se um favor te mereço, ou me conduze  
A abraçar minha irman (lhe diz) ou corre,  
Corre a buscal-a. Ao sogro encanecido  
Jura restituil-a em curto espaço.  
Uma impagavel dádiva, um thesouro  
Na irman te deverei. « Terêo se aprrompta,  
Arma os curvos baixeis, e a véla, os remos  
Pelo porto Cecropio se introduzem.

Já surge, e do Pirêo já desce ás praias.  
Ledo o recebe o sogro, as mãos apertam,  
Travam conversação com triste agouro.  
O Thracio a referir em fim começa  
Os desejos, as supplicas da esposa,  
E a afirmar o promptissimo regresso.  
Ante elles Philomela eis apparece,  
Rica em traje, riquissima em belleza,  
Como ouvimos dizer que nas florestas  
As Dryades, as Nayades passeam,  
Figurando-lhe a idéa o mesmo adorno.  
Terêo, á face da estremada virgem,  
Fica absorto, encantado, arde em silencio,  
Qual flamma, que, nos campos atcada,

A relva, as folhas, as searas come.  
Da bella os olhos este ardor merecem ;  
Mas févido appetite impetuoso  
Pula no peito do anciado amante,  
E a torpe, viciosa natureza  
Do seu clima brutal, propenso a Venus.  
Cego anhelando a candida donzella,  
Impulsos tem de corromper-lhe as servas,  
E a mãe segunda, que a nutrira ao seio.  
Não só deseja obter por dons sublimes  
A origem da paixão, que o desespera,  
Mas estragar por ella o mesmo imperio,  
Ou antes arrancal-a, e defendel-a  
Em pertinaz conflicto, em brava guerra :  
Nada vê, que não ouse, ou que não tente  
Seu criminoso amor desenfreado.  
No accezo coração não cabe a chamma,  
A demora fatal soffrer não póde.

Da saudosa consorte eis o perverso  
As preces, as instancias exaggera,  
E nos desejos d'ella os seus disfarça :  
Energia, e facundia Amor lhe empresta.  
Quando além do que é justo eleva o rogo,  
De Progne com o ardor o córa, o doura ;  
Té lagrimas co'as supplicas mixtura,  
Como que fossem lagrimas da esposa.  
Oh deuses ! Quanto é cega a mente humana !  
A maldade em Terèo se crê virtude :  
No crime, na traição louvor grangêa.

Onde, ah ! onde, innocente Philomela,

Queres ir c'um tyranno ! Eil-a amorosa  
 Aperta o triste páe nos lindos braços ;  
 O bem de ver a irman com ancia pede,  
 Pela irman contra si de orar não cessa.  
 Com famulentos olhos a devora  
 O sóffrego Terêo, pasmado n'ella,  
 E, tocando-lhe, a insta a que affervore.  
 A que duplique as supplicas urgentes.  
 Os braços, com que cinge o patrio collo,  
 Os beijos, que na mão paterna imprime,  
 Tudo aviva os estimulos, o fogo,  
 O tacito furor, que o vai ralando.  
 Quantas vezes a filha ao páe se abraça,  
 Tantas de o páe não ser ao Thracio peza :  
 Mais torpe fôra então, mais ímpio fôra.  
 Ambos o velho rei com rogos vencem ;  
 Ella folga, ella exulta, e dá mil graças  
 A paternal bondade : a si, e a Progne  
 O que lhes é fatal propicio julga.  
 Sómente um curto giro ao sol já resta ;  
 Os ferventes cavallos espumosos  
 Batem suberbos no declive Olympo :  
 Aprestam-se as reaes, as lautas mezas,  
 Aureo liquor borbolha em aureas taças :  
 Depois o grato somno aos olhos vóa.  
 Mas, longe dos encantos que o transportam,  
 Não dorme, não repousa o fero amante :  
 Arde, e pinta na idéa a face, os olhos,  
 Pinta os gestos, as mãos, o mais que olhara,  
 E finge, como o quer, o que não virá :

Ao prazer afferrado o pensamento,  
 Lhe atixa a flamma, lhe desvia o somno.  
 Luziu a aurora, e Pandion, chorando,  
 Ao genro, cuja mão saudoso aperta,  
 O querido penhor commette, e roga  
 Que o guarde, que o vigie. « Amadas filhas,  
 « Vós assim o quereis (diz soluçando)  
 E tu tambem, Terêo. Pois causa justa  
 Vos obriga, eu me rendo. Eis a minha alma,  
 Eis a filha te dou. Por mim, por ella,  
 Pela fé, por ti mesmo, e pelos numes  
 Te imploro a amimes com amor paterno,  
 E que este doce alivio de meus annos,  
 (Annos cançados já) me restituas,  
 Cedo, ah !. . Cedo. Não tardes, não me enganes,  
 Que longa me será qualquer demora.  
 Tu, tambem, se tens dó de um pae magoado,  
 Vem logo, oh filha minha, oh meu thesouro :  
 Bem basta tua irman viver tão longe. »  
 Assim falando, o misero a beijava,  
 E as lagrimas na face lhe catam.  
 Depois que a dextra mão por segurança  
 Um ao outro pediu, deu um ao outro,  
 O ancião consternado á próle, ao genro  
 Para o neto mimoso, e filha ausente  
 Dá mil ternas saudades, mil suspiros :  
 Apenas balbucia entre soluços  
 O lacrimoso adeus, presagio triste,  
 Carrancudo terror lhe sobe á mente.  
 Em pintado baixel eis Philomela,

Eis o remo a compasso as ondas volve  
 O mar ferve na prôa, e foge a terra.  
 « Vencêmos, (diz o barbaro) vencêmos!  
 Meus desejos, meus gostos vão comigo. »  
 E exulta, e pôde apenas moderar-se,  
 Reter a execução de atroz intento.  
 Nunca os olhos distráe do objecto amado,  
 Bem como a carniceira ave de Jove,  
 Que tem bico revoltó, e curvas garras,  
 Fraca lebre depõe no aéreo ninho :  
 Conhece que fugir não pôde a preza,  
 Seguro o roubador contempla o roubo.

Já do equoreo caminho os vasos leves  
 Venceram a extensão ; já, fatigados.  
 No patrio fundo as ancoras arrojam.  
 O audaz, Threicio rei a antiga selva,  
 A deserto palacio tenebroso  
 Guia de Pandion a triste filha.  
 Ali, pallida, trémula, chorosa,  
 Pela irman perguntando inutilmente,  
 Em remoto aposento o monstro a cerra.  
 Phrenetico lhe expõe o amor nefando,  
 E com força brutal, com fera insania  
 Mancha, corrompe a virginal pureza  
 Da misera, que em vão mil vezes clama  
 Pelo páe, pela irman, por vós, oh nunes !

Ella ainda depois está tremendo,  
 Qual cordeira mansissima, que ao lobo  
 Foi por bravo rafeiro arrebatada,  
 E nem comtudo então se cré segura ;



Ou qual candida pomba, que escapando  
D'entre as unhas mortaes do açor cruento,  
Tintas no proprio sangue as alvas pennas,  
Se arripia de horror, e inda se teme  
Do rapido inimigo. Em fim, tornando  
A ter alento, e voz a profanada,  
Lastimosa princeza, estraga, arranca  
Os formosos cabellos desgrenhados ;  
Fere o peito gentil, desfaz-se em pranto,  
E, alçadas para os céos as mãos de neve,  
« Oh barbaro ! Oh traidor ! Oh tigre ! (exclama)  
Nem supplicas de um páe curvado, e triste,  
Nem a fraterna fé, que me devias,  
Nem da inerme innocencia o puro estado,  
Nem as leis conjugaes te commoveram !  
Todas tens quebrantado : os teus furores  
Mancham duas irmans com torpe affronta...  
(Pena tão dura não mereço, oh numes !)  
Para não te escapar nenhum delicto,  
Ah ! Que fazes, cruel, que não me arrancas  
Uma vida infamada, abominosa ?  
E oxalá, que a tivesses arrancado  
Antes do horrivel, execrando incesto !  
Ao Lethes minha sombra fôra illesa.  
Porém se os deuses têm poder, têm olhos,  
Se tudo em fim não pereceu comigo,  
Castigado serás, serei vingada :  
Sacudido o pudor, direi teu crime.  
Se entre povos me achar, sabel-o-hão povos,  
Se entre bosques por ti ficar sumida,

Os meus males farei saber aos bosques,  
 Farei saber ás pedras os meus males,  
 E hei de apiedar com elles bosques, pedras.  
 Este firme protesto os céos me escutem,  
 E um Deus, se acaso um Deus no céu reside! »

Com estes ameaços o tyranno  
 Sente no coração ferver-lhe a raiva,  
 Mas não menor, que a raiva é n'elle o medo ;  
 E de uma, e de outra causa estimulado,  
 Da lustrosa bainha o ferro despe,  
 E ás tranças da infeliz a mão lançando,  
 Em duros nós lhe enlêa os tenros braços.

Inclina Philomela o niveo colo,  
 Da espada, que vê nua, espera a morte ;  
 Mas o duro, o feroz, por mais que a triste  
 Lucto, resista, invoque o patrio nome,  
 Com rígida torquez lhe afferra a lingua,  
 A lingua, que falar em vão procura,  
 Lh'a extráe da boca, e rapido lh'a corta.  
 A purpurea raiz lhe náda em sangue,  
 Cáe o resto no chão, murmura, e treme,  
 Qual da escamosa serpe mutilada  
 A cauda palpitante, e moribunda,  
 Que ao corpo em que viveu pretende unir-se.

Completa a negra acção, se diz que o monstro  
 Inda mais de uma vez (horror não crível!)  
 Cubiçou, repetiu prazer infame.

Depois de tão crueis, tão feios crimes,  
 Atreve-se o malvado a ver a esposa.  
 Progne entre sustos pela irman pergunta :

Elle exhala do peito um ai fingido,  
Diz que é morta, e com lagrimas o abona.

Das régias vestiduras se despoja,  
Traja a sentida Progne escuras vestes,  
Erige um vão sepulchro, e sagra n'elle  
Inuteis oblações a falsos manes,  
Carpindo a irman, que assim carpir não deve.

Já tem corrido Apollo as doze estancias  
Depois do caso enorme. Ah! Philomela  
Que fará? Guarda attenta impede a fuga,  
Rijos muros de marmore a rodêam,  
Seu mal narrar não póde a muda boca.  
Tens, oh necessidade, agudo engenho,  
Às grandes afflicções industria acode.  
Subtil, candida téa urdindo a furto,  
Entre alvos fios põe purpureas letras,  
Indicios da ferina atrocidade,  
E do sagaz lavor ao fim chegando,  
O confia em segredo a meiga escrava,  
Lhe roga por acções o léve a Progne:  
Ella o conduz, e o que conduz não sabe.

Eis a rainha desenvolve a téla,  
E lê, e entende a miseranda historia,  
E cala-se (calar-se é quasi incrível!)  
A dor lhe tolhe a voz; termos, que expressem  
A sua indignação, não tem, não acha;  
Nem se occupa em chorar: confusa, absorta,  
Mil horrendas tenções volve na mente,  
E embebe-se na imagem da vingança.

Era o tempo famoso, oh deus de Thebas,

Em que as Sithonias moças te festejam.  
 Aos ritos bacchanaes. preside a Noute ;  
 No Rhódope de noute a voz aguda  
 Dos éreos instrumentos vai soando,  
 E de noute a rainha os paços deixa. •  
 Do deus nas ceremonias já se instrue,  
 Já toma as armas furiaes, já cinge  
 A cabeça de pámpanos, e pendem  
 Pelles cervinas do sinistro lado :  
 Ritual hastea leve ao hombro encósta.

Seguida das terriveis companheiras,  
 Progne terrivel pelas selvas corre,  
 E nos furores, que a paixão lhe excita,  
 Vai simulando, oh Baccho, os teus furores.  
 Chega á dura prisão de Philomela,  
 Brama, grita : « Evohé ! » E arromba as portas ;  
 Arranca a triste irman do horror que a cêrca,  
 Nas bacchicas insignias a disfarça,  
 Recata-lhe as feições co' as folhas de hera,  
 E a conduz assombrada aos regios muros.

Vendo que toca o pavimento infandø,  
 Philomela infeliz treme, descora.  
 Mettidas em recondito aposento,  
 Progne lhe despe as sacras vestiduras,  
 Progne d'afflicta irman descobre as faces,  
 As faces lacrimosas, e inda bellas ;  
 Terno abraço lhe dá, mas pôr-lhe os olhos  
 Não ousa a desgraçada, e se horroriza  
 De haver sido (apezar de o ser sem culpa)  
 Cumplice, origem da fraterna offensa.

O macerado rosto unindo á terra,  
 Jurar tentando, e referir-se aos nunes,  
 Não podendo co' a voz, co' as mãos exprime  
 Que a violencia lhe fez tão vil opprobrio.

Arde Progne, conter não sabe as iras ;  
 Da malfadada irman condemna o pranto.  
 « Lagrimas (diz) não servem, serve o ferro,  
 Ou cousas mais crueis que o ferro : a tudo,  
 Por barbaro que seja, estou disposta.  
 Ou tragarei co' a chamma os regios lares,  
 Suffocando no ardor das igneas ondas  
 O artifice infernal da injuria nossa ;  
 Ou os olhos, a lingua, o mais, que teve  
 Parte na torpe acção, n'acção maldicta,  
 C'o ferro hei de arrancar, ou por cem golpes  
 A vida roubarei ao impio monstro.  
 São grandes, são terriveis quantos modos  
 De vingança ideei, porém vacillo  
 Na escolha do peor. » Em quanto Progne  
 Fala assim, para a mãe vem caminhando  
 Itys, o tenro principe formoso.

Á rainha, ao sentil-o, ao vêl-o, occorre  
 Nova maneira de vingar a infamia,  
 E, vibrando-lhe os olhos assanhados,  
 « Ah ! Como ao páe na fórma é semelhante ! »  
 Disse, e não disse mais. Projecta, escolhe  
 Acto espantoso, e ferve em ira muda.

Comtudo, ao tempo em que o menino amavel  
 A saúda com jubilo amoroso,  
 E os bracinhos gentís lhe alça ao collo ;

Quando o vê mixturar beijos suaves  
 Com doces mimos, com pueris branduras,  
 Um tanto se commove a mãe raivosa,  
 E os olhos, sem querer, se lhe humedecem.  
 Porém do coração, que bate, e arqueja,  
 Já se desliza o mavioso affecto.  
 De novo á triste irman volvendo os olhos,  
 E ora n'ella attentando, ora no filho,  
 « Porque fala, e me attráe com mil caricias  
 Um (diz Progne) e jaz muda, e chora a outra !  
 Este, oh céos ! Livremente a mãe nomêa,  
 E aquella nomear a irman não póde !  
 Ólha, vê com que esposo estás ligada,  
 Filha de Pandion ! Tu degeneras :  
 Com Terêo a piedade é crime horrendo. »

Não continúa, e subito, á maneira  
 D'um tigre da gangetica espessura,  
 Que por bosques opacos arrastada  
 Da veloz corça leva a tenra cria,  
 Progne as mãos arremessa ao delicado,  
 Ao candido filhinho, e vai com elle,  
 E com a irman cerrar-se em erma estancia.

Ali uo infeliz, que já conhece  
 Os negros fados seus, que as mãos levanta,  
 Que treme, que prantêa, e que se abraça  
 Ao seu querido algoz « Mãe ! mãe ! » clamando,  
 Ali ao infeliz no peito embebe  
 A vingativa Progne agudo ferro :  
 Nem torce o rosto, nem repete o golpe,  
 Que um só golpe lhe rompe o debil fio.

Philomela o degola, e dilacera  
 Os membros em que ha inda um resto d'alma.  
 Já parte d'elles pula em éneos vasos,  
 Parte range em subtil, duro instrumento :  
 Vai pelo chão correndo o sangue em rios.

Das cruentas porções a fera esposa  
 Prepara detestaveis iguarias  
 Ao marido infiel, que tudo ignora.  
 Um sacrificio finge ao patrio modo,  
 No qual um só varão ter deve ingresso :  
 Servos, e cortezãos assim remove.

Assoma já Teréo no throno herdado,  
 E em alta, festival, purpurea meza  
 Come parte de si, devora o filho :  
 Tanta cegueira lhe ennegrece a mente !  
 « Itys aqui trazei » (diz elle). Eis Progne  
 Dissimular não póde o gosto infando,  
 E, resolvendo em fim manifestar-se,  
 « Tens dentro (lhe responde) o que desejas. »  
 Elle olha em torno a si, pergunta : « Aonde ? »  
 E de novo procura, e chama o filho.  
 Mas n'isto Philomela, em sangue envolta,  
 Olhos accezos, desgrenhada a trança,  
 Entra, e do filho a mádida cabeça  
 Ás faces paternaes subito arroja.

Não teve em tempo algum tanto desejo  
 De falar, de poder com agras vozes  
 Patentear seu jubilo ao tyranno.  
 Elle sólta um clamor, que atrôa as salas ;  
 Derriba a fatal meza, invoca as Furias,

E ora tenta expulsar com ancia horrenda  
As tragadas, funestas iguarias,  
Ora lagrimas véрте, e de seu filho  
Sepulchro miseravel se nomêa.

Em fim de Pandion persegue a prole,  
Brandindo o ferro nu com mão tremente.  
O corpo das cecrópidas parece  
Que em azas se equilibra, e não é sonho,  
Em azas se equilibra, e muda a fórma.  
Uma rapidamente aos bosques vóa,  
Outra, egual na presteza, aos tectos sóbe,  
E do assassinio as máculas não perde:  
Inda do rubro sangue desparzido  
Evidentes signaes lhe estão no peito.

Terêo, fóra de si, e arrebatado  
Pela dor, pelas furias da vingança,  
Ave adeja tambem, que na cabeça  
Traz erguido penacho, e tem por armas  
Longo bico mordaz: seu nome é poupa.

O successo fatal, sabido apenas,  
Despenhou Pandion na sepultura.

---



A DESCIDA DE ORPHEO AOS INFERNOS  
A BUSCAR EURYDICE.

(Traduzido do Livro X.)

**D**E rutilantes vestes adornado  
Hymenêo rompe o ar, e á Thracia vò,  
Lá d'onde o chama Orphêo, porém de balde.  
O deus sim presidiu do vate ás nupcias,  
Mas não levára ali solemnes vozes,  
Nem presagio feliz, nem ledô rosto.  
Sentiu-se apenas crepitar-lhe o facho,  
E em vez de viva luz soltar um fumo  
Lutuoso, e fatal: vâmente o nume  
Tentou c'o movimento erguer-lhe a chamma.  
O effeito foi peor que o mesto agouro.  
Em quanto a linda noiva os prados gira,  
Das nayades gentis acompanhada,  
Áspide occulto fere o pé mimoso:  
Morre a moça infeliz, e o triste amante  
Depois de a lamentar aos céos, e á terra,  
Emprende commover do inferno as sombras;  
Affouto desce a vós, Tenarias portas.  
Por entre baralhada, aerea turba

Cujos restos mortaes sepulchro logram,  
Aos negros paços vai do rei das trévas,  
Vê do tyranno eterno o throno horrendo.  
Lá casa os sons da voz, e os sons da lyra,  
Ás deidades crueis lá diz: » Oh deuses,  
Deuses do mundo sotoposto á terra,  
No qual se ha de sumir tudo o que existe!  
Se acaso a bem levais que ingenuas vozes  
O artificio removam, crede as minhas.  
Não venho para vêr o opáco Averno,  
Nem para agrilhoar as tres gargantas  
Do monstro Medusèo, que erriçam cobras.  
Attráe-me ao reino vosso a morta esposa,  
A quem pizada vibora o veneno  
Nas véas desparziu, a flor murchando  
Dos annos festivaes, inda crescentes.  
Constancia quiz oppôr ao damno acerbo,  
Tentei vencer meu mal, e Amor venceu-me.  
Este deus é nos céos bem conhecido,  
Aqui não sei se o é, mas se não mente  
No rapto que pregôa antiga fama,  
Vós tambem pelo Amor ligados fostes.  
Ah! por este logar, que abrange o medo,  
Por este ingente cahos, silencio vasto,  
Que do profundo imperio o seio occupam,  
De Eurydice gentil á doce vida  
O fio renovai, tão cedo roto.  
Ella, todo o mortal vos é devido,  
Vem tudo, agora, ou logo, á mesma estancia,  
Para aqui pende tudo, é este o nosso

Derradeiro, infallivel domicilio ;  
 Vós tendes, vós gosais, a vós compete  
 Da especie humana o senhorio immenso ;  
 A que exijo de vós ha de ser vossa  
 Por inviolavel jus, por lei dos Fados,  
 Tocando o termo da vital carreira :  
 O uso do meu prazer em dom vos peço.  
 Se o Destino repugna ao bem, que imploro,  
 Se a esposa me retêm, saír não quero  
 D'este horror : exultai co' a morte de ambos, »  
     O triste, que assim une o verso á lyra,  
 Os exangues espiritos deploram :  
 Á fugaz lympha Tantaló não corre :  
 A roda d'Ixion de assombro pára :  
 Os abutres crueis não mordem Ticio,  
 As Bélides os crivos cair deixam,  
 Tu, Sisypho, te assentas sobre a pedra.  
 Das vencidas Euménides é fama  
 Que pela vez primeira os negros olhos  
 Algumas tenues lagrimas verteram.  
 Nem a esposa feroz, nem Dite enorme  
 Ousam negar piedade ao vate orante,  
 Chamam subito Eurydice. Envolvida  
 Entre as recentes sombras ella estava :  
 Eis o mordido pé vem manso, e manso.  
 Recebe o thracio Orphéo co'a bella esposa  
 Lei de que para traz não volte os olhos  
 Em quanto fôr trilhando o feio abysmo,  
 Se nulla não quizer a graça extrema.  
 Por duro, esconso, desigual caminho,

De escuras, bastas névoas carregado,  
Um apoz outro os dous, vão em silencio :  
Já do tartáreo fim distavam pouco.

Temendo o amante aqui perder-se a amada,  
Cubiçoso de a ver, lhe volve os olhos :  
De repente lh'a roubam. Corre, estende.  
As mãos, quer abraçar, ser abraçado,  
E o misero sómente o vento abraça.  
Ella morre outra vez, mas não se queixa,  
Não se queixa do esposo; e poderia  
Senão de ser querida lamentar-se?  
Diz-lhe o supremo adeus, já mal ouvido ;  
E recáe a infeliz na sombra eterna.

Fica atónito Orphêo co'a dupla morte  
Da malfadada esposa, como aquelle  
Que n'um dos collos viu com rijos ferros  
Preso, arrastado á luz o cão trifauce,  
E que o mudo pavor despiu sómente  
Quando despiu a natureza humana,  
Transformado em rochedo immoto, e frio ;  
Ou qual o que a si mesmo impoz um crime,  
Oleno, que de réo quiz ter o nome  
Por te salvar, misérrima Letéa,  
Orgulhosa de mais com teus encantos,  
Tu, que foste c'o esposo outr' hora uma alma  
Repartida em dous corpos, que hoje és pedra  
Com elle, e juntos no Ida estais sustidos.

O estygio remador expulsa o vate,  
Que ora, que em vão tornar ao Orco intenta.  
Septe dias jazeu na margem triste

Sem nutrimento algum: só a saudade,  
As lagrimas, a dor o alimentaram.

Depois de prantear vossa fereza,  
Nunes do inferno, ao Rhódope se acolhe,  
E ao Hemo, de Aquilões sempre agitado.  
Dera o giro annual tres vezes Phebo,  
E sempre o terno Orphêo de amor fugia,  
Ou porque o mal passado o refreava,  
Ou porque eterna fé jurado houvesse  
Á miseranda esposa: repulsadas  
Mil bellas nymphas seus desdens carpiram.

---

## CINYRAS E MYRRA.

(Traduzido do Livro X.)

*Do crime os quadros a virtude apuram,  
Emalta-se a moral no horror ao crime.*

O Traductor.

CINYRAS, um dos reis da equorea Chypre,  
 Poderá numerar-se entre os ditosos,  
 Se próle não tivesse. Eu determino  
 Cantar cousas terríveis: longe, oh filhas,  
 Longe, oh páes!. . E se acaso as mentes vossas  
 Ficaram de meus versos attraídas,  
 Não julgueis verdadeiro o que me ouvirdes;  
 Ou, crendo o caso atroz, crêde o castigo:  
 Se permite, com tudo, a Natureza  
 Que tão negros horrores a enxovalhem.

Feliz a Ismária gente, o mundo nosso,  
 Que jaz distante do brutal, do indigno  
 Paiz onde nasceu paixão nefanda!  
 Embora seja fertil, seja rica  
 De mil perfumes a Panchaica terra,  
 Tenha alta fama em arvores, em flores,  
 Dê custo redolente, e grato amomo,  
 N'ella cheiroso incenso os troncos súem,  
 Que a myrrha, que produz, a faz odiosa:  
 Não vale o que ha custado a nova planta.

Nega o filho de Venus que em teu peito  
 Seus lustrosos farpões cravasse, oh Myrrha!  
 Vingá seu facho da supposta infâmia.  
 Com o estygio tição, e inchadas cobras  
 Vibrou lethal vapor sobre a tua alma  
 Uma das tres irmans. Ao pae ter odio  
 Se é gravissimo crime, é crime horrendo  
 Amal-o como tu. Por ti suspiram,  
 Ardem por ti mil principes famosos;  
 Mil brilhantes mancebos do oriente  
 Contendem pela gloria de gosar-te:  
 Um de tantos heróes escolhe, oh Myrrha,  
 Mas não seja o que tens no pensamento.

Em criminoso amor ella se inflamma,  
 Em criminoso amor ella repugna,  
 E diz consigo: « Onde me leva a mente!  
 Que espero, que imagino! Eternos deuses!  
 Sancta religião! Sanctos deveres!  
 Direitos paternaes! Tolhei-me o crime,  
 Refreai meu furor, minha maldade;  
 Se com tudo é maldade o que em mim sinto,  
 Tão doce propensão porque a reprovam?  
 Os livres animaes amam sem culpa,  
 Sem culpa gosam, e a união do sangue  
 Mais suave união lhes não prohibe.  
 Felices animaes, feliz destino!  
 Creou penosas leis o orgulho humane,  
 Negando o que permite a natureza.  
 É constante porém que existem povos,  
 Que ha gentes entre as quaes a mãe ao filho,

A filha se unę ao p ae, e as leis do sangue  
 Com duplicado amor se arreigam n'alma.  
 Oh! misera de mim! Porque não tive  
 A dita de nascer n'aquelles climas?  
 Minha patria   meu mal. . . que idéas nutro!  
 Vedadas, importunas esperanças,  
 Ah! Ide-vos: o p ae de amor   digno,  
 Mas s oamente do amor que aos p aes se deve.  
 Se filha de Cinyras eu não fosse,  
 Podera de outro modo amar Cinyras;  
   meu como o c eo quer, não como eu quero,  
 Aparta-nos fatal proximidade:  
 Se não f ra o que sou, feliz serto.  
 A remoto paiz correr desejo,  
 Fugindo   patria por fugir ao crime;  
 Mas o nocivo Amor detem meus passos;  
 Quer que veja Cinyras, que lhe fale,  
 Que o beije, se aspirar a mais não posso. . .  
 E mais, oh ímpia, a cubiar te atreves!  
 Não v s que nomes, que razões confundes!  
 Rival da mãe serás! Irman do filho!  
 Mãe do irmão! Não rec as, não te atterram  
 As negras Furias, de vip rea grenha,  
 Que os olhos dos perversos horrorizam,  
 Que  s almas corrompidas se arremessam,  
 Brandindo o facho de sulphurea chamma!  
 Pura no corpo, no animo s  pura;  
 Não profanes, oh cega, não profanes  
 Da natureza o vinculo sagrado!  
 Suppõe que affecto igual no p ae fervia,



Suppõe que era contigo o que és com elle :  
 Alta virtude lhe opprimira o gosto,  
 Sacrosancto dever a amor obstára. . .  
 Mas se o que sente a filha o pae sentisse,  
 Que importára o dever . . . » — Calou-se, e em tanto  
 Cinyras, a quem traz irresoluto  
 A turba dos excelsos pretensores,  
 Para em fim decidir consulta a filha,  
 Um a um lh'os nomêa, e d'ella inquire  
 Qual d'elles mais lhe apraz, que esposo elege.  
 Em silencio, no pae fitando os olhos,  
 Arde a triste, e lhe luz na face o pranto.  
 De virgineo temor crê isto effeito  
 O illudido Cinyras ; que não chore  
 À filha pede, as lagrimas lhe enxuga,  
 E une a ternas palavras ternos beijos.  
 Myrrha folga com elles ; e, obrigada  
 Do pae que lhe insta, que outra vez pergunta  
 Qual dos amantes quer : « Um (lhe diz ella)  
 Um quero igual a ti. » Louva Cinyras  
 A resposta sagaz, que não penetra.  
 ¶ Tão pios sentimentos nutre, oh filha,  
 Conserva essa virtude. » (O rei lhe torna)  
 À palavra « virtude » abaixa os olhos  
 A misera, por ver que a desmerece.  
 Era alta noute ; os corpos, e os cuidados  
 Em suave prisão ligára o somno ;  
 Mas a Cinyrea virgem desvelada,  
 Da indomita paixão curtia as furias,  
 Louca, fóra de si. Já desespera,

Já quer tentar abominosa empresa;  
Pejo, remorso, amor lhe lactam n'alma;  
Não sabe o que fará. Qual tróncio ingente  
Em que abriu fenda o rustico instrumento,  
Agora pende a um lado, agora ao outro,  
Por toda a parte ameaçando a queda:  
Assim, de impulsos varios combatido,  
Vacilla o coração da acceza virgem;  
Anda de sentimento em sentimento,  
E asylo contra Amor só vê na morte.  
A morte em fim lhe agrada, e quer, e ordena  
Perder n'um laço urgente a vida acerba.  
Em alta, longa trave o cinto prende,  
E diz com surda voz: « Adeus, Cinyras,  
Do meu tragico fim percebe a causa. »  
N'isto accomoda o laço ao niveo collo.  
Mas o murmurio das sentidas vozes  
Vai aos ouvidos da fiel matrona,  
Que aos peitos a creou, que a serve, e guarda,  
Repousando no proximo aposento.

Surge, corre, abre as portas, vê pendente  
O instrumento da morte, e sóta um grito;  
Magôa o peito, as faces, e lançando  
As mãos ao duro laço, o tira, o rompe,  
Em pranto se desfaz, abraça a triste,  
Da desesperação lhe inquire a causa.

Muda fica a donzella, e de olhos baixos,  
Com pena de escapar-lhe o bem da morte.  
Insta a velha matrona amargurada,  
E ora lhe mostra o peito a que a nutrira,

Ora os cabellos, que mudou a idade ;  
E pelo antigo, maternal desvelo,  
Pelo doce alimento, e doce afago  
Com que a tractára na mimosa infancia,  
Lhe implora a confissão do mal que sente.  
Myrrha vólta o semblante, e geme, e cala ;  
Mas a velha importuna as preces dobra,  
E, além de prometter-lhe alto segredo,  
Lhe diz : « Consente, que eu te preste auxilio ;  
Frouxa, inutil não é minha velhice.  
Se um phrenesi te deu, com magos versos,  
Com hervas virtuosas sei cural-os ;  
Se olhos maus te empeceram, não te assustes,  
Serás purificada em mago rito.  
Se é cholera dos céos, abrandaremos  
A cholera dos céos com sacrificios.  
Que mais te hei de suppôr ? Tu não provaste  
Golpe algum da fortuna ; és adorada,  
Es feliz : tua mãe, teu pae são vivos. . . »  
Ao patrio nome um ai do peito arranca  
A inflammada princeza, e bem que a velha  
Do suspiro não vê a origem torpe,  
Que nascêra de amor suppõe comtudo.  
Tenaz em seu proposito, não cessa  
De explorar-lhe a razão do que padece ;  
Ao seio a chega, e n'um estreito abraço,  
« Amas, bem sei (lhe diz) temor não tenhas ;  
Fala, quem é o amante ? A industria minha  
Fará com que teu pae nunca o suspeite. »  
N'um subito furor lhe sáe dos braços

A anciosa donzella, e sobre o leito  
 As faces apertando, eis diz: « Ah! Foge,  
 Ah! Deixa-me, cruel, poupa-me o pejo,  
 Deixa-me, ou cessa de indagar meus males;  
 O que intentas saber é crime horrendo. »  
 A rugosa matrona, ouvindo-a, treme;  
 As mãos, co' a idade, e c'o temor convulsas,  
 Levanta, aos pés lhe cáe, e ora com mimos,  
 Ora com ameaços quer vencêl-a.  
 Protesta-lhe, se em fim lhe não descobre  
 O terrivel segredo, ir accusal-a,  
 Ir' declarar ao páe tudo o que vira;  
 Protesta-lhe tambem que, se a contenta,  
 Ha de ajudar-lhe os tácitos amores.

Ergue a cabeça a misera donzella,  
 De lagrimas lhe inunda o seio annoso;  
 Mil vezes quer falar, falar não póde,  
 E o lacrimoso aspecto envergonhado  
 Tapa co' as lindas mãos, até que exclama:  
 « Oh feliz minha mãe com tal consorte! »  
 Mais não disse, e gemeu. Subito á velha  
 Um frigido tremor penetra os membros,  
 As carnes, os cabellos arripia.  
 Ella entende o terrifico mysterio,  
 E quer com mil conselhos ver se applaca  
 A detestavel chamma incestuosa.  
 Que nenhum lhe aproveita a virgem sabe,  
 Sabe que morrerá, se o fim não logra  
 Dos activos, phreneticos desejos.

« Vive (lhe torna a fragil conselheira)

Em breve gosarás de teu. . . » Não ousa  
 Dizer páe, e com sacro juramento  
 Sellou no mesmo instante impia promessa.

As festas annuaes da flava Céres  
 Então as mães piedosas celebravam ;  
 Com roupas cor de neve então cubertas,  
 Davam louras primicias das searas  
 Á deusa tutelar, urdiam c'róas  
 Das proveitosas messes, e se abstinham  
 Do tacto varonil por nove noutes :  
 De amor lhe era o prazer então defeso.

Do Paphio rei a esposa ás mais se aggrega,  
 E com ellas exerce o rito augusto.

No tóro conjugal só jaz Cinyras.

Eis a velha subtil vai ter com elle,  
 Que perturbado está de cyprio nectar,  
 E de uma illustre virgem lhe declara  
 Verdadeira paixão com falso nome.

Louva-lhe as faces, louva-lhe os cabellos,  
 Louva-lhe os olhos, tudo o mais lhe louva,  
 \* D'elle exigindo consentir que expire  
 \* O virginal pudor na escuridade.

Os annos da donzella o rei pergunta :

« É (lhe torna a sagaz) igual a Myrrha. »

Ordena-lhe que subito a conduza ;

Volve ao seu aposento a seductora,

E á virgem diz : « Alegra-te, princeza,

Vencemos. » — Não sentiu a malfadada

Gosto completo, o coração presago

Não sei que lhe annuncia ; inda assim folga :

Tanto em discordia traz os pensamentos!

Era o tempo em que reina alta silencio;

Na immensa esphera o gélido Bootes

Entre os frios Triões volvia o carro;

A donzella infeliz caminha ao crime;

Envolvem densos véos a eburnea lua,

Negro, térreo vapor enluta os astros,

Dos claros lumes seus carece a noute.

Icaro, tu primeiro o rosto escondes,

E Erígone piedosa, a prole tua,

Do filial amor sagrado exemplo.

Tres vezes a misérrima tropeça:

Como que o céo lhe diz que retroceda;

Tres vezes sóta ao ar agouro infausto

No lugubre clamor funéreo môcho:

Ella, comtudo, não suspende o passo;

A muda escuridão minora o pejo:

Leva a sinistra mão na mão rugosa

Da torpe, abominavel conductora,

E vai co' a dextra tenteando as trevas.

Da estancia paternal já chega á porta,

Abrem-lh'a já, já entra: os pés fraquêam,

Foge a cor, fuge o sangue, e cáe o alento.

Quanto da atrocidade está mais perto,

Tanto mais se horrorisa, e se arrepende,

E deseja voltar desconhecida.

A infame confidente a vai puxando;

Do rei com ella ao thalamo se encosta,

E diz-lhe: « O que eu conduzo é teu, recebe-o »

Eis no thalamo o pae recebe a prole,

E, sentindo-a tremer, quer dissipar-lhe  
 Com mil caricias o virgineo medo.  
 Pela idade, talvez, lhe chama filha,  
 E ella chama-lhe pae (ao negro crime  
 Nem taes nomes faltaram). D'entre os braços  
 Do incestuoso amante em fim se aparta  
 Myrrha, levando em si da culpa o fructo.  
 Coube á noute seguinte o mesmo opprobrio,  
 E outras mais d'este horror manchadas foram.

Finalmente Cinyras, cubiçoso  
 De ver o objecto, que entre sombras gosa,  
 Com repentina luz, que tinha occulta,  
 Encara, e reconhece o crime, e a filha.  
 O excesso da paixão lhe embarga as vozes;  
 Cholérico se arroja ao duro ferro.  
 Foge Myrrha, e da morte a noute a salva,  
 Foge Myrrha infeliz, discorre os campos,  
 São da Arabia Palmífera, e Panchéa.

Nove luas vagar sem tino a viram,  
 Té que no chão Sabêo parou caçada.  
 Já do fructo recondito, e molesto  
 Apenas sustentar podia o pezo.  
 Sem saber o que faça, o que deseje,  
 Temendo a morte, abhorrecendo a vida,  
 Dest'arte implora o céo: « Numes! Oh numes!  
 Se ante vós aproveita ao delinquente  
 Confessar seus delictos, eu confesso  
 Que o meu crime é crédor d'alto castigo,  
 E á pena que mereço eu me conformo.  
 Mas porque nem vivendo affronte os vivos,

Oh deuses, nem morrendo affronte os mortos,  
Mudando a minha essencia, a minha fórma,  
A morte me negai, negai-me a vida.»

Taes preces algum deus lhe ouviu propicio:  
Eis, abrindo-se a terra, os pés lhe sórve,  
E em subita raiz ao chão se afferram,  
Alicerce tenaz do tronco altivo.  
Os ossos ganham forças mais que humanas,  
Em succos vegetaes se torna o sangue,  
Os braços, que ergue ao céo, mudam-se em ramos,  
Os dedos em raminhos se convertem,  
E a lixa pelle em desigual cortiça.  
Crescendo a planta, já lhe cinge o peito,  
Já vai cubrindo o collo: esta demora  
Não soffreu a infeliz, curvou-se um tanto,  
E o semblante gentil sumiu no tronco.

Bem que despisse a antiga intelligencia,  
Chora comtudo, e d'arvore sensivel  
Tépidas gotas inda estão manando.  
Co' as lagrimas dá honra, co' a figura  
Myrrha não perde o nome, e de evo em evo  
Sua historia fatal será lembrada.

---



## MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO.

(Traduzido do Livro XI.)

**N**ão contente Lyêo de ter vingado  
A morte acerba do Apollineo vate,  
Até dos campos barbaros se ausenta:  
Como sequito melhor dirige os passos  
A ver do seu Tmolo as fartas vides,  
E do Pactólo as margens, bem que ainda  
Não tivesse o cristal mudado em ouro,  
Nem co'as arêas suscitasse invejas.

Usada turba, satyros, bacchantes,  
Folgavam junto ao deus, mas não Sileno:  
Por phrygios montanhezes foi colhido,  
Dos annos, e liquores titubante,  
E preso em laços de travadas flores,  
A Midas, a seu rei o apresentaram.  
Este do thracio Orphêo, do grego Eumolpo  
Outr' hora as orgias recebido havia.  
Dos sacrificios conhecendo o socio,  
Vendo o mestre de Bromio, logo ordena  
Do hospede á vinda geniaes festejos:  
Dez dias, noutes dez a solemnisa.  
Phosphoro já dos astros a cohorte  
Pela undecima vez afugentára:  
Risonho parte o rei aos Lydios campos,  
Sileno restitue ao moço alumno.

Do achado preceptor Lenôo gostoso,  
 De qualquer dom a escolha offrece a Midas.  
 Grato o premio lhe foi, mas foi-lhe inutil,  
 Porque elle, usando mal do grande arbitrio,  
 « Numen (lhe respondeu) manda que tudo,  
 Que tudo o que eu tocar se torne em ouro. »  
 Ao rogo annue o deus, porém sentindo  
 Que para dom melhor não fosse o rogo.  
 Contento o phrygio vai do mal que leva,  
 Quer da promessa exp'rimentar o effeito,  
 Quer palpar quanto vê. Quasi sem crer-se,  
 O braço estende a uma arvore não alta,  
 Verde ramo lhe extráe, e é ouro o ramo:  
 Do chão ergue uma pedra; a pedra é ouro:  
 Roça um terrão, e ao tacto portentoso,  
 Fica o negro terrão lustrosa massa.  
 Louras espigas n'um punhado arranca:  
 Eil-o já convertido em aurea messe;  
 Um pomo tem na mão, colhido apenas,  
 Parece das Hespéridas um mimo.  
 Se acaso os dedos põe nas altas portas,  
 As portas de improviso estão brilhantes:  
 Agua em que lava as mãos, das mãos caíndo,  
 É tal que a Dánae seduzir podera.  
 Tudo mudado em ouro imaginando,  
 No peito a custo as esperanças cabem.  
 Os servos lhe aprestaram lauta meza,  
 Mas de Ceres aos dons se a dextra move,  
 Enrijam-lhe na dextra os dons de Céres;  
 Se avido applica ao dente as iguarias,

Lustram-lhe as iguarias entre os dentes;  
 Une o liquor do nune, auctor do assombro  
 Com agua cristalina, á boca os ergue  
 Da boca se deslizam pingos de ouro.

Atonito do mal terrivel, novo,  
 O opulento, o infeliz fugir deseja  
 Das riquezas fataes, detesta o mesmo  
 Que ha pouco appeteceu. Nenhuns manjares  
 Podem matar-lhe a precisão que o mata:  
 Árida sede tórta-lhe a garganta;  
 O ouro mal cubiçado é seu tormento,  
 É seu justo castigo. Aos céos alçando  
 As mãos luzentes, os luzentes braços:  
 « Perdôa, gran Lenô, pequei, perdôa,  
 Commove-te de mim (lhe diz) e afasta  
 D'um misero este damno especioso. »

Os deuses são benignos. Baccho ao triste,  
 Que péza a culpa, que a maldiz, que a chora,  
 A promessa retráe, e o dom funesto.  
 « Mas para que não fique a ti ligado  
 Mal, que julgaste um bem (lhe adverte o nune)  
 Vai ao rio visinho á grande Sardes.  
 Pelo cumo da serra, ao lado opposto  
 Aquelle d'onde as aguas escorregam  
 Caminha até chegar onde ellas nascem.  
 Na parte em que server mais ampla a fonte  
 Mergulha, lava o corpo, e lava o crime. »  
 Na apontada corrente o rei se banha,  
 Aurifera virtude as aguas tinge,  
 Passa do corpo de repente ao rio.

No espraiado liquor participando  
Do germe, que dourou a antiga v&ea,  
É fama que inda agora amarellejam  
Com mádidos terr&oes aquelles campos.

---

## A GRUTA DO SOMNO.

(Traduzido de Livro XI.)

**J**UNTÔ aos Cimmérios, n'um cavado monte  
 Jaz uma gruta, de ambito espaçoso,  
 Interna habitação do Somno ignavo.

Nos extremos do céu, do céu nos cumes  
 Nunca lhe pôde o sol mandar seus raios ;  
 A terra exhala escurcidas nevoas,  
 O crepusculo incerto ali é dia :  
 Ali não chama pela aurora o galo ;  
 Do logar o silencio nunca rompem  
 Os solícitos cães, os roucos patos,  
 Sagazes inda mais, mais presentidos.  
 Não fera, não rebanho ali se escutam,  
 Nem ramo algum, que os Zephyros embalem,  
 Nem alterados sons de voz humana ;  
 O calado socego ali reside.

De baixa, e rôta pedra sâe, comtudo,  
 De agua do Lethes pequenino arroio,  
 Que, por entre os mexidos, leves seixos  
 Com murmúrio suave escorregando,  
 Convida mollemente ao molle somno.  
 À bôca da sombria, ampla caverna  
 Florecem mil fecundas dormideiras ;  
 Innumeraveis hervas lá se criam,  
 De cujo sumo, oh Noute, extrâes os somnos,  
 Que humida entornas pela terra opâca.

Porta alguma não ha na estancia toda:  
Volvendo-se, ranger, bater podéra;  
Ninguem vigia na fragosa entrada.

De ébano um alto leito está no meio,  
E em negras plumas, que véo negro envolve,  
Repousa o deus co' a languida Indolencia.  
Emtorno, varias fórmis imitando,  
Jazem os Sonhos vãos: são tantos quantas  
Na loura messe as trémulas espigas,  
Quantas na selva umbrosa as moveis folhas,  
E os grãos de arêa nas equoreas praias.

O Somno em tantos mil não tem ministro  
Mais destro que Morphêo, que melhor finja  
O rosto, o modo, a voz, o traje, o passo,  
A propria locução; porém sómente  
Este afigura os homens; outro em fera,  
Em ave se converte, ou em serpente:  
Icélon pelos deuses é chamado,  
Os humanos Phobétor o nomeam.  
Ha terceiro tambem de arte diversa:  
É Phantasos, que em pedra, em terra, em onda  
Em arvore, e no mais, que não tem alma,  
Subito, e propriamente se transforma.  
Uns atterram de noute os reis, e os grandes;  
Outros por entre o povo errantes voam.

---

**ÊSACO E HESPERIA.****(Traduzido do Livro XI.)**

**Ê**SACO, irmão de Heitor, se não sentira  
Na flor da bella idade extranhos fados,  
Gran nome entre os heróes talvez tivesse,  
E á fraterna equalasse a gloria sua ;  
Postoque fosse Heitor de Hécuba filho,  
E Êsaco de Alexirhoe, a qual é fama  
Que a susto o produziu lá no Ida umbroso.

Abhorrecendo a pompa das cidades,  
Remoto do paterno, insigne paço,  
Nos montes se escondia, amava os campos,  
Illesos de ambição : mui raramente  
No cortezão tumulto ia envolver-se.

O character, porém, bravo, agreste,  
Inimigo de Amor não tinha o moço.  
Um dia ás patrias margens a formosa  
Cebrena Hesperia viu, do sol aos raios  
A livre trança de ouro estar seccando ;  
Hesperia, a quem mil vezes entre os bosques  
Já seguira inflammado. Ao vê-lo a nympha  
Com tanta rapidez foge do amante  
Qual do lobo voraz medrosa corça,  
Ou como a fluvial ádem ligeira  
Foge ás unhas crueis, se é assaltada  
Longe do lago pelo açor violento.

Corre o troyano ardente apoz a ingrata,  
 Persegue amor veloz o veloz medo :  
 Eis serpe occulta no caminho hervoso  
 Volve á planta fugaz o curvo dente,  
 Nas véas lhe introduz mortal peçonha,  
 Supprime a fuga, supprimindo a vida.

O mísero amador, de magoa insano,  
 Abraça o lindo corpo agonisante.  
 « Eu me arrependo (grita) eu me arrependo,  
 Nympha, de te seguir, mas não previa  
 Este caso fatal, nem desejava  
 Victoria tão custosa, e tão funesta.  
 Dous foram, infeliz, os teus verdagos :  
 Deu a serpente o golpe, eu dei a causa,  
 E eu fôra inda peor que o seu veneno  
 Se a morte minha não vingasse a tua. »

Disse, e do cume de cavada recha  
 Ao pélogo se dá ; — porém doída  
 Tethis o acolhe brandamente, e logo  
 Véste de plumas o nadante corpo,  
 Seu cubiçado fim negando ao triste.  
 Elle, raivoso de existir por força,  
 De ter com duros laços opprimida  
 Alma, que da prisão sair deseja,  
 Menéa, assim que as sente, as azas novas,  
 Voa, mas outra vez baixando ás ondas,  
 Se intenta submergir : vedam-lh'o as pennas.

Mais o amante se enraiva, e teima, e torna  
 A sumir-se no mar : da morte a estrada  
 Tenta, retenta ali, sem fim, sem fructo.



Amor lhe gasta, lhe macéra as carnes ;  
O collo se lhe alonga, o mar lhe agrada,  
E dos mergulhos seus provém seu nome.

---

Ó SACRIFICIO DE POLYCENA, E A METAMORPHOSE  
DE HÉCUBA, SUA MÃE.

(Traduzido do Livro XII.)

**L**A defronte da Phrygia, onde foi Troya,  
Jaz terra pelos Thracios habitada;  
D'ella Polymnestor o imperio tinha,  
A quem furtivamente, oh Polydoro,  
Teu páe te confiou, para educar-te  
Longe da confusão, e horror da guerra:  
Arbitrio salutar, se ao deshumano  
Contigo não mandasse aureos thesouros  
Premio do crime, estímulo do avaro.

Apenas cõe Dardania envolta em cinzas,  
O Bistonio tyranno empunha um ferro,  
O crava na cerviz do tenro alumno;  
E, como se a traição sumir podéra  
C'ó miserrimo corpo assassinado,  
Do cume de um rochedo ao pégo o lança.

Na Thracia fundeára o bravo Atrides,  
Mar sereno esperando, e vento amigo:  
Eis da terra, espaçosamente rôta,  
Tão grande Achilles sée qual era em vida,  
Co'um ar ameaçador, c'ó mesmo aspecto  
Que tinha quando horrivel quiz vingar-se,  
E contra Agamemnôn brandiu a espada.

« Esquecidos de mim, partis, oh Gregos!

(A fêra sombra diz) morreu comigo,  
 Comigo se enterrou minha memoria!  
 A idéa do que fui! Sêde mais gratos,  
 Sem honra não deixeis o meu sepulchro:  
 Polycena, por vós sacrificada,  
 De Achilles indignado applaque os manes.»

Cala, e desaparece. Os socios duros,  
 Ao terrivel phantasma obedecendo,  
 Do regaço materno a triste arrancam,  
 Da materna anciedade unico allivio.  
 Forte, e mais que mulher, a infeliz virgem  
 Ao tumulo funesto é conduzida,  
 Para victima ser da irada Sombra.

Co'a phantasia em si, depois que a chegam  
 Para as aras crueis, onde conhece  
 Que ao sacrificio barbaro a destinam,  
 E depois, vendo em pé, vendo a seu lado.  
 Pyrrho c'o ferro nú, e os olhos n'ella:  
 « Um sangue generoso eia derrama,  
 Derrama (ao impio diz) não te demores,  
 No peito, ou na garganta o ferro embebe.  
 (N'isto a garganta off'rece, off'rece o peito)  
 « Polycena de escrava odêa o nome;  
 Deus nenhum com tal victima se abranda.  
 Mas quizera que a mãe desamparada,  
 Mãe deploravel me ignorasse os fados;  
 Só ella de morrer me encurta o gosto;  
 Bem que não minha morte, a vida sua  
 Ella deve carpir. Vós affastai-vos;  
 Meu rogo é justo: do virginco corpo

Tirai as mãos viris, não morra escrava :  
 Aquelle, que intentais (qualquer que seja)  
 No sacrificio meu tornar benigno,  
 Ha de ser mais acceito um sangue livre.  
 Se ha, com tudo, entre vós alguém, oh gregos,  
 Piedoso a extremas supplicas, a prole  
 De Priamo, d'um rei (não a captiva)  
 Vos pede que entregueis, mas sem resgate,  
 O cadáver sanguento á mãe chorosa,  
 Com lagrimas alcance, e não com ouro  
 O lutooso jus de honrar-me as cinzas,  
 De lhes dar sepultura : em quanto pôde,  
 Com ouro a triste mãe remia os filhos.»

Disse : e o pranto, que intrépida sustinha,  
 O povo não susteve : até chorando  
 O ministro feroz lhe enterra a custo  
 Consagrado punhal no eburneo collo.  
 Eis o pé lhe fallece, ao chão baquêa,  
 E um ar de intrepidez mantém morrendo.  
 Ao cair inda então se não descuida  
 De encubrir o que á lei ter-se encuberto,  
 Resguardando o decóro ao casto pejo.

As Troyanas, carpindo-se, a levantam,  
 De Priamo a progenie ali recordam ;  
 Quanto sangue vertêra uma familia,  
 Que em outr' hora choraram. Choram hoje  
 O teu destino, oh virgem, choram hoje,  
 Régia, mísera esposa, o teu destino ;  
 Régia, mísera mãe ! Nos tempos faustos  
 De Asia fecunda symbolo florente !

Agora inutil, desdenhado espolio,  
 Que Ulysses vencedor não quereria,  
 Se o memorando Heitor á luz não deras!  
 O gran nome do filho apenas serve  
 Para obter um senhor á mãe anciosa,  
 Que, nos trementes braços estreitando  
 O corpo, falto já de alma tão forte,  
 As lagrimas, que deu á patria, aos filhos,  
 E ao consorte infeliz, dá hoje a esta.

A ferida co'as lagrimas lhe inunda,  
 Ternos beijos depõe nos labios frios,  
 E afaga o virginal, querido seio.  
 Revolvendo, empastando as cans no sangue,  
 Diz isto, ou mais, e o coração lhe estala:

« Oh filha, ultima dor (pois que me resta?)  
 Ultima dor da mãe!... Sem vida jazes!...  
 Golpe, que sinto em mim, vejo em teu peito!  
 Todos, todos os meus assim morreram.  
 Tambem ferida estás! Séres isempta  
 Do ferro, por mulher, eu presumia,  
 E, mulher, succumbiste ao ferro iniquo!  
 De teus irmãos o algôz foi teu verdugo,  
 O mal, o horror de Troya, o fero Achilles!

« Quando ás frechas mortaes de Apollo, e Paris  
 O barbaro caçu, eu disse: — Agora  
 Já que temer não ha do infesto Achilles —  
 E havia que temer: tornado em cinza,  
 Os restos de meu sangue inda persegue.  
 No tumulo o tyranno é sempre o mesmo.  
 Para fartar-lhe a cruza, a negra saia

Fecunda fui. Dardania jaz por terra,  
 Em catastrophe atroz findou seu fado ;  
 Mas inda para mim Dardania existe,  
 Lavra da minha dor inda o progresso.

« D'antes tantas grandezas possuindo,  
 Tantos genros, e filhos, c'róa, esposo,  
 Hoje em desterro, na indigencia agora,  
 Do sepulchro dos meus desarraigada,  
 Sou quinhão de Penélope, que altiva  
 Ha de ás matronas de Itaca mostrar-me  
 Curvada ás suas leis, dizendo : « É esta  
 A mãe de Heitor, de Priamo a consorte. »

« Depois de tantas perdas tu, oh filha,  
 Que do luto materno eras allivio,  
 Sobre tumulo hostile vertêste o sangue !  
 Dei-te o ser para victima de Achilles.  
 Porque vivo, ai de mim ! Serei de ferro ?  
 A que, rugosa idade abhorrecida,  
 Me reservas no mundo ? Injustos deuses,  
 Para que me guardais, senão sómente  
 Para novos horrores, prantos novos !

« Quem venturoso a Priamo julgára  
 Depois da, que deu Troya, horrivel queda !  
 Foi feliz em morrer, não te viu morta  
 Filha minha, e perdeu co'a vida o throno.

« Serão teus funeraes, oh virgem régia,  
 Dignos do teu natal ? Será teu corpo  
 Nos avitos sepulchros encerrado ?  
 Não, já nos não compete essa fortuna :  
 Chôro, e tosca porção de extranha terra

(Dadiva maternal) só te pertencem.  
 Perdemos tudo... ah! Não, resta-me um filho  
 Por quem supportarei mais tempo a vida,  
 Unico filho agora, o que algum dia  
 Da stirpe varonil era o mais tenro,  
 E que ao Ismário rei foi commettido  
 N'este mesmo logar... Mas porque tardo,  
 Triste filha, a lavar-te o peito, e rosto,  
 Do mortífero golpe ensanguentados?»

Com vagaroso pé caminha á praia,  
 Desgrenhados os candidos cabellos.  
 «Urna me dai, troyanas (diz a triste)  
 Para as aguas colher de que preciso.»  
 Eis o corpo infeliz de Polydoro,  
 Lançado pelo mar, vê sobre a arêa,  
 E do Threicio ferro o golpe fundo.

As troyanas exclamam: fica muda;  
 Ao peito a voz, e o pranto retrocedem,  
 Afflicção lh'os devora: está qual pedra.  
 Já põe n'adversa terra olhos immoveis,  
 Já furibundo aspecto aos céos levanta;  
 Olha do filho o rosto, olha a ferida,  
 Porém mais a ferida do que o rosto:  
 Com isto se arma de ira, e de fereza.

Requintada a paixão, dispõe vingar-se,  
 Dispõe como se fosse inda rainha,  
 E enleva-se na imagem da vingança.

Qual braveja a leôa, a quem furtaram

Terra prole feroz, que inda criava,  
 E do seu roubador, com ancia horrivel,  
 No rasto vai, — tal Hécuba, envolvendo  
 Os phrenesis, e o pranto, a dor, e a raiva,  
 Lembrada do que fôra, e não do que era,  
 Corre a Polymnestor, ao réo do crime,  
 Um colloquio lhe roga, e n'elle affecta  
 Que lhe quer entregar thesouro occulto,  
 Para que chegue ileso ás mãos do filho.

O fraudulento a crê, e estimulado  
 Da fome de ouro, a segue a ermo sitio.  
 Astuto, em brando tom lhe diz: « Não tardes,  
 O thesouro me dá, que ao filho envias.  
 Quanto me tens entregue, e me entregares  
 Que tudo elle possua aos deuses juro. »

De olhos sanhudos Hécuba ó contempla,  
 Ouvindo o vão protesto, arqueja de ira,  
 E subito, em soccorro as mais chamando,  
 Arremette ao perjuro, ao fementido,  
 Pelos olhos crueis lhe enterra os dedos,  
 (Dá-lhe forças a raiva) e lh'os arranca.  
 As mãos tenta embeber pelas feridas,  
 E, do perfido sangue enxovalhada,  
 Lacéra mais, e mais: não ceva a furia  
 Nos olhos (que os não ha) mas onde os houve.

As gentes do tyranno, embravecidas  
 Do cruento espectaculo, arremessam  
 Á vingadora mãe pedras, e lanças.  
 Rouco, irado murmurio ella soltando,  
 Contra as pedras investe, e morde as pedras:



Os labios se lhe alongam de repente,  
E ergue canina voz, falar querendo.

Ao sabido logar deu nome o caso :  
Hécuba (ainda assim) por longos tempos  
Teve dos males seus tenaz memoria,  
Mesta ululando na Sithonia plaga.

Os gregos commoveu seu duro fado,  
Dos troyanos fieis dobrou a angustia ;  
Aos deuses fez piedade, e a propria Juno,  
Juno até confessou que Hécuba triste  
Seu desastre fatal não merecêra.

## PICO E CANENTE.

(Traduzido do Livro XIV.)

**P**ico, de Ausonia, rei, Saturnia prole,  
Nas graças corporaes era estremado,  
Do espirito nos dons não menos bello.  
Quarta vez o espectaculo guerreiro,  
Que em Elide se usou de lustro em lustro,  
Não podendo o mancebo inda ter visto,  
Já olhos, já suspiros atraía  
Das Dryades gentis nos Lacios cumes,  
Vós o amaveis tambem, vós o seguieis,  
Candidas filhas das serenas fontes,  
Oh Nayades do Tibre, e do Numicio,  
Deusas do Nar veloz, do Arno pequeno,  
Do Farfaro sombrio, e do Anio puro,  
Co'as outras, que da Scythica Diana  
Moram nos bosques, nos visinhos lagos.  
Mas todas enjeitava, e quiz só uma,  
Só uma o captivou, penhor mimoso,  
Que lá no monte Palatino a Jano  
(Segundo é tradição) Venilia dera.  
Nos annos de hymenéo florece a nympha ;  
Preferido entre mil competidores  
Eis a Pico em Laurento Amor a entrega.  
Rara na gentileza era Canente

Rarissima porém na voz, no canto :  
 Com elle pedras, arvores movia,  
 Detinha os rios, amansava as feras,  
 Tirando ás aves o temor, e o vôo.  
 Ella o seu doce amor cantava um dia,  
 Quando aos Laurentes campos contra os bravos,  
 Cerdosos javalis saíu o esposo.

De alentado ginete o dorso opprime,  
 Tem na dextra, e sinistra agudas lanças,  
 Preso o phenicio manto em laço de ouro.  
 Fôra a filha do Sol aos mesmos bosques  
 Para colher no monte as hervas novas,  
 Distante dos Circêos, a quem deu nome.  
 D'uns ramos escondida o moço vendo,  
 Se assombra, cáem-lhe as hervas que apanhára ;  
 Já lhe lavra a paixão de vêa em vêa.  
 Apenas volve a si do vivo assalto  
 Tenta manifestar o ardor interno,  
 Mas do ginete a fervida presteza,  
 E os circumstantes guardas o estorvaram.  
 «Nem que te roube o vento has de escapar-me,  
 Se inda eu sou a que fui, se inda ha virtude  
 Nas plantas, e meus versos não me enganam.»

Diz: e eis um javali de aereo corpo,  
 Finge-o, perante o rei correr o manda,  
 E mostrar que se acolhe aos densos matos  
 Em parte onde o cavallo entrar não possa.  
 De imaginaria preza hallucinado,  
 Salta o mancebo das fumantes costas,  
 Segue esperança van, falaz objecto,

Discorre aqui, e ali pela alta selva.

Já Circe principia as magas preces,  
 Em verso ignoto adora ignotos deuses,  
 Verso com que ennegrece, esconde a Lua,  
 Com que o Sol, com que o páe de sombras mancha.  
 Assim que os sons do encanto o céu condensam,  
 Que um vapor tenebroso a terra exhala,  
 E pelo bosque os mais vagueam cegos,  
 No escuro as guardas já do rei perdidas,  
 Apto o logar, e o tempo achando a amante:  
 « Oh tu entre os mortaes o mais formoso,  
 (Suspirando lhe diz) por esse aspecto,  
 Por esses que os meus olhos encantaram,  
 E fazem com que eu deusa te supplique,  
 Premêa activo amor, em que me inflammas;  
 O Sol, que tudo vê, por sogro aceita,  
 Duro não fujas da Titânia Circe.»

Disse, porém feroz elle a regeita,  
 Elle rogos, e affagos lhe repulsa,  
 Responde: « Não sou teu, quem quer que sejas:  
 « Outra me tem captivo, e praza aos nunes  
 Que dure longamente o captiveiro.  
 Os laços conjugaes, os puros laços  
 Não hei de enxovalhar de amor externo  
 Em quanto amigos fados me guardarem  
 De Jano a filha, a singular Canente.»

Circe (enfadada de lhe instar sem fructo)  
 Diz: « Não, não has de impunemente amal-a,  
 Nem jámais tornarás a ver a esposa.  
 Mulher depois d'amante, e de offendida

Conhecerás o que é: para teu damno  
Sou mulher, offendida, amante, e Circe.»

Ao occaso, ao nascente então se vólta,  
Duas vezes áquelle, a este duas:  
Depois no corpo do gentil mancebo  
Tres toques dá co'a vara, e diz tres versos.  
Elle foge, e da propria ligeireza,  
Da nímia rapidez vai admirado:  
Eis que subitamente em si vê azas.  
Affrontado, raiyoso de sentir-se  
Ave nova adejar nos lacios bosques,  
Despede o féro bico aos duros troncos,  
Com furia aqui, e ali golphéa os ramos.  
Cór do purpureo manto as pennas ficam,  
Em pennas o aureo nó tambem se torna,  
Listra dourada lhe rodéa o colo,  
E a Pico do que foi só resta o nome.  
Entretanto, por elle os seus clamavam,  
Sem podel-o encontrar na longa selva.

Circe em fim lhe apparece (as auras tinha  
Adelgado já, já permittido  
Que o sol, e o vento as nevoas dissipassem)  
Mil crimes exprobrando á vingativa,  
Guardas, monteiros o seu rei lhe pedem,  
E dispõe-se a cravar-lhe as ferreas lanças.  
Succos de atro veneno a maga entórna,  
A Noute, os numes d'ella, o Cáhos, o Averno  
Pelo forçoso encanto ali convoca,  
E óra á terrível Hecate, ululando.

Eis salta do logar (que espanto!) o bosque,

Amarellece a folha, e geme a terra,  
Tingem-se as hervas de sanguineas manchas,  
Roucos bramidos saem das rotas penhas,  
Ouvem-se cães latir, silvar serpentes,  
Vê-se o chão d'ellas negro, e tenues sombras  
Nos ares em silencio andar girando.  
Atonitos de horror descoram todos ;  
Mas co'a vara tremenda, e venenosa  
Toca-lhes Circe as bocas assombradas.

Pelo tacto fatal se tornam monstros  
De improviso os mancebos lastimosos,  
Em nenhum permianece a antiga forma.

Já no occidente o sol fechára o dia,  
E com olhos, com alma em vão Canente  
Pelo perdido esposo inda esperava.  
Pizam bosques, e bosques servos, povo  
E com fachos nas mãos exploram tudo.  
A nympha de chorar não se contenta,  
Aos ais, aos gritos, e arrancando as tranças,  
Quantos extremos ha, todos pratica ;  
São, corre, vaga, insana, os lacios campos.

Seis luas (infeliz!) seis sóes a viram  
Em continuo jejum, continua véla  
Por valles, por floresta, por montanhas,  
Por onde o desacordo a foi levando.  
Do pranto, e do caminho em fim caçada,  
O Tibre a viu cair na margem sua.  
Ali ao desamparo, ali sósinha  
A triste, modulando acerbos magoas,  
Soltava um tenue som, qual canta o cysne

O debil verso precursor da morte.  
A amante deploravel manso, e manse  
Em lagrimas saudosas se liquida,  
Vai-se ali pouco a pouco atenuando,  
E nas auras subtis se desvanece.

Pelo caso o logar ficou famoso :  
Vós, do nome da nympha miseranda  
Canente, oh priscas Musas, lhe puzestes.

## A APOTHEOSIS DE ENÉAS.

(Traduzido do Livro XIV.)

**J**A do piedoso Enéas a virtude  
 Enternecéra os deuses, extinguirá  
 Da propria Juno a malquerença idosa ;  
 E, firme a herança do crescente Ascanio,  
 Repouso ao pae cabia, era já tempo  
 De ir lograr-se dos céos o heróe troyano.  
 Venus por elle interessára os numes,  
 E de Jove abraçando o collo augusto :  
 « Pae, nunca repugnante a meus desejos,  
 De teu amor (lhe diz) o extremo apura,  
 Clementissimo attende ás preces minhas.  
 Meu charo Enéas, que é por mim teu neto,  
 Grau de nume inferior alcance ao menos.  
 De algum modo nos céos meu filho admitte.  
 Bem lhe basta uma vez entrar no reino  
 Onde é tudo aversão, tristeza tudo,  
 E haver passado por estygias ondas. »  
 Soou a approvação dos deuses todos,  
 Nem Saturnia ficou de aspecto immovel,  
 Antes affavel annuiu ao rogo.  
 Então lhe disse o pae: « Sois dignos ambos  
 Tu, e teu filho da celeste graça.  
 Cumpre o desejo emfim. » — Calou-se Jove.  
 Com vozes gratas a exultante deusa



A mercê retribue, e, conduzida  
Nas auras leves pelas niveas pombás,  
Desce á margem Laurente, onde serpêa  
O Numicio, de canas assombrado,  
Levando ao mar visinho as vítreas agoas.

A linda Cytherêa ordena ao rio  
Que tudo o que é da morte a Enéas lave,  
E em silencio no mar depois esconda.  
As ordens o deus humido executa ;  
Tudo quanto é mortal extráe de Enéas,  
E co'a pura corrente o volve puro :  
A parte só que é optima lhe deixa.  
Eis a amorosa mãe o aromatiza,  
Unge de oleo divino o corpo amado,  
Honra-lhe os labios de ambrosia, e nectar,  
Deus o faz, que dos povos de Quirino  
Indigete é chamado, e sóbe ás aras.

---

## A APOTHEOSIS DE ROMULO, E HERSILIA.

(Traduzido do Livro XIV.)

**T**ACIO morrêra, e Romulo aos dous povos  
 Equilibrava as leis, quando Mavorte  
 Dos mortaes, e immortaes ao rei supremo  
 (Deposto o morrião) falou d'est'arte :

« O tempo é vindo, oh pãe (por quanto Roma  
 Em robusto alicerce está segura,  
 E um só braço a modera) é vindo o tempo  
 Em que alto galardão, promessa antiga  
 A mim, teu filho, a Romulo, teu neto,  
 Credor do grande premio, se effeitue,  
 E o destinado ao céu se roube á terra.  
 No conselho dos deuses tu outr' hora  
 Me disseste, senhor : (e o pio annuncio  
 Gravei no coração, gravei na mente)  
 — Erguido aos céos por ti será teu filho : —  
 Ratifica a palavra sacro-sancta, »

Ao guerreiro annuiu 'o omnipotente ;  
 Os ares condensou de opacas nuvens,  
 No raio, no trovão poz medo á terra.  
 O impavido Gradivo, á luz, e estrondo,  
 Vê que é dado o signal do rapto augusto,  
 E, firmado na lança, ao carro salta.  
 Brutos, oppressos de temão sanguento,  
 O sonoro flagello açouta, espérta.

Dirigindo-se o deus por entre os ares,  
 Pára no Palatino, umbroso cume,  
 E ao filho, que ali julga os seus Quirites,  
 Arrebata d'ali co'a mão nervosa.  
 Nas auras se lhe vai quanto é da morte,  
 Qual a plumbea porção que sáe da funda  
 Seu reçumante humor perde voando.  
 Toma o romano heróe radiosa face,  
 Face mais digna da morada eterna,  
 Tal como a que se vê na purpurada  
 Imagem de Quirino, imagem sua.

Por morto o claro esposo Hersilia chora :  
 Eis dos céos a rainha ordena a Iris  
 Que baixe ao mundo, e que á viuva excelsa  
 Estas benignas vozes pronuncie :  
 « Oh da gente sabina, e lacia gente  
 Honra primaria, singular matrona,  
 Já digna esposa d'um varão sublime,  
 Do deus Quirino agora esposa digna !  
 Não chores : se teu inclito consorte  
 Morrendo estás por ver, segue-me os passos,  
 Comigo ao bosque vem, que lá verdeja  
 No cimo Quirinal, e assombra os lares  
 Do monarcha romano. » — Iris submissa  
 Pelo arco immenso de vistosas cores  
 Desce rapidamente : eil-a na terra,  
 E o que ella a Juno ouviu lhe escuta Hersilia.  
 « Oh deusa ! (proferiu a alta matrona,  
 De pejo os olhos elevando apenas)  
 Qual d'ellas és não sei, mas sei que és deusa :

Não cabe esse esplendor a um ente humano.  
Guia, ah! Guia-me a ver o ausente esposo:  
Se olhal-o inda uma vez me dais, oh Fados,  
A presença dos céos terei na sua.»

N'isto ao Romuleo monte se encaminha,  
E leda o sóbe co'a Thaumantia virgem.

Subito, das estrellas despegado,  
Vem direito á montanha ethereo lume;  
Os cabellos de Hersilia toca, inflamma,  
E com ella apoz si revôa aos astros.

De Roma o fundador nos céos a acolhe;  
Muda-lhe o corpo antigo, o antigo nome,  
Ora lhe chama, e de Quirino ao lado  
Gosa com elle dos romanos cultos.

---

## A ALMA DE JULIO CESAR MUDADA EM COMETA.

(Traduzido do Livro xv.)

**D**A tua morte, oh Cesar, teve o mundo  
Não duvidosos, téttricos presagios.  
É fama que em fulmineas, atras nuvens  
Tubas horrendas, armas estrondosas,  
Duros clarins os pólos atroaram,  
Do negro parricidio annuncios dando ;  
É voz geral tambem que o Sol tristonho  
Um pallido clarão mandava á terra,  
Que nos ares arder se viram fachos,  
E em chuveiros cair sanguineas gôtas ;  
De ferrugineo véo surgir a Aurora,  
De sangue o carro teu vir tinto, oh Lua,  
Com dolorosos sons o môcho esquerdo  
Logares mil entristeceu de agouros,  
N'outros mil o marfim se viu chorando.  
Foram cantos, e vozes de ameaço  
Sentidos nas florestas consagradas ;  
Acceita aos nubes victima não houve :  
Feros tumultos, imminentes males  
Vinham na rota fibra apparecendo ;  
Achou-se nas fatidicas entranhas  
Decepada cabeça gotejante ;  
No sôro, em torno aos templos, ante os lares

Os cães nocturnos ulular se ouviram,  
Roma tremeu, por ella andaram sombras.

Tolher o effeito de vindouros fados,  
De medonha traição tolher o effeito  
Não puderam do céu com tudo avisos.

Entram punhaes sacrilegos no templo:  
Que theatro da barbara tragedia,  
Da acção nefanda, o teu Senado, oh Roma!

A alma Venus, porém, baixando á curia,  
Entre os conscriptos invisivel pára,  
Em quanto da perfidia os golpes fervem.

Eis de Cesar o espirito arrebatada  
Sem dar tempo a que em ar se desvaneça,  
Quer apural-o nos ethereos lumes.  
Erguendo-o, vê que luz, vê que se inflamma:  
Ella o sóta, elle vóa além da Lua.  
De acceza grenha, de espaçosa cauda,  
No céu girando, resplandece estrella.

---

# **TRECHOS, E EPISODIOS**

**TRADUZIDOS DE VARIOS POETAS ANTIGOS E MODERNOS.**

67283





## A MORTE DE LUCRECIA.

(Extrahida do Livro II dos «Fastos» de Ovidio.)

**C**ERCADA pelo exercito romano,  
Um sitio pertinaz soffria Ardéa.  
Em quanto a dura guerra está pendente,  
Em quanto aventurar feroz combate  
Teme a prudencia, os chefes, e os soldados  
Folgam nos arraiaes em ocio ledó.

N'isto o filho do rei, Tarquinio o moço,  
A esplendido festim convida os socios,  
E, reinando a alegria, assim lhes fala :

« Agora, que de Ardéa o vagaroso  
Assédio nos detém, nos não permite  
As armas conduzir aos patrios lares,  
Dos toros conjugaes a fé mantendo,  
As esposas gentis, que suspiramos,  
Suspirarão por nós, serão quaes somos ? »  
Já cada qual sem termo a sua exalta ;  
Accezo pelo amor, cresce o debate,  
Nos brindes do liquor feroso, e puro  
A mente, o coração, e a lingua fervem.

Mas eis que d'entre os mais surgindo aquelle  
 A quem de alto appellido honrou Colácia,  
 « As palavras são vans, crêa-se em cousas ;  
 A noute nos sobeja, esporeemos  
 Os robustos cavallos, eia, a Roma. »

O dicto agrada, enfream-se os ginetes  
 Os sofregos mancebos partem, voam.  
 Vão da estancia real primeiro ás portas,  
 Onde guarda nenhum velando encontram.  
 Entram, colhem de subito engolphada  
 Em festivo prazer, e em rubro nectar,  
 Nas tranças com mil flores desparzidas  
 A que ao filho em consorcio o rei ligára :  
 Promptos caminham logo a ver Lucrecia.

Alvejavam da candida matrona  
 No fuso luzidio as mãos de neve :  
 Dispostos ante o thálamo se olhavam  
 De industriosa téa os brandos fios ;  
 Em torno á luz sollicitas escravas  
 A nocturna tarefa promoviam.  
 Lucrecia em tom macio, em voz mimosa  
 D'est'arte lhes dizia, as incitava :  
 « É para Colatino, eia, apressai-vos ;  
 Cumpre mandar em breve ao meu consorte  
 Isto, em que a nossa industria exercitamos.  
 Vós, que tanto indagais, e ouvis, soubestes  
 Quanto ainda se crê que dure a guerra ?  
 Vencida caírá, Ardéa iniqua,  
 Que de nossos esposos nos separas.  
 Tornem, tornem, oh céos ! . . . Mas ai ! Que idéa !

O meu é destemido, é temerario,  
Tem genio de arrojarse ao fogo, ao ferro.  
Foge-me a luz, o alento, esfrio, e morro  
Quando entre os inimigos o afiguro! . . . »

N'isto o pranto amoroso a voz lhe córta,  
Cae-lhe o fio da mão, e o lindo gesto  
Sobre o molle regaço inclina a triste :  
Dobram-lhe a graça as lagrimas pudicas,  
E mostra um coração igual ao rosto.  
Eis o esposo apparece, e « Não receies,  
Aqui me tens » (lhe diz). Ella revive,  
Ella os braços lhe lança, e longo espaço  
Pende do collo amado o doce pezo.

Em tanto de amor cégo o regio moço  
Arde, morre, e lhe attráe, lhe enleva os olhos  
A fórma, a nivea cor, e a loura trança,  
E o grave adorno, limpido, e sem arte ;  
A fala o prende, as expressões o encantam,  
E o que á vil seducção não é sujeito :  
Quanto menos esperas mais desejas,  
Mais te affoguêas, sequioso amante.

Cantára o nuncio da risonha aurora,  
E aos fortes arraias os socios volvem.  
Atonito, em paixão Tarquinio ferve,  
Gosando na revolta phantasia  
A bella imagem de Lucrecia ausente,  
E ali tudo o que viu mais lindo observa.  
« Assim (diz entre si) a achei sentada,  
Era o seu traje assim, e a mão suave  
O longo, tenue fio assim torcia ;

D'esta arte lhe caíam no alvo collo  
 Aureas madeixas, ao desdem lançadas ;  
 Tinha este modo, estas palavras disse.  
 Este o semblante, a graça, a cor, e a bôca... »

Como se vê no mar, depois que os ventos,  
 As azas saccudindo, o flagellaram,  
 Que, já puros os céos, inda esbraveja  
 Co'a rispida impressão do horrendo assalto :  
 Tal, postoque tão longe a bella estava,  
 O incendio, que ateou, no amante ardia.

Penando, e de paixão desesperado,  
 Projecta macular com força, e dolo  
 O thalamo sagrado, o casto objecto.  
 « O effeito é duvidoso (eis diz o insano)  
 Porém não se fraqueje, ousemos tudo ;  
 Audazes corações proteje a Sorte :  
 Os Gábios subjeitei c'o atrevimento. »

Cala-se, e já pendura ao lado a espada,  
 Já d'um rapido bruto opprime as costas.  
 Corre, e chega a Colacia o moço ardente  
 Quando o sol mergulhava o carro de ouro.  
 O inimigo como hospede nos lares  
 Do ausente Colatino é logo acceito,  
 (Que o vinculo do sangue os dous prendia)  
 A dama com primor o acolhe, o tracta ;  
 Ai que enganada está ! Manda que apromptem,  
 Sem suspeita do crime, a lauta meza.  
 Contento do alimento, o somno exiges,  
 Oh lassa Natureza. — Era alta noute,  
 Na estancia lume algum não scintillava :

Levanta-se o traidor, um ferro empunha,  
 Vai, manso, e manso, ao thalamo pudico.  
 Mal que o toca : « Um punhal comigo trago,  
 Lucrecia (elle lhe diz) » eu sou Tarquinio,  
 Sou o filho do rei. » — Nada responde,  
 Nem póde responder Lucrecia absorta :  
 De assombro, de terror jaz fria, e muda ;  
 Mas, como a lamentavel cordeirinha,  
 Que no tosco redil desamparado  
 Entre as garras se vê do lobo infesto,  
 Ante o fero amator Lucrecia treme.  
 Que fará ? Contender, luctar com elle ? ...  
 Ella é débil mulher, será vencida.  
 Gritará ? ... Tem na dextra um ferro o monstro.  
 Fugirá ? ... Dura mão lhe aperta o peito,  
 Não manchado até ali de toque infame.  
 Insta com rogos o inimigo amante,  
 Com premios, e ameaços ; mas seus rogos,  
 Seus premios, e ameaços nada alcançam.  
 « Não cedas, inhumana, a meus transportes ?  
 Pois (o barbaro diz) hei de arrancar-te  
 Com este ferro a vida, apregoando  
 Que em adulterio vil co'um torpe escravo  
 Te colhi : a teu lado o porei morto,  
 E horrenda ficará tua memoria. »  
 A matrona infeliz, temendo a fama,  
 Á furia succumbiu do fementido.  
 Indigno vencedor, para que exultas ?  
 Será tua ruina essa victoria :  
 Ai ! Quanto ao solio teu custa uma noute !

Dissipando-se as trévas, apparece  
 Lucrecia desgrenhada, e qual costuma  
 Ir lacrimosa mãe do filho á pyra.  
 O consorte fiel, e o páe longo  
 Chama do campo : os dous acodem logo,  
 Vêm-lhe o luto, e do luto a causa inquirem,  
 Perguntam-lhe que mal, que dor a ancêa,  
 E as honras funeraes a quem consagra ?

Ella fica em silencio um longo espaço,  
 E no véo lutuoso esconde a face,  
 Soltas em fiô as lagrimas formosas.  
 Consolando-a co'a voz, e com o afago,  
 D'aqui lhe roga o páe, d'ali o esposo  
 Que fale emfim, que exprima o que padece.  
 E choram, temem com pavor incerto.

Tres vezes começou, parou tres vezes,  
 E á quarta se atreveu a declarar-se,  
 Mas sem a vista erguer : « Tarquinio a isto  
 Me obrigará tambem ! (profere a triste)  
 Eu mesma hei de narrar a injuria minha !  
 Eu mesma, desditosa, hei de affrontar-me ! »  
 Conta o que póde . . . resta o mais . . . e chóra,  
 E o pejo lhe affoguêa a face honesta.  
 O páe, e esposo o crime involuntario  
 Perdoam. — « Perdoais ! Eu não. » (diz ella)  
 E aguçado punhal, que traz occulto,  
 Co'a melindrosa mão no seio embebe.

Cae aos paternos pés ensanguentada,  
 E olhando para si, já moribunda,  
 Para ver se o pudor na quêda offende :  
 Este o cuidado da infeliz, morrendo.

Eis junto ao corpo amado o pae, e esposo,  
 Deslembrados da gloria, e do decoto,  
 Jazem carpindo seu commum desastre.  
 Bruto, que a scena infausta presencêa,  
 O nome com o espirito desmente :  
 Do peito semivivo arranca o ferro,  
 E ali na mão com elle, que distilla  
 Da victima formosa o puro sangue,  
 N'um ar ameaçador taes vozes sóla  
 Do affouto coração : — « Por este honrado,  
 Por este varonil, egregio sangue,  
 E por teus manes, que serão meus numes,  
 Juro ao feroz Tarquinio um odio eterno,  
 Juro de o proscrever, e á prole infame ;  
 Seus crimes infernaes serão punidos :  
 Tens, oh virtude, assaz dissimulado ! »

Ao som d'estes impavidos protestos  
 Os olhos, já sem luz, ergue Lucrecia ;  
 Meneando a cabeça, approva, e morre.

Sobre funereo leito se colloca  
 O gentil corpo da heroina excelsa.  
 O espectaculo triste expõe-se a todos,  
 E deve a todos lagrimas, e inveja ;  
 Vai patente a ferida ; — o denodado  
 Bruto, vociferando, incita o povo,  
 E do mancebo audaz lhe narra o crime.

Com a estirpe cruel Tarquinio foge :  
 Foi aquelle o famoso, ultimo dia  
 Em que o duro oppressor deu leis a Roma.  
 Cessa o reinado, os consules se criam,  
 E as redeas tomam de annual governo.

## O BOSQUE DE MARSELHA:

(Descrição, tirada da «Pharsalia»  
de Lucano, Livro III.)

**L**A junto de Marselha havia um bosque,  
Nunca dos longos seculos violado.  
Co'a rama implexa os ares denegria,  
Amedrontava o sol co'as altas sombras.  
Nymphas, Sylvanos, Pan, que rege as selvas,  
Ali não tem poder, ali só reinam  
Nunes, que exigem barbaras offrendas;  
Aras crueis as Furias erigiram:  
Roxêa em tronco, e tronco o sangue humano.  
Ali, se fé merece a antiguidade,  
Sobre os ramos firmar-se as aves temem,  
Temem as feras acolher-se ás covas.  
Não sóa o vento ali, nem bate o raio,  
Nem folha alguma os Zephyros consente:  
Um mudo horror as arvores abrange.  
De origens torpes negras aguas fervem;  
Dos deuses maus os simulacros feios  
Carecem de arte, são informes troncos.  
A mesta pallidez, que os vultos cóbre,  
A surda corrupção, que os vai roendo,  
Nos absortos mortaes terror infunde;  
Receiam nunes de apparencia extranha:  
Tanto augmenta o pavor, tanto o requinta  
Ignorar que poder, que deuses teme!  
Era geral rumor que ali se ouviam



Mugir as grutas, vacil'ando a terra,  
 Que o derrubado teixo ali soia  
 Aos ares outra vez alçar a coma,  
 Até sem consumir-se arder o bosque,  
 E enroscados dragões silvar nas plantas.

Não dá proximo culto ás aras tristes,  
 Nem o infesto logar frequenta a gente:  
 Espavorida o cede aos deuses torvos.  
 Quando no etherco cume o sol chammeja,  
 Ou quando a opáca noute afêa o polo,  
 Dos ritos feros o ministro mesmo  
 Teme entranhar-se nas funestas sombras,  
 E o senhor encontrar do bosque horrendo.

Cesar ordena que derribe o ferro  
 As arvores, que, intactas d'outras guerras,  
 E entre altos montes nus encadeadas,  
 Do romano arraial surgiam perto.

Eis os braços guerreiros estremecem,  
 Os fortes corações eis enregela  
 Do ermo escuro a terrivel majestade:  
 Crem que, se as sacras arvores ferirem,  
 Hão de os ferreos, vibrados instrumentos  
 Voltar-se contra os impios, que os menêem.

Julio, que do terror os vê tomados,  
 Rapido a um d'elles a bipenne arranca;  
 Ergue-a, n'um tronco ingente a descarrega,  
 Às cohortes se volve, assim lhes fala:  
 « Porque nenhum de vós talhar duvide  
 A selva, onde pensais que habitam deuses,  
 Crede-me, embhora, o réo do sacrilegio. »

Diz, e a payida turma obediente,  
Sem repellir o horror, succumbe ao mando:  
Teme a ira dos numes, e a de Cesar,  
Porém mais a de Cesar, que a dos numes.

Já nodosos carvalhos cáem por terra,  
Cáem por terra os suberbos, duros olmos,  
No chão baquêa o funebre cypreste,  
Que a lutos não plebêos é consagrado,  
Pela primeira vez, Dodóneo bosque,  
Depões a idosa rama, e já sem ella,  
Sem sombra, que te ampare, o dia admittes.

Mas inda se mantêm, caíndo, a selva  
Com seus restos espessos; Gallia geme,  
Olhando o feito audaz; porém, reclusa  
A crente mocidade entre as muralhas,  
Exulta: quem julgára que seriam  
Impunemente os deuses affrontados!

---

## LATINO E SEUS FILHOS.

(Episodio da "Jerusalem" de Tasso, Canto IX.)

**E**NTRE os heróes christãos, que pelo esforço  
 Ante Jerusalem mais se afamaram  
 Na do feroz Soldão nocturna guerra,  
 Latino reluziu, nascido em Roma.  
 Das lidas marciaes, da longa edade  
 Inda gastas as forças não sentia ;  
 Com cinco filhos, quasi eguaes, ao lado  
 Nas horridas pelejas sempre andava.  
 Elles, anticipando ao tempo a fama,  
 De férreo pezo as fronte opprimiam,  
 E os membros juvenis, inda crescentes ;  
 Pelo paterno exemplo estimulados,  
 Amolavam no sangue o ferro, as iras.

« Vamos ( o pae lhes diz) lá onde um impio  
 Co'a fuga dos christãos se ensuberbecer ;  
 O horror, o estrago, as mortes, que fulmina,  
 Em vós o innato ardor não diminuam :  
 É gloria trivial, se a gloria. oh filhos,  
 De algum passado trance não se adorna.»

Assim brava leôa os filhos bravos,  
 A quem do collo a juba inda não desce,  
 A quem das mãos crueis, da horrenda bocca  
 Inda as terriveis armas não crescêram,  
 Leva comsigo ás prêsas, aos combates,

E os vai' com torvo exemplo encarniçando  
 No caçador, que os bosques lhe perturba,  
 E as feras menos fortes affugenta.

Seguêm o pae sublime os cinco incautos,  
 O enorme Solimão saltêam, cingem,  
 E n'um só ponto um só arbitrio, e quasi  
 Um espirito só, seis lanças vibra.  
 Mas, cegamente affouto, o de mais annos  
 Sacode a sua ao chão, c'o turco cerra,  
 E tenta em vão co'a penetrante espada  
 Derribar-lhe sem vida o gran ginete.

Porém, qual monte exposto ás tempestades,  
 Qual monte sobranceiro ao mar que o fere,  
 Supporta, firme em si, trovões, e raios,  
 Os indignados céos, ondas, e ventos ;  
 Assim o audaz Soldão a altiva fronte  
 Tem fixa contra os ferros, contra as hastes,  
 E áquelle que o ginete lhe golpêa,  
 Entre as faces, e os olhos fende o rosto.

Aramante ao irmão, que vai caíndo,  
 Piedoso estende o braço em que o sustenta ;  
 Piedade louca, e van, que ao damno alheio  
 Une tragicamente o proprio damno.  
 O pagão contra o braço o ferro inclina,  
 E o que a elle se atêm com elle aterra :  
 Cáem ambos, um sobre outro desfalecem,  
 E mixturam, morrendo, os ais, e o sangue.

Eis, de Sabino a lança espedaçando,  
 Com que o moço gentil de longe o infesta,  
 Lhe arremessa o cavallo, e de arte o colhe,

Que por terra, tremendo, o deita, o piza.  
Do delicado corpo adolescente  
São a alma a grande custo, e deixa triste  
Da vida as auras placidas, os dias  
Ledos, e ornados de mimosa idade.

Vivos Pico, e Laurente inda restavam,  
Com que um só parto os páes enriquecêra,  
Par florecente, igual, que tantas vezes  
Origem fôra de suave engano!  
Mas se os fez natureza indistinguiveis,  
Já diffrentes os faz a hostil braveza:  
Oh dura distincção! Em um divide  
Do busto o collo, ao outro o peito rasga.

O páe (ah já não páe! . . . Ah sorte injusta,  
Que n'um ponto o privou de tantos filhos!)  
A sua morte vê nas cinco mortes,  
Na progenie infeliz, de todo extincta;  
Nem sei como a velhice é tão constante,  
Tão forte, e tão vivaz na extrema angustia,  
Que inda respire, que peleje ainda!  
Mas' as tristes acções, as faces tristes  
Não viu talvez dos moribundos filhos,  
E do acerbo espectaculo a seus olhos  
Parte as amigas trevas encubriram.

Com tudo, não perdendo a infausta vida,  
Nada lhe era o vencer. Do proprio sangue  
Prodigo freme, e soffrego do alheio;  
Nem se conhece bem qual mais deseja  
Se morrer, se matar. « Tão desprezível,  
Tão fraca é esta mão (grita ao contrario)

Que de tantos esforços nenhum pôde  
Contra mim provocar-te a negra sanha!  
Cala, e golpe mortal despede ao fero,  
Que, rôto o riço arnez, lhe rompe o lado,  
E por larga abertura o sangue ferve.

Ao grito, ao golpe contra o velho ancioso  
O barbaro volveu a espada, as furias.  
A loriga lhe abriu depois do escudo,  
Que vezes septe duro couro envolve,  
E o ferro lhe embebeu pelas entranhas.  
Eis Latino infeliz soluça, expira,  
E com vomito alterno ora lhe salta  
O sangue da ferida, ora da boca.

Qual no Apenino vigorosa planta,  
Que as iras desdenhou de Áquilo, e de Euro,  
Se tufão desusado em fim a arranca,  
Co'a quêda emtorno as arvores derruba:  
Tal cãe o heróe, e o seu furor é tanto,  
Que leva apoz de si mais d'um que afferra,  
E de homem tão feroz é fim bem digno  
Fazer, até morrendo, altas ruinas.

---

## GILDIPE E EDUARDO.

(Episodio da "Jerusalem," de Tasso Canto XX.)

**O** FERIDO combate ardendo estava  
Entre o campo christão, e o campo egypcio.  
N'isto o bravo Soldão co'a morte, e as furias  
Corre, escumando, aos barbaros se aggrega,  
Gran reforço lhes é, mas breve, inutil:  
Parece horrendo, momentaneo raio,  
Que repentino vem, que bate, e passa,  
Porém que da veloz carreira infesta  
Deixa vestigio eterno em rotas penhas.  
Cem guerreiros, ou mais derriba o turco:  
Sequer entre milhões de extinctos nomes  
A memoria de dous se roube ao tempo.

Tristes esposos, férvidos amantes,  
Eduardo, e Gildipe, os fados vossos  
Duros, acerbos, e os illustres feitos  
(Se a meus toscanos versos tanto é dado)  
Sagrarei entre espiritos famosos,  
Porque a serie dos evos, quaes portentos  
De virtude, e de amor, vos olhe, e aponte,  
E algum terno mortal com doce pranto  
Honre os lamentos meus, e a vossa morte.

A generosa dama, esporeando  
O docil bruto audaz, lá se arremessa

Com o esposo fiel por entre as turbas;  
Onde o feroz pagão derrota os Francos :  
Com golpe sobre golpe o colhe em cheio,  
O escudo lhe desfaz, lhe rasga o lado.

O cruel, que no traje a reconhece,  
Diz com agro, cholerico sorriso :  
« Oh ! Eis o rufião, e a apaixonada !  
Muito melhor te fôra agulha, e fuso  
Que por defeza haver armas, e amante. »

Cala-se, e de furor todo abrazado,  
Vibra estocada temeraria, e fera,  
Que ousou, rompendo o arnez, entrar no peito,  
Que dos golpes de Amor só era digno.  
Subito a triste, abandonando o freio,  
Indicios dá de quem desmaia, e morre :  
Ai ! Bem o observas, misero Eduardo,  
Não lento defensor, mas desditoso.

Que fará neste lance ? Ira, piedade  
A varias partes n'um só tempo o chamam :  
Uma a suster seu bem, que vai caíndo,  
Outra a vingal-o dô horrído homicida.  
Amor imparcial o persuade  
A que a piedade escute, escute a ira :  
Eis co'a sinistra mão sustêm a esposa,  
E co'a raivosa dextra exerce o ferro.

Mas ah ! Vontade, e força, divididas  
Contra o duro pagão bastar não podem ;  
Não mantêm a infeliz, nem o verdugo  
Do seu doce prazer conduz á morte ;  
Antes o impio Soldão lhe corta o braço,



Piedoso arrimo da consorte amada :  
Caír a deixa o misero, e comprime  
Os membros d'ella c'os seus proprios membros.

Qual olmo, a que a vinosa, a fertil planta  
Com abraço tenaz se enreda, e casa,  
Se ferro o parte. ou raio o desarreiga,  
Leva comsigo a terra a socia vide :  
Elle o verde atavio lhe desfolha,  
Elle mesmo lhe piza as gratas uvas,  
E como que lhe dóe mais que seu fado  
O fim da amiga, que lhe morre ao lado.

Tal cáe o amante, e só se doe d'aquella  
Que em companhia eterna o céu lhe outorga.  
Querem, não podem proferir palavras,  
Formam suspiros em logar de vozes ;  
Um olha ao outro, e por costume antigo  
Um com outro se abraça em quanto existe.  
O dia n'um só ponto aos dous se apaga,  
E as almas juntas aos elysios vôam.

---

## DESCRIPÇÃO DO DILUVIO.

(Traduzida de Gessner.)

**A**s torres de extranhissima grandeza  
Estavam pelas aguas já cubertas,  
E a triste, malfadada humanidade  
Já não tinha outro asylo, outra guarida  
Mais que o cimo de um monte alcantilado,  
Que ainda além das ondas assomava.  
Soar em torno d'elle os ais se ouviam  
Dos miseros mortaes, que em vão lidavam  
Por trepar aos cabeços, e abrigar-se  
Da insaciavel morte, que, enrolada  
Na escumosa torrente, os perseguia.  
Eis que desaba em parte a gran montanha,  
Eis que a rota porção no mar se abysma,  
E na quéda fatal comsigo abate  
Quantos ao vão refugio se acolhêram.  
O filho cae d'ali precipitado,  
Lançando pias mãos ao páe caduco ;  
Das maviosas mães no seio amigo  
Tenros meninos suffocados morrem ;  
Pavoroso motim retumba ao longe  
Dos homens, e dos brutos, que perecem  
Juntos no horrivel barathro dos mares.  
Já não restava então mais do que um pico  
Altissimo da serra ainda illeso

Do estrago universal. Fanor, mancebo,  
\* Heróe no coração, pastor no officio,  
Para ali conduzirá a doce amante,  
Semira d'entre as ondas arrancara,  
E, a pesar do furor das vagas todas,  
O triumphante Amor, Amor piedoso  
A donzella infeliz salvou da morte.

Tinham nascido os dous nos fertes campos  
Que banha o longo, celebrado Euphrates.  
Fanor entre os que ali se distinguiam  
Era o mais abastado, o mais amavel;  
Semira a mais gentil, mais virtuosa  
Das suas companheiras: os desejos  
Tu ías, Hymênêo, satisfazer-lhes,  
E o dia de vingança, o dia horrendo  
Em que Deus castigar determinara  
Do mundo os negros, os nefandos crimes.  
Era o mesmo em que haviam de ligar-se  
N'um laço deleitoso os dous amantes.  
Jazia tudo o mais no bojo immenso,  
Nos abysmos do mar: Fanor, Semira  
Sós ao geral naufragio sobrevivem.  
Em montes a seus pés as vagas magem,  
Por cima das atonitas cabeças  
Lhe rebomba o trovão, reina-lhe em roda  
Pezada escuridão, cujos horrores  
O clarão dos relampagos não rasga  
Senão para off'recer-lhe aos olhos tristes  
O medonho espectáculo dos mortos,  
O miseravel tumulo da terra.

Estreitava Semira o terno amante  
 Ao peito esmorecido, e melindroso ;  
 Junto a seu coração, trémula, e fraca,  
 Ella o quer, ella o tem, e assim modéra  
 O terror em que a põe seus duros Fados.  
 « Mas querido Fanor, (lhe diz Semira)  
 Já não ha para nós nenhum refugio,  
 É forçoso morrer! . . Já, já nos cerca  
 A vingança dos céos por toda a parte.  
 Não ouves o fragor, não vês as serras  
 Do tormentoso mar! Não vês, não ouves  
 Dos raios, dos trovões a luz, o estrondo!  
 Já não ha para nós nenhum refugio,  
 É forçoso morrer. . . oh morte! Oh morte!  
 Eras tu quem devia unir-nos hoje? . . .  
 Oh meu Deus! Meu juiz! Eil-a bramindo. . .  
 Eil-a que se arremessa a devorar-nos. . .  
 Ai! Como se revolve em cada vaga! . . .  
 Sustenta-me, Fanor. . . entre os teus braços. . .  
 As ondas. . . me arrebatam. . . me arrebatam. . .  
 Sustenta-me, querido. . . eu caio. . . eu morro. . .

Dictas estas palavras, cerra os olhos,  
 Congela-se-lhe a voz, e cáe sem forças  
 Entre os braços do amante. Elle sem tino,  
 Já não vê serpear o ethereo fogo,  
 As ondas já não vê fervendo em serras,  
 Não vê mais que Semira entregue á morte.  
 A lassa robustez no mesmo instante  
 A desesperação, e Amor lhe innovam :  
 Em seus braços aperta a doce amada,

D'entre as ondas a arranca, e de mil beijos  
Cobre as macias, delicadas faces,  
Co'a triste pallidez inda formosas,  
E frias, e alagadas dos chuveiros.  
« Semira, (elle lhe diz) meu bem, desperta,  
Esta scena de horror contempla ainda,  
Volve ainda uma vez a mim teus olhos,  
Dize ainda uma vez que has de, oh querida;  
Amar-me até morrer, dize-o, repete-o  
Antes que as bravas ondas nos engulam. »

Diz : ella torna em si, lança-lhe os olhos  
Cubertos de agonia, e de ternura ;  
Sobre a destruição depois os firma :  
« Oh meu Deus ! Meu juiz ! (exclama a triste)  
Já não ha para nós, não ha piedade ?  
Ai ! Com que furia as ondas vem rolando ! . . .  
Que horrorosos trovões ! . . . Oh Deus eterno !  
Meu pae ! Meu creador ! Não te commoves !  
Não deixas abrandar vinganças tuas !  
Ah ! Tu, que tudo vês, tu bem o sabes,  
Os annos de Fanor, e os de Semira  
Iam correndo envoltos na innocencia.  
Oh tu, claro exemplar de mil virtudes,  
Tu, dos filhos dos homens o mais justo,  
Como em fim mereceste. . . ai desgraçada !  
Eu vi, vi perecer todos aquelles  
Que faziam tão doces os meus dias ;  
Eu te vi perecer, meu pae (que angustia !)  
(Que amargosa lembrança !) Eu te apertava  
Em meus convulsos braços, tu erguias

Para a filha os pezados, ternos olhos,  
E para abençoal-a as mãos piedosas  
Quando as terríveis ondas te sorvéram.  
O que era para mim de mais estima  
Me foi roubado, oh céos! Porém, comtudo,  
Nos abysmos, Fanor, sumida a terra,  
Presentára a meus olhos as delicias,  
As graças do terrestre paraíso,  
Se o céu me concedêra o possuir-te. . .  
Oh Deus! Oh summo Deus! Não ha clemencia!  
Nossa vida innocente nos não vale!  
Não poderá vencer. . . mas, cega! Aonde  
Me leva, me arrebatá a minha angustia!  
Perdôa, oh meu juiz, meu Deus, perdôa;  
Estas murmurações expie a morte.  
Quanto a mesma innocencia ante os teus olhos,  
Quanto a mesma innocencia é criminosa!»  
Fanor aqui susteve a gentil moça,  
Que ao repelão do vento ía caíndo,  
E sustendo-a, lhe diz: «Sim, oh Semira,  
Nosso final momento está chegando;  
As ledas, as suaves esperanças  
De um reciproco amor se esvaecêram:  
Eis o termo fatal dos nossos dias;  
Porém não acabemos como os impios.  
É forçoso morrer: mas, doce amada,  
Além desta mortal vida penosa  
Vive a gloria, o prazer, a eternidade.  
Remontem-se, querida, as almas nossas  
Ao Deus seu creador; longe os terrores:

Nós vamos exultar, e agasalhar-nos  
No seio paternal do Omnipotente ;  
Abraça-me, e esperemos nossos fados.  
Do centro deste horror, Semira, em breve  
Nossos livres espiritos, voando  
Engolphados n'um jubilo sem termo,  
Se irão sumindo pelo céu brilhante.  
Oh Deus ! Oh grande Deus ! Esta esperança  
Em nossos corações nutrir ousámos.  
Elevemos, Semira, eia, elevemos  
Enfraquecidas mãos ao nume eterno.  
Cabe em frageis, erradas créaturas  
Dos juizos de um Deus tentar o abysmo ?  
Aquelle, que nos deu co'um sópro a vida,  
Que pode quanto quer, prepára, e manda  
A morte ao criminoso, a morte ao justo.  
Venturoso o mortal, feliz quem sempre  
Da virtude trilhou, seguiu a estrada !  
A vida já, meu Deus, te não pedimos,  
Execute-se em nós tua justiça ;  
Mas accende, affervóra esta esperança  
De um bem, de um alto bem, summo, ineffavel,  
Vedado á turbação, e horror da morte.  
Brama então sobre nós, trovão medonho !  
Devorai-nos então, sanhudos mares !  
O sancto, o justo Deus seja exaltado,  
E ultimo sentimento, ultima idéa  
De nossos corações, de nossas almas  
Seja seu nome, sua gloria seja.»  
O jubilo, e valor asserenaram

O rosto de Semira, e no seu rosto  
 Os lumes immortaes da divindade  
 Como que já luziam. — « Sim (diz ella,  
 Alçando para os céos as mãos mimosas)  
 « Eu te sinto, dulcissima esperança,  
 Louvemos o Senhor. Vertei, meus olhos,  
 Lagrimas de alegria, até que a morte  
 Com a gélida mão venha cerrar-vos.  
 Uma gloria sem fim por nós espera.  
 Vós, parentes, vós, páes, delicias nossas,  
 Arrancados nos fostes, mas em breve  
 Nos vamos novamente unir comvosco.  
 Dos justos, oh meu Deus, está cercado  
 Lá no cume dos céos teu throno augusto:  
 Tu de todas as partes do universo  
 Os congregas. Senhor. Fervei, oh raios,  
 Inchai-vos, escarcéos, brami, oh ventos!  
 Vós sois, vós todos sois da inevitavel  
 Justiça eterna os canticos, e os orgãos.  
 Abraça-me, querido... olha... esta vaga  
 Escumosa, e feroz... nos traz a morte...  
 Abraça-me, Fanor... não me abandones...  
 Ai!... Já me erguem... as ondas... já me absorvem... »  
 « Semira (diz Fanor) eu não te deixo,  
 Eu te abraço, meu bem. Tu vens, oh morte,  
 Tu vens em fim cumprir nossos desejos...  
 Graças... mil graças á justiça eterna... »  
 Assim falaram, e em abraço estreito,  
 Tragados pelas ondas, perecêram.



**SACRIFICIO AOS ESPIRITOS INFERNAES.**

(Episodio extraído da "Henriada" de  
Voltaire, Canto V.)

**E**M quanto fêra chusma de rebeldes  
Às portas de Paris vai conduzindo  
O desleal, fanatico mancebo,  
Sobre o successo d'arrojada empreza  
Os Dezeseis sacrilegos intentam  
Dos fados aclarar a escuridade.  
Curiosa de Médicis a audacia,  
Mysterios de tão lóbrega sciencia  
Já outr' hora indagou, já quiz outr' hora  
Entranhar-se nas trevas, nos horrores  
D'esta arte superior á Natureza,  
Quasi sempre chimera, e sempre crime.  
Por todos foi seguido o feio exemplo,  
E o povo insano, que imitar costuma  
Com animo servil dos reis os vicios,  
Amador do que é novo, e do que assombra  
Em multidão corria aos sacrilegios.

Para o centro de abobada horrorosa  
Pelas nocturnas sombras o silencio  
Guiára a detestavel assembléa.  
Ao pallido clarão de maga tocha  
Ara vil sobre um tumulo se erige,  
Onde as imageus dos dous reis collocam,

Objectos de seus odios, seus terrores,  
De suas maldicções, de seus insultos.  
Ali por voz sacrilega se annêxa  
A nomes infernaes d'um Deus o nome ;  
Cruas fileiras de aguçadas lanças  
Luzem debaixo dos medonhos tectos :  
Tingem-se as pontas em sanguineas taças,  
Horrida pompa de horrído mysterio !

O ministro do templo é um d'aquelles  
Que, odiosos, dispersos, e proscriptos,  
Giram, vagueam, cidadãos do mundo,  
Levam de mar em mar, de terra em terra  
O seu abatimento, a sua affronta,  
E de superstições montão damnoso  
Têm por todos os climas desparzido.

Huyvando os Dezeseis em torno d'elle,  
Às impias ceremonias dão principio.  
As parricidas mãos no sangue ensopam,  
De Valois vão no altar ferir o peito,  
E inda com mais terror, com mais insania  
A effigie de Bourbon derribam, calcam,  
Crendo que a morte, a seu furor ligada,  
Vai co'a dextra fatal, e inevitavel  
Taes golpes transmittir aos dous monarchas.

O hebréo profanador com turvo aspecto  
Une entretanto as preces ás blasphemias :  
Os abysmos, os céos, o Eterno invoca,  
Invoca esses espiritos impuros,  
Do universo invisiveis turbadores,  
E o fogo dos infernos, e o do raio.

Tal foi o infando, occulto sacrificio  
Que fez em Gelboé lá n'outra edade  
Aos numes infernaes a pythonissa,  
Quando perante um rei feroz, e injusto  
Chamou de Samuel a horrivel sombra :  
Assim contra Judá de vãos prophetas  
Troava em Samaria a impia boca ;  
Ou tal se ouviu Atéio entre os romanos,  
Invocados os deuses, em seu nome  
Agourar, maldizer de Crasso as armas.

Aos escuros, aos magicos accentos  
Que profere o maligno sacerdote,  
Resposta os Dezeseis do Fado esperam ;  
Cuidam que hão de forçal-o a descobrir-se :  
O céu para os punir quiz attendel-os.  
Eis interrompe as leis da Natureza,  
E do fundo da tacita caverna  
Eis sáe lugubre som, murmurio triste.  
Cem vezes o relampago espantoso  
Na densa escuridão se accende, e apaga.  
Entre a fulminea luz, de gloria accezo,  
Em triumphal carrcoça Henrique assoma  
Ante os olhos do atonito congresso.  
Cinge-lhe marcio louro a fronte augusta,  
O sceptro venerando a mão lhe adorna.

N'isto o fogo do raio inflamma os ares,  
O altar cáe abrazado, a terra o sórve,  
E os rebeldes, o hebrêo vão assombrados  
Seu crime, e seu pavor sumir nas trevas.

## O COMBATE DE AILLY COM O FILHO NA BATALHA DE IVRY.

(Episodio extraído da «Henriada» Canto VIII.)

**O** INDOMITO valor do gran Turena  
 Já de Nemours as tropas aterrava.  
 D'Ailly, veloz qual raio, fa esparzindo  
 Por entre os batalhões espanto, e morte :  
 O valente d'Ailly, todo orgulhoso  
 Com seis lustros de gloria, e de combates,  
 Que da guerra no ardor sanguinolento  
 Sente, a despeito da rugosa idade,  
 Tornar-lhe a robustez, ferver-lhe o brio.

Com elle um só guerreiro ousa affrontar-se,  
 Um destemido heróe na flor dos annos,  
 Que n'este matador, e illustre dia  
 Os horrores mavorcios encetára.  
 De um suave hymenêo gosando apenas,  
 E mimoso de Amor, a Amor se esquivava ;  
 Com pejo de que só na gentileza  
 Soasse, consistisse a fama sua,  
 Vôa aos conflictos, sófrego da gloria.  
 Lamentando-se aos céos a linda esposa,  
 Os rebeldes maldiz, maldiz a guerra ;  
 Resolvendo aggregar-se aos combatentes  
 O seu terno amador, convulsa, e triste  
 Lhe une ao corpo gentil o arnez pezado,  
 E humida a face de amorosos prantos,

Em capacete precioso esconde  
Semblante, que devia ás graças tanto,  
Olhos em que seus olhos se reviam.

Eis ufano, raivoso, arrebatado  
Parte contra d'Ailly o audaz mancebo  
Por entre o fogo, o pó, e o sangue, e a morte,  
Ambos, de egual braveza estimulados,  
Os hardidos ginetes espoream,  
Das fêras legiões ambos se arredam,  
E coçrem ambos á planicie hervosa,  
Toda corada de purpureos lagos.  
Carregados de ferro, em sangue envoltos,  
Com pavoroso assalto os dous se encontram ;  
Resôa a terra, as lanças arrebentam,  
Assim como n'um céu tempestuoso  
Duas pejudas nuvens carrancudas,  
Que, no bojo encerrando ignea materia,  
E de enorme encontrão, de horrendo embate  
Rotas nos ares, pelos ares vcam :  
Gera o choque relampagos, e raios,  
Estrondêa o trovão, e assusta o mundo,  
Mas pôr subito impulso, e nova sanha  
Eil-os dos brutos férvidos se arrojam,  
Escolhendo outro genero de morte.

Já lhe reluz nas mãos o liso alfange  
A cevar-lhe o furor corre a Discordia,  
E o Genio torvo, que preside á guerra ;  
Segue-os a morte pallida, e sanguenta.  
Miseros, esperai, detende os golpes. . .  
Mas negro fado os animos lhe inflamma.

Este áquelle, raivando, aquelle a este  
Tenta no coração cravar o alfange.  
No exposto coração, que não conhece.  
Do retalhado arnez faiscas saltam,  
Golphando o sangue, as mãos lhes purpurêa ;  
O escudo, o capacete, á força oppostos,  
De cem golpes crueis alguns mallogram,  
Alguns aparam, rechaçando a morte.  
Os rivaes entre si, como assombrados  
De tão alto valor, se respeitavam ;  
Mas o annoso d'Ailly co'um golpe infausto  
Lança em terra o magnanimo guerreiro.  
Seus olhos para sempre á luz se fecham,  
Cae-lhe o elmo, descobre-se-lhe o rosto,  
D'Ailly o vê, o abraça. . . ah ! É seu filho. . .  
Oh desesperação ! Oh desventura !  
O deploravel pae, banhado em pranto,  
As armas contra si voltar intenta,  
Mas compassivas mãos no duro lance  
Lhe acodem, se lhe oppõe, do ferro o privam.  
Tremendo, soluçando, o triste velho  
Foge d'aquelle horror, amaldiçôa  
Seu criminoso, e barbaro triumpho ;  
Os homens, a grandeza, a gloria esquece,  
Desejando esquecer-se de si mesmo,  
E em solitarias brenhas vai sumir-se.  
Ali, quer surja o sol, dourando os montes,  
Quer se mergulhe nos cerúleos mares,  
De seu filho infeliz o triste nome  
Com lamentosa voz ensina aos eccos,  
Aos eccos, de escutal-o enternecidos.

Do bello moço extincto a doce amante,  
Levada do terror, fria, saudosa,  
Em passo vacillante ao sitio corre  
Por onde borbuhára o sangue em rios.  
Aqui, e ali caminha, indaga, observa,  
E da guerra entre as victimas cruentas  
Distingue enfim o esposo. Ao vê-lo a triste  
Cae sem acôrdo na sanguinea terra,  
Nos olhos se lhe estende o véo da morte.  
« És tu, meu charo amante? . . . » Estas palavras  
Cortadas pela dor, estes suspiros  
Que sóta, desmaiando, ah! não se escutam.  
De novo os olhos abre, une de novo  
Os labios seus aos labios que idolátra,  
Os ternos beijos ultimos lhe imprime,  
Aperta o corpo misero entre os braços,  
Entre os mimosos braços cor de neve,  
Os olhos n'elle põe, suspira, e morre.

Páe infeliz, misérrimos esposos,  
Lastimosa familia, exemplo triste  
Dos crimes, do furor d'aquella idade,  
Ah! Praza aos céos que a horrída lembrança  
D'este medonho, e tragico successo  
A comiserção, a humanidade  
Excite em nossos derradeiros netos,  
E aos olhos uteis lagrimas lhe arranque  
Para que o rasto dos avós não sigam!

---

## O TEMPLO DE AMOR.

(Traduzido de Canto IX da «Henriada.»)

**S**OBEE o campo feliz da antiga Idalia,  
Lá no principio d'Asia, e fim de Europa,  
Alto edificio majestoso assoma,  
Do tempo assolador vedado aos damnos.  
Lançou-lhe a Natureza os alicerces,  
E tu, Arte subtil, depois brincando  
A simples, moderada architectura,  
Lidáste, e transcendeste a Natureza.  
Ali de verdes myrtos povoadas  
As circumstantes selvas, inda ignoram  
Os insultos do hynverno enregelado ;  
Ali por toda a parte amadurecem,  
Por toda a parte ali formosos nascem  
Os fructos de Pomona, os dons de Flora ;  
Ali para outorgar ampla colheita  
Nunca esperas, oh terra, oh mãe fecunda,  
Nem pelas estações, nem pelos vctos  
Do tostado cultor ; ali parece  
Que os mortaes n'um equal, sereno estado  
Gosam tudo o que dava a Natureza  
Lá na ditosa infancia do universo :  
Áturado socego, alegres dias,  
A doçura, os prazeres da abundancia,



Os bens, os gostos da primeira idade,  
Menos a mansa, e limpida innocencia.

Nenhum, nenhum rumor ali se escuta  
Senão doce harmonia encantadora,  
Molle harmonia, que amollece o peito ;  
Vozes do amante, canticos da amada,  
Que a deshonra, os delirios, às fraquezas  
Em verso adulador lhe vai dourando.  
Vê-se turba amorosa a cada instante,  
Toucada de odoríferas boninas,  
As graças implorar do deus, que adora,  
Concorrer sequiosa a seus altares,  
E n'elles á porfia ír-se ensaiando  
No methodo suave, e perigoso  
De attrair corações, ligar vontades.  
A risonha Esperança a mão lhe off'rece,  
E os guia dous, e dous ás aras de ouro ;  
As tres lindas irmans, as brandas Graças,  
Fagueiras, quasi nuas, e defronte  
Das francas portas do soberbo alcaçar,  
Unem veloz coréa a som divino.  
A preguiçosa, a placida Molleza,  
\* A socia dos amantes, encostada  
Sobre a relva subtil, e as tenras flores,  
Ali de ver, e ouvir se apraz, e enleva.  
\* Dorme a par d'ella o tacito Mysterio,  
Jazem-lhe em roda os magicos Sorrisos,  
O pontual Desvelo, a Complacencia,  
Jaz o Prazer, e os sofregos Desejos,  
Inda mais que o Prazer encantadores.

Tal é na entrada o templo sumptuoso ;  
 Mas quando além das portas, e debaixo  
 Da rutilante abobada sagrada  
 Passo audaz se encaminha ao sanctuario,  
 Que espectáculo horrendo atterra os olhos !  
 \* Ali não resplandece, ali não vò  
 \* Nitido enxame de louções Prazeres ;  
 \* A celeste Harmonia ali não ousa,  
 \* As azas transparentes meneando,  
 \* Nos tristes corações insinuar-se.  
 \* Queixas, Tormentos, Desvarios, Sustos  
 \* Em densa multidão, tropel confuso  
 \* Choram, blasphemam, desatinam, tremem,  
 \* Geram n'este logar o horror do inferno.  
 O carrancudo, o livido Ciume  
 Segue n'um passo trémulo a Suspeita ;  
 Odio, Raiva, entornando o seu veneno,  
 Armados de punhaes, lhe vão na frente.  
 Malicia, tu os vês, e satisfeita  
 Co'um sorriso traidor a insania approvas :  
 Eis o Arrependimento os vai seguindo,  
 E em seus ais condemnando-lhe a fereza,  
 De lagrimas inunda os olhos baixos.  
 Em meio d'esta chusma pavorosa,  
 Companheira fatal dos vãos Prazeres,  
 Tem conservado Amor seu domicilio  
 \* Desde que lá no azul, no ethereo vácuo  
 \* Caíu das mãos de Jove o sol recente.  
 Da terra os Fados tem na tenra dextra  
 O cruel, tentador, gentil menino :

Dá co'um sorriso a paz, com outro a guerra,  
Seu nectar derramando em toda a parte,  
Seu nectar, que depois torna em peçonha,  
É alma do universo, e vive em tudo.

\* Do throno, em que dá leis á Natureza,  
Contemplando a seus pés milhões de escravos,  
Orgulhosas cabeças piza, esmaga ;  
Mais pago do rigor que da piedade,  
Dos males que produz se desvanece.

\* Mortaes, tristes mortaes, que horrivel quadro !  
\* Mas os males de Amor têm recompensa,  
\* Têm doce galardão : Mortaes, amemos.

---

## A FOME ASSOLLANDO PARÍS.

(Traduzido do Canto X da «Henriada.»)

VAGUEAVA em Paris feroz caterva  
De estrangeiros crueis, de horrendos tigres,  
Tigres pela Discórdia apascentados,  
Mais terríveis que a fome, a guerra, a morte.  
Uns das campinas belgicas vieram,  
Outros lá das helvéticas montanhas,  
Barbaros corações, á guerra usados,  
Que vivem de matar, que fazem prompto  
Sacrificio venal do proprio sangue.

D'estes novos tyrannos a cohorte  
Em sófrego tropel derriba as portas  
Dos tristes cidadãos, e lhes presenta  
Mil mortes, mil tormentos, mil horrores ;  
Não já para os privar de vãos thesouros,  
Não já para arrancar aos ternos braços  
De espavorida mãe filha chorosa :  
Faminta precisão consumidora  
As demais sensações lhe impede, e abafa.  
Pesquisar, descobrir qualquer sustento,  
Por escasso, por mau, por vil que seja,  
É a sua intenção, seu fim, seu gosto :  
Attentado não ha, não ha martyrio  
Que para o conseguir não excogitem.

Indigente mulher... (oh céos! E eu devo  
Urdir a narração da feia historia,  
Do horrivel caso escurecer meus versos!)  
Indigente mulher perdido havia  
Por violencia dos monstros esfaimados  
Unico, parco, e misero alimento.  
Invadindo seus bens a negra Sorte,  
Apenas lhe deixára um tenro filho,  
Proximo a perecer do mal, que a mata.  
Raivosa, desgrenhada, um ferro empunha,  
Córre; bramindo, ao candido innocente,  
Que estende as debeis mãos para afagal-a.  
Do triste a infancia, a graça, a voz, o estado  
A phrenetica mãe de dor traspasam.  
Põe n'elle os espantados, turvos olhos,  
Tintos de amor, de raiva, e de piedade.  
O cutélo da mão lhe cáe tres vezes,  
Mas a raiva triumpha, e, detestando  
O secundo hymenêo, com voz tremente:  
« Oh d'esta alma infeliz porção mimosa!  
Charo filho! (ella exclama) em vão teus dias  
Produzi, conservei com tanto afago.  
Em breve ou da penuria, ou dos tyrannos  
Fôras talvez a victima, o despojo  
Se a mãe piedosa te poupasse a vida...  
A vida! E para que? Para vagáres  
Do deserto París entre as ruinas,  
Desfazendo-te em ais, em dor, e em pranto?  
Morre, antes que o meu mal, e o teu conheças,  
Restitue-me, oh filho, o sangue, a vida,

Que te deu tua mãe; vem sepultar-te  
Nas entranhas crueis, que te geraram,  
E veja-se em Paris um crime novo.»

Isto dizendo, atonita, e convulsa  
No peito do filhinho embebe o ferro,  
Leva o corpo sanguento ao lar fumante,  
E, sôfregas as mãos co'a fome horrenda,  
A funesta iguaria ali preparam.

À força de voraz impaciencia

Volvem, raivando, os barbaros soldados  
Ao theatro do crime atroz, e infando,  
Similhantes na horrída alegria

Aos ursos, e aos leões que a prêa afferram!

Apostados correndo, a porta arrombam;

Entram... Céos! Que terror! Que assombro! Á vista  
Carrancuda mulher eis se lhe offrece,

Molle corpo infantil despedaçando,

Abrazada em furor, e em sangue envolta:

«Sim, feras, sim, crueis, meu filho é este!

Vós no seu sangue as mãos me enxovalhastes,

Sejam vosso alimento a mãe, e o filho.

Vinde, as sagradas leis da Natureza

Ultrajar mais do que eu temeis acaso?

Que susto vos detêm, vos desalenta?

Oh tigres! Este pasto a vós pertence.»

Phrenetica, e sem tino, assim falando,

Aguçado punhal no seio enterra.

Subito, da tragedia horrorizados,

Confusos, e ululando, os monstros correm:

Não ousam para traz volver os olhos,

\* Cuidam que os ameaça, es segue o raio;  
E o povo, por findar tão triste sorte,  
Alçando as mãos aos céos, implora a morte.

---

## A COLOMBIADA, OU A FÉ LEVADA AO NOVO MUNDO.

POEMA DE MADAME DE BOCCAGE.

(Tradução do Canto I.)

**E**u canto o Genovez, de Urania alumno,  
Da inveja, e dos infernos perseguido,  
O nauta, que do Tejo foi tão longe  
Desencantar os indicos thesouros;  
Que da aurora ao poente o mar domando,  
Para a fé conquistou mundo ignorado.

Oh mãe de Orphéo (que pela voz de um filho  
Typhis, Jason no pégo enfeitiçaste!)  
Consente, para mais, á minha audacia  
Que do Ismario cantor imite os versos.  
Se bosques attraíu, monstros, e Furias,  
Homens enternecer meus sons não podem?  
Musa, do sexo teu o imperio estende,  
Une á feminea voz a lyra eterna,  
Mostra aos humanos que tambem no Pindo,  
Assim como em Cythéra, os cantos nossos,  
Charos aos deuses, os heróes afamam.

Do solsticio do hynverno á florea quadra  
Phebo precipitava os turvos dias,  
Desde que sobre os mares, vencedora  
Das procellas horrisonas, vagava  
Longe do patrio seio a frota ibera.  
De ilha em ilha evitava estereis climas



O pródigo Colombo : a seus desejos  
 Ditoso, grato asylo em fim se offrece,  
 Mostrando a seu favor sorrir-se os Fados.  
 Este heróe, nunca trémulo ante o p'riço,  
 Na bonança acautéla as tempestades.  
 Desce a noute ; elle teme infesto escolho,  
 E, até que a luz diurna o polo aclare,  
 Congregando os baixéis áquem do porto,  
 Assim de seus guerreiros fala aos chefes :  
     « Rivaes d'esses, que o Bosphoro vencéram,  
 Compete a vosso ardor mais alto premio :  
 Os males nossos tem nos céos a palma.  
 Quem das avitas glorias dorme á sombra  
 Perde na escuridade a luz da origem.  
 Nós, que havemos tégora em perigos cento  
 Calejado a constancia, eia, surjamos  
 N'essa fronteira, incognita enseada :  
 De Fernando os pendões ali se arvorem.  
 Dado que féros povos nos insultem,  
 É nosso escudo o céo : proezas nossas  
 Para estender seu culto a vida egualemente. »  
     Diz, e d'est'arte lhe responde a turba :  
 « Claro almirante ! Affronta o mar, o inferno,  
 Que todos sem terror te seguiremos  
 Aos dous pólos do mundo. Os annos vôam ;  
 Mas da injuria dos seculos vorazes  
 Nada tem que temer lustrosos feitos. »  
 Ferve a taes vozes o soldado, espera  
 Novos mundos ganhar, ver outra Colchos.  
     O nome dos heróes, que honraram Grecia

Distingua os laixéis. Um pinho annoso,  
 Filho robusto da hyperbórea terra,  
 Velas do Argus sustenta em aurea pópa.  
 O prudente Mattheus, rival de Typhis,  
 Guia um novo Jason, conduz Colombo.  
 O cauto chefe, que a seus olhos sempre  
 Tem de Helena os irmãos, sobre estes lenhos  
 Atear-se a discordia viu cem vezes.  
 Ali Julio encaminha illustre cabo,  
 Mendes segue Pinzão ; traidor Ximenes,  
 Tu reges Telamon. Busca-se Alcides,  
 Ah ! Vãmente : escarcéos o devoraram ;  
 Torres, seu director, já não existe.

Patria do meu heróe, Genova illustre,  
 Fieschi, em ti nascido, a seus trabalhos,  
 A seus feitos magnanimos se aggrega ;  
 Alba no Orphêo conduz, e Boile, o docto.  
 Este sabio as estrellas não medita ;  
 O iman, sujeito aos erros, não consulta :  
 Olha sómente o céu para imploral-o,  
 E o céu por elle annue á sancta empreza.

A gloria esquecerei, que haveis ganhado,  
 Invencivel Cortez, Pizarro affouto ?  
 Ambos, um no Calais, outro no Zetes,  
 Dos alados heróes tomando o vôo ?  
 Vós de Castella, e de Africa os ginetes  
 Á expedição levais. Morgan valente  
 Dogues no Hilas açama, exercitados  
 Em jogo marcial. Por chefe o tractam  
 Hastings, Arcy, Murrai, Stanhope, e activos,

Para alongar seu nome, a patria deixam.  
 O Neustroo Marcoussy, charo a Colombo,  
 O segue no Thesêo, que lhe é sujeito:  
 Boulainvilliers, Amboise, e Aidie, e Argennes,  
 Às suas leis submissos, lá florecem.  
 Triumphantes no Sena estes guerreiros,  
 Tentam novas empresas: sobre os mares  
 Quer o valor francez dar pasmo ao globo.  
 Pelêo, e Ajax, na Andaluzia armados,  
 Pendem de Margarit, e de Garcia.

Vasos mais leves, de que escondo os nomes,  
 Em torno do almirante as ondas talham.  
 Dos chefes, que perdêra, o fim deplora;  
 Mas, applicando a magoa nos que restam,  
 Sem temor voga ao porto, e junto d'elle  
 Dos pilotos á voz se ferra o panno.

Em tanto que a esperança industriosa  
 Promette aos hespanhoes mil bens, mil palmas;  
 Que Diana, esparzindo o raio incerto,  
 Nas aguas a folgar delphins convida;  
 Por ellas, onde brilha a sua imagem,  
 Manso, e manso os baixeis co'a terra emproam.  
 Mas entes infernaes, da Grecia deuses,  
 Que tem na India altares, e outros nomes,  
 Oppõem-se ao Genovez, de quem se temem.

Para traçar taes monstros, Musa minha,  
 Restituir Cythéra a Venus podes,  
 Podes restituir o Olympo a Juno:  
 Satân em meus pinceis Platão simelha,  
 E os manes do Cocyto as ondas passam.

Boiá, Teules, Zemés, estygios numes,  
 Que adora cego povo, a Europa ignoto,  
 Ajuntam de seu rei os estandartes.  
 No ruido de asperrimas correntes  
 As tartáreas phalanges se annunciam ;  
 Serpentes, que das ígneas testas brotam,  
 Os silvos formam lá, que em Lemnos se ouvem  
 Quando n'agua se extingue o ferro ardente.

Teules, que tem na Estyge Eólio mando,  
 Leva aos pés de Satán o horror, que inspira.  
 Nos seus olhos em braza é sangue o pranto,  
 Tem de um lado o terror, tem de outro a morte ;  
 Das tormentas a chave á mão lhe é sceptro.  
 D'atra nuvem de enxofre, onde fluctuam  
 Mil cabeças medonhas, surge a d'elle,  
 E o turbulento inferno, á voz do monstro,  
 Como as aguas do Lethes, se abonança :  
 Té no perjuro, no traidor, no ingrato  
 O remorso emmudece alguns instantes.  
 « Rei d'esta região sombria, horrenda,  
 (Vozêa a Furia insana) onde aras tuas  
 Se perfumam de incensos, no indio clima  
 Do Tejo os filhos soffrerás que reinem ?  
 De um Deus no outro hemispherio as leis se adoram,  
 Nosso inimigo eterno em parte o globo  
 Attraíu com seus dons : ah ! Se elle outr' hora  
 Cavou o immenso abysmo onde penâmos,  
 Golpe fatal, que nos prepara, ao menos  
 Cuide-se em rebater. Por novo mundo  
 Elle quer alongar suas conquistas,

Elle quer transmittir-lhe as leis, e altares.  
Que! Debaixo dos seus os templos nossos  
À gloria sua servirão de base,  
Gloria, que se eternize em nosso estrago!  
Sem defender teu jus victorias cedez?  
Pondera que um mortal, do Averno injuria,  
Contra nós o universo a armar se atreve.  
O instructo Genovez, nos males firme,  
Conhece o equóreo fundo, e mede os astros,  
Conquista os corações, subjuga as almas.

« De tão forte guerreiro emprezas temo. . .

Trance me é duro elogiar contrarios,  
Mas o assustado orgulho ingenuo fala:  
Vencido do pavor, se os riscos peza,  
No interesse, e no p'riego é só que attenta,  
A esquadra, que receio, o termo attinge  
De alta intenção: meu unico regresso  
É no centro das oudas sepultal-a. »

« Entrega aos furacões (Satán responde)

Esse povo atrevido: os elementos  
Todos em damno seu se desenfrêem:  
Derrama no universo a raiva tua. »

O mar treme de ouvil-o, e todo o inferno;  
Do embate de mil mãos faiscas saltam,  
Como das rochas saem, que rompe o ferro;  
Ou quaes costumam rebentar de corpos  
Que inflamma o choque electrico. Eis o abysmo  
Ao magico motim responde em eccos,  
Como em crébros trovões o céu rebrama.

A passos gigantcos camiuha Teules

Às horriveis abobadas profundas,  
Onde as cohortes procellosas fremem.  
Abre co'a ferrea chave as bronzeas portas,  
Que, rapidas volvendo-se nos gonzos,  
Por pouco o monstro audaz não derrubaram.

Os subterraneos Sues, que assaltam nuvens,  
De cem respiradouros arrebentam,  
E o mar, em monte e monte, aos céos altêam.  
Que os heróes lhe exp'rimente um Deus permite  
Ao negro inferno. Subito a bonança  
Se converte em tormenta escura, enorme.  
Gemem de susto as Alcyoneas aves;  
Nas ondas os baixeis arrebatados  
Como que vem dos céos no mar sumir-se.  
Entre as torrentes, que derretem nuvens,  
Mãos congela o terror, e as prende aos cabos:  
Tudo estala, e, deixado o panno aos ventos,  
Debalde implora os nautas amarellos.

Tres vezes viu Mattheus luzir a aurora  
Desde que a frota errante em mãos de Eólo  
Foge da praia, a que aproou Colombo.  
Arte falece em tanto mal; e os gritos  
C'o estrepito das ondas mixturados,  
Vão rebombar no pólo. O grande chefe,  
Colombo, cuja voz já não se escuta,  
Nas preces do pontifice encurvado,  
D'est'arte, a hem commum, seu Deus invoca:  
«Creador, que, presente em toda' a parte,  
Ares, terras, estrellas equilibras,  
Tu, que, remindo um povo, abriste as vagas!

Pódes pôr freio ao mar co'um volver d'olhos.  
Queres nossos baixéis sumir no abysmo?  
Se o fim da grande empreza é mallogrado,  
Ai! Quem trará teu nome a terra ignota?  
Por ti, por ordem tua o p'riego arrostto,  
E quantos me ladéam. Sorte avéssa  
A teu sabor, gran Deus, mudar-se póde:  
Sómente o favor teu nos punge, e alenta.  
Terra nos dá, senhor, que prometteste  
A nossos males, ás fadigas nossas.»

Todos applicam dolorosos prantos  
Do sacerdote á voz; do p'riego o susto,  
Principio de mil votos, enternece  
O numen bemfazejo. Em breve as ondas  
A superficie alizam. Duros ventos,  
De espirito celeste agrilhoados,  
Outra vez, a tremer, entram nas grutas.

Mal que os Notos aos Zéphyros consentem  
Reconduzir bonança aos amplos mares,  
O Norte em nuvem franca off'rece um astro,  
Dos navegantes esperança, e guia.  
Este lume os consola, e qual descende  
Sobre os mimos de Abril vapor suave,  
E lhe ergue o tronco, e lhe reforça os fructos,  
Dos ares o socego ás almas vóa,  
E o que o medo abateu, o esforço eleva.

Colombo, que jámais provou receios,  
Ao seu Typhis commette as rédeas do Argus;  
Quer que a maior das Ursas deixe á dextra,  
E, esperando a manhã, vogue ao poente.

O horisonte branquêa ; o fulvo Apollo,  
 Occulto inda aos mortaes em atrios de ouro,  
 No carro matinal roxêa os mares,  
 E manso dia azul promette aos nautas.  
 O ar se esparze de aromas, quaes a Arabia  
 De Africa, e de Asia nos confins vapóra,  
 Porque farte o desejo aos navegantes.  
 Este imprevisto bem de outro é seguido :  
 O astro diurno aclara extensa costa.  
 Que, vária, os olhos assaltêa, encanta.

Rochas de um lado sobre o mar pendentas,  
 A industria imitam, sem favor da industria.  
 Por mão da Natureza afeiçoadas  
 Em monstros, em gigantes, o murmurio  
 Geram de vozes cento : ali parece  
 Os povos d'este clima estarem juntos.  
 Equóreo movimento, abrindo as pônhas  
 Em um, em outro assalto, entre ellas fórman  
 O rispido fragor, que ás praias Ecco  
 Traz sobre as plumas dos loquazes ventos.

O outro lado do porto, aos nautas franco,  
 É flóreo, fructuoso amphitheatro ;  
 De arêas de ouro se orla, onde aguas paras  
 De lindas conchas o atavio ostentam.  
 Mil pescadores para encher canôas  
 Nas ondas a colheita em vão não buscam.

De ferteis margens habitantes ledos,  
 Que terror vos infunde a esquadra nôssa !  
 Pejadas redes d'entre as mãos vos fogen.  
 Em quanto, por ganhar vossa alma incerta,



Vos mostram dons, que vos destina o Chefe,  
Elle as velas dirige ás praias vossas.  
O prumo consultado abona o porto,  
E, vogando sem custo a prôa ás margens,  
Abre facil ingresso em fundo rio.

Verdes arbustos este asylo assombram :  
Arroios mil nas proximas colinas  
Escorregando vêm de pedra em pedra.  
Arte em nossos jardins pintar costuma  
Estes brincos gentis da Natureza :  
Lá por cascatas humedece as hervas  
Deslizada corrente. As amplas cheias  
Valles diversos na carreira abrindo,  
Fecundam campos, e acceleram fructos,  
Bem que no mesmo gráu do hisperio clima,  
D'estes o estio inferteis os não torna :  
Dos logares, que em fabulas se enfeitam,  
Sois, oh ilhas, que eu canto, imagem viva.

O outono, que a miudo as annuvia,  
Inundadas jámais as viu de chuvas ;  
Sem que aos olhos o dia apouque os lumes,  
De nuvens brando véo tempêra as calmas.  
Quando no ethereo cume o sol fervia,  
Tutelares Favonios, adejando,  
As fadigas do Ibero amaciavam.  
Lança ferro, e cubiça de repouso  
Faz com que as agoas deixe, e salte em terra.

N'um visinho rochedo olhada turba  
Lhes determina o passo, e pasma no vél-os.  
O chefe, que a conduz, por cava senda

Vai dirigindo o pé. Da face as rugas,  
 As cans dispersas, e avultados membros,  
 Sem arte, ou vestidura, o gráu lhe indicam  
 Melhor que inutil séquito pomposo :  
 A sua candidez encanta, e brilha  
 Mais que o ouro dos reis, que a Persia acata.  
 Se os trajés, as feições, e iberios lenhos  
 Attráem co'a novidade o velho agreste,  
 A voz da gente sua, e d'ella os gestos  
 Aos nossos europeus a vista assombram ;  
 E igualmente admirado o vario povo  
 Se contempla entre si. Com alma ingenua,  
 Sem medo os indios a Colombo exprimem,  
 Apontando-lhe os céos, que o julgam vindo  
 Lá da estancia immortal das divindades.

O almirante caminha ao chefe inculto :

Moço europeu (que em ilha solitaria  
 N'aquelle mundo novo achado havia,  
 E na esquadra acolheu) de lingua serve.  
 Que dita inopinada ! (é crível fosse  
 Divina permissão) Penetra o velho  
 A linguagem do interprete, que explica  
 Os desejos do heróe n'esta substancia :  
 « Oh tu, que d'este povo o rei pareces,  
 (Se é a hospitalidade aqui virtude,  
 Qual teu rosto benefico denota,  
 Em quanto estes amenos, faustos campos  
 Com vista esperançosa observo, admiro)  
 Sabe que injusto, que invasor projecto  
 Aqui me não conduz por vastas ondas.

O infortunio me traz : sê meu refugio,  
E além dos mares teus prometto em breve  
Ir de teus beneficios, de teu nome  
Informar o universo. » Á voz do chefe  
Os hespanhóes a reverencia uniam,  
No campestre ancião fitando os olhos.

O indio dá puro credito ao que escuta :  
Seu coração lavado ignora o medo,  
Assim como as astucias desconhece.  
A seus amigos diz (sómente amigos  
Comitiva lhe são) — « Porque se agrada  
Dos alimentos nossos o estrangeiro,  
Exquisitos, gravissimos aromas  
Dêm aos nossos liquores nova graça. »

No chão curva o joelho, assim falando,  
Quanto a caduca idade lh'ó toléra ;  
Passo a passo depois Colombo arrosta.

« Ente divino (diz) que o mar talhaste  
Sobre monstros aligeros, a terra,  
Onde has baixado, te dará sem termo  
Os bens de que a fornece a Natureza.  
Reino aqui : meu desejo é contentar-te.  
Segue-me aos valles nossos, vê, contempla  
Tão ditosa morada : os teus sequazes  
Terão lá, como tu, seguro asylo. »

Segue o chefe europeu do velho os passos ;  
Com elle vai o interprete, e apoz elles.  
Caminham Marcoussy, Morgan, Fieschi,  
E os mais abalizados filhos do Ebro.  
Tóma tudo um ser novo ante seus olhos :

Os fructos, e animaes n'aquelles bosques,  
 Carregadas as arvores de incenso,  
 Nada tem que arremede os campos nossos ;  
 O sol espraia ali fulgor mais vivo.  
 Se da planicie aérea o leve bando  
 Do alambre, e do rubi lá veste as cores,  
 Seus desabridos sons a orelha offendem,  
 Não sabem, philomela, o teu gorgéo.

Lá vive o colobri, lá tem seus ninhos  
 Ave, cuja plumage em nossos climas  
 De Réaumur por arte inda é formosa.  
 Selvático animal n'aquellas plagas  
 Do homem gosa o valor, feições, destreza ;  
 O alóes em cada seculo florece  
 Com grande estrondo ali, e o povo indiano,  
 Que um leite nutritivo extráe do côco,  
 De uma folha em vapores a perguiça  
 Costuma embriagar. Serve á molleza  
 Do algodoeiro o fructo ; entre os manjares  
 Saboroso cacáo lhe suppre o nectar.  
 O ananaz, o cajú, e o mangue, e o cedra  
 As brandas virações aromatizam :  
 Com mil nomes ali, não só com estes,  
 Deusa das flores, Zéphyro embellézas.

Ledos os hespanhóes, de bosque em bosque  
 A voz consultam do Nestor que os guia.  
 Em meio de seus fructos, aves, sombras,  
 De tão novos objectos, e tão varios  
 Elle a virtude, os prestimos ensina  
 Ao pasmado europeu, que o ouve, e o segue :

Se o velho devagar dirige os passos,  
 O que exprimindo vai resume o tempo.  
 De altos pinhos á sombra emfim se avista  
 A porta da selvática vivenda.  
 De enfadosos insectos ignorada  
 Esta aprazivel gruta, aos olhos deixa  
 Gostar sem turbação calados sonhos.  
 De Apollo os raios pelo cimo aberto  
 Dos muros no alabastro a luz desparzem.  
 Este amplo abrigo os seculos cavaram ;  
 A equidade, a candura, a paz o escudam,  
 E unico esmalte é seu gentil donzella,  
 Que ao velho amavel a existencia deve.  
 Nua, qual Eva está : sua innocencia,  
 Igual á de Eva, sem pudor aos olhos  
 Offrece encantos seus, lhe é véo mimoso :  
 As Graças não conhece, e estão com ella.  
 Outro atavio algum lhe não consentem  
 Do que a plumage azul com que lhe abrangem  
 A candida cintura : é mais formoso  
 Este adorno, porém, que o de Acidalia :  
 O objecto, em que reluz, seu preço ignora.  
 Livres madeixas mollemente ondeam  
 No seio virginal, por onde apenas  
 Os thesouros de amor vem apontando.  
 Que ainda não crestára o patrio clima.  
 Dos hespanhóes o numero, a presença  
 No tenro coração lhe infunde assombro,  
 Nos olhos divinaes lhe pinta o medo,  
 E as delicadas mãos, que elegem fructos,  
 TOMO IV.

Um momento, a tremer, suspensas ficam.

« Não temas (diz o páe) Zamá, não temas.

Filhos dos céos, dos mares, ou do acaso,

Estes entes, que vês, sem perturbar-nos,

Hão de participar d'esses manjares

Que para mim dispões com arte, e gosto.

« Eis de palmeiras em tecida casca

A seccos peixes acompanham aves :

Torquazes pombos vem, e os dons de Ceres

Tu, secunda banana, ali compensas.

A indiana mocidade, o velho, a filha,

E a turba dos ibéros, assentados

De pavilhão grosseiro á grata sombra,

No banquete frugal têm todos parte,

E n'abundancia a precisão se alegra.

A reinar começava entre os convivas

Amiga confiança, o bem que apura

Depois de longo tracto os gostos nossos.

Apenas a vital necessidade .

Seus desejos fartou, sempre admirado,

O bom páe de Zamá, o ancião benigno,

Que pelo hospede seu de si se esquece,

C'os olhos em Colombo, assim lhe fala :

(O interprete ao heróe diz o que escuta.)

« Charo estrangeiro, cujo nobre aspecto,

Cuja doce eloquencia me annuncia

Que a tua geração provém dos numes ;

Vendo que ás precisões da humanidade

Te submete o destino, eu me atrevêra

Dos homens entre o numero a contar-te,

Se acaso nossos páes por seus maiores  
Não soubessem que, sós em todo o mundo,  
Os unicos senhores somos d'elle.

« Gerados pelo Sol no terreo seio,  
Dia, e dia apressámos seu regresso  
Com votos, e com supplicas; sentimos  
Que só por seu fulgor tudo respira.  
Acatam-lhe o poder da noute os lumes,  
A luz dos raios seus absorve os astros.  
Ethereas flammæ, que nos ares vemos  
Tantas vezes cair, foram, por dita,  
Principio de teu ser? Vens d'esses mundos,  
Aonde por incognitos caminhos  
A morte nos conduz, e onde sem conto  
Mulheres divinaes o gosto encantam?  
Os fructos, as delicias, os liquores  
D'aquelles formosissimos logares,  
Dando-te por ventura essencia nova,  
Entre nós as feições tornou discordes?  
Expõe-me os fados teus, dize que meios,  
Que assombros, que mysterios te hão guiado  
Por entre os ares á terrena estancia?  
Tua sabedoria, e teus desastres  
Me commovem, me attráem; recente affecto  
Me interessa por ti, por teus destinos.»

## FRAGMENTO

Do Poema «o Merito das Mulheres» de Legendre,  
Canto I.

**J**UVENAL, que em seus versos vale Horácio,  
Boileau, que restitue os dous ao Pindo,  
N'um sexo de virtude, e graça ornado  
Fero carcaz satyrico exauriram:

Vou inda aquem de vós, oh genios grandes;  
Mas audaz defensor de um sexo, que honro,  
Opponho o encanto d'esse á furia vossa:  
Canto dos homens a melhor metade.

.Depois que da profunda, immensa route,  
Em que dormiam sóes, dormiam mundos,  
Um Deus, os céos chamando, o mar, e a terra,  
Alçou montanhas, estendeu campinas,  
As florestas c'rou de verdes comas,  
E fez o racional (seu thór portentoso)  
Espectador do espectáculo sublime, —  
A belleza creou; — depois mais nada:  
N'aquelle assombro um Deus parar devia,  
E a suprema invenção que mais fizera?  
Rosto celeste, onde a innocencia córa,  
Olhos, e labios, que chorando, e rindo  
Doce tumulto nos sentidos movem;  
Trança de anneis subtlis, brincando em ondas,  
Collo de amores, halito de rosas,



**Véo transparente, que a existencia envolve,  
E de que um vivo sangue, um sangue puro  
Matiza em longos, azulados fios. . .**

.....

## FRAGMENTO

De um Poema sobre a Arte Graphica,

**A** POESIA será como a pintura,  
A pintura será como a poesia ;  
Ambas eguaes, irmans se representam,  
Officios, nomes entre si revezam :  
A pintura se diz « muda poesia, »  
A poesia se diz « loquaz pintura. »  
O que ouvidos attráe poetas cantam,  
Cabe aos pintores o que enleva os olhos :  
O que versos desluz, pinceis desdoura.  
As formosas rivaes, em honra aos deuses,  
Transpondo céos e céos, entram de Jove  
Nos sempiternos paços : lá desfructam  
A presença dos numes, e a linguagem :  
Attentam n'uma, n'outra, e vêm com ellas,  
E influem nos mortaes a etherea flamma,  
Que rutila em seus quadros. Já vagueam  
Com émulo fervor pelo universo :  
N'elle o que é digno d'ellas vão colhendo,  
Revolvem tempos, tempos investigam,  
D'onde objectos extráem, quaes lhe relevam,  
Que na terra, no mar, no céu mereçam  
(Seja por accidente, ou por nobreza)  
Ir durando entre os seculos vorazes ;  
Vasto assumpto ao pintor, vasto ao poeta,

Rico aos dous! Vão d'ali soar no mundo  
Com fama vividoura ingentes nomes:  
Magnanimos heróes d'ali resurgem  
Com gloria, que dos tempos se não teme,  
E d'um e d'outro artifice os portentos  
Apostam duração co'a eternidade:  
Tanto honrais, e podeis, artes divinas!  
O coro das Piérides, e Apollo  
Não tenho que invocar, para que altée  
Em verso majestoso as phrases minhas,  
E agracie expressões, e as abrilhante  
Em obra, que dogmaticos preceitos  
Sómente envolve, e que requer sómente  
Succinta locução, perspicua, facil:  
O lustre do preceito é a clareza;  
Contente de ensinar, o adorno escusa.

Não do artifice as mãos ligar desejo,  
Que só rege o costume, e não me é grato,  
Que as forças naturaes se embotem n'alma:  
Co'as muitas normas arrefece o genio.  
Quero que Arte potente a pouco, e pouco,  
De idéas, e de cousas fornecida,  
Se aggregue á Natureza, ao genio passe,  
E por elle a verdade insinuando,  
Lá se naturalize, á força de uso.  
Primaria, insigne parte é da pintura  
O melhor distinguir, que a natureza,  
Creou para os pinceis conveniente,  
E isto conforme o gosto, e modo antigo.  
Barbaridade temeraria, cega,

D'elles sem o favor, desdenha o bello,  
Arte, que ignora, denodada insulta ;  
Porque estimar não póde o que não sabe,  
D'aqui nasceu dizer-se entre os antigos :  
« Ninguem mais atrevido, e mais insano,  
Do que pintôres maus, e maus poetas. »

Para amar, conhecer é necessario ;  
Deseja-se o que se amá, o gosto o busca,  
Buscando-o com fervor, por fim'o alcança.  
Não presumas porém que dê o acaso  
As graças, que te cumprem. Bem que sejam  
Naturaes, verdadeiras, muitas vemos. . . . .

.....

## FRAGMENTO

Do Poema Epico «Fingal» attribuido a Ossian.

---

**D**E Tura junto aos muros assentado,  
E ao fresco abrigo de inquietas folhas,  
Estava Cuculin. Perto da rocha  
A lança lhe jazia, ao pé o escudo ;  
Tinha no gran Cairba o pensamento,  
Cairba, que vencêra : eis lhe apparece,  
Explorador do tumido Oceano,  
Moran, prole de Titi. « Ergue-te (disse),  
Ergue-te, Cuculin. Branquejam velas  
De Swaran ; o inimigo é numeroso,  
Mil os heróes do mar. » — « Tu sempre tremes,  
Prole de Titi (o chefe lhe responde)  
Azul nos olhos, e esplendor de Erina ;  
Com teu medo os contrarios multiplicas ;  
O rei será talvez das ermas serras,  
Que vem trazer-me auxilio. » — « Oh ! Não (replica  
O nuncio do pavor) qual torre avulta  
Swaran, ou qual de gelo alta montanha ;  
Eu o vi ; quasi igual áquella faia,  
É a lança do heróe : nascente lua  
O seu pavez parece. Em duro escolho  
Sentado estava, e semelhante em face  
A columna de nevoa. — « Oh tu, primeiro  
Entre os mortaes (lhe disse) a que te afoutas ?

São muitas nossas mãos, e em guerra fortes ;  
Chamam-te com razão possante, invicto ;  
Porém mais de um varão da excelsa Tura  
Ostenta esforço e gloria. » — « Oh (me responde  
No tom de onda desfeita em ardua rocha)  
« Quem me simélha ? Heróes não me resistem,  
Meu braço os prostra. Só Fingal, somente  
O gran rei de Morwen afrontar póde  
As forças de Swaran. Luctámos ambos .  
Nos prados de Malmor. Tremêram bosques  
Ao movimento nosso, e vacillaram  
Da raiz despegados os rochedos ;  
Rios fugiram do combate horrivel,  
As correntes de medo extraviando :  
Tres dias combatêmos, descansámos,  
Volvêmos á peleja. Ao longe os chefes  
De olhos fitos em nós estremeciam.

.....

---

## FRAGMENTO ULTIMO.

**P**EZAVAM sobre a terra os ferreos tempos :  
Da virtude priméva um só vislumbre,  
O minimo fulgor por entre as sombras  
Da geral corrupção não reluzia :  
No seio enorme da reinante infamia  
O Averno com seus monstros se acolhêra,  
E d'ali, vaporando atrocidades,  
O mundo transformava em novo inferno ;  
Inda illéso porém jazia o globo  
Das mais tremendas culpas, inda estava  
Das maldades o numero imperfeito.

Cinco ministros horridos de Pluto  
Crêram que seu terrivel ministerio,  
Usado a embrutecer no crime os homens,  
Cumpria alçar-se da impiedade ao cume.

Ante o solio de ferro, onde negreja  
O deus das maldicções, o deus da morte,  
Seus projectos expõem, licença rogam,  
E á negra execução se deliberam :  
Pelo estygio tropel bramando rompem,  
Com duros encontrões a turba espancam,  
Correm á bronzea porta : eil-os no mundo,  
E o mundo em convulsões, e o polo os sentem,  
De clima em clima se derramam logo,  
Ao nunca visto horror dão prompto effeito,  
E no abysmo infernal depois baqueam.

« Monarcha tenebroso (exclama um d'elles  
 Ao fero, que sedento está de ouvil-os)  
 O plano executou-se: a natureza  
 Mais não pôde aviltar-se: é já quaes somos!  
 Ouve, e decide quem merece a palma  
 No desempenho atroz da iniquidade:  
 Eis o mal, que dispuz, e o que hei cumprido.

Nas amplas margens do orgulhoso Euphrates  
 Prole de ternos páes, mimosa, e linda,  
 Zelina, de tres lustros enfeitada,  
 Zelina em flor, tão virgem, como a rosa,  
 Antes que algum dos Zéphyros a engane,  
 Lanosas ovelhinhas côr de neve,  
 Mansas, como a virtude, ou como a dona,  
 Em viçoso retiro apascentava.

O riso no semblante, e n'alma o riso  
 Trazia a bella, conhecendo apenas  
 O crime pelo horror, que tinha ao crime:  
 Ignorava paixões; eram sómente  
 Amores seus as cordeirinhas suas.  
 N'um seculo de infamias, de torpezas,  
 Tão doce candidez olhei com pasmo,  
 E, quasi em mim domado o tórvo instincto,  
 Ia depondo a raiva, ia esquecendo  
 Minha essencia, meu voto. Eis indignado  
 Da vil indecisão, requinto as furias,  
 No remorso, no pejo, e sou mais monstro.  
 Acaso a florea estancia, onde Zelina  
 Na face resumido o céo pintava,  
 Errante passageiro ia cruzando



De membros gigantêos, melena birsuta :  
Á virgem olha, extatico a medita,  
Duvida se é mulher, se é divindade,  
E n'um suspiro um sacrilegio teme ;  
Que idéas de algum nume inda lhe restam.

Eu, que attentava no amoroso effeito,  
Igneos desejos subito lhe entranho,  
Insoffridos, brutaes, e audacia, e faria,  
Que o mimo, a graça virginal profanem,  
Qual Euro, que em tufões desenfreado,  
A bonina gentil das folhas despe,  
Lhe esperdiça o perfume, a tez desbota.

.....

---



## ANOTAÇÕES AO TOMO IV.

### PAGINA 5 — ELOGIOS.

**I**NJUSTOS detractores de Bocage censuram as suas produções d'esta « ordem, como se os defeitos proviessem do auctor, em quanto elles « descendem do ridiculo genero. Tanto é menos merecida a censura, « quanto Bocage era o proprio que reconhecia o falso e ridiculo de « semelhantes peças, como frequentemente dizia. . . » (O sr. Casti- « lho na « Livraria Classica, » tom XXIV, nota a pag. 106.)

« Mas o certo é serem todos esses, admiraveis versos, retratando « animadissimos o pensamento do auctor, e que, escriptos de um só « tiro, por essa mesma alcunhada negligencia nos transportam intei- « ros ao espirito do poeta. » (Idem — pag. 127.)

### PAG. 8 — ELOGIO I.

Os quatro versos, que vão marcados com asteriscos, são, como já advertiu o proprio Bocage, extraídos do poema « Os Jardins » de De- lille, no canto II. — Eis aqui o original francez :

La rose apprend á naitre au milieu des glaçons.

---

Là, le oiseau, quand la terre ailleurs est dépouillée,  
Vole, et s'égaie encor sous la verte feuillée,  
Et trompé par les lieux ne connoit plus les temps,  
Croit revoir les beaux jours, et chante le printemps.

### PAG. 10 — ELOGIO II.

Não consta que este monologo (cujo autographo temos em nossa mão) chegasse a ser recitado em algum dos theatros na fórma em que vai aqui inserto. Parece que, dando-se por menos satisfeito de sua contextura, o auctor julgou contudo que lhe convinha apro- veital-o parcialmente. Dividiu-o por tanto em duas partes : os versos

1 a 14 vieram a servir-lhe depois, postoque sensivelmente alterados, para introdução de outro elogio, que em 1801 dedicou ao natal da sr.<sup>a</sup> infanta D. Isabel Maria (vid. no presente vol. a pag. 55): — e do resto, que então conservou, fez, também com algumas transposições e additamentos, o que já deixamos transcripto a pag. 7 e seguintes.

Tivemos por necessaria esta advertencia, para que alguém menos attento nos não leve á conta de descuido, ou tome por mera e ociosa repetição a inserção d'esta peça; que talvez deixaríamos de parte, se não andasse já impressa desde 1812 no tomo IV das Obras de Bocage, publicadas por Marques Leão.

#### PAG. 15 — ELOGIO III.

Unido em aureo vinculo á virtude,  
Aos mil encantos de heroina augusta, etc.

Estes versos referem-se a D. Carlota Joaquina, então princesa do Brasil, e esposa de D. João VI. — Vej. também á mesma o elogio X, a pag. 43.

#### PAG. 16 — ELOGIO IV.

José Agostinho havia particularmente em vista este «Elogio» (que em 1801 se imprimira em folha avulsa) quando a sua primeira satyra, com que provocou a «Pena de Talião» dizia a Bocage:—

Nada mais sabes dar; ficas qual foste  
Secco, infecundo, caranguejo em versos.  
São em ordem retrógrada já lidos  
Versos, que urdido tens, depois que o estro  
Deixaste nas gangeticas ribeiras;  
Deslocados fogachos, que não sabem  
Colligar-se entre si. —

Ainda na «Carta de um pae para seu filho» a pag. 22 voltou á carga, insistindo nas mesmas accusações, e produzindo em abono d'ellas novas provas a seu modo. Ahi apresenta um trecho da propria «Pena de Talião», que em verdade se presta a ser lido indistinctamente, quer na ordem directa, quer na collocação retrógrada. Cabe-nos porém redarguir-lhe com a judiciosa e triumphante coarctada do sr. Castilho: — «Lêa-os Macedo como quizer, que serão sempre bellissimos versos» — applicando a este senão de Bocage o dictame do legislador do Parnaso francez:

Son style impétueux souvent marche au hasard:  
Chez elle un beau désordre est un effet de l'art.

(BOILEAU, *Art. Poet. Cant. II, v. 71 et 72.*)

## PAG. 29 — ELOGIO VII.

Temos em nosso poder um autographo do presente elogio, onde se observa consideravel differença do impresso. Em vez dos primeiros cinco versos, que servem n'este como de introdução, lêem-se n'aquelle os seguintes :

Estrellas, ouro eterno, eterno esmalte,  
Luzeiros perennaes do throno immenso  
D'onde o querer de um Deus promulga os fados !  
Astros, de que os visiveis são reflexos,  
O semi-deus de Lysia a vós se deve,  
Sua alma se compoz de effluvios vossos.  
Sorria-se na terra o mez das flores, etc.

## PAG. 29 — IDEM.

O claro fundador do luso imperio,  
Dos altos promontorios a saudade, etc.

São visiveis n'este logar as reminiscencias da oitava 84 do canto III dos « Lusíadas » :

Os altos promontorios o choraram ;  
E dos rios as aguas saudosas  
Os semeados campos alargaram,  
Com lagrimas correndo piedosas :  
Mas tanto pelo mundo se alargaram  
Com fama suas obras valerosas,  
Que sempre no seu reino chamarão  
« Affonso, Affonso » os éccos ; mas em vão.

## PAG. 50 — ELOGIO XII.

Grandes foram os testemunhos do regosijo publico, que em Lisboa produziu a agradável noticia da conclusão do tractado definitivo de paz celebrado com a republica franceza aos 29 de Setembro de 1801, seguido logo depois de outros semelhantes entre aquella nação, e os governos de Inglaterra, da Russia, e da Turquia. Estas convenções, desarmando todas as potencias belligerantes, deram por um momento a paz geral á Europa. Os nossos vates festejaram, como de costume, o acontecimento. Além de muitas poesias, publicadas avulsamente, imprimiu-se na officina do Arco do Cego um pequeno folheto de quarto, com o titulo de « Tributo de Gratidão, que a Patria consagra a Sua Alteza Real o Principe Regente..... » Ali se incorporaram versos de Bingre, Macedo, Joaquim Severino, etc. etc. al-

TOMO IV.

lusivos todos ao assumpto; e entre elles esta composição de Manuel Maria, que pela sublimidade de pensamentos, elegancia do estylo, e correção do metro devia bem merecer a primazia entre todas. Por nossa parte confessamos ter adquirido uma notavel predileção por esta peça, que na infancia decorámos. Póde ser que essa circumstancia concorra para realçar até certo ponto o merito, talvez exaggerado, que attribuímos a esta poesia.

PAG. 51 — IDEM.

. . . . . A gran Germania,  
Que outr' hora as legiões sorveu de Roma,  
Forçando o seu tyranno a dó pezado.

Allude ao completo destroço, que na Alemanha soffreram as tropas romanas commandadas por Varo, no anno 9.<sup>o</sup> da nossa éra. Augusto ao receber a nova d'este impensado desastre, vendo ameaçadas de perto a segurança e estabilidade do imperio, rompeu nas mais excessivas demonstrações de sentido pesar. Veja-se Suetonio (in Vit. Aug. cap. xxiii), que com a sua habitual ingenuidade apresenta o quadro resumido do successo, e das suas consequencias. — *« Adeò namque consternatum ferunt (diz este historiador) ut per continuos menses barbâ capilloque summisso, caput interdûm foribus illideret, vociferans: Quinctili Vare, legiones redde; diemque cladis quotannis moestum habuerit ac lugubrem.»*

PAG. 55 — ELOGIO XIII.

Este elogio (como d'elle se vê, e o poeta nos declara) é na sua maior parte imitado, postoque livremente, da ecloga IV. de Virgilio.

Veja-se o que dissemos n'estas annotações a pag. 351.

PAG. 56 — IDEM.

Dourou a alma de Julio o céo de Roma.

Veja-se no presente volume a pag. 281. —

«Esta imagem está usurpada por certa poesia mais moderna.»  
(Nota de Bocage.)

PAG. 61 — ELOGIO XIV.

Mas tu, Plauto do Sena, eximio vate.

Será por ventura ocioso indicar que esta apostrophe se dirige a Moliere, cujo busto foi no anno de 1778 collocado na sala da aca-

demia franceza, com a conceituosa, e tantas vezes citada inscrição —

Rien ne manque a sa gloire, il manquoit a la nôtre?

PAG. 64 — IDEM.

A outras, do *renome* alheio escassas.

« Não é gallicismo ; acha-se na » Malaca Conquistada », e em outros auctores de boa nota. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 67 — ELOGIO XV.

Julgastes ver surgir da morta edade  
A esposa de Raul. . . . .

« Raul, ou Rodolpho de Vitri, protogonista na tragedia do « Escravo » composição de Camillo Frederici. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 69 — ELOGIO XVI.

Nas annotações ao tomo I a pag. 396 dissemos alguma cousa acerca de Antonio José de Paula. A sua carreira theatral datava de longo tempo, visto que já em 1768 o encontramos fazendo o papel de *segundo galan* na comedia « O Tartuffo » posta n'esse anno em scena no theatro do Bairro-Alto.

Por lhe dizerem respeito, e por interessarem a curiosidade de alguns leitores, que acaso tenham dirigido, ou venham a dirigir suas investigações para a historia do theatro portuguez, daremos aqui publicidade a dous documentos, que com varios outros trasladámos (mediante a devida permissão) de fontes genuinas, e authenticas.

É o primeiro um aviso do intendente geral da policia Diogo Ignacio de Pina Manique, para o juiz do crime do bairro d'Andaluz, no qual lhe ordena a captura de Antonio José de Paula, nos termos seguintes :

« Vm. ce logo sem perda menor de tempo, ordenará aos empresarios da rua dos Condes, que não representem a actual comedia, que tinham em scena, e pôrem outra qualquer em seu lugar : fazendo ir á cadêa Antonio José de Paula, o qual ficará com assento á minha ordem na mesma cadêa, e me dará conta de o ter assim praticado ; e informar-me-ha vm. ce o motivo que teve de me não ter dado parte, vendo que a mesma comedia atacava directamente a nobreza, e influa nos filhos-familias idéas baixas, e infames, d'aquellas que os chamados desabusados se servem para os seus fins. — Deus guarde a vm. ce. Lisboa 4 de Janeiro de 1800. — Diogo Ignacio de Pina Manique — Sr. Pedro Antonio Bernardes da Matta. »

Estamos certos de que muitos nos acompanharão no desejo de saber qual fosse a comedia, que provocou em tão subido grau as iras do magistrado: porém é-nos impossivel satisfazer-lhes a curiosidade, quanto a este ponto.

O segundo documento é uma informação do mesmo intendente para o ministro d'estado D. Rodrigo de Sousa Coutinho, dada sobre um requerimento em que Antonio José de Paula, regressado do Porto, e já novamente empresario do theatro da rua dos Condes, pretendia licença para a representação no tempo quaresmal das chamadas « Oratorias. »

« Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. — O Principe Regente nosso senhor me mandou entregar o requerimento incluso, de Antonio José de Paula & Companhia, empresarios do theatro nacional da rua dos Condes, em o qual pretendem licença para na quaresma pôrem no mesmo theatro algumas oratorias, as quaes compreendem alguns casos mais notaveis da escriptura sagrada, em que se manifesta a grandeza de Deus senhor nosso, ou pelos seus prophetas, ou pelos sanctos heróes escolhidos para encherem os effeitos da sua ineffavel providencia.

« Ponho tambem nas mãos de v. ex.<sup>a</sup> outro requerimento, que ao Principe Regente nosso senhor egualmente faz Jeronymo Crescentini, empresario do real theatro de S. Carlos, em que pretende tambem a mesma licença: cujo requerimento entregou o principe Augusto Frederico.

« É certo que no principio do reinado da Rainha nossa senhora, e no do senhor Rei D. José o I, que Deus chamou á sua sancta gloria, permittiram suas majestades estas licenças aos empresarios que lhes requereram, sendo as obras, antes de se pôrem em scena, examinadas por censores dos mais habéis, para as poderem corregir, pois não se póde duvidar que em quanto o povo se entretém n'estes theatros, não frequenta as casas de café, nem de bilhar, e assembléas, conversando no que lhes não importa: evitam os jogos, com que ás vezes se arruinam, e outros entretenimentos, em que se precipita a mocidade. »

« V. ex.<sup>a</sup> levando á real presença do Principe Regente nosso senhor os dictos requerimentos, me insinuará a real resolução do mesmo augusto senhor, para eu poder deferir aos supplicantes. — Deus guarde a v. ex.<sup>a</sup> Lisboa 1.<sup>o</sup> de Fevereiro de 1802. — Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. D. Rodrigo de Sousa Coutinho. — Diogo Ignacio de Pina Manique. »

PAG. 72 — IDEM.

E tu, que attento ás leis, á patria, á gloria,  
De Astréa imparcial cultor, e alumno,  
O publico repouso estás velando, etc.



Pedro de Mello Breyner (a quem se dirige esta apostrophe) era então governador das justiças da Relação e Casa do Porto, a que havia sido promovido por carta régia de 5 de Maio de 1800. Seria superfluo tudo o que pretendessemos narrar d'este nobre e respeitabilissimo portuguez (falecido nas masmorras da torre de S. Julião da Barra aos 29 de Dezembro de 1830, com 79 annos de idade) cujas acções e soffrimentos se acham concisa, e verdadeiramente historiadados no seu «Elogio» publicado em 1834, na Imprensa-Nacional, devido, segundo consta, á bem aparada penna do sr. Francisco de Paula Villas-boas, actual governador civil do districto de Beja.

PAG. 72 — IDEM.

Mais guerra que tributo ao rei dos mares.

Este verso é clara, e confessada imitação do

..... Pare  
Che guerra porti, e non tributo al mare.

(Tasso, *Gerusal. Lib. Cant. IX. est. 46.*)

PAG. 73 — ELOGIO XVII.

Se as induções, que temos colhido, podem ter-se por verosimeis, afigura-se-nos que este monologo foi escripto para um Francisco Manuel Madeira, actor mediocre, que no tempo em que ás mulheres era defeso o ingresso no palco scenico, desempenhou soffriavelmente por alguns annos nos theatros da capital os papeis secundarios de *lacaia* de comedia, e de *confidente* na tragedia,

PAG. 73 — IDEM.

Requintado artificio além da meta  
Tentava da illusão levar o imperio : etc.

A reacção, que systematicamente se declarou no começo do reinado de D. Maria I. contra idéas, principios, e instituições protegidos, ou tolerados no reinado precedente, abrangeu tambem os theatros, como era d'esperar. Aquella senhora, logo depois da sua exaltação ao throno, levada por estímulos de consciencia, ou pelos impulsos de uma devoção, que muitos têm qualificado de nimio-exaggerada, entendeu que lhe cumpria dar ouvidos ás queixas, e clamores dos que incessantemente lhe pintavam o theatro como um foco de immoralidade, e de corrupção dos costumes, apoian-

do suas reclamações no procedimento menos ajustado, talvez escandaloso, de algumas actrizes. O alvitre, que se apresentou por mais adequado, e efficaz para cortar o mal pela raiz, foi o de *supprimir in limine* todos os espectáculos dramaticos. Mandaram-se fechar os theatros, que existiam, e a prohibição continuou a ser rigorosamente observada até 1780.

N'esse anno porém, á força de rogos, empenhos, e protecções conseguiu-se modificar até certo ponto a imbecil severidade de uma lei, que mal podia subsistir sem tornar os que a supportavam alvo permanente de irrisão aos olhos da Europa civilisada. Permittia pois o governo a abertura dos theatros; mas com a *clausula expressa* de que as mulheres não entrariam sob pretexto algum nas companhias dramaticas; e que os papeis do seu sexo seriam desempenhados por individuos masculinos. O que alguém duvidaria acreditar, se o não visse comprovado por testemunhos irrefragaveis, é que na resolução, que o governo tomou de affrouxar a este respeito no seu primeiro rigor, intervieram por muito os conselhos e solicitações do intendente Manique. Entre os documentos ineditos que possuímos, e de que acima fizemos menção, ha um, que assim o confirma; pelo que, e por envolver noticias assás curiosas para a historia do nosso theatro, passámos a transcrevel-o na sua integra, postoque seja algum tanto extenso, pedindo por isso venia aos leitores.

É uma informação dirigida pelo intendente ao ministro do Reino, sobre o requerimento em que o empresario e dono do theatro da rua dos Condes, a esse tempo fechado, solicitavam a permissão de o abrir.

« Senhora : — Paulino José da Silva, empresario, e Henrique da Silva Quintanilha, dono do theatro da rua dos Condes, pretendem que vossa majestade lhes conceda faculdade de poderem expôr ao publico algumas peças comicas, e tragicas, representadas por homens; allegando para este fim as avultadas despezas que têm feito no referido theatro, do qual estão pagando decima a v. majestade; e allegando igualmente que os gloriosos ascendentes de v. majestade, o senhor D. João V, e o senhor D. José I, frequentavam e assistiram muitas vezes áquellas representações, approvando com a sua presença aquelle acto, que em nada se oppunha aos bons costumes.

« Passei ao exame do conteúdo no dicto requerimento, e achei verdade que o supplicante empresario na intelligencia que lhe bastava a licença do Senado da Camara, gastou n'aquelle theatro agora de proximo um conto e dozentos mil réis pouco mais ou menos, cuja somma lhe fica de todo perdida se não alcançar a fculdade que pretende; e igualmente o supplicante dono, que é um traficante de bem limitados cabedaes.

« Quanto porém á representação: é bem verdade que os sanctos padres dos primeiros seculos da egreja prohibiram aos catholicos

« a assistencia dos theatros, excommungando, e anathematisando  
 « aquelles, que esquecidos das admoestações se apresentavam nos es-  
 « pectaculos: mas este rigor, então bem fundado, já hoje não tem  
 « logar. Os gregos d'aquelle tempo eram summamente obscenos.  
 « Elles não eram mais que umas satyras mordazes, representadas  
 « com gesticulações tão desenvoltas e libidinosas, que em logar de  
 « moverem o amor da virtude, faziam pelo contrario o vicio mais  
 « appetitoso. Clamavam os sanctos padres, e com justa razão, por-  
 « que uns taes espectaculos não só eram contrarios aos dogmas da fé  
 « catholica, mas até ás leis da razão, e da natureza. Foram-se modi-  
 « ficando estas representações, e ao mesmo passo foram diminuindo  
 « as queixas dos sanctos padres, e hoje já vêmos de todo emmudeci-  
 « das as declamações que se faziam, depois que se vê a modestia e  
 « decencia com que se adorna o theatro, pelo que respeita ao sce-  
 « nario, e vestuario; depois que os dramas não têm outro fim mais  
 « que escarnecer o vicio, influindo nos animos com suavidade e ale-  
 « gria o amor da virtude; depois que se vê n'elles pintada com as  
 « cores mais ridiculas a ambição, a avareza, a preguiça, a gula, e  
 « toda a maldade; e louvada e engrandecida a misericordia, a hu-  
 « manidade, o amor do proximo, e tudo que compõe uuz varão per-  
 « feito: depois, finalmente, que se tem conhecido que o theatro é a  
 « eschola da moral, reprehendendo o vicio.

« Os politicos mais celebrados da Europa chegam até a julgar  
 « preciso, e necessario nas cortes um equal divertimento, para se  
 « entreterem innocentemente aquelles individuos que, faltando-lhe,  
 « empregariam o tempo da sua ociosidade em commetter grandes cri-  
 « mes, em prejuizo da tranquillidade publica, e em desprezo da san-  
 « cta e respeitavel religião catholica romana. Sirvam d'exemplo as  
 « cortes de Madrid, que tem actualmente dous theatros; na de  
 « Paris ha tres; em Veneza septe: Parma tem dous; e até o em-  
 « porio do mundo, a cabeça de toda a igreja, a respeitavel Roma  
 « tem cinco: e postoque o summo sacerdote na facultade que per-  
 « mitte áquelles theatros não é como principe, e cabeça da igreja,  
 « mas sim como potentado secular, é certo a não permittiria, se se  
 « encontrassem com a auctoridade dos sanctos padres, ou destruis-  
 « sem os bons costumes. Até nas proprias religiões, onde os homens  
 « são todos dedicados ao serviço de Deus poderoso e omnipotente,  
 « se permite para refrigerio, em tempo a que chamam carnaval,  
 « que representem algumas eruditas peças, que, divertindo os espe-  
 « ctadores, lhe influem a moral.

« Por todos estes motivos me parecem os supplicantes dignos da  
 « graça que pretendem, muito principalmente sendo as representa-  
 « ções todas feitas por homens, com o que não pode haver receio  
 « de que aconteçam aquelles disturbios, que são infalliveis quando  
 « se dá um grande ajuntamento de pessoas de ambos os sexos. E  
 « para cortar qualquer abuso que se possa introduzir, será preciso  
 « que, debaixo de qualquer pretexto que se allegue, se não con-

«sintam mulheres algumas para dentro das portas do theatro da «representação, bastidores, e casas de scenario, e vestuario; e que «nos camarotes não haja cortinas, nem se consintam mulheres mere- «trizes, que vão servir de escolho á virtude: e que as peças comi- «cas, e as mais da representação sejam primeiro vistas, e exami- «nadas no tribunal da Meza Censoria, para serem purgadas no que «respeita á religião e bons costumes. Com estas cautelas, que farei «executar com toda a exacção, por serem os theatros, e a sua eco- «nomia um dos objectos de policia, me parecem os supplicantes «dignos da graça que pretendem.

«V. majestade porém mandará o que for servida. Lisboa 15 de «Dezembro de 1780. — Diogo Ignacio de Pina Manique. —

### PAG. 91 — ELOGIO XXIII.

Do miserando auctor nos olhos tristes  
Eterna escuridão pousou mais cedo.

O drama «Nuno Alvares Pereira» a cuja representação serviu «de prologo este elogio, era obra de Thomás Antonio dos Sanctos e «Silva, compatriota e amigo de Bocage. Este poeta, que havia per- «dido a vista poucos annos antes, tinha-se recolhido ao hospital de S. José, e ahí passou os restantes da sua vida, até que no de 1816 faleceu a 19 de Janeiro, contando pouco menos de sessenta e cinco d'idade.

O conceito, que Bocage d'elle fazia como poeta, e a dedicação que lhe tributava como amigo, acham-se bem explicitamente pronunciados nos sonetos, que vão a pag. 296, 297, e 310 do tomo I d'esta nossa edição. Vejam-se tambem as annotações ao mesmo tomo, a pag. 393.

Sanctos e Silva póde contar-se como um dos mais fecundos, e talvez mais original entre os poetas do seu tempo. Cultivou com maior, ou menor successo quasi todos os generos de poesia, em que nos deixou bastantes monumentos, que lhe affiançam uma gloria perduravel. Haja vista aos seus poemas «Brasiliada» e «Sepultura de Lesbia» — á sua tragedia «D. Sebastião em Africa» — ao seu cantico «A Primavera» — e a uma infinidade de sonetos, que na opinião dos criticos mais assisados e imparciaes, são tidos por pouco inferiores em merito aos do proprio Bocage. Notam-se-lhe, é verdade, algumas desigualdades de estylo, muitas impropriedades, e menos pureza de linguagem; mas estas manchas devem razoavelmente attribuir-se ao seu desgraçado estado physico, e ás circumstancias peculiares da casa em que vivia, privado até da convivencia de amigos illustrados, com quem podesse aconselhar-se convenientemente, para melhorar e corregir as suas composições. Muito foi que com tão escassos meios subisse a tanto.

## PAG. 95 — ELOGIO XXVI.

Tu, magnanimo Silva. . . . .

José Luis da Silva, negociante da praça de Lisboa, era n'este anno o juiz do cirio.

Tu, moral copia d'elle, amavel Serva.

Manuel José da Silva Serva, tambem negociante da mesma praça.

## PAG. 113 — A VIRTUDE LAUREADA.

Este drama, uma das ultimas composições de Manuel Maria, feita já sobre o leito da morte, foi publicado juntamente com outras poesias suas, e alheias, em um pequeno folheto de outavo, impresso em 1805 sob os auspicios de Fr. José Marianno da Conceição Velloso, a quem o poeta o dedicou (Vej. no tomo III a epistola XXVI.) — Saiu n'essa edição precedido da seguinte advertencia, que julgámos dever transcrever, até porque d'ella se collige com evidencia o modo como Bocage ajuizava d'esta especie de poemas, tão cultivada então por moda, quanto se acha hoje completamente esquecida.

«Seria injustiça exigir o desempenho de todos os preceitos dramaticas em uma composição d'este genero, cujo merito essencial é aprazer aos olhos por meio do espectáculo, e variedade das scenas.»

## PAG. 119 — IDEM.

Luceno, o zelador dos são costumes, etc.

O desembargador do paço Lucas de Seabra da Silva, que o poeta designa sob o nome de Luceno, e em cujo applauso compoz esta peça, exercia então o importantissimo cargo de intendente geral da policia da corte e reino. Havia sido para elle pouco antes nomeado, em consequencia do falecimento de Diogo Ignacio de Pina Manique (a 30 de Junho de 1805.) — Os versos

Em piedoso recinto abriga, instrue  
A puericia, que em flor dispõe ao fructo,

alludem ao philantropico estabelecimento da Casa Pia de Lisboa fundada em 1780 pelo intendente Manique, com approvação da rainha D. Maria I, e erecta no castello de S. Jorge. A sua adm-

nistração e superintendencia foi, e continuou a ser durante muitos annos, commettida aos intendentes geraes da policia. D'este estabelecimento se colheram consideraveis vantagens, educando-se ali muitos individuos, que depois illustraram a nação com seus progressos nas sciencias, e nas artes.

PAG. 149 — METAMORPHOSE I.

Porque as obras de um deus nenhum desmancha.

— Neque enim licet irrita cuiquam

Facta Dei fecisse Deo.

(Ovid. *Metam. Lib. III.*)

PAG. 151 — METAMORPHOSE II.

Em um autographo, que d'este fragmento obtivemos, encontram-se algumas variantes, confrontando-o com o que saiu no tomo V das obras impressas de Bocage, edição de Marques Leão; isto afóra as miseraveis e vergonhosas deturpações, que ahí soffreu, e que inteiramente o desfiguram, como o leitor poderá verificar, se quiser dar-se ao trabalho de conferir aquella com a presente edição.

Assim em logar do verso 18

Maior que a idade, e soffrego da fama

lê-se em o nosso autographo o seguinte:

Sedento o coração de eternidade.

Similhanamente, em vez do verso 21

Morreu de ingratições mesquinho amante,

diz o nosso autographo

De amores pereceu gentil mancebo.

Além d'estas, outras apparecem de menor entidade: mas ha uma, que julgámos dever aproveitar, e foi no verso ultimo do fragmento, o qual no impresso era:

Ou no Lethes caír talvez comigo.

PAG. 152 — IDEM.

Meiga Tirséa, Tagide sensível.

A Tirséa, a quem o poeta se propunha dedicar esta metamor-

phose, é, segundo conjecturas que supponho fundadas em boa razão, a condessa do Vimieiro, D. Theresa de Mello Breyner, casada com o conde do mesmo titulo D. João de Faro. A esta senhora se attribuiu por muito tempo (postoque indevidamente ao que nos parece) a composição da tragedia « Osmia » que a Academia real das sciencias de Lisboa premiou, e publicou anonyma no anno de 1780. Hoje porém prevalece por mais provavel a opinião, que dá como auctor d'essa tragedia Antonio d'Araujo d'Azevedo, depois ministro e conselheiro d'estado, falecido no Rio de Janeiro em 1817, com o titulo de conde da Barca.

PAG. 162 — TRABALHOS DA VIDA HUMANA.

Segundo se vê do contexto, esta narrativa (cujo estylo prosaico, e desleixado, o auctor pretende desculpar com a epigraphie, que a precede) foi escripta no Limoeiro a 22 de Setembro de 1797, isto é passados quarenta e tres dias depois da reclusão de Bocage na referida cadêa, para onde entrára a 10 de Agosto antecedente. — Veja-se o « Estudo biographico » á frente do volume I.

PAG. 164 — IDEM.

Era Ignacio, affavel peito.

Collige-se do que aqui se diz, que este Ignacio seria algum dos guardas empregados no serviço da cadêa, ou talvez famulo do carcereiro Garnier, a quem Bocage se refere logo adiante.

A respeito de *Aonio*, ou Antonio José Alvares, reportamo-nos ao que deixamos dicto nas annotações á epistola XI — tomo III, a pag. 396 — 397.

PAG. 165 — IDEM.

O ministro destinado  
Era o respeitavel Brito.

O desembargador Ignacio José de Moraes e Brito. Vej. no tomo I o soneto a pag. 237, e sua annotação a pag. 388.

*Ponte* — André da Ponte de Quental e Camara. Veja-se a Ode III no volume II, e sua annotação a pag. 422.

PAG. 169 — 170 — FRAGMENTOS.

Não podémos descobrir noticia alguma, com respeito a estes dous pequenos trechos, pertencentes a obras, que não se completaram, ou se perderam de sorte que já não chegaram a ser conhecidas aos editores da collecção, que com o titulo « Verdadeiras ineditas de Bocage » saíram em 1813 e 1814, nas quaes os dictos fragmentos

apparecem insertos sem mais declaração, e d'onde para aqui os tirámos.

PAG. 173 — METAMORPHOSES DE OVIDIO, LIVRO I.

A epigraphe collocada á cabeça d'esta versão mostra evidentemente que o auctor a emprendêra durante a sua detenção nos carceres, quer do Limoeiro, quer da Inquisição: — ou por ventura já na casa das Necessidades, nos dias que ahi se demorou. Vej. o «Estudo biographico» no volume I a pag. XLIV.

Tudo induz a crer, que o seu primeiro intento fosse o de transportar para a nossa linguagem o poema inteiro do vate sulmonense: porém a sua natural, e nunca desmentida inconstancia, e volubilidadade de genio não lhe consentiam que persistisse por muito tempo na execução de obra de tanto momento, e que demandava uma perseverança e dedicação incomportaveis a seus meios, e circumstancias. Abandonando portanto aquelle designio, limitou-se a verter simplesmente os trechos, que mais lhe agradaram, e que todavia segundo o consenso universal dos entendidos, não são por certo os menores entre os titulos de sua gloria como traductor-poeta.

PAG. 177 — IDEM.

D'elle o filho de Japeto afeição,  
Organisa porções. . . . .

«Prometheo, que, segundo a fabula, roubou o fogo celeste, para animar figuras humanas, compostas de terra.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 178 — IDEM.

Sem nenhum vingador, sem lei nenhuma.

«Aos grammaticos escrupulosos, que talvez queiram que este verso antes seja

Sem algum vingador, sem lei alguma,

respondo que usei o idiotismo da nossa lingua, alentado com o exemplo de Leonel da Costa na traducção das «Bucolicas» e «Georgicas», e com outros auctores de boa nota.» (*Idem.*)

PAG. 178 — IDEM.

E as lisas producções de tenue casca,  
Que da arvore de Jupiter caíam.

«O carvalho.» (*Nota de Bocage.*)



## PAG. 180 — IDEM.

Como os ares, e o sol, por *cauto dono*.

« O original diz *mentor*, o medidor, ou demarcador. » (*Idem.*)

## PAG. 180 — IDEM.

É fama que gigantes o assaltaram.

« *Pretenderam, quizeram*, diz o texto. (*Idem.*)

## PAG. 181 — IDEM.

À frente os seus *Penates* collocaram.

« Casas. » (*Idem.*)

## PAG. 181 — IDEM.

Este, a caber na voz audacia tanta,  
O *palacio dos céos* appellidára.

« Allude ao palacio de Augusto, que tomou o nome do monte Palatino, onde foi edificado. Nem os céos poupou a lisonja! » (*Idem.*)

## PAG. 182 — IDEM.

Hoste feroz, comtudo, de um só *corpo*.

« Aqui é nome colectivo. » (*Idem.*)

## PAG. 183 — IDEM.

Assim quando impia mão queria extincto  
De Roma o nome no Cesareo sangue, etc.

« Em Suetonio selê esta conspiração contra Augusto. » (*Idem.*)

## PAG. 187 — IDEM.

Tremendo as torres ameaçam queda.

Bocage, servindo-se para esta versão da edição da Heinsio, que muitos reputam mais correcta, lia no original — *labant sub gurgite turris*. Outros porém, usando da de Burmano, lêem *latent* em vez de *labant*: e n'este sentido é que o padre Fr. José do Coração

de Jesus (Almeno) ao traduzir este passo na sua versão dos quatro primeiros livros das Metamorphoses, diz :

. . . . . E no pégo submergidas  
As torres se esconderam.

PAG. 188 — IDEM.

Na relva, que os rebanhos tosquiaram,  
Pousa do equoreo vate o gado informe.

« As phocas, ou gado de Neptuno. — Equoreo vate, ou propheta, é Prothêo, deus marinho. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 190 — IDEM.

Incham-lhe as faces ao robusto assopro.

« Este verso é todo meu : a sua propriedade me deu a ousadia de aggregal-o aos de Ovidio. » (*Idem.*)

PAG. 190 — IDEM.

E murmuram pacificos, e tardos.

« O original só diz—*subsidunt flumina*—abatem-se os rios. » (*Idem.*)

PAG. 190 — IDEM.

. . . . . E que ligada  
Pelo amor, pelo sangue estas camigo.

« Era sua prima, segundo a mythologia. » (*Idem.*)

PAG. 191 — IDEM.

Oxalá que eu com a paterna industria  
Podesse reparar a humanidade.

Deucalion, conforme a fabula, era filho de Prometheo, o mesmo de quem acima se fez menção na nota a pag. 177.

PAG. 191 — IDEM.

Sem ministro, sem luz, sem culto as aras.

« O texto só diz—*sine ignibus*—sem fogo, sem luz. » (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 194 — IDEM.

Bocage ao terminar esta versão, põe a seguinte advertencia, referindo-se á « Tradução livre, ou imitação das Georgicas de Virgilio » publicada poucos annos antes (no de 1794) pelo desembargador Antonio José Osorio de Pina Leitão, a esse tempo juiz de fóra d'Aifandega da Fé:

« A boa traducção, que Osorio fez das « Georgicas » poderia intimidar-me, se as nossas versões não fossem de assumptos tão « diversos. »

## PAG. 196 — METAMORPHOSE DE IO.

Nevoa tão densa como os véos nocturnos  
Que das aguas não sáe, nem sáe das terras.

« As nevoas, que a deusa não via sair das aguas, eram as que costumavam resultar do impeto com que o Penéo, rio da Thessalia, rebentava, e caía do monte Pindo. Ovidio, *Metam. lib. I.* » (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 200 — IDEM.

De Pan, c'roado do pinheiro agudo.

« Este verso menos litteralmente póde ser assim :

Pan, que do pinho agudo a fronte enrama.  
†. (Nota de Bocage.)

## PAG. 201 — IDEM.

D'ave sua, e com elles a abrilhanta.

« A ave de Juno é o pavão. » (*Idem.*)

## PAG. 202 — IDEM.

Volvem-lhe as mãos tambem, tambem as unhas.

« Este é quasi o unico verso, que não verti litteralmente. Ovidio, segundo o seu gosto de circumstanciar miudamente as cousas (o que ás vezes passa a defeito n'este grande poeta) diz que o casco dos pés da novilha se desfez em cinco unhas: mas isto, que em latim não era humilde, em portuguez até seria insupportavel, etc. » (*Idem.*)

PAG. 203 — O PRECIPICIO DE PHAETONTE.

É de presumir que este trecho fosse (quando não completo) mais amplo do que aqui o damos, e que Bocage tivesse ao menos traduzido os versos antecedentes, de cuja falta resulta apparecer a versão como que descabeçada. Todavia não ousámos affirmar cousa alguma a semelhante respeito, porque não foi possível obtermos autographo, ou copia auctorisada d'este fragmento, e por isso foi mister reproduzi-lo textualmente conforme ao que se lê no tomo Idas « Verdadeiras ineditas » onde saiu pela primeira vez á luz.

PAG. 205 — A GRUTA DA INVEJA.

« A versão é salteada, porque é só do episodio. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 206 — O ROUBO DE EUROPA.

Desce á terra (lhe diz) d'onde se avista  
Tua mãe reluzindo á sestra parte.

Maia, mãe de Mercurio, conforme a mythologia, foi amada de Jupiter, que para subtrair-a ás perseguições ciosas de Juno, a metamorphoseou em estrella, e é uma das que formam a constellação das Pleiades.

PAG. 207 — IDEM.

E em teus bosques, oh Creta, Amor triumphá.

Este remate é accrescentado pelo traductor.

PAG. 208 — A MORTE DE PYRAMO E THISBE.

Lá onde é fama que de ingentes muros  
Semiramis cingiu alta cidade.

Por esta periphrase quer o poeta designar a cidade de Babylonia, edificada conforme uns, ou restaurada e engrandecida segundo outros, por Semiramis, rainha dos Assyrios, que (guiando-nos pela chronologia mais seguida) reinava pelos annos 2164 a 2108 antes da era vulgar.

PAG. 208 — IDEM.

Quando amor se recata é mais activo.

« Este verso em sentido proprio póde traduzir-se assim :

Cuberto o fogo, mais calor grangêa.  
(*Nota de Bocage.*)

## PAG. 210 — IDEM.

..... Ao pé da antiga  
Sepultura de Nino ambos parassem.

Nino, rei dos Assyrios, marido de Semiramis, ao qual esta (diz-se) mandou por sua morte levantar um sumptuoso tumulo, fora dos muros da cidade.

## PAG. 215 — CADMO E HERMIONE.

Cadmo, filho de Agenor, rei de Tyro e Sydonia, fundou a cidade de Thebas na Beocia, e introduziu (dizem) entre os povos da Grecia o uso dos caracteres phenicios. A chronologia mais vulgar colloca estes successos nos annos 1520-1490 antes de J. C. Recommendam-se por mui dignas de ler-se a respeito, tanto d'esta fabula como de todas as mais contendas no engenhosissimo poema de Ovidio, as eruditas investigaçõe historicas e mythologicas do Abbade Bannier, na sua traducção das «Metamorphoses»; cuja melhor edição é innegavelmente a de Paris 1767 — em 4 vol. de 4.º

## PAG. 218 — ATLANTE CONVERTIDO EM MONTE.

Trazendo o espolio do vipereo monstro.

«Medusa, a Gorgonà: os seus cabellos eram serpentes, e o seu rosto convertia em pedras os que o olhavam.» (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 221 — O ROUBO DE ORITHYA POR BÓREAS.

Bóreas, o vento do Septentrião, filho (segundo a fabula) de Astréo e de Eribéa. Aos leitores eruditos rogamos desculpa d'esta, ou de outras semelhantes explicações, que se lhes forem inuteis por desnecessarias, nem por isso deixarão de aproveitar a algum menos instruido. E em todo o caso:

*Indocti discant, et ament meminisse periti.*

## PAG. 223 — PROGNE, TERÊO, E PHILOMELA.

O grato Pandion ao gran monarcha, etc.

«Pandion, rei d'Athenas.» (*Nota de Bocage.*) O reinado d'este monarcha colloca-se entre os annos 1463 a 1423 antes de J. C. — O successo referido por Ovidio é tido como historico, afóra os ornamentos poeticos.

TOMO IV.

## PAG. 224 — IDEM.

Já surge, e do Pirêo já desce ás praias.

« Pirêo, porto de Athenas. » (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 230 — IDEM.

E um Deus, se acaso um Deus no céo reside.

« Linguagem propria da desesperação, e vertida litteralmente. »  
(*Nota de Bocage.*)

## PAG. 236 — IDEM.

O corpo das Cecrópidas parece.

Chama-lhes Cecrópidas, por serem descendentes de Cecrope, primeiro rei de Athenas.

## PAG. 237 — A DESCIDA DE ORPHÊO AOS INFERNOS.

« Depois da bella descripção, que da descida de Orphêo aos infernos fez Virgilio no quarto livro das « Georgicas », só o engenho de Ovidio podia ser original em eguaes circumstancias; o que pôde ver-se, comparando ambos os logares. » (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 238 — IDEM.

No rpto, que pregda antiga fama.

Orphêo (ou antes Ovidio) allude aqui ao roubo de Proserpina, levada por Plutão das campinas da Sicília para ir partilhar com elle o thalamo, e o dominio do seu reino tenebroso. Vej. o poema de Claudiano sobre este assumpto.

## PAG. 242 — CINYRAS E MYRRHA.

Bocage, no prologo que precede o segundo tomo das Rythmas por elle publicadas (crêmos que em 1799) diz: — « Privo-me do prazer de imprimir a metamorphose de Myrrha, em attenção á modestia, e delicadeza não poupadas n'aquella admiravel producção, e antes quiz omittil-a que desfigural-a. » A' vista, pois, d'esta expressiva declaração, não sabemos por que artes conseguiu elle desar-mar os escrupulos dos censores, para que logo no anno de 1804 (em que deu á luz o terceiro volume das Rythmas) lhe facultassem

o indispensavel — *Imprimatur*. — Mas o certo é que no dicto volume III appareceu com effeito a metamorphose, que até então girava recatadamente em copias manuscriptas, das quaes vimos algumas, que todavia nenhuma differença sensivel apresentam da impressa.

PAG. 242 — IDEM.

Feliz a Ismaria gente, o mundo nosso.

« O poeta põe toda esta narração na boca de Orphêo. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 243 — IDEM.

É constante porém que existem povos,  
Que ha gentes, entre as quaes etc.

« Nada menos constante, nem que mais encontre as leis e costumes de todos os povos, até selvagens. » (*Nota de Bocage.*) Não é aqui o logar proprio para contestarmos a veracidade d'esta affirmativa tão absoluta, que se nos affigura escripta para desviar os reparos dos censors, ou talvez por exigencia d'elles.

PAG. 244 — IDEM.

Pura no corpo, no animo sé pura.

Em uma das copias manuscriptas, a que acima nos referimos, lêem-se em logar d'este verso os dous seguintes:

Que vale que no corpo estejas pura,  
Se maculada estás no pensamento?

PAG. 249 — IDEM.

\* D'elle exigindo consentir que expire  
\* O virginal pudor na escuridade.

« Estes dous versos são meus, e tenho que necessarios. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 253 — MIDAS CONVERTENDO TUDO EM OURO.

Não contente Lyco de ter vingado  
A morte acerba do Apollineo vate.

Esta narração prende na que a antecede, em que o poeta descrevêra a morte de Orphêo, despedaçado pelas bacchantes nos campos da Thracia.

PAG. 253 — IDEM.

Outr'hora as orgias recebido havia.

«Orgias—festas de Baccho.» (*Nota de Bocage.*) Estas festas (conforme os poetas e historiadores antigos) foram primeiramente instituidas na Thracia por Orphêo, e a ellas sómente se admittiam os iniciados nos *mysterios* de Baccho.

PAG. 254 — IDEM.

O braço estende a uma arvore não alta.

«O original diz — azinheira — ; mas não julguei n'isto essencial a fidelidade.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 255 — IDEM.

Vai ao rio visinho á grande Sardes.

O Pactolo, rio de Lydia, cujas arêas eram de ouro, segundo fabularam os poetas.

PAG. 257 — A GRUTA DO SOMNO.

«Este episodio da metamorphose de Ceix e Alcione não foi traduzido seguidamente: omitti a fala de Iris, e o effeito d'ella, porque não pretendia verter senão a descripção da gruta do Somno, e dos seus ministros.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 259 — ESACO E HESPERIA.

Cebrena Hesperia viu, etc.

Chama-a Cebrena, «por ser de Cebrenia, parte da Troade, na Asia.» (*Nota de Bocage.*)

PAG. 260 — IDEM.

Se a morte minha não vingasse a tua.

«O texto diz — não consolasse a tua.» (*Idem.*)



## PAG. 261 — IDEM.

O collo se lhe alonga etc.

« O original fala tambem nas longas pernas da ave ; mas o vocabulo « perna » é baixo na nossa poesia. » (*Idem.*)

E dos mergulhos seus provém seu nome.

« O corvo-marinho, ou mergulhão — *mergus.* » (*Idem.*)

## PAG. 262 — SACRIFICIO DE POLYCENA.

A quem furtivamente, oh Polydoro.

Polydoro era o mais novo dos filhos de Priamo, ultimo rei de Troya.

## PAG. 270 — PICO E CANENTE.

Que em Elide se usou de lustro em lustro.

« Allude aos jogos olympicos, que no principio de cada cinco annos se faziam em Elide, cidade da Grecia. » (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 271 — IDEM.

Preso o phenicio manto em laço de ouro.

« Da Phenicia, isto é, cor de purpura. » (*Idem.*)

Fora a filha do Sol aos mesmos bosques.

« Circe era chamada filha do Sol, e tida por maga, porque conhecia a virtude das plantas. » (*Idem.*)

## PAG. 273 — IDEM.

E a Pico do que foi só resta o nome.

« *Picus* é o picanço, ave. » (*Idem.*)

## PAG. 274 — IDEM.

Já no occidente o sol fechara o dia.

« Este verso mais fielmente é :

O sol caíra nos Tartessios mares,

de Tartessia, antiga cidade de Hespanha, no estreito de Gibraltar. —  
Praia diz o texto; mas não o soffre a nossa poesia. » (*Idem.*)

## PAG. 281 — A ALMA DE JULIO CESAR MUDADA EM COMETA.

Com dolorosos sons o mocho esquerdo.

« Estygio — diz o texto. » (*Nota de Bocage.*)

N'outros mil o marfim se viu chorando.

« Estatuas dos deuses. » (*Idem.*)

## PAG. 282 — IDEM.

Que theatro da barbara tragedia,  
Da acção nefanda o teu senado, oh Roma.

« Aqui não fui tão fiel; mas cotejando a versão com o texto,  
ver-se-ha que o não ultrajei. » (*Idem.*)

Quer apural-o nos ethereos lumes.

« O original tem só — *Celestibus intulit astris*. Tambem não  
traduzi seguidamente, omittindo os louvores de Augusto, cujas pros-  
cripções lhe escurecem, e afêam a memoria. » (*Idem.*)

No céo girando resplandece estrella.

« Em outro volume, que aprompto, espero dar ao publico a  
versão d'estes mesmos agouros, que vem no primeiro livro das  
« Georgicas »; o que me confirma a opinião de que Ovidio tem um  
modo original, até imitando. » (*Idem.*)

Isto dizia Bocage em 1799; mas nem no terceiro tomo das  
Rythmas, que publicou em 1804, cumpriu aquella sua disposição,

nem entre os papeis, que por seu obito appareceram (com os quaes se formaram os quartos e quintos tomos de «Obras» posthumas e «Verdadeiras ineditas» a que por tantas vezes temos tido occasião de alludir) se descubriu o minimo vestigio de que tal versão intentasse. E na verdade, que algum desejo teriamos de observar que desculpa daria para cohonestar a sua incoherencia apresentando a publico um trecho das «Georgicas» já traduzidas por Osorio, elle, que na nota supra-transcripta a pag. 367 tanto parece querer evitar quaesquer longes de competencia, ainda em assumptos reconhecidamente diversos!

PAG. 285 — A MORTE DE LUCRECIA.

Este caso, tão lamentavel em si, quam vantajoso em suas consequencias para a liberdade do povo romano, é collocado pelos historiadores no anno 509 antes da era vulgar. Occorre-nos a proposito recommendar á curiosidade do leitor o modo como esta catastrophe, e os successos subsequentes se acham (a nosso vêr) magistralmente desenvolvidos na «Historia do Povo Romano» escripta em portuguez por José Thomás de Aquino Barradas, Lisboa MDCCLXVIII, obra que não passou além do segundo volume; e que é todavia, nos parece, muito menos conhecida do que deveria sel-o.

PAG. 285 — IDEM.

Um sitio pertinaz soffria Ardéa.

«Cidade então sitiada pelo rei de Roma Tarquino Suberbo.»  
(*Nota de Bocage.*)

PAG. 286 — IDEM.

..... Aquelle  
A quem de alto appellido honrou Colacia.

«Um como bairro de Roma, d'onde Colatino, marido de Lucrecia, tomou o nome.» (*Idem.*)

PAG. 288 — IDEM.

Os Gabios sujeitei c'o atrevimento.

«Povos, que Sexto Tarquino submetteu por uma astucia atrevida.» (*Idem.*) Veja-se a historia citada, no livro II capitulo VII.

## PAG. 290. — IDEM.

Conta o que pôde. . . resta o mais. . . e chora, etc.

Pedimos particularmente para este verso a attenção do leitor, a cujo discernimento compete ajuizar da maneira como o traductor nos reproduziu aqui o *Restabant ultima. . . Flevit* de Ovidio, passo que todos os entendedores applaudiram sempre, como de uma verdade e singeleza tão sublimes quanto inimitaveis.

## PAG. 292 — O BOSQUE DE MARSELHA.

Tanto este episodio, como o de Gildipe e Eduardo, que adiante segue a pag. 299, depois de traduzidos por Bocage, haviam-se-lhe extraviado, não sabemos de que modo; o certo é que a sua reaparição foi devida a diligencias do desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, segundo este declara na epistola que dirigiu ao mesmo Bocage. Vejam-se as annotações ao volume III na pag. 405.

## PAG. 294. — IDEM.

Pela primeira vez, Dodoneo bosque.

O epitheto « Dodoneo » é aqui tomado (como adverte Bocage) metaphoricamente. Dodona era uma cidade no Epiro, proximo á qual havia um bosque consagrado a Jupiter, cujos carvalhos, no sentir dos pagãos, proferiam oraculos.

## PAG. 302 — DESCRIÇÃO DO DILUVIO.

Sendo incontestavel que Bocage ignorava completamente a lingua aleman, é visivel que esta versão não podia ser trabalhada sobre o original de Gessner; provavelmente serviu-lhe para texto a traducção franceza d'aquelle poeta, feita em prosa por Hubert.

## PAG. 309. — SACRIFICIO AOS ESPIRITOS INFERNAES.

O desleal, fanatico mancebo.

Fr. Jacob Clemente, frade dominicano, assassino de Henrique III. Contava vinte e cinco annos de idade, quando commetteu aquelle crime, em 1 de Agosto de 1589.

## PAG. 309. — IDEM.

Os Dezeseis sacrilegos intentam, etc.

« Os Dezeseis » Assim chamados pela influencia, e auctoridade

que tinham em dezeseis bairros de Paris, no tempo da Liga. » (*Nota de Bocage.*)

PAG. 309. — IDEM.

Curiosa de Medicis a audacia, etc.

« Catharina de Medicis, rainha de França, dada a mil superstições d'esta natureza. » (*Idem.*)

PAG. 310 — IDEM.

De Valois vão no altar ferir o peito.

« Henrique III, rei de França. » (*Idem.*)

PAG. 310 — IDEM.

A effigie de Bourbon derribam, calcam.

« Henrique IV, rei de Navarra, e depois de França. » (*Idem.*)

Muitos sacerdotes da Liga haviam mandado fazer pequenas imagens de cera, que representavam Henrique III, e o (então) rei de Navarra; punham-as sobre o altar, e as feriam durante a missa por espaço de quarenta dias consecutivos; e no fim d'este periodo as atravessavam no sitio do coração. (*Nota de Voltaire.*)

PAG. 310 — IDEM.

O hebreu profanador com turvo aspecto.

Serviam-se ordinariamente do ministerio dos judeus para executar as operações magicas, então muito em moda em França. Esta antiga superstição provinha dos segredos da *Kabala*, de que os judeus se diziam unicos depositarios. Catharina de Medicis, a Marechal d'Ancre, e outras muitas pessoas, empregavam os judeus n'aquelles pretendidos sacrilegios. Havia então por toda a parte homens assás loucos para se crerem magicos, e juizes tão supersticiosos, que de boa fé os puniam como taes. (*Extraída de Voltaire.*)

PAG. 311 — IDEM.

Que fez em Gelbóe lá n'outra idade  
Aos nunes infernaes a pythonissa.

Esta historia é referida no primeiro livro dos «Reis» cap. XXVIII, verso 7 e seg.

Tomo IV.

## PAG. 311 — IDEM.

Ou tal se ouviu Ateio entre os romanos.

«Ateio, tribuno do povo, não podendo estorvar a expedição de Crasso contra os parthos, correu com um brazeiro para a porta da cidade, por onde saía o mesmo Crasso, lançou dentro varias hervas, e amaldiçoou a empreza em nome dos deuses de Roma.» (*Nota de Bocage, trad. de Voltaire.*)

## PAG. 316 — O TEMPLO DE AMOR.

A descripção do templo de Amor, e a pintura, que se faz d'esta paixão personificada, são aqui totalmente allegoricas. Por-se em Chypre o logar da scena, por isso que os povos d'esta ilha foram sempre tidos por mui dados ao amor; que alias não deve aqui considerar-se como o filho de Venus, deus na mythologia, e sim unicamente como uma paixão representada com todos os seus attributos, e com todos os prazeres, e desordens que a acompanham. (*Extraída de Voltaire.*)

«Os logares em que me affastei do texto, pelo que toca á expressão, vão assignalados com asteriscos. Os tres versos que rematam são meus.» (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 320 — A FOME ASSOLLANDO PARIS.

Outros lá das helveticas montanhas.

Os suissos, que então militavam nas tropas da Liga a soldo do duque de Mayenne, commetteram em París horriveis excessos.

## PAG. 321 — IDEM.

Indigente mulher, etc.

Este facto passa por verdadeiro, e é narrado como tal em todas as memorias contemporaneas. Dizem que eguaes, e semelhantes horrores aconteceram tambem no sitio da cidade de Sancerre. (*Extraída de Voltaire.*)

## PAG. 323 — IDEM.

Se não é de todo superfluo apresentar mais uma prova confirmativa, e evidente do primor com que Bocage soube haver-se n'estes combates de estylo, e rivalidade de genio, que no sentir de La-

harpe constituem pelo assim dizer a essencia de uma traducção con- digna dos bons exemplares modélos, recommendaremos ao leitor queira confrontar, e comparar os quatro fragmentos precedentes com os logares parallellos nas duas inteiras versões, que da «Henriada» cortem em portuguez; a saber: a de Thomás de Aquino Bello e Freitas, bacharel em medicina, impressa no Porto em 1789, — e a que saiu anonyma em Lisboa em 1807, attribuida com bons fundamentos ao conde de Pombeiro (depois marquez de Bellas) José de Vasconcellos e Sousa — ambas reimpressas no Rio de Janeiro, e de que a segunda, ao parecer dos entendidos, não deixa de ter algum merito real.

#### PAG. 324. — A COLOMBIADA.

As seguintes notas historicas, que nos pareceu conveniente ajuntar aqui, como declaratorias de algumas personagens nomeadas no poema, foram por nós extraidas e abbreviadas das que vem no mesmo poema em francez, de cuja edição original (feita em Londres, 1758, em 8.<sup>o</sup> grande) conservámos um exemplar.

Eu canto o Genovez, de Urania alumno.

Christovão Colombo, nascido conforme a opinião commum em Genova, no anno de 1440, e segundo outros natural da Lombardia, e oriundo da nobre linhagem dos Perestrellos, foi o primeiro descobridor das Indias occidentaes para a corda de Castella em 1492. (Ha quem diga que n'esta descuberta lhe serviram por muito as cartas e roteiros, que a fortuna lhe deparára na ilha da Madeira, em casa de um piloto portuguez, de quem foi hospede durante algum tempo, e por cuja morte se apoderou dos seus papeis, achando entre estes traçada a derrota da viagem para o occidente.)

#### PAG. 326 — IDEM.

O prudente Mattheus, rival de Typhis.

Mattheus Perez, primeiro piloto da capitanea, em que ía o almirante Colombo. É aqui comparado ao piloto Typhis, que (conforme a fabula) regia os destinos do celeberrimo baixel, em que Jason e seus companheiros se embarcaram para a famosa expedição da conquista do vellocino.

Ali Julio encaminha illustre cabo, etc.

Julio, Mendes etc. — hespanhoes, que acompañharam Colombo na sua expedição.

Ximenes — navarro de nascimento, homem de character inve-

joso e arrebatado, que no curso da viagem tramou o projecto de assassinar Colombo.

Torres — capitão de um dos navios, havia perecido em um naufragio.

Fieschi — natural de Genova, distincto por nascimento e merito pessoal, compatriota e amigo do almirante.

Boile — O padre D. Boyl, monge benedictino catalão, que ía por superior dos missionarios destinados á conversão dos povos novamente descobertos.

Cortez — Fernando Cortez, tão notavel por seu talento e destreza no manejo dos negocios politicos, como por sua bravura nos campos de batalha. Conquistou depois o Mexico para Carlos V.

Pizarro — Francisco Pizarro, homem de indole ferocissima, e de genio tenaz e empreendedor. Tornou-se celebre por suas crueldades, praticadas na conquista do Peru.

Morgan — famoso corsario inglez, que conduzia consigo uma matilha de dogues, adestrados expressamente para entrarem nos combates. Vej. l' *Histoire des Flibustiers*, por Axmelin, tom. II. pag. 1.

Hastins, ou Hastings — inglez oriundo de uma casa nobilissima, aparentada com a familia de Lancastre.

Arcy — outro inglez, igualmente distincto, mas originario da Normandia.

Murray — de uma familia, cujo tronco provinha da antiga nobreza da Escocia.

Stanhope — pertencia a uma casa illustre de Inglaterra, da qual foi tambem descendente o celebre conde de Chesterfield, que tanto brilhou no seculo passado por sua vasta erudição e conhecimentos, attraíndo a si a geral estima e admiração dos sabios de toda a Europa.

Marcoussy — era francez, nascido na provincia de Normandia.

Boulainvilliers — descendente de uma familia distincta da Picardia.

Amboise — francez, e parente do cardeal Jorge de Amboise, que foi primeiro ministro de Luis XII.

Aidie — aparentado com a casa dos condes de Cominge, que gosou de grande valimento no reinado de Luis XI,

Angenne — não menos illustre que os precedentes, pertencia a uma familia antiga, celebre pelos serviços prestados a Carlos V de Franca contra os inglezes.

Margarit — O commendador D. Pedro Margarit, fidalgo catalão.

Garcia — nobre hespanhol, como o seu appellido inculca.

#### PAG. 328 — IDEM.

Boia, Teules, Zemés, estygios numes.

Divindades malfazejas, adoradas pelos indios, e cuja cholera es-  
tes apuziguavam mediante o sacrificio de victimas humanas.



## PAG. 338 — IDEM.

A seccos peixes acompanham aves.

«Bogios diz o texto; mas temi atédjar o leitor.» (*Nota de Bocage.*)

## PAG. 339 — IDEM.

No fim d'esta poesia, inserta no terceiro tomo das *Rythmas de Bocage*, lê-se na edição de 1804, e crémos que em todas as que depois se tem feito d'esse tomo, a seguinte advertencia do mesmo Bocage: «Havendo cessado os motivos, que me impelliram á traducção do primeiro canto, não tentei a de todo o poema da illustre «du Bocage, a cuja familia tenho a gloria de pertencer; mas não «quiz tambem privar-me do louvor publico, se o merecer na versão «que apresento &c.»

Acerca do seu parentesco com madame du Bocage, consulte-se o que se diz no «*Estudo biographico*» á frente do primeiro volume da presente edição, a pag. XIX.

## PAG. 340 — O MERITO DAS MULHERES.

A proposito d'este fragmento lê-se na «*Livraria Classica*» tomo XXIV, pag. 145, a seguinte nota do sr. Castilho: — «Na *Sentença da Casinha da Almotaceria sobre o quarto tomo de Bocage*, «diz Macedo ser impossivel que um trecho do «*Merito das Mulheres*» fosse traduzido por Bocage, a não ser no outro mundo; o «que significaria ter este poema sido em francez publicado apoz a «morte de Bocage. É esta uma das suas superficialidades, pois essa «publicação, em Paris, foi em 1801.»

Subscrevêmos da melhor vontade a tudo o que aqui se diz, meos no tocante á illação que se tira contra Macedo, julgando-o indevidamente auctor da «*Sentença da Casinha da Almotaceria.*» Este opusculo nunca foi obra de José Agostinho. Posto que publicado anonymo, tanto no fim do tomo IV das «*Verdadeiras ineditas*» como avulsamente em um folheto de quarto, sabêmos de certeza que o seu auctor fôra Pedro José de Figueiredo; e por isso não podemos consentir que se pretenda tornar Macedo responsavel pelas inexactidões de uma obra totalmente alheia.

Do poema de Legouvé ha em portuguez uma traducção, a nosso vêr menos que mediocre; a qual saú á luz em 1813 no Rio de Janeiro em um pequeno folheto de outavo. Conservâmos d'ella um exemplar. Traz no frontispicio a inicial B\*\*\*, que inculca ser obra de Domingos Borges de Barros, poeta brasileiro, condecorado depois com o titulo de visconde de Pedra Branca.

## PAG. 345 — FRAGMENTO DE FINGAL.

Ainda não tivemos opporlunidade de verificar d'onde, e com que fim se deu Bocage a passar para a nossa lingua estes poucos versos. Provavelmente tiral-os-ia da traducção, que Letourneur fez em prosa franceza das poesias de Ossian, da qual conservámos de idéa ter visto ha annos um exemplar impresso em Paris, 1777, 2 volumes em outavo, se nos não falha a memoria. Quanto á authenticidade d'essas poesias, ponto mui disputado, e a cujo respeito os criticos tem formado juizos tão diversos, vejã-se as opiniões encontradas, que sobre ellas professam os senhores Garrett, e José Maria da Costa e Silva, o primeiro no seu poema « D. Branca » a pag. 60 e 252 (edição de 1850), e o segundo nas notas ao poema « Emilia e Leonido » a pag. VII.

**FIM DO TOMO IV.**

# INDICE

## DAS POESIAS CONTEUDAS NO QUARTO TOMO.

### ELOGIOS.

	PAG.
I. — Aos annos da Fidelissima Rainha de Portugal D. Maria I. ....	7
II. — Ao mesmo assumpto. ....	10
III. — Aos annos do Serenissimo Principe Regente D. João .....	13
IV. — Ao mesmo. ....	16
V. — Ao mesmo. ....	20
VI. — Ao mesmo. ....	24
VII. — Ao mesmo. ....	29
VIII. — Ao natalicio da Princeza D. Maria Theresa.	32
IX. — Aos annos da mesma senhora. ....	40
X. — Aos annos da Serenissima Princeza do Brasil, D. Carlota Joaquina. ....	43
XI — Aos annos da Serenissima Princeza Viuva, D. Maria Benedicta .....	46

	PAG.
xii — Congratulação ao Príncipe, e á Patria, na paz universal.....	50
xiii. — Ao nascimento da senhora Infanta D. Isabel Maria.....	55
xiv. — O Actor agradeido á beneficencia publica.	60
xv. — Ao Publico, em nome de Leocadia Maria da Serra.....	65
xvi. — Despedida de Antonio José de Paula aos Portuenses.....	69
xvii. — Ao Publico, em nome de um Actor.....	73
xviii. — Ao Publico, em nome de um Actor.....	75
xix. — Ao Publico, em nome de uma Actriz....	78
xx. — Ao Publico, em nome de Claudina Rosa Botelho.....	81
xxi. — Ao Publico, em nome de uma Actriz....	85
xxii. — Para servir de prologo á comedia « O Extremoso ».....	87
xxiii. — Para servir de Prologo ao drama « Nuno Alvares Pereira ».....	90
xxiv. — Para se recitar no theatro, em occasião de regosijo publico (Fragmento).....	92
xxv — Fragmento de um prologo, para se recitar no theatro.....	94
xxvi. — Offerecido ao Juiz e Festeiros de N. S. da Graça da Carnota.....	85

**DRAMAS ALLEGORICOS.**

	PAG.
I. — A Concordia entre Amor e a Fortuna....	97
II. — A Virtude Laureada.....	113

**POEMETOS.**

I. — Metamorphose de Arêneo e Argira.....	135
II. — Callipo, ou o Rio Sado.....	151
III. — Queixumes de Amcr e da Amisade.....	154
IV. — Trabalhos da Vida humana.....	162
Fragmentos.....	169

**DAS METAMORPHOSES  
DE OVIDIO.**

I. — Traducção do Livro I.....	173
II. — Io.....	195
III. — O precipicio de Phaetonte.....	203
IV. — A gruta da Inveja.....	205
V. — O roubo de Europa por Jupiter.....	206
VI. — A morte de Pyramo e Thisbe.....	208

	PAG.
vii. — Cadmo e Hermione.....	215
viii. — Atlante convertido em monte.....	218
ix. — O roubo de Orithya por Bóreas.....	221
x. — Progne, Teréo, e Philomela.....	223
xi. — A descida de Orphéo aos Infernos.....	237
xii. — Cinyras e Myrrha.....	242
xiii. — Midas convertendo tudo em ouro.....	253
xiv. — A gruta do Somno.....	257
xv. — Esaco e Hesperia.....	259
xvi. — O sacrificio de Polycena.....	262
xvii. — Pico e Canente.....	270
xviii. — Apotheósis de Enéas.....	276
xix. — Apotheósis de Romulo e de Hersilia.....	278
xx. — A alma de Julio Ceçar mudada em co- meta.....	281

## TRECHOS E EPISODIOS

### TRADUZIDOS.

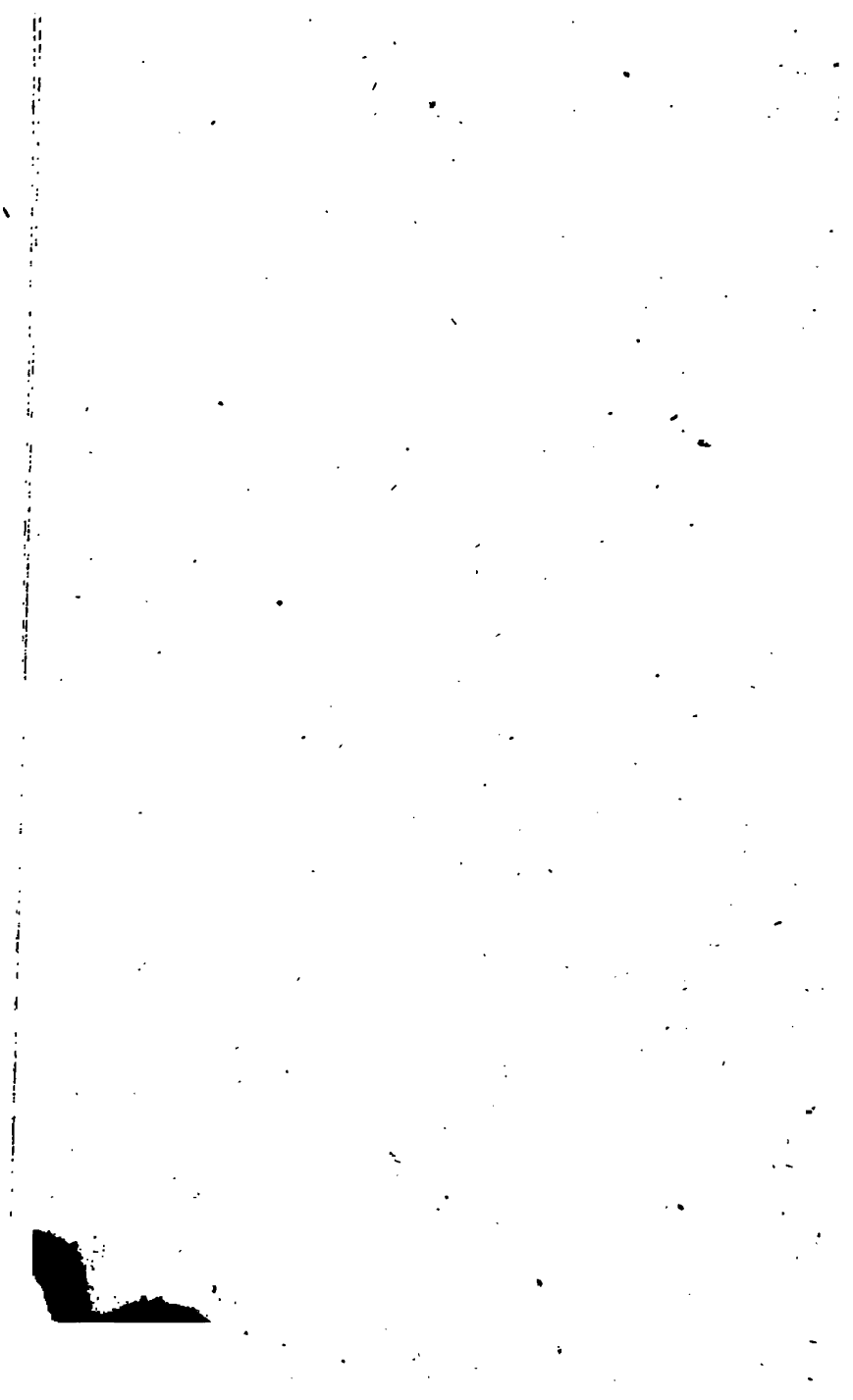
i. — A Morte de Lucrecia.....	285
ii. — O Bosque de Marselha.....	292
iii. — Latino e seus filhos.....	295
iv. — Eduardo e Gildipe.....	299
v. — Descrição do Diluvio.....	302
vi. — Sacrificio aos Espiritos infernaes.....	309
vii. — O combate d'Ally com o filho.....	312

**INDICE.**

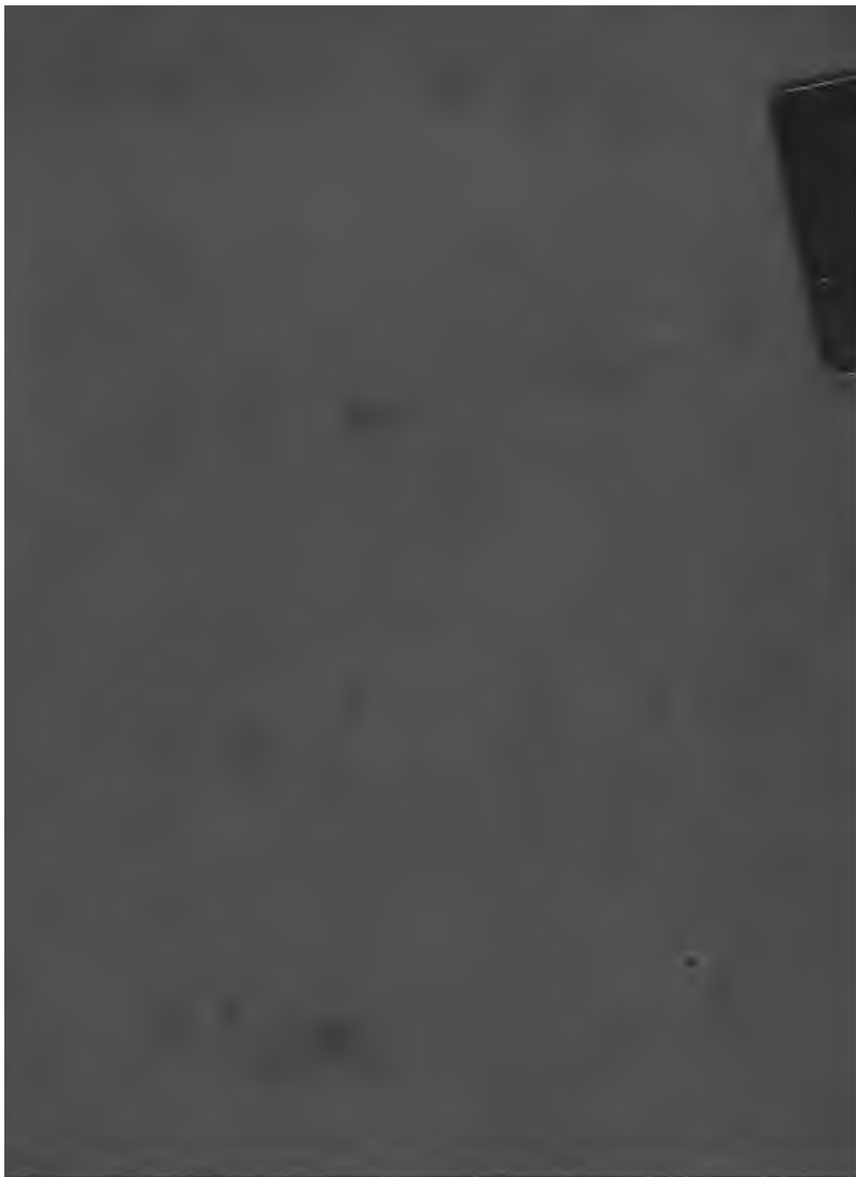
**v.**

	<b>PAG.</b>
<b>viii.</b> — O Templo de Amor.....	<b>316</b>
<b>ix.</b> — A Fome assolando Paris.....	<b>320</b>
<b>x.</b> — A Colombiada.....	<b>324</b>
<b>xi.</b> — Fragmento do « Merito das Mulheres »...	<b>340</b>
<b>xii.</b> — Dicto... de um poema sobre a Arte graphica.....	<b>342</b>
<b>xiii.</b> — Dicto... de Fingal.....	<b>345</b>
<b>xiv.</b> — Ultimo Fragmento.....	<b>347</b>
<hr/>	
<b>Anotações.....</b>	<b>351</b>









1000

1000

1000

1000



